

REVISTA BATISTA PIONEIRA

Bíblia ▪ Teologia ▪ Prática

Volume 14
Número 2
Dezembro 2025

ISSN 2316-686X

REVISTA BATISTA PIONEIRA

Bíblia ▪ Teologia ▪ Prática

Vol. 14 ▪ n. 2 ▪ Dezembro | 2025

Missão

Promover o debate e a socialização do conhecimento bíblico e teológico na sua interlocução com a práxis.

**Faculdade Batista
Pioneira**

R454 Revista Batista Pioneira : Bíblia, teologia, prática /
Faculdade Batista Pioneira ; editor responsável Claiton André Kunz. –
v. 14, n. 02, dez. 2025. – Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2025. –
125 p.

Semestral
ISSN 2316-686X

1. Bíblia. 2. Teologia. 3. Prática. 4. Ministério. 5. Igreja. I. Faculdade
Batista Pioneira. II. Kunz, Claiton André. III. Título. IV. Título: Bíblia,
teologia, prática.

CDU : 2(05)

Aline Morales do Santos Theobald
CRB 10/1879

Site: revista.batistapioneira.edu.br

Os pontos de vista expostos nos artigos são de inteira responsabilidade de seus
autores, e não necessariamente refletem a opinião do editor ou da instituição.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional*

A revista está catalogada nos seguintes indexadores:



REVISTA BATISTA PIONEIRA

Bíblia • Teologia • Prática

DIRETOR GERAL E EDITOR RESPONSÁVEL

Dr. Claiton André Kunz

CONSELHO EDITORIAL

Dr. Alan Doyle Myatt (Gordon-Conwell Theological Seminary/USA)

Dr. Antônio Renato Gusso (Faculdades Batista do Paraná)

Dr. Dimitrios Christidis (Aristotelian University of Thessaloniki/Grécia)

Dr. Helge Stadelmann (Freie Theologischen Hochschule/Alemanha)

Dr. Jaziel Guerreiro Martins (Faculdades Batista do Paraná)

Me. Luiz Alberto Teixeira Sayão (Faculdade Batista Pioneira)

Dr. Nicolau Reinhard (USP – Universidade de São Paulo)

Dr. Sam Williams (Southeastern Baptist Theological Seminary/USA)

Dr. Vilson Scholz (ULBRA – Consultor SBB)

COMISSÃO CONSULTIVA

Dr. Gerson Joni Fischer (Faculdades Batista do Paraná)

Me. Lucas Merlo Nascimento (Faculdade Teológica Batista de SP)

Dr. Luciano Robson Peterlevitz (Fac. Teológica Batista de Campinas)

Dr^a Marivete Zanoni Kunz (Faculdade Batista Pioneira)

Dr^a Mônica Pinz Alves (Faculdade Batista Pioneira)

Dr. Rogel Esteves de Oliveira (Faculdade Batista Pioneira)

Dr. Vanderlei Alberto Schach (Faculdade Batista Pioneira)

Dr. Werner Wiese (Faculdade Luterana de Teologia)

REVISÃO

Juliana Scheibner Dellafavera e Claiton André Kunz

DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Delize Gabriela Grando Balaniuk



LEMA

Vocação levada a sério.

VISÃO

Ser referência no Brasil pela qualidade no ensino teológico, tendo a Bíblia como Palavra de Deus.

MISSÃO

Formar teólogos capazes de aplicar o conhecimento para melhorar a qualidade de vida espiritual, política, econômica e social.

VALORES

*Bíblia como Palavra de Deus
Amor a Deus e ao próximo na prática
Cristo como único Senhor e Salvador
Teoria aliada à prática ministerial
Excelência no ensino acadêmico
Estímulo ao senso crítico
Atitude de cooperação
Integridade de vida
Visão missionária*

*Rua Dr. Pestana, 1021 - Centro | Ijuí/RS | 98700-000
|55| 3332.2205 | faculdade@batistapioneira.edu.br
www.batistapioneira.edu.br*

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
---------------------------	---

A INTERPRETAÇÃO DO PENSAMENTO DE PAULO: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA	
--	--

<i>The Interpretation of Paul's Thought: A Historical Approach</i> Me. Luiz Alberto Teixeira Sayão.....	8
--	---

UMA MENSAGEM DE CONFIANÇA NA JUSTIÇA DIVINA EM TEMPOS DE APARENTE IMPUNIDADE A PARTIR DO SALMO DE HABACUQUE	
--	--

<i>A message of trust in divine justice in a time of apparent impunity from the psalm of Habakkuk</i> Me. Cléber Mateus de Moraes Ribas.....	21
---	----

O “DIA DE YHWH” COMO TEOFANIA: JUÍZO E GRAÇA NO LIVRO DE SOFONIAS	
--	--

<i>The “Day of YHWH” as Theophany: Judgment and Grace in the Book of Zephaniah</i> Me. Lucas Rangel de Castro Soares.....	32
--	----

NÃO ADIANTA APENAS FILOSOFAR, É PRECISO PRATICAR	
---	--

<i>It's no use just philosophirze, you need to practice</i> Dr. Francisco Emanuel Lima Santos.....	45
---	----

LEPRA NO ANTIGO TESTAMENTO: ANÁLISE TEOLÓGICA E MÉDICO-HISTÓRICA	
---	--

<i>Leprosy in the Old Testament: Theological and Medico-Historical Analysis</i> Me. Jean-Luc Fobe.....	55
---	----

PAULO, UM CIDADÃO JUDEU DE TARSO QUE SE CONVERTEU E VIROU LÍDER	
--	--

<i>Paul, a Jewish citizen of Tarsus who converted and became leader</i> Dr. Waldecir Gonzaga e Me. Ulicélio Valente de Oliveira.....	68
---	----

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DAS ESCRITURAS SOBRE A NATUREZA DO SOFRIMENTO: UMA ABORDAGEM PARA O CONSOLO EM MEIO A AFLIÇÃO

Fundamental principles of Scripture on the nature of suffering: an approach to comfort in times of affliction

Lidiane Santana da Silva e Me. Paulo Henrique Pedrão 83

A ORAÇÃO NO EVANGELHO DE LUCAS: HISTÓRIA E RELEVÂNCIA

Prayer in the Gospel of Luke: History and Relevance

Me. Felipe Teixeira Vieira..... 99

O “APELO” DA PREGAÇÃO DE JESUS E SEU CHAMADO PÚBLICO À CONVERSÃO: UM ESTUDO CONCISO SOBRE CONTEÚDO E PRÁTICA

The “Appeal” of Jesus’ Preaching and His Public Call to Conversion: A Concise Study on Content and Practice

Me. Luciano dos Santos Melo..... 107

BRASIL, NOVA INGLATERRA E EUROPA: UMA PARCERIA PARA A MISSÃO REVERSA

Brazil, New England, and Europe: A Partnership for the Reverse Mission

Me. Liete Soares Junior..... 119

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO.....124

APRESENTAÇÃO

Este é o segundo número do volume 14 de nossa revista acadêmica. É uma grande satisfação poder oferecer aos nossos leitores mais um pouco de reflexão bíblica, teológica e prática sobre os afazeres eclesiais. Nesta edição, 10 artigos compõem o conteúdo da mesma, com os quais os respectivos autores procuram contribuir com as suas pesquisas.

São compartilhadas as seguintes temáticas: “*A interpretação do pensamento de Paulo: uma abordagem histórica*” (Me. Luiz Alberto Teixeira Sayão); “*Uma mensagem de confiança na justiça divina em tempos de aparente impunidade a partir do Salmo de Habacuque*” (Me. Cléber Mateus de Moraes Ribas); “*O ‘Dia de YHWH’ como Teofania: Juízo e graça no livro de Sofônias*” (Me. Lucas Rangel de Castro Soares); “*Não adianta apenas filosofar, é preciso praticar*” (Dr. Francisco Emanuel Lima Santos); “*Lepra no Antigo Testamento: Análise Teológica e Médico-Histórica*” (Me. Jean-Luc Fobe); “*Paulo, um cidadão judeu de Tarso que se converteu e virou líder*” (Dr. Waldecir Gonzaga e Me. Ulicélio Valente de Oliveira); “*Princípios fundamentais das Escrituras sobre a natureza do sofrimento: uma abordagem para o consolo em meio a aflição*” (Lidiane Santana da Silva e Me. Paulo Henrique Pedrão); “*A oração no Evangelho de Lucas: história e relevância*” (Me. Felipe Teixeira Vieira); “*O ‘apelo’ da pregação de Jesus e seu chamado público à conversão: um estudo conciso sobre conteúdo e prática*” (Me. Luciano dos Santos Melo); e “*Brasil, Nova Inglaterra e Europa: uma parceria para a missão reversa*” (Me. Lierete Soares Junior).

Desejamos a todos uma ótima leitura, esperando que a revista possa contribuir para o debate teológico e prático.

DR. CLAITON ANDRÉ KUNZ
EDITOR RESPONSÁVEL

A INTERPRETAÇÃO DO PENSAMENTO DE PAULO: UMA ABORDAGEM HISTÓRICA

The Interpretation of Paul's Thought: A Historical Approach

Me. Luiz Alberto Teixeira Sayão¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar historicamente os principais enfoques interpretativos do pensamento do apóstolo Paulo ao longo da história da igreja e da pesquisa acadêmica. Partindo de uma contextualização biográfica e ministerial do apóstolo, o texto demonstra a complexidade e a riqueza de sua teologia, bem como as dificuldades inerentes à sua interpretação. Em seguida, são apresentados os principais paradigmas hermenêuticos que marcaram a história da interpretação paulina, desde a igreja primitiva e a Idade Média, passando pela Reforma Protestante, o Iluminismo, o liberalismo teológico, o existencialismo de Rudolf Bultmann, até os enfoques judaico-escatológicos e a chamada Nova Perspectiva sobre Paulo. O artigo evidencia como muitas dessas leituras foram fortemente influenciadas por pressupostos filosóficos, culturais e teológicos próprios de cada época, resultando, em alguns casos, em reducionismos interpretativos. Por fim, sustenta-se que, embora as diferentes abordagens tenham contribuído para o avanço dos estudos paulinos, nenhuma delas esgota a complexidade do pensamento do apóstolo. Defende-se a centralidade da justificação pela fé na teologia paulina, sem desconsiderar suas raízes judaicas, seu desenvolvimento histórico e sua profunda experiência de conversão, considerada elemento indispensável para a compreensão adequada de sua teologia.

Palavras-chave: Paulo. Teologia Paulina. Justificação pela Fé. Hermenêutica Bíblica. História da Interpretação.

ABSTRACT

This article aims to present a historical analysis of the main interpretative

¹ Luiz Sayão, teólogo, linguísta e hebraísta (Mestrado USP), tradutor da Bíblia, é professor da área bíblica e teológica, bem como conselheiro acadêmico da Faculdade Batista Pioneira e pastor da Igreja Batista Nações Unidas em São Paulo. E-mail: sayaoluiz@gmail.com

approaches to the thought of the apostle Paul throughout the history of the church and biblical scholarship. Beginning with a biographical and ministerial overview of Paul, the study highlights the complexity and depth of his theology, as well as the challenges involved in its interpretation. The article then examines the major hermeneutical paradigms that have shaped Pauline studies, including perspectives from the early church, the Middle Ages, the Protestant Reformation, the Enlightenment, liberal theology, Rudolf Bultmann's existentialist interpretation, Jewish and eschatological approaches, and the so-called New Perspective on Paul. The discussion demonstrates how many of these interpretations were deeply influenced by philosophical, cultural, and theological presuppositions specific to their historical contexts, often leading to interpretative reductionism. In conclusion, the article argues that although diverse perspectives have contributed valuable insights to Pauline studies, none fully captures the complexity of Paul's theology. It affirms the central role of justification by faith while emphasizing Paul's Jewish background, theological development, and transformative conversion experience as essential elements for a comprehensive understanding of his thought.

Keywords: Paul. Pauline Theology. Justification by Faith. Biblical Hermeneutics. History of Interpretation.

INTRODUÇÃO

O apóstolo Paulo é sem dúvida o maior teólogo do cristianismo. A sistematização fundamental da fé cristã primitiva tem na figura do apóstolo seu representante mais importante. Apesar de ter sido um apóstolo tardio (1Co 15.8,9) e de não ser o autor mais prolífico do Novo Testamento, Paulo é de fato o primeiro teólogo sistemático cristão, no sentido básico da palavra. Estamos seguros de que não é demais afirmar que o apóstolo Paulo foi a pessoa mais importante da história da fé cristã depois do próprio Jesus Cristo.

Todavia uma avaliação do pensamento paulino não é tarefa nada fácil. Muitas questões devem ser enfrentadas numa empreitada de tal envergadura. Qual é a principal fonte do pensamento de Paulo? Qual é a influência cultural predominante em seus escritos? É preponderantemente judaica? Grega? Romana? Como seu pensamento distingue-se dos outros autores do Novo Testamento? Até que ponto Paulo é original? Como se organiza sua teologia? Há algum tema dominante? Existe um desenvolvimento do pensamento paulino? Estas são algumas das principais perguntas que todo estudioso sério precisa abordar ao tentar compreender o pensamento do apóstolo dos gentios.

Curiosamente, o tema “Paulo” tem se tornado cada vez mais digno de nota nos últimos anos. Recentemente, dezenas de artigos e de programas populares de perfil mais secular têm aparecido em diversos lugares do mundo. A maioria deles é elaborada por pessoas leigas, ainda que possuam um delineamento bem crítico. De modo geral, tais artigos costumam questionar a historicidade de Paulo, conforme descrita no Novo Testamento, seu perfil judaico, sua doutrina e até sua saúde mental. Muitos desses textos têm sugerido que existe uma profunda ruptura entre o pensamento de Paulo e o de Jesus.² Sabendo que o pensamento de Paulo é uma das bases fundamentais da teologia do Novo Testamento e que a sua prática se tornou o modelo pastoral e missionário mais exemplares para os cristãos de todos os tempos, mais do que nunca, informar-se sobre Paulo e sobre os enfoques sobre seu pensamento merece toda atenção.

² Exemplos dessas tendências vieram à tona recentemente em revistas populares como “Superinteressante, dezembro de 2003” e em programas culturais sobre a Bíblia do *History Channel*.

1. PAULO E SEU MINISTÉRIO

O nome judaico de Paulo³ é *Shaul* (Saul ou Saulo); esse nome provavelmente lhe fora dado pelo fato de ele pertencer à tribo de Benjamim que historicamente teve o rei Saul como seu mais famoso integrante. O cidadão romano Paulo (seu nome latino) nascera em Tarso, antiga capital da Cilícia situada junto ao rio Cidno. A cidade fora helenizada e se tornara um centro de cultura grega, chegando a contar com cerca de 250.000 habitantes. Paulo cresceu dentro da tradição judaica religiosa, muito bem instruído na Torá hebraica (At 26.4-8). Desse modo, o jovem Paulo cresceu aprendendo o grego, o hebraico, o aramaico (língua comum entre os judeus na época), e adquiriu também o ofício de fazedor de tendas (At 18.3). Ainda muito jovem Paulo foi estudar com o famoso rabino Gamaliel, neto de Hilel (At 22.3). Como fariseu, Paulo tornou-se um estrito seguidor da lei e da tradição judaicas (Fp 3.5).⁴

Depois de tornar-se um dos principais perseguidores da igreja cristã incipiente (At 8.3), Paulo converteu-se a Cristo na famosa estrada de Damasco (At 9.1-19) de forma extraordinária. Juntamente com sua conversão, Paulo recebeu sua chamada apostólica para a pregação do evangelho de Cristo ao mundo gentílico (At 9.15). A conversão de Paulo ocorreu provavelmente entre os anos 32-35⁵, sendo seguida por uma viagem à Arábia (Gl 1.17) e a Damasco (2Co 11.32). É possível que no ano 35 ou 38 Paulo tenha visitado Pedro em Jerusalém (At 9.26-30; Gl 1.18). Depois disso, o apóstolo dirigiu-se para as regiões da Cilícia da Síria (Gl 1.21), onde ficou possivelmente cerca de dez anos (35/38-45/46). Sua segunda visita a Jerusalém deve ter ocorrido em 46 (Gl 2.1). Daí em diante começam as grandes viagens missionárias de Paulo, o apóstolo dos gentios.

A primeira viagem missionária de Paulo deve ter ocorrido provavelmente entre 46-48.⁶ Teve início em Antioquia da Síria e é descrita em Atos 13-14. Paulo, acompanhado de Barnabé e, por algum tempo, por João Marcos, evangeliza a ilha de Chipre e a região da Galácia (Ásia Menor). Esta viagem parece ter sido a causa do Concílio de Jerusalém, realizado no ano 49 para resolver o problema da relação entre os judeus cristãos e os gentios recém-convertidos ao cristianismo (At 15.1-35). A segunda viagem missionária tem lugar entre 49-52. Acompanhado de Silas, Paulo evangeliza e fortalece as igrejas cristãs formadas na primeira viagem na região da Ásia Menor. Diversas cidades da região da atual Turquia, bem como da Macedônia (Filipos, Tessalônica e Bereia) e da Acaia (Corinto e Atenas) são visitadas pelo apóstolo (At 15.36-18.18). As cidades de Filipos e de Corinto, onde Paulo permanece por cerca de um ano e meio, merecem particular destaque. A terceira viagem aconteceu provavelmente entre os anos 52-57. A descrição da mesma aparece em Atos 18.23-20.6. A base do trabalho de Paulo nessa terceira viagem é a cidade de Éfeso, onde ele permaneceu por cerca de três anos. De lá, de seu ministério realizado a partir da escola de Tirano, Paulo evangeliza gente de “todo o mundo”. Em Éfeso são escritas as cartas aos coríntios. No final da terceira viagem, Paulo viaja para Jerusalém por ocasião da Páscoa. Lá é preso, acusado pelos líderes judeus de ter levado o gentio Trófimo ao templo. Depois de passar dois anos preso na capital romana da Judeia, Cesareia (57-59), o apóstolo apela para César e é levado para Roma. A viagem, marcada por grandes dificuldades, é interrompida pelo naufrágio em Malta. Depois de passar o inverno com os demais passageiros do navio nessa ilha mediterrânea, impossibilitados de navegar por razões meteorológicas, Paulo vai finalmente para Roma no começo da primavera do ano 60. Em Roma (At 28) fica numa prisão domiciliar, possivelmente até o ano 62. Muito provavelmente pela desistência de seus acusadores, Paulo acaba sendo libertado e prossegue seu ministério apostólico. Todavia, não temos mais informação sobre o

³ Conforme o testemunho de Atos e das primeiras epístolas paulinas.

⁴ Muito da informação histórica aqui descrita tem sua base no artigo sobre Paulo do *Novo Dicionário da Bíblia* (São Paulo: Vida Nova) e em GUNDRY, R. *Panorama do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1991.

⁵ A indefinição ocorre principalmente pelo problema dos “três” e “catorze” anos mencionados em Gálatas 1.18 e 2.1. Veja HALE, B. D. *Introdução ao Estudo do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 201, e SOARDS, M. “Paul”, in: *Mercer Dictionary of the Bible*. Macon: Mercer University Press, 1990, p. 660.

⁶ A cronologia é tradicional e segue GUNDRY, R. *Panorama do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1991. A literatura erudita apresenta divergências ainda que não muito expressivas na tentativa de relacionar Atos e a cronologia secular. Para mais detalhes consulte KÜMMEL, W. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1982.

apóstolo no livro de Atos.

O período que vai da libertação de Paulo até à sua morte é difícil de ser historicamente reconstruído. Algumas fontes clássicas como a epístola de Clemente, o Cânon Muratoriano e até o livro apócrifo dos Atos de Pedro falam de uma viagem à Espanha (Veja Rm 15.24-28). Além disso, as chamadas epístolas pastorais sugerem uma intensa atividade paulina nesse período.⁷ Aqui é necessário falar um pouco sobre a autoria das cartas paulinas. Não há praticamente dúvida de que Paulo é de fato autor das demais cartas chamadas paulinas (por ordem cronológica): Gálatas, 1 e 2 Tessalonicenses, 1 e 2 Coríntios, Romanos, Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom.⁸ Uma boa tentativa de reconstrução do ministério paulino pós-Atos aparece com detalhes nas notas da Bíblia de Estudo NVI.⁹ A partir de várias referências das epístolas pastorais sugere-se que, entre os anos 62-67, Paulo tenha estado em Roma, Espanha, Creta, Mileto, Colossos, Éfeso, Filipos, Nicópolis e Roma novamente na ocasião de sua morte por martírio em Roma no ano 67.

Finalizando esta introdução, faz-se necessário dizer que é quase impossível fazer um resumo adequado da teologia paulina em tão poucas páginas. O pensamento de Paulo é a principal fonte de teologia propriamente dita, cristologia elaborada, hamartiologia e soteriologia do Novo Testamento, sem falar em sua escatologia. O protestantismo clássico sempre considerou a justificação pela fé e a reconciliação do homem com Deus por meio de Cristo o âmago da teologia paulina. Adolph Harnack o considera a principal fonte da história do dogma.¹⁰ Além disso, é preciso reconhecer que o pensamento de Paulo se mostra bastante complexo, conforme a avaliação do próprio Pedro (2Pe 3.16). Portanto, qualquer avaliação simplista de Paulo estará desconsiderando sua complexidade (inclusive lógica) e o seu desenvolvimento interno.¹¹ Todavia algumas questões importantes adquiriram relevância e merecem atenção especial:

2. A IGREJA PRIMITIVA E A IDADE MÉDIA

Uma das grandes polarizações construídas na interpretação do pensamento paulino foi a relação judaico-gentílica. A discussão já pode ser sentida no próprio livro de Atos como também em diversas epístolas, principalmente Gálatas e Romanos. Teve grande impacto na igreja primitiva e foi retomada de modo preponderante no século XIX, principalmente na Alemanha.¹²

O primeiro intérprete de Paulo que merece atenção foi o reconhecido primeiro herege cristão Márcion (140 d.C.). No segundo século, Márcion desenvolveu um pensamento nitidamente anti-judaico. Com seus pressupostos, ele considerava o Antigo Testamento muito inferior ao Novo e rejeitou tudo o que considerava judaico no Novo Testamento. Assim, Márcion delimitou um cânon neotestamentário composto pelo evangelho de Lucas e pelas tradicionais dez epístolas paulinas (inclusive Hebreus, mas,

⁷ Quase que exclusivamente os autores conservadores aceitam a autoria paulina das epístolas pastorais. A maioria dos estudiosos de hoje as consideram deuteropaulinas. Para uma avaliação das posições e dos argumentos veja KÜMMEL, 1982; CARSON, D. A.: MOO, D. J.; MORRIS, L. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997. Veja também HALE, 2001.

⁸ Pressupondo que a carta aos Gálatas foi escrita por ocasião do Concílio de Jerusalém (cerca de 49) e que Hebreus não pode ser uma carta paulina.

⁹ **Bíblia de Estudo NVI**. São Paulo: Vida, 2003, p. 2070.

¹⁰ HOWELL Jr, D. N. **Biblioteca Sacra**, V.150 no. 599, Julho, 93-304, Dallas, EUA.

¹¹ Sobre o desenvolvimento do pensamento paulino veja PESCE, Mauro. **As duas fases da pregação de Paulo**: da evangelização à guia da comunidade. São Paulo: Loyola, 1996. Série Bíblica Loyola – 20.

¹² Dentre os muitos livros sobre Paulo em português que merecem destaque estão: BORNKAMM, G. **Paulo**. São Paulo: Teológica, 2003; CARREZ, Maurice. **As Cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas**. São Paulo: Paulus, 1987; CASALEGNO, Alberto. **Paulo**: Evangelho do amor fiel de Deus. São Paulo: Loyola, 2001; CERFAUX, L. **Cristo na Teologia de Paulo**. São Paulo: Teológica, 2002; CERFAUX, L. **O Cristão na Teologia de Paulo**. São Paulo: Teológica, 2003; COTHENET, Edouard. **Paulo**: apóstolo e escritor. São Paulo: Paulinas, 1999; ELLIOT, Neil. **Libertando Paulo**: a justiça de Deus e a política do apóstolo. São Paulo: Paulus, 1997; FABRIS, Rinaldo. **Paulo**: apóstolo dos gentios. São Paulo: Paulinas, 2001; FEE, Gordon D. **Para ler Paulo**. São Paulo: Loyola, 1996; KÄSEMANN, E. **Perspectivas Paulinas**. São Paulo: Teológica, 2003; KEE, H. C. **As origens cristãs em perspectiva sociológica**. São Paulo: Paulinas, 1983; MEEKS, Wayne A. **Os primeiros cristãos urbanos**: o mundo social do apóstolo Paulo. São Paulo: Paulinas, 1992; MURPHY-O'CONNOR, Jerome. **A antropologia pastoral de Paulo**: tornar-se humano juntos. São Paulo: Paulus, 1982; MURPHY-O'CONNOR, Jerome. **Paulo**: biografia crítica. São Paulo: Loyola 2000; PATTE, Daniel. **Paulo, sua fé e a força do Evangelho**. São Paulo: Paulinas, 1987; ROBERTSON, A. T. **Épocas na vida de Paulo**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.

sem incluir as cartas pastorais). Para Márcion, Paulo devia ser visto como um apóstolo anti-judaico que, ao pregar a graça de Cristo, rejeitava a lei e o Deus do Antigo Testamento, rompendo assim radicalmente com toda a tradição judaica.

De maneira absolutamente oposta a essa posição, também já no segundo século, a seita dos ebionitas (literalmente “os pobres”) entendia que Paulo era um apóstolo absolutamente judaico. Sendo um grupo de judeus cristãos da igreja primitiva, defendiam a guarda do sábado, a prática da circuncisão e davam grande valor à lei. Os ebionitas acabaram rejeitando as epístolas paulinas e faziam distinção entre o Jesus histórico e o Cristo eterno.

Como se poderia esperar, tais posições extremas e exageradamente polarizadas acabaram sendo rejeitadas pela igreja primitiva. Todavia, devido ao crescimento da igreja cristã gentílica e pela rejeição majoritária de Cristo Jesus pelos judeus, as raízes judaicas de Paulo foram desconsideradas pelo pensamento teológico dominante da cristandade dos primeiros séculos. Nomes como Irineu, Orígenes, Crisóstomo e Jerônimo comprovam tal perfil.

O mais famoso teólogo que deu contornos à igreja medieval foi, sem dúvida, Agostinho de Hipona. Vivendo no século quarto, Agostinho delimitou uma ampla teologia que estabeleceu os rumos do pensamento cristão medieval por quase um milênio. Em parte, devido à sua vida pagã muito pecaminosa, Agostinho enfatizou os aspectos hamartiológicos e soteriológicos do pensamento de Paulo. Temas como a libertação da culpa e da lei foram enfatizados pelo bispo de Hipona. Sua relação empática com o pensamento platônico abriu caminho para que sua síntese teológica que unia soteriologia paulina e platonismo contribuísse para o monasticismo medieval. Por outro lado, Agostinho estabelece as bases para o enfoque que a Reforma Protestante sobre Paulo, principalmente o de Lutero.

3. A REFORMA

Não é exagero afirmar que a Reforma Protestante do século XVI deve ser percebida como um retorno ao pensamento de Paulo. Os nomes mais destacados da Reforma, Martinho Lutero e João Calvino, construíram sua teologia principalmente sobre os escritos paulinos. É mais do que senso comum o fato de que Lutero afirmou a “justificação pela fé, independente das obras” (Rm 3.28) como a verdade doutrinária de que deveria ser retomada contra a perspectiva católico-romana. De fato, para Lutero a “justificação pela fé” paulina tornou-se a doutrina cristã mais importante. Por meio dela todas as outras doutrinas e práticas devem ser avaliadas. Além disso, merece especial destaque o fato de que Lutero considerava a “justificação pela fé” como o centro da teologia de Paulo.¹³

A percepção do significado da justiça divina atribuída ao pecador, justificando-o pela fé podem ser observados nas próprias palavras do reformador alemão Martinho Lutero: Por fim, pela misericórdia de Deus, meditando dia e noite, dei ouvidos ao contexto das palavras, a saber, “nele a justiça de Deus é revelada, conforme está escrito: ‘Aquele que pela fé é justo viverá’”. Ali comeci a compreender que a justiça de Deus é aquela pela qual o justo vive por uma dádiva de Deus, isto é, pela fé. E este é o significado: a justiça de Deus é revelada pelo evangelho, ou seja, a justiça passiva com que o Deus misericordioso nos justifica pela fé, conforme está escrito: “Aquele que pela fé é justo viverá”. Aqui senti que era inteiramente nascido de novo e havia entrado no próprio paraíso, atravessando portões abertos. Ali manifestou-se a mim uma face totalmente diversa de toda a Escritura. A partir dali percorri de memória as Escrituras. Também descobri em outros termos uma analogia, como a palavra de Deus, ou seja, o que Deus faz em nós, o poder de Deus, com que ele nos torna fortes, a sabedoria de Deus, com que ele nos faz sábios, a força de Deus, a salvação de Deus, a glória de Deus. E exaltei minha palavra mais doce com um amor tão grande quanto o ódio com que antes odiava a palavra “justiça de Deus”. Assim, aquele lugar em Paulo foi para mim verdadeiramente o portão do paraíso.¹⁴

¹³ Veja o artigo 4 da Confissão de Augsburg em GRUDEM, W. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 2001.

¹⁴ Martinho Lutero, **Obras 34.337**. Conforme citado por STUHLMACHER, P.; HAGNER, D. **Lei e graça em Paulo**. São Paulo: Vida

Essa descoberta exegética o levou a ver o ensino de Paulo acerca da justificação do pecador somente pela fé como o centro definitivo de toda a mensagem bíblica da salvação. Quanto mais Lutero entrava em conflito com os representantes da doutrina católica tradicional da justificação, por causa de seu novo entendimento da justificação, tanto mais se identificava com a luta de Paulo contra os falsos mestres judaizantes e os oponentes judeus. Lutero considerava os adversários judeus e judeu-cristãos de Paulo semelhantes aos teólogos católicos de sua época, enquanto ele e seus seguidores apareciam no papel de Paulo e seus pupilos. Essa falta de distinção entre perspectivas históricas e dogmáticas mantém-se até hoje como um fator da erudição paulina alemã.¹⁵

No caso do pensamento de Calvino, o enfoque sobre o pensamento de Paulo não foi diferente. Dando devida atenção a Romanos e a Gálatas, os reformados de Genebra também deram destaque à “justificação pela fé”. Esta ênfase na “justificação pela fé” também lhe concedeu lugar central na teologia calvinista. Os reformadores argumentaram em favor de uma justiça dada ao pecador pela fé e pela graça em Cristo (Ef 2.8). Foi destacado o aspecto forense de tal justificação, que posteriormente traria resultados éticos, marca do protestantismo histórico. Portanto, para o pensamento reformado clássico, tanto luterano como calvinista, Paulo era o apóstolo da graça, que priorizava a soteriologia, tendo a justificação pela fé como tema principal. O enfoque só haveria de fato de ser mudado com o surgimento da crítica liberal alemã, fruto do Iluminismo.

4. O ILUMINISMO

O Iluminismo inaugurou uma nova era nos estudos das Escrituras.¹⁶ O movimento, como se sabe, glorificava a razão autônoma e interpretava a religião sob prisma racionalista e antisobrenaturalista. Foi o iluminismo do século XVIII que deu origem ao método histórico crítico da Bíblia. O enfoque sobre Paulo nesse contexto foi exageradamente helênico. O pensamento de Paulo tinha explicação em seu paralelo com o mundo grego. Sob tal enfoque, na Alemanha, surgiu a pesquisa sobre o apóstolo denominada *Paulusforschung*.¹⁷

Uma de maiores expressões dessa tendência surgiu no século XIX. Seu nome era F. C. Baur, expoente da famosa Escola de Tübingen.¹⁸ Com a publicação do artigo “*Die Christuspartei in der korinthischen Gemeinde*” no *Tübinger Zeitschrift für Theologie* (1831), e de sua obra posterior, *Paulus der Apostel Jesu Christi*, de 1845, Baur deixou claro suas convicções. Baur acreditava que o cristianismo primitivo estava radicalmente dividido entre a igreja de Jerusalém e as igrejas gentílicas, que eram ligadas a Paulo. Sob o enfoque dialético nitidamente hegeliano, Baur via a igreja judaica, sob direção de Pedro e Tiago, muito ligada à lei e ao judaísmo, definida por uma ruptura teológica com as igrejas fundadas por Paulo, marcadas pela liberdade cristã. Tal ruptura deu origem a um conflito teológico e eclesástico, que poderiam ser percebidos em Gálatas e nas cartas aos Coríntios. As demais epístolas, que não apresentavam tal conflito, não poderiam ser consideradas paulinas. Além das cartas já mencionadas, apenas Romanos seria autêntica. Seguindo sua dependência de Hegel, Baur entendia que a síntese do conflito judaico-gentílico só poderia ter surgido no segundo século, quando teriam sido escritas as demais epístolas de Paulo, chamadas de “deuteropaulinas”, e o próprio livro de Atos. A perspectiva filosófica de Baur controlou nitidamente seu enfoque.

Respostas às ideias de Baur foram dadas por estudiosos de peso como J. B. Lightfoot, Theodor Zahn e William Ramsay.¹⁹ Lightfoot, por exemplo, estudou os pais da igreja e mostrou que as conclusões de Baur

Nova, 2003, p. 136.

¹⁵ STUHLMACHER; HAGNER, 2003, p. 136.

¹⁶ Grande parte das informações aqui encontradas tem como fonte o artigo de D. N. HOWELL, em *Biblioteca Sacra*, V150 no. 599, Julho, 93-304, Dallas, EUA.

¹⁷ Com base no artigo sobre Paulo na *ISBE*, ORR, James (edit.). Grand Rapids: Eerdmans, 1998.

¹⁸ Eruditos de expressão como Semler, Michaelis, Schleiermacher e Eichhorn iniciaram a crítica literária do Novo Testamento e foram precursores de F. C. Baur.

¹⁹ A obra de RAMSAY, *St. Paul the Traveller and the Roman Citizen* (1897), discute Paulo à luz de sua cidadania romana. Paulo vê Roma

foram inadequadas e careciam de fundamento histórico seguro. Não era possível colocar a data de tantas epístolas paulinas (ou “deuteropaulinas”) no segundo século. A escola de Tübingen foi considerada radical, sendo exageradamente crítica e dependente do hegelianismo. A elaboração de Baur, todavia, levantou questões cruciais com respeito aos estudos paulinos: Qual a relação entre Paulo e Jesus? Qual foi o papel do pensamento judaico na igreja primitiva? E do pensamento grego? Com que pressupostos deve-se estudar a igreja primitiva?

5. A ESCOLA DAS RELIGIÕES COMPARADAS

No final do século dezenove surge um novo enfoque sobre os estudos bíblicos na Alemanha o que foi chamado de *Religionsgeschichtliche Schule*. Tal abordagem, ainda basicamente helênica, pretendia entender o cristianismo primitivo, bem como o pensamento paulino, a partir de sua relação com o paganismo do mundo greco-romano. Os cultos de mistério e os demais cultos pagãos da época²⁰ foram considerados as principais fontes de inspiração da cristologia paulina. Foram traçados paralelos e semelhanças entre o pensamento de Paulo e tais cultos. Conceitos como o do deus redentor redivivo, o *kyrios* exaltado, a redenção sacramental e a participação mística com divindade seriam ideias pagãs que influenciaram decisivamente a cristologia paulina, na opinião dos estudiosos dessa nova abordagem. Tendo crescido em Tarso, Paulo teria sido influenciado por tais ideias que acabaram moldando sua teologia. O conceito paulino de mistério, espírito e conhecimento (*gnosis*) foram explicados a partir de tal perspectiva. Dois eruditos destacados que defenderam essa posição, procurando relacionar o paulinismo com a literatura hermética e o gnosticismo, foram W. Bousset e R. Reitzenstein.²¹

Além disso, é preciso ressaltar que a descoberta dos manuscritos de Cunrã e os estudos posteriores sobre o judaísmo intertestamentário acabaram enfraquecendo de modo decisivo as conclusões da escola de religiões comparadas. A polarização absoluta entre judaísmo e helenismo fora mais uma elaboração hegeliana; não se comprovava pelos fatos. De fato, a terminologia paulina que se assemelhava de alguma forma aos cultos pré-gnósticos e de mistério da Ásia Menor seria mais facilmente explicadas por sua metodologia missionária transcultural.

6. O LIBERALISMO

O liberalismo clássico, desenvolvido paralelamente à escola de religiões comparadas desde o final do século XIX, foi também muito influenciado pelo racionalismo filosófico. Com respeito ao pensamento de Paulo, os liberais tiveram a tendência de dar maior atenção ao relacionamento entre Paulo e Jesus. Por exemplo, em 1904, W. Wrede, em sua obra *Paulus*, sustentou uma polarização completa entre Jesus e Paulo, negando também que a justificação pela fé fosse a doutrina central da teologia de Paulo. Para ele, a teologia paulina era absolutamente independente. Em *Das Messiasgeheimnis in den Evangelien*, de 1901, por exemplo, Wrede afirma que Jesus nunca reivindicou ser o Messias; tal elaboração teológica teve origem na igreja primitiva. O tão conhecido “segredo messiânico” do evangelho de Marcos teria sido inserido posteriormente com finalidades teológicas. Para Wrede, Paulo desenvolveu uma teologia nova, nitidamente distinta do pensamento de Jesus.

Além disso, como é bem conhecido, de modo geral, o Jesus dos liberais foi reduzido a um mestre religioso que apenas defendia a ética do amor e a liberdade espiritual. A teologia foi reduzida à ética. Todo elemento sobrenatural do evangelho foi rejeitado ou passou a ser entendido como mito. Um dos estudiosos liberais que dedicou muita atenção ao estudo de Paulo foi H. J. Holtzmann. Sua obra *Lehrbuch der neutestamentlichen Theologie*, publicada em 1911, sob nítido prisma racionalista, rejeitou o enfoque forense

positivamente, afirmando que sua autoridade política vem de Deus (Rm 13.1–7). Ele se vê e se porta como um cidadão romano. Suas pesquisas históricas fizeram-no abandonar os pressupostos de F. C. Baur.

²⁰ Exemplos de movimentos religiosos com tal perfil são os cultos de Cibele na Ásia Menor, o mito de Ísis e Osiris no Egito e do Mitraísmo de Roma.

²¹ Tais conclusões provaram-se inadequadas. Entre os seus principais críticos destacam-se E. Best, B. Gaertner e C. A. Pierce.

da justiça divina, historicamente defendido pelos reformadores. Paulo foi interpretado de modo mais místico e ético. O centro da teologia paulina (e neotestamentária) não era a história objetiva de Cristo, mas sim a comunhão dos cristãos com Cristo no sentido ético e místico (subjetivo), o que produziria amor e liberdade. A fé cristã fora reduzida à ética e a uma religiosidade de perfil relacional. O enfoque liberal, à semelhança de outras perspectivas críticas, também entendia que a principal influência do pensamento de Paulo era o paganismo greco-romano.

7. O EXISTENCIALISMO DE BULTMANN

Rudolph Bultmann, um dos maiores estudiosos do Novo Testamento do século XX, produziu vasta literatura sobre o assunto entre os anos 1920 e 1960.²² Bultmann foi muito influenciado pelo pensamento existencialista de Martin Heidegger. Por incrível que possa parecer para muitos estudiosos mais conservadores, a preocupação inicial de Bultmann era apologética. Seu interesse foi tornar o evangelho atraente ao homem moderno, extraíndo dele os elementos pertinentes à cosmovisão primitiva e ultrapassada do primeiro século da era cristã. Por isso, Bultmann usou a terminologia “demitologização” do Novo Testamento. Apesar de seus esforços, porém, com sua demitologização e seu existencialismo, Bultmann acabou desvalorizando a base histórica do evangelho. De maneira bem coerente, em seu pensamento, Paulo acabou recebendo o mesmo enfoque; em sua abordagem, ele ignora a história redentiva e a dimensão corporativa e cosmológica de Paulo. Na verdade, seguindo a herança helênica alemã, Bultmann acabou entendendo o paulinismo a partir de uma suposta relação com um tipo de gnosticismo incipiente. A pessoa de Cristo teria paralelo com uma figura redentora celestial que desce, batalha e liberta o homem dos poderes cósmicos maus. Tal visão recebe uma leitura existencialista, na qual Bultmann entende que o verdadeiro conhecimento é recebido no *kerygma*, permitindo ao homem alcançar autenticidade e autocompreensão.

Bultmann divide o pensamento de Paulo em duas partes: “o homem antes da revelação da fé” e “o homem sob a fé”. A teologia paulina é sobreposta pela antropologia. A obra salvífica de Cristo, sua morte e ressurreição não são fatos históricos no sentido comum do termo. Ocorrem na proclamação, chamando o homem a uma decisão de fé. É uma convocação à autenticação da existência; trata-se de uma auto-compreensão e de uma abertura para o futuro, que mostram o enfoque antropológico da interpretação de Bultmann.

Bultmann teve o mérito de tentar apresentar um evangelho adequado ao homem contemporâneo. Todavia, sua posição radical impediu-o de construir uma teologia mais duradoura e mais dependente do próprio texto bíblico. Aliado a tal dificuldade, Bultmann elaborou sua obra numa época em que a oposição entre helenismo e judaísmo parecia ser absoluta para os estudiosos, e muito material descoberto sobre o gnosticismo e os escritos de Cunrã trouxeram informação suficiente para confirmar a fragilidade dos pressupostos bultmanianos.

8. O ENFOQUE JUDAICO E ESCATOLÓGICO

Não é difícil perceber que o Novo Testamento apresenta uma vasta gama de textos que focalizam o pano-de-fundo judaico do apóstolo Paulo (Fp 3.5-6; At 9.1-2; 22.3-5; 23.6; 26.5-6,9-12; Gl 1.13-14). Mesmo depois de convertido ao Messias Jesus, Paulo continua considerando-se judeu (At 20.17-26; Rm 3.1-2; 9.1-5; 10:1). Infelizmente, a obsessão pelo helenismo e tendências antissemitas de grande parte da teologia ocidental ofuscaram o elemento judaico no pensamento de Paulo. Estudos mais recentes baseados principalmente nos manuscritos de Cunrã e na vasta literatura rabínica acabaram por perceber e valorizar o pano-de-fundo judaico da teologia paulina.

A primeira tendência desse enfoque pode ser percebida no pensamento do grande gênio alsaciano Albert Schweitzer.²³ Seu enfoque sobre o cristianismo era bem liberal, quando comparado com o consenso

²² Sua clássica e volumosa *Teologia do Novo Testamento* foi recentemente publicada pela Editora Teológica, S. Paulo.

²³ Albert Schweitzer, vencedor do prêmio Nobel da paz de 1952, foi uma das pessoas mais impressionantes da história. Além de ser médico,

evangelical,²⁴ e enfatizava o seu aspecto apocalíptico. Segundo o “grande doutor branco do Gabão”, Jesus fora um pregador apocalíptico que anunciava a chegada do Reino de Deus. Frustrado por sua desilusão, Jesus entregou-se à morte, crendo estar assim inaugurando o ansiado reinado divino. Posteriormente, em sua *Geschichte der Paulinischen Forschung*, de 1911, Schweitzer conseguiu comprovar que a radical oposição liberal entre Paulo e Jesus era inadequada e não refletia a realidade dos fatos. Mais tarde, em sua obra *Die Mystik des Apostels Paulus*, de 1930,²⁵ Schweitzer afirmou que Paulo também era um apocalíptico, como Jesus. Sua tarefa foi uma reelaboração da escatologia de Jesus. Paulo tentou relacionar a tensão escatológica entre “o já” e o “ainda não”, isto é, entre o evento de Cristo e a plena realização futura do Reino. Tal tensão estava calcada no pensamento judaico da época. A escatologia presente, ou realizada, seria encontrada na doutrina mística da identificação do crente com Cristo. A fórmula “estar em Cristo” é o centro da teologia paulina e controla todos os outros temas teológicos do apóstolo, que não poderia ser explicada à luz do paganismo, nem do pensamento grego. Schweitzer afastou-se dos paradigmas reformados quanto à doutrina da justificação pela fé, e deixou isso claro quando escreveu: “A doutrina da justiça pela fé é uma cratera secundária, formada dentro das bordas da cratera principal, a doutrina mística da redenção por meio do ‘estar em Cristo’”.²⁶

A importância histórica de Schweitzer está no fato de seu pensamento abrir caminho para o enfoque judaico do pensamento de Paulo, principalmente expresso na ênfase do aspecto escatológico do paulinismo. A nova estrada aberta por Schweitzer foi ampliada por estudiosos mais recentes. Os estudiosos judeus C. G. Montefiore²⁷ e H. J. Schoeps²⁸ por exemplo tentaram entender o pensamento de Paulo sob o prisma judaico, fazendo distinção entre o judaísmo helenístico de Paulo e o farisaísmo de Israel, considerado mais legalista pelo apóstolo.

Todavia, foi outro erudito que enfatizou mais claramente as raízes judaicas da teologia paulina. O estudioso W. D. Davies²⁹ abordou o pensamento de Paulo a partir de fontes rabínicas e do farisaísmo do primeiro século. Conforme tem sido confirmado pelos estudos mais recentes, Davies parte da ideia de que a distinção entre judaísmo de Israel e helenizado não pode ser mais considerada muito definida. A descobertas dos manuscritos do mar Morto e de outros testemunhos do primeiro século confirmaram que o judaísmo dos dias de Jesus era multifacetado e complexo. Portanto, Davies rejeitava a ideia de que Paulo opunha-se à lei. O apóstolo deve ser visto como um judeu de linha farisaica. Na opinião de Davies, Paulo reinterpretou a lei, identificando-a com Cristo. Ele deu atenção às considerações paulinas sobre a participação do crente na vida de Cristo e no conceito de corpo de Cristo, derivando-o da ideia de solidariedade corporativa do Antigo Testamento.³⁰ Davies, portanto, sugere que Paulo mantém uma relação de continuidade com o judaísmo e suaviza o confronto do apóstolo com os judeus e judaizantes do primeiro século.

O enfoque judaico está diretamente relacionado com a ênfase no aspecto escatológico do pensamento paulino, realçado pelos estudos de Schweitzer. Entre os estudiosos que merecem destaque nesta abordagem estão C. H. Dodd, W. G. Kümmel e Oscar Cullmann. O britânico C. H. Dodd entendeu que a morte de Cristo trouxe de fato a chegada da era vindoura. A escatologia era, portanto, realizada. De fato, o cristão já

foi um excelente intérprete de Bach, um teólogo expressivo e contava com uma saúde muito resistente, tendo morrido com 90 anos de idade, a maioria deles vivendo no interior da África equatorial, cuidando de leprosos e de doentes. Infelizmente, seu enfoque teológico foi muito menos extraordinário.

²⁴ Entendido aqui como por exemplo a obra BRUCE, F. F. **Paulo, o apóstolo da graça**: sua vida, cartas e teologia. São Paulo: Shedd, 2003, 463 p.

²⁵ Publicada recentemente em português pela editora Novo Século, S. Paulo.

²⁶ SCHWEITZER, Albert. **Die Mystik des Apostels Paulus**. Tübingen: Mohr Siebeck, 1930, p. 220, conforme citado por STUHLMACHER, P.; HAGNER, D. **Lei e graça em Paulo**. São Paulo: Vida Nova, 2003, 136p.

²⁷ Veja MONTEFIORE, C. G. “The Genesis of the Religion of St. Paul.” **Judaism and St Paul** (1914). Repr. New York: Arno, 1973. 1–129.

²⁸ Veja SCHOEPS, H. J. **Paul: the theology of the apostle in the light of Jewish Religious History**. London: Lutterworth, 1961.

²⁹ Veja DAVIES, W. D. **Jewish and Pauline Studies**. London: SPCK; Philadelphia: Fortress, 1984, e DAVIES, W. D. **Paul and Rabbinic Judaism**. London: SPCK/Philadelphia: Fortress, 1981.

³⁰ Veja a excelente tese de SHEDD, Russell P. **Solidariedade da Raça**. São Paulo: Vida Nova, 1990. Vale lembrar que o conceito de corpo de Cristo tinha sido relacionado com o misticismo gnóstico por diversos estudiosos do século XIX, ligados à Escola de Religiões Comparadas.

participa do reino de Deus, e dele desfrutará plenamente na morte. A escatologia perdeu o enfoque histórico e temporal, adquirindo tons mais platônicos. Já o prolífico estudioso alemão W. G. Kümmel enfatizou que tanto o aspecto presente e futuro da escatologia de Jesus e de Paulo tinham igual relevância e importância, equilibrando os dois elementos na balança.³¹ No caso da famosa trilogia de Oscar Cullmann,³² publicadas nos anos 50 e 60, deu ênfase ao conceito bíblico-judaico de história linear, em contraste com C. H. Dodd.³³

9. A NOVA PERSPECTIVA

A chamada nova perspectiva paulina é uma abordagem mais recente e distinta sobre o pensamento de Paulo. Três nomes estão ligados diretamente a tal interpretação do grande apóstolo: Krister Stendahl, E. P. Sanders e James D. G. Dunn. Foi o próprio James Dunn que denominou o novo enfoque de Nova Perspectiva de Paulo.³⁴ O movimento teve origem já em 1961, com o erudito sueco K. Stendahl, que reagiu contra a interpretação luterana tradicional do pensamento de Paulo. Stendahl, seguindo a sugestão de Schweitzer, defendeu a ideia de que a doutrina da justificação pela fé não podia ser o centro da mensagem paulina de salvação. Seguindo tal linha de raciocínio, em 1976 Stendahl descreve tal abordagem em *Paul Among Jews and Gentiles*.³⁵

Em 1977 E. P. Sanders publicou sua obra *Paul and Palestinian Judaism*³⁶; nela Sanders afirmou que o judaísmo de Israel não acreditava numa justificação pelas obras e também rediscutiu o significado da aliança do Antigo Testamento. Sanders dizia que a aliança do Sinai é a grande dádiva de Deus para Israel. O acesso a essa aliança não pode ser conquistado por Israel, pois lhe é dado pela graça divina. De fato, os israelitas continuarão na aliança se permanecem nela. Quando pecam, devem arrepender-se e oferecer sacrifícios. Portanto, Sanders entende que o judaísmo do primeiro século não era uma religião de justificação pelas obras, mas sim uma religião de graça. Logo, esse não era o problema do judaísmo para Paulo. Segundo ele, Paulo considerava a participação em Cristo e estar em Cristo muito mais importante que a justificação. Isso acabou deslocando essa doutrina para uma posição periférica.

De modo semelhante, James Dunn amplia a mesma linha de abordagem, que pode ser examinada em seus dois volumes de comentário de Romanos,³⁷ e na sua espessa obra sobre a teologia de Paulo.³⁸ Em resumo, Dunn afirma que o judaísmo antigo conhecia a justificação pela fé e nela cria, tendo como único deslize o exclusivismo que rejeitava os gentios, e que Paulo desejava apenas uma igualdade soteriológica entre judeus e gentios diante de Deus. Portanto, a justificação pela fé não tem centralidade na teologia paulina; é antes uma estratégia pragmática para facilitar sua missão aos gentios.

Portanto, a nova perspectiva entende que a teologia paulina tem sido malinterpretada pelo enfoque da Reforma protestante, e não traduz o verdadeiro pensamento do apóstolo. De fato, segundo o novo enfoque, Paulo nem se percebia numa nova religião, mas entendia que tinha a tarefa de levar o judaísmo para os gentios. Os questionamentos de Paulo sobre a lei devem ser lidos apenas sob a luz de sua missão aos gentios. Esclarecendo melhor: os argumentos de Paulo contra as “obras da lei” não diziam respeito à questão da justificação pela obediência à lei, mas simplesmente aos emblemas judaicos de identidade que separavam os judeus dos gentios. Tal avaliação, ainda que muitos dos adeptos da nova abordagem discordem, acabará entendendo que há duas vias soteriológicas na história da salvação: o nomismo da aliança do Antigo Testamento é o meio de salvação de Israel, e o evangelho livre da lei é o meio divino

³¹ Tendência também presente em G. E. LADD em sua **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos.

³² As obras *Cristologia do Novo Testamento* e *Cristo e o Tempo* foram recentemente publicadas em português pela editora Custom, São Paulo.

³³ ORR, 1998.

³⁴ O artigo *The New Perspective on Paul* foi publicado na **BJRL**, no. 65, em 1983.

³⁵ STENDAHL, Krister. **Paul among jews and gentiles**. Philadelphia: Fortress Press, 1974.

³⁶ SANDERS, E. P. **Paul and Palestinian Judaism: a comparison of patterns of religion**. Philadelphia: Fortress Press, 1977. Veja também SANDERS, E. P. **Paulo, a lei e o Povo Judeu**. São Paulo: Paulus, 1990, 247 p.

³⁷ DUNN, James D. G. **Word Biblical Commentary**: Romans 1—8, e Romans 9—16. Waco: Word, 1988.

³⁸ *A Teologia de Paulo* de James Dunn foi publicada recentemente em português pela editora Paulus.

de salvação para os gentios. A abordagem pretende suavizar o conflito judaico-cristão e desviar o embate soteriológico entre as duas tradições religiosas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do resumo apresentado nas linhas acima, o que pode ficar de lição para nós com respeito ao pensamento de Paulo. Existem lições práticas e importantes para o ministério cristão a partir de tantos enfoques desconstruídos e muitas vezes contraditórios.

Em primeiro lugar, deve ficar claro que a interpretação de Paulo tem dependido exageradamente de filosofias e perspectivas dominantes de uma determinada época. Paulo fica muitas vezes ofuscado pela sobreposição filosófica ou cultura que recai sobre sua pessoa. Isso deve nos levar a ler todas as abordagens com bastante crítica e tentar entendê-las dentro do próprio contexto em que surgiram.

Outra dificuldade que muitas das perspectivas sobre Paulo tem enfrentado é a leitura radical do pensamento do apóstolo. A amplitude cultural de Paulo, bem como seu raciocínio no mínimo dialético e os seus muitos escritos devem necessariamente impedir qualquer interpretação simplista e monodirecionada do grande apóstolo cristão. Muitos pensadores e teólogos sistemáticos ocidentais parecem querer praticar um reducionismo desnecessário com pensadores bíblicos. Se tal autor escreveu isso, ele não pode ter escrito outra obra que apresenta enfoque aparentemente muito distinto. Os estudos da teologia bíblica têm demonstrado que o leque de abrangência do pensamento bíblico, ou hebraico, é muito mais amplo do que estamos acostumados. Portanto, a retaliação crítica racionalista da Bíblia tem trabalhado com pressupostos metodologicamente inadequados para avaliar muito do texto bíblico, sem aqui querer defender um conservadorismo fundamentalista irrefletido, que, no fundo, é outro filho do iluminismo, tanto quanto o liberalismo crítico.

Muito da polarização estabelecida dentro do paulinismo parece ignorar o aspecto cronológico da vida de Paulo. Devemos considerar a possibilidade de um “desenvolvimento” do pensamento de Paulo. Parece improvável que a escatologia paulina possa ser percebida de modo estático. Além disso, é pouco provável que o Paulo que escreve a carta aos Gálatas ou 1 Tessalonicenses tenha contornos teológicos inalterados quando comparado com o Paulo das pastorais ou, pelo menos, das epístolas da prisão. Aliado a tal realidade, jamais poderemos desconsiderar os contextos específicos para os quais Paulo envia suas cartas. Muitas considerações precisam ser compreendidas dentro de um contexto particular, sem generalizações inadequadas.

Sem dúvida, Paulo é e continuará a ser o primeiro e grande teólogo do cristianismo. As distintas perspectivas sobre seu pensamento têm utilidade; ainda que mereçam muitas delas críticas atroz, no mínimo conseguiram pelo menos levantar questões pertinentes e importantíssimas sobre o assunto. Cremos ser muito difícil concordar com a Nova Perspectiva e com outras abordagens semelhantes, afirmando que a justificação pela fé é periférica e secundária no pensamento paulino. Uma leitura simples de Romanos e de Efésios deixa claro que o tema é mais do que relevante para Paulo. Por outro lado, a redescoberta de Paulo como judeu deve ser bem recebida e aprofundada. Mesmo sendo o apóstolo dos gentios Paulo sempre se viu como judeu e pensou como um judeu de sua época. O enfoque mais recente sobre o assunto certamente será muito prolífico.

Por fim, devemos enfatizar que a busca de fontes e do cenário por trás de Paulo jamais poderão explicar plenamente a genialidade e o impacto de seus escritos. Não há dúvida, em nossa opinião, que Paulo possui grande originalidade e constrói um pensamento próprio e muito complexo. Até mesmo um fenomenólogo da religião irá concordar que tal empreitada só pode surgir de uma grande experiência. Para alguns uma simples manifestação da consciência transcendental, para os que costumam passar por ela uma revelação de Deus. Seria impossível entender Paulo sem voltar os olhos para a estrada de Damasco. O livro de Atos considera o fato tão imprescindível que o descreve três vezes (At 9, 22 e 26). O estudo muitas vezes científico e “neutro” de um assunto acabar por ser profundamente enganoso. Só quem passou por uma

experiência análoga à de Paulo poderá entender o impacto da conversão e da justificação pela fé em Cristo experimentada pelo apóstolo. É como pedir a um engenheiro que julgue uma obra de arte contemporânea, ou pedir a um comentarista americano de beisebol (neutro) que comente uma final de copa do mundo de futebol entre Brasil e Argentina. É muito provável que a “neutralidade” ou, se quisermos, “a plena heteroneidade” representará equívoco completo.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA de Estudo NVI. São Paulo: Vida, 2003, p. 2070.

BORNKAMM, G. **Paulo.** São Paulo: Teológica, 2003.

BRUCE, F. F. **Paulo, o apóstolo da graça:** sua vida, cartas e teologia. São Paulo: Shedd, 2003.

CARREZ, Maurice. **As Cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas.** São Paulo: Paulus, 1987.

CARSON, D. A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. **Introdução ao Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1997.

CASALEGNO, Alberto. **Paulo:** Evangelho do amor fiel de Deus. São Paulo: Loyola, 2001.

CERFAUX, L. **Cristo na Teologia de Paulo.** São Paulo: Teológica, 2002.

CERFAUX, L. **O Cristão na Teologia de Paulo.** São Paulo: Teológica, 2003.

COTHENET, Edouard. **Paulo:** apóstolo e escritor. São Paulo: Paulinas, 1999.

DAVIES, W. D. **Jewish and Pauline Studies.** London: SPCK; Philadelphia: Fortress, 1984.

DAVIES, W. D. **Paul and Rabbinic Judaism.** London: SPCK/Philadelphia: Fortress, 1981.

DUNN, James D. G. **Word Biblical Commentary:** Romans 1—8, e Romans 9—16. Waco: Word, 1988.

ELLIOT, Neil. **Libertando Paulo:** a justiça de Deus e a política do apóstolo. São Paulo: Paulus, 1997.

FABRIS, Rinaldo. **Paulo:** apóstolo dos gentios. São Paulo: Paulinas, 2001.

FEE, Gordon D. **Para ler Paulo.** São Paulo: Loyola, 1996.

GRUDEM, W. **Teologia Sistemática.** São Paulo: Vida Nova, 2001.

GUNDRY, R. **Panorama do Novo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1991.

HALE, B. D. **Introdução ao Estudo do Novo Testamento.** São Paulo: Hagnos, 2001.

HOWELL Jr, D. N. **Biblioteca Sacra**, V.150 no. 599, Julho, 93-304, Dallas, EUA.

KÄSEMANN, E. **Perspectivas Paulinas.** São Paulo: Teológica, 2003.

KEE, H. C. **As origens cristãs em perspectiva sociológica.** São Paulo: Paulinas, 1983.

KÜMMEL, W. **Introdução ao Novo Testamento.** São Paulo: Paulinas, 1982.

LADD, G. E. **Teologia do Novo Testamento.** São Paulo: Hagnos.

MEEKS, Wayne A. **Os primeiros cristãos urbanos:** o mundo social do apóstolo Paulo. São Paulo: Paulinas, 1992.

MONTEFIORE, C. G. “The Genesis of the Religion of St. Paul.” **Judaism and St Paul** (1914). Repr. New York: Arno, 1973.

- MURPHY-O'CONNOR, Jerome. **A antropologia pastoral de Paulo**: tornar-se humano juntos. São Paulo: Paulus, 1982.
- MURPHY-O'CONNOR, Jerome. **Paulo**: biografia crítica. São Paulo: Loyola 2000.
- PATTE, Daniel. **Paulo, sua fé e a força do Evangelho**. São Paulo: Paulinas, 1987.
- PESCE, Mauro. **As duas fases da pregação de Paulo**: da evangelização à guia da comunidade. São Paulo: Loyola, 1996. Série Bíblica Loyola – 20.
- ROBERTSON, A. T. **Épocas na vida de Paulo**. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.
- SANDERS, E. P. **Paul and Palestinian Judaism**: a comparison of patterns of religion. Philadelphia: Fortress Press, 1977.
- SANDERS, E. P. **Paulo, a lei e o Povo Judeu**. São Paulo: Paulus, 1990, 247 p.
- SCHOEPS, H. J. **Paul**: the theology of the apostle in the light of Jewish Religious History. London: Lutterworth, 1961.
- SCHWEITZER, Albert. **Die Mystik des Apostels Paulus**. Tübingen: Mohr Siebeck, 1930.
- SHEDD, Russell P. **Solidariedade da Raça**. São Paulo: Vida Nova, 1990.
- SOARDS, M. "Paul", in: **Mercer Dictionary of the Bible**. Macon: Mercer University Press, 1990.
- STENDAHL, Krister. **Paul among jews and gentiles**. Philadelphia: Fortress Press, 1974.
- STUHLMACHER, P.; HAGNER, D. **Lei e graça em Paulo**. São Paulo: Vida Nova, 2003.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional

UMA MENSAGEM DE CONFIANÇA NA JUSTIÇA DIVINA EM TEMPOS DE APARENTE IMPUNIDADE A PARTIR DO SALMO DE HABACUQUE

A message of trust in divine justice in a time of apparent impunity from the psalm of Habakkuk

Me. Cléber Mateus de Moraes Ribas¹

RESUMO

A impunidade no Brasil é algo que tem causado muitas discussões e perguntas. Muitos cristãos questionam-se acerca da aparente inação de Deus diante dessa realidade. Há no Antigo Testamento um livro com questionamentos semelhantes e uma possível resposta, bem como uma lição sobre como o cristão pode se portar diante dessa situação: o livro do profeta Habacuque. Por isso, no presente artigo buscou-se apontar quais seriam as aplicações do livro de Habacuque (mais precisamente, do salmo presente no capítulo 3) para os cristãos brasileiros, visto que a realidade atual é de aparente impunidade assim como nos tempos do profeta. Para isto, foi apresentado um estudo bibliográfico e hermenêutico apontando algumas questões contextuais concernentes ao texto. A pesquisa se deu predominantemente em comentários bíblicos e introduções ao Antigo Testamento. Concluiu-se que o texto de Habacuque, em especial o salmo presente no capítulo 3, demonstra que aqueles que pertencem ao povo de Deus podem firmar a sua fé nas obras divinas do passado e nas promessas de ação futura. Esta fé, portanto, não é uma forma de fideísmo, mas se baseia nos feitos divinos e em suas promessas como resposta aos questionamentos acerca de sua aparente inação diante do que as pessoas veem como impunidade.

Palavras-chave: Habacuque. Injustiça. Impunidade.

¹ O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, Especialista em Design Instrucional pelo SENAC (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) e Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. É designer instrucional da Faculdade Batista Pioneira. E-mail: cleber@batistapioneira.edu.br

ABSTRACT

Impunity in Brazil is something that has caused many discussions and questions. Many cristãos questionam-is about the apparent inação de Deus before the reality. There is in the Old Testament a book with similar questions and a possible answer, as well as a lesson on how the Christian could behave in this situation: the book of the prophet Habakkuk. For this reason, I do not present an article that seeks to point out what would be the applications of the Habakkuk book (more precisely, of the present psalm in chapter 3) for the Brazilian Christians, given that the current reality is one of apparent impunity as well as the times of the prophet. For this, a bibliographical and hermeneutic study was presented, pointing out some contextual questions concerning the text. The research is due predominantly to biblical commentaries and introductions to the Old Testament. It is concluded that the text of Habakkuk, especially the present psalm in chapter 3, demonstrates that those who belong to God's power can sign their faith in the divine works of the past and in the promises of future action. This faith, therefore, is not a form of fideism, but is based on divine faiths and on their promises as an answer to questions about their apparent inaction before what people see as impunity.

Keywords: Habakkuk. Injustice. Impunity.

INTRODUÇÃO

A população brasileira, em geral, possui uma nítida sensação de impunidade, perceptível de diversas formas. Ela suscita muitas discussões e questionamentos. Um destes é dirigido aos cristãos: “Por que Deus não faz nada diante da impunidade e da injustiça?” Diversos cristãos também se questionam acerca disso. Se buscarem respostas no texto bíblico, vão perceber que muitos dos escritos proféticos presentes no Antigo Testamento contêm duras críticas às injustiças cometidas, em especial pelos líderes do povo de Deus. No entanto, no livro de Habacuque há algo diferente: nele o profeta não se dirige aos líderes para falar sobre injustiça e impunidade, mas ao Senhor, questionando-o acerca de sua aparente inação.

Diante disso, pode-se questionar quais seriam as aplicações para os cristãos hoje a partir do livro do profeta Habacuque, em especial da oração presente no capítulo 3, visto que a sensação de impunidade no Brasil pode se assemelhar à realidade que o profeta vivia. Para tal, o artigo consiste em uma pesquisa predominantemente bibliográfica com estudo hermenêutico do texto bíblico. Assim sendo, serão apresentadas questões contextuais acerca do livro, uma breve análise do capítulo 3 e, por fim, apontamentos de aplicações do texto bíblico para a contemporaneidade.

1. O CONTEXTO DA PROFECIA DE HABACUQUE: INJUSTIÇA, IMPIEDADE E APARENTE IMPUNIDADE

A profecia de Habacuque ocorre em um período muito difícil para a nação judaica - um tempo de crise visto que se aproximava o exílio babilônico. Coelho Filho aponta que no livro de Habacuque a iminente invasão de Judá se daria por um povo conhecido pelo seu poder e sua força militar: os babilônios.²

Conforme Gusso e Lasor, há muitas propostas quanto ao tempo de atuação do profeta, variando entre os anos 700 e 300 a.C.³ No entanto, a datação mais aceita se encontra no séc. VII a.C. Hill e Walton sugerem o período entre 640 e 626 a.C. e tem a data de 630 a.C. como a melhor estimativa.⁴ Já Gusso afirma que Habacuque atuou entre os anos 625 e 598 a.C., quando ocorre o início da expansão do Império

² COELHO FILHO, 1992, p. 17.

³ GUSSO, 2017, p. 101-102; LASOR, 1999, p. 349.

⁴ HILL; WALTON, 2007, p. 573.

Neobabilônico, pouco tempo antes de Judá ser invadida e grande parte de sua população ser deportada para a Babilônia.⁵ Outros autores, como Sayão, Coelho Filho, Lasor e Dillard e Longman III concordam com a data posterior a 625 a.C.

Sayão afirma que Habacuque redigiu o texto entre 609 e 597 a.C.⁶ Coelho Filho aponta que se pode presumir a data da atuação de Habacuque entre 607 e 606 a.C.⁷ No entanto, segundo Lasor, os relatos dos feitos militares dos caldeus no texto do profeta podem indicar que se trate de uma data após o ano de 605 a.C., época em que ocorreu a batalha de Carquêmis, quando os babilônios derrotaram os egípcios.⁸ Para Dillard e Longman III, o texto pode ser datado entre os anos 625 e 604 a.C., devido à menção às muitas conquistas babilônicas presentes no capítulo 2 e à referência à ascensão deste Império. Ainda segundo eles, da mesma forma é possível afirmar que o profeta foi contemporâneo de Sofonias, Naum, Jeremias e, talvez, também de Joel.⁹

Quanto à contemporaneidade em relação aos outros profetas, além da supracitada afirmação, Lopes e Coelho Filho apontam que Habacuque é contemporâneo de Jeremias.¹⁰ O segundo autor cita também que ele viveu no mesmo período de Sofonias.¹¹ Para Gusso e Lasor o profeta atua na mesma época de Sofonias e de Naum. Desta forma, no presente artigo optar-se-á pelo entendimento de que a atuação profética de Habacuque se deu, muito provavelmente, na mesma época dos profetas Jeremias, Sofonias e Naum, entre os anos 605 e 604 a.C.¹²

Este período foi bastante complicado para a nação de Judá. Sayão afirma que, além da ascensão da Babilônia, naquela época o povo já havia deixado de lado as reformas efetuadas pelo rei Josias. Havia muita maldade, opressão, injustiça e violência em Judá. O povo estava distante de Iavé. A injustiça e a impiedade imperavam na nação que deveria manifestar o reto e justo Deus.¹³

Conforme Lopes, o profeta viu uma situação incontrolável devido à corrupção do povo em diversas áreas: os ímpios tiravam vantagem dos justos, que eram tripudiados.¹⁴ Por isso, Habacuque questiona o Senhor sobre os motivos de sua permissão em relação a esta situação. Ou seja, ao contrário dos outros profetas de seu tempo, ele não se queixa do pecado do povo, mas da aparente falta de ação da parte de Deus.¹⁵ Segundo Lopes, ele não fala ao povo que se arrependa, mas questiona Deus acerca de sua inatividade diante de tamanha impiedade. Para o profeta não era motivo de espanto o pecado entranhado na nação, mas o silêncio e a falta de ação da parte de Deus diante da maldade e da injustiça.¹⁶

Além disso, causou ainda mais confusão na mente do profeta o fato de que Deus agiria por meio dos babilônios. Conforme Lasor, o problema para ele não era a presença ou não do poder soberano de Deus sobre aquela nação, e sim a sua ação por meio desta para castigar Judá, visto que era ainda mais injusta.¹⁷ Sobre essas duas questões, Lopes aponta que eram conflitos vividos pelo profeta. Segundo ele, as orações de Habacuque não haviam sido respondidas rapidamente e quando ele obteve as respostas elas o deixaram mais alarmado que antes, pois o Senhor lhe dissera que os sanguinários e truculentos babilônios viriam em

⁵ GUSSO, 2017, p. 101-102.

⁶ SAYÃO, 2008, p. 359.

⁷ COELHO FILHO, 1992, p. 17.

⁸ LASOR, 1999, p. 349.

⁹ DILLARD; LONGMAN III, 2006, p. 393.

¹⁰ LOPES, 2007, p. 15; COELHO FILHO, 1992, p. 17.

¹¹ COELHO FILHO, 1992, p. 17.

¹² GUSSO, 2017, p. 101; LASOR, 1999, p. 349.

¹³ SAYÃO, 2008, p. 359.

¹⁴ LOPES, 2007, p. 22.

¹⁵ COELHO FILHO, 1992, p. 17-18.

¹⁶ LOPES, 2007, p. 17-18.

¹⁷ LASOR, 1999, p. 351.

obediência ao chamado divino para atacar Judá.¹⁸

Conforme Lasor, mesmo o profeta estando consciente da situação caótica e cheia de impiedade de Judá, para Habacuque esta era incomparável com a maldade dos babilônios. Ainda segundo ele, era *essa* situação que causava tremores ao profeta.¹⁹ Hill e Walton também enfatizam que a questão de Habacuque era sobre como Deus, que é justo, poderia usar a terrível Babilônia como meio para punir o seu povo. Segundo estes autores, ele não colocava em dúvida a culpa dos judeus e sim uma possível aprovação divina das ações babilônicas, visto que Ele faria aquele povo vencer Judá.²⁰

Por causa destas queixas do profeta, muitos comparam-nas às de Jó.²¹ No entanto, ao contrário dele, Habacuque recebe uma resposta do Senhor para o seu questionamento. Esta culmina naquela que pode ser a afirmação-chave do livro: o justo viverá pela fé (2.4). O povo judeu que se mantivesse fiel, vivendo pela fé, seria restaurado, enquanto que a ímpia Babilônia cairia para nunca mais se levantar.²² Justamente por ter recebido esta resposta é que o profeta faz uma das orações mais belas do Antigo Testamento, presente no capítulo 3.

2. O SALMO DE HABACUQUE: CONFIANÇA NA FUTURA MANIFESTAÇÃO DA JUSTIÇA DIVINA

Diante da resposta do Senhor às suas queixas, Habacuque faz uma oração trazendo à memória os feitos divinos - o que lhe fortalece diante de sua realidade atual e do iminente sofrimento com o ataque babilônico. Segundo Lopes, o profeta vai do desespero e do temor à fé e à esperança.²³ Ou seja, após as exortações e promessas registradas nos dois primeiros capítulos, ele conclui seu livro com louvor e oração em profunda confiança na ação daquele que já havia realizado feitos poderosos e gratiosos.²⁴

Os primeiros capítulos apresentam um diálogo entre Deus e o profeta, isto é, suas queixas não deixam de ser orações direcionadas ao Senhor. Há, porém, claramente uma diferença entre as suas queixas dos primeiros capítulos e a oração confiante presente no capítulo três no que tange ao estilo.²⁵

Conforme Gusso, alguns tendem a pensar que não há uma unidade entre esse e os capítulos iniciais justamente por conta do estilo, uma vez que o terceiro capítulo se trata de um salmo.²⁶ Segundo Baker, devido à forma do início e do fim do capítulo, é possível inferir que durante certo tempo ele tenha circulado em separado ao restante do texto do profeta. Assim, ainda segundo esse autor, há a atribuição da autoria a Habacuque ou ao menos aceita-se que haja certa relação deste com a preservação do salmo.²⁷

Entretanto, para Gusso ainda que não se tenha uma unidade literária entre os três capítulos, é possível crer que eles são do mesmo autor.²⁸ Coelho Filho vai além e afirma categoricamente que o texto todo é de autoria de Habacuque e nele não há qualquer acréscimo feito por alguém além do profeta. Assim sendo, neste trabalho será considerado Habacuque como sendo o autor de todo o livro, inclusive do capítulo 3. Ou seja, ainda que haja uma clara mudança no estilo literário neste capítulo em relação aos demais, o autor é o mesmo: o profeta Habacuque.²⁹

Quanto ao estilo, conforme apontado anteriormente, o trecho se trata de um salmo. Não há motivos

¹⁸ LOPES, 2007, p. 21.

¹⁹ LASOR, 1999, p. 351.

²⁰ HILL; WALTON, 2007, p. 575.

²¹ DILLARD; LONGMAN III, 2006, p. 395.

²² LOPES, 2007, p. 21-22.

²³ LOPES, 2007, p. 137.

²⁴ FEINBERG, 1988, p. 218.

²⁵ COELHO FILHO, 1992, p. 65.

²⁶ GUSSO, 2017, p. 102.

²⁷ BAKER, 2001, p. 351.

²⁸ GUSSO, 2017, p. 103.

²⁹ COELHO FILHO, 1992, p. 68.

plausíveis para se duvidar disso. Gusso aponta que a palavra *selâ* é particular dos salmos.³⁰ Baker concorda com isto e acrescenta que este termo aparece três vezes no capítulo, nos versículos 3, 9 e 13. Para este autor, ele pode ser uma orientação litúrgica ou musical, mas cujo significado é desconhecido.³¹

Gusso também aponta que a expressão *shigyônôt*³² pode indicar um salmo de lamento.³³ Além disso, há a afirmação de que deveria ser acompanhado por um instrumento de corda sob a orientação de um mestre de música.³⁴ De acordo com Coelho Filho, *shigyônôt* “é o plural de *shiggâyôn*, que significa ‘cântico emotivo’”. Ele também diz que Habacuque 3 é muito semelhante ao salmo 7 em termos de estilo.³⁵ De acordo com Baker, *shigyônôt* é uma expressão rara, que é utilizada apenas em situações que denotam total dependência da fidelidade divina.³⁶

Percebe-se então que não se trata apenas de uma oração, mas de uma canção de Habacuque. Um salmo com fins litúrgicos no que tange à adoração expressa em cântico, acompanhado de instrumentos de corda (possivelmente uma harpa), que deveria ser regido por um músico profissional, conforme também aparece em outros cinquenta e cinco salmos.³⁷ Feinberg é concordante com a ideia de se tratar de um cântico e acrescenta que a palavra *shigyônôt* também já foi traduzida como “à maneira de elegias (*sic*)”, “um cântico”, “um balanceio”, ou “um cântico triunfal”. Ainda segundo ele, este termo deriva de um verbo cujo significado é “errar” ou “perder o rumo” e pode denotar a ideia de um cântico triunfal ou entoado com grande excitação.³⁸ Ou seja, segundo Lopes, Habacuque termina o seu livro cantando, ainda que o tenha iniciado aos prantos.³⁹

Mas esta canção triunfal de Habacuque não se baseou em uma mudança nas circunstâncias vividas pelo profeta e pelo povo, e sim em uma esperança na soberania de Deus, que prometera fazer justiça a seu tempo. Conforme Lopes, este cântico escrito por Habacuque aponta para o fato de que Deus é imutável.⁴⁰ Segundo ele, o que muda é o íntimo do profeta, a partir da lembrança acerca de quem Deus é e do que fizera no passado para o seu povo.⁴¹ Assim, esta bela canção de Habacuque tem como conteúdo o passado e o futuro - mais ainda, a soberania divina sobre ambos os períodos.

Este hino de louvor, portanto, inicia-se com um olhar para o passado. Conforme Lopes, Habacuque procura nos feitos divinos de outrora as bases para sua confiança no tempo presente, por meio de um retorno à história da redenção do povo hebreu, a fim de buscar forças para enfrentar as crises vividas pela nação.⁴² Coelho Filho aponta que, nos versículos 3 a 15, o profeta faz uma descrição bastante semelhante às teofanias do êxodo. Ou seja, ele traz à memória aquele feito do Senhor que deveria estar sempre presente na mente dos israelitas, a saber, o livramento da escravidão no Egito (Dt 6).⁴³

Lasor afirma que há um aparente olhar duplo do profeta: ora para o passado (Êxodo), ora para o futuro (o Dia do Senhor). No entanto, segundo esse autor, ainda assim há um anseio do profeta pela manifestação do poder divino diante da circunstância que estava vivendo e por isso ele ora por meio

³⁰ GUSSO, 2017, p. 106.

³¹ BAKER, 2001, p. 351.

³² As transliterações variam de acordo com os autores. Sendo assim, exceto em citações diretas, adotar-se-á a presente transliteração.

³³ GUSSO, 2017, p. 106.

³⁴ GUSSO, 2017, p. 106.

³⁵ COELHO FILHO, 1992, p. 65.

³⁶ BAKER, 2001, p. 351.

³⁷ BAKER, 2001, p. 351.

³⁸ FEINBERG, 1988, p. 218.

³⁹ LOPES, 2007, p. 122.

⁴⁰ LOPES, 2007, p. 147.

⁴¹ LOPES, 2007, p. 138.

⁴² LOPES, 2007, p. 147.

⁴³ COELHO FILHO, 1992, p. 71.

deste salmo.⁴⁴ O profeta usa técnicas literárias como a hipérbole, a ironia, a personificação e o símile para descrever as ações de Deus no Êxodo (passando pelo Sinai, pelas pragas, pela marcha no deserto, pela travessia do Mar Vermelho e do rio Jordão e pelo dia longo descrito em Josué). Desta forma, o terceiro capítulo faz uma contraposição ao primeiro.⁴⁵

Coelho Filho afirma que o relato da manifestação divina descrito por Habacuque e que remete ao do Êxodo constitui-se de uma lembrança da fé de que Iavé era um Deus que age e se manifesta na história tal qual fez no Êxodo.⁴⁶ Feinberg também afirma que o profeta busca na memória acerca dos feitos divinos na ocasião do êxodo um motivo para confiar na ação futura do Senhor. Segundo ele, para o profeta era certo que Deus se manifestaria para livrar os que o temessem das mãos dos seus opressores, tal qual agiu quando da saída do povo hebreu do Egito. Da mesma forma, Deus julgaria a nação inimiga de Judá - a Babilônia - assim como fizera com o Egito.⁴⁷

Assim, o profeta inicia seu salmo pedindo, no versículo 2, que as ações de livramento da parte de Deus também sejam avivadas, isto é, ocorram novamente. Desta forma, tanto o Senhor quanto sua obra tornar-se-iam conhecidos mais uma vez.⁴⁸ A partir de então, dos versículos 3 a 15, Habacuque relata de forma belíssima as teofanias do êxodo.

Conforme Coelho Filho, esta descrição do profeta acerca do Senhor se erguendo para julgar é altamente poética.⁴⁹ De acordo com Dillard e Longman III, Habacuque aponta o poder de Deus a partir de sua ação soberana sobre a natureza, agitando os céus e a terra e dominando sobre as águas caóticas. Ele aparece como um Guerreiro Divino com armas que usará para julgar as nações como já fizera no êxodo.⁵⁰

Percebe-se também que dos versículos 3 a 7 Habacuque discorre acerca dos feitos de Deus e dos versículos 8 a 15 ele fala diretamente com o Senhor sobre o mesmo assunto.⁵¹ Primeiramente, o profeta aponta que o Senhor vem de Temã e do monte Parã (v. 3). Este destaque é importante, visto que ambas são localidades edomitas e estão ligadas com a ação do Senhor na saída do povo hebreu do Egito e na conquista de Canaã.⁵² A seguir, o Senhor avança acompanhado por pragas e doenças terríveis, o que estava também associado ao relato do êxodo e ao encontro do povo com Deus no monte Sinai.⁵³

Nos versículos 8 a 15 é dito que o Guerreiro Divino, Iavé, causa temor e tremores pelo seu próprio ser e por suas ações.⁵⁴ Lopes afirma que, entre os versículos 8 a 11, a poesia de Habacuque tem como cenário a natureza e entre os versículos 12 a 15 o cenário é a História.⁵⁵ No entanto, algumas figuras se repetem em ambos os trechos. Por exemplo, no versículo 8 o profeta questiona se foi contra o mar que o Senhor cavalgou com seus cavalos e no versículo 15 ele afirma que Deus pisou o mar com seus cavalos. Outras figuras bélicas (como as flechas) e naturais (como as águas enfurecidas) aparecem ao longo dos versículos 8 a 15. Logo, parece não haver esta separação de cenários proposta por Lopes. É possível que seja mais plausível o relato da ação do Guerreiro Divino como uma unidade de pensamento dotada de figuras distintas (como as bélicas e as naturais) com recursos hiperbólicos e figurativos para ilustrar de forma poética esta ação.

No versículo 13, chama a atenção a expressão “ungido”. A quem ela se refere? Segundo Baker, ao povo

⁴⁴ LASOR, 1999, p. 353.

⁴⁵ LASOR, 1999, p. 353.

⁴⁶ COELHO FILHO, 1992, p. 73-74.

⁴⁷ FEINBERG, 1988, p. 219.

⁴⁸ BAKER, 2001, p. 351-352.

⁴⁹ COELHO FILHO, 1992, p. 73.

⁵⁰ DILLARD; LONGMAN III, 2006, p. 395.

⁵¹ BAKER, 2001, p. 355.

⁵² BAKER, 2001, p. 353.

⁵³ BAKER, 2001, p. 354.

⁵⁴ BAKER, 2001, p. 355.

⁵⁵ LOPES, 2007, p. 150.

judeu, embora geralmente esta palavra seja usada em referência a uma pessoa. Ele aponta também que este versículo é chave para entender a relação do capítulo 3 com os anteriores. Para ele, esse salmo, bem como as teofanias presentes nele, apontam para o cuidado de Deus para com o povo e também para a certeza de seu juízo para os que oprimem seus escolhidos. Ou seja, as queixas feitas por Habacuque anteriormente são respondidas por meio da lembrança do constante cuidado de Deus, bem como de sua justiça. A resposta do Senhor ao questionamento do profeta era, portanto, que o seu povo seria salvo.⁵⁶

Após o relato memorial dos feitos do Senhor quando da ocasião do êxodo, segundo Baker, no versículo 16 há novamente uma mudança em relação à pessoa que fala, de forma que se trata do próprio profeta falando na primeira pessoa sobre suas experiências pessoais.⁵⁷ Conforme Feinberg, percebe-se também que este versículo encerra um ciclo de pensamento iniciado no versículo 2. Ele afirma que há uma confiança e também um terror no coração do profeta, visto que ele está ciente do que virá, mas semelhantemente está em comunhão com Deus e certo de que o Senhor cumprirá suas promessas.⁵⁸

Dillard e Longman III afirmam que houve uma resignação por parte do profeta, mas esta se deu de forma confiante nos feitos divinos do passado.⁵⁹ O profeta recebe respostas do Senhor às suas dúvidas e isto faz com que profira uma vigorosa declaração de fé.⁶⁰ O relacionamento de Habacuque com Iavé era deveras íntimo, de forma que ele é capaz de questionar ao Senhor, mas também de depositar sua fé nele com a certeza de que agirá com responsabilidade.⁶¹

Assim, diante da lembrança do que o Senhor fizera outrora, o profeta demonstra depositar sua confiança na vontade soberana de Deus. Segundo Coelho Filho, para o profeta não se tratava de algo que *poderia* acontecer e sim que era certo que ocorreria. Habacuque não tinha dúvida de que os babilônios iriam trazer grande sofrimento e destruição para Judá, mas ainda assim não perdeu sua fé.⁶² Muitas coisas faltariam por causa da iminente desgraça, mas também não seria encontrado desespero e inconformismo em Habacuque; haveria fome por ocasião da guerra, mas também haveria fé no coração do profeta.⁶³ Sobre esta fé inabalável demonstrada por ele, Coelho Filho aponta que há beleza e força na declaração de fé de Habacuque. Ela foi feita em um momento de grande crise devido à fome, a qual era a verdadeira adversária dos povos do Oriente, bem como nos dias atuais.⁶⁴

Portanto, a fé apresentada por Habacuque não ocorre diante de uma incerteza ou dúvida acerca do futuro. Há uma clara e manifesta certeza de que o pior cenário possível seria vivido muito em breve. Ainda assim, ele afirma que permaneceria exultando no Senhor apesar dos pesares. Ou seja, ele apresenta fé diante da certeza de um sofrimento iminente. Segundo Baker, o profeta entende que a sua subsistência não dependia, em última instância, da economia agrícola, mas do Senhor que é a fonte dos frutos da produção agrícola. Sua confiança não se dá em uma possível fraqueza dos opressores, mas no relacionamento de Deus com ele e com o seu povo.⁶⁵

Aparentemente, o povo dependia das lavouras e dos rebanhos para a sua sobrevivência. No entanto, conforme Lopes, Habacuque compreende que a dependência não vinha destas fontes, mas da fonte de todas elas, isto é, o Deus sustentador das lavouras e dos rebanhos. A sua confiança “não estava na provisão, mas no Provedor. Os recursos da terra podem falhar, mas Deus jamais falhará”.⁶⁶

⁵⁶ BAKER, 2001, p. 358.

⁵⁷ BAKER, 2001, p. 359.

⁵⁸ FEINBERG, 1988, p. 222.

⁵⁹ DILLARD; LONGMAN III, 2006, p. 395.

⁶⁰ BAKER, 2001, p. 359-360.

⁶¹ BAKER, 2001, p. 360.

⁶² COELHO FILHO, 1992, p. 86.

⁶³ COELHO FILHO, 1992, p. 86.

⁶⁴ COELHO FILHO, 1992, p. 85-86.

⁶⁵ BAKER, 2001, p. 360-361.

⁶⁶ LOPES, 2007, p. 152.

Assim, o salmo de Habacuque encerra-se com uma total afirmação de fé.⁶⁷ Coelho Filho demonstra que em seu salmo Habacuque exulta em confiança ao cumprimento das promessas do Senhor, embora tenha iniciado o livro com dúvidas acerca da capacidade divina em governar o mundo. Para esse autor, assim como ocorreu com o profeta, as crises dos cristãos se dão por ocasião de sua compreensão distorcida de Deus e, por isso, é preciso crer em Iavé e conhecê-lo.⁶⁸

Por fim, o profeta não apenas demonstra confiar no Senhor, mas também alegrar-se nele. Ele não iria somente depositar sua fé no Senhor mesmo em meio ao sofrimento, mas sentiria-se alegre. O Senhor era para ele um motivo de júbilo ultracircunstancial.⁶⁹ Conforme este mesmo autor, Habacuque finda o seu livro com uma exclamação de alegria e exultação no Senhor. Ainda segundo Lopes, a fé leva o cristão da dúvida e angústia à presença do Senhor que tudo governa e, por isso, crer é também um ato de exultação.⁷⁰

3. A CONTEMPORANEIDADE DO SALMO DE HABACUQUE: CONFIANÇA E FIDELIDADE MESMO EM MEIO À APARENTE IMPUNIDADE

O livro de Habacuque como um todo tem uma mensagem deveras oportuna para os tempos atuais, em especial para os cristãos brasileiros. Coelho Filho (1992, p. 18) afirma que a mensagem deste profeta é totalmente atual, pois, segundo ele, as dúvidas de Habacuque são bastante semelhantes às de um jovem estudante universitário ou de um intelectual que é também um questionador. Gusso também afirma que a falta de compreensão da aparente inação de Deus por parte do profeta é perceptível em muitas pessoas na atualidade.⁷¹

Embora seja preciso guardar as devidas proporções e estar ciente de que se tratam de contextos históricos diferentes, é muito fácil traçar um paralelo entre a realidade de Habacuque e a dos cristãos brasileiros da atualidade. Assim como o povo de Judá, a nação brasileira padece de uma impunidade quase que institucionalizada. E quando se olha para possíveis soluções para superar esta dura realidade, não parece ser possível encontrá-las.

Conforme um levantamento do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), cerca de 32% dos casos julgados no Brasil entre os anos de 2015 a 2018, em especial de homicídios, terminaram sem um veredicto após terem tramitado por oito anos e meio, em média (MONTENEGRO, 2021, On-line). No mesmo período, “14% de todos os crimes levados a júri popular no Brasil prescreveram” (MONTENEGRO, 2021, On-line). Entre 2014 e 2018, ocorreram 305 mil assassinatos no Brasil, mas apenas 136 mil ações penais foram iniciadas no mesmo intervalo de tempo (MONTENEGRO, 2021, On-line). Ao final de 2018, havia julgamentos de homicídios culposos que tramitavam há seis anos e meio, sem contar o tempo decorrido entre o crime e a data de início do julgamento (MONTENEGRO, 2021, On-line).

De acordo com Montenegro (2021, On-line), a impunidade ocorre, principalmente, devido à demora para que o crime seja julgado. Por exemplo, há grandes chances de um homicida não pagar pelo crime cometido ainda que venha a ser levado a júri popular. Ele aponta ainda que dentre aquelas 136 mil ações penais supracitadas, apenas 48% delas resultam em condenação, 32% nas chamadas “extinções de punibilidade” e o restante em absolvição.⁷²

Já foi demonstrado neste trabalho que Habacuque estava diante de um tempo de grande injustiça. No entanto, é muito pertinente apontar aqui o que fala Feinberg acerca daquele tempo a fim de uma comparação com os apontamentos de Montenegro, acima citado:

⁶⁷ LOPES, 2007, p. 151.

⁶⁸ COELHO FILHO, 1992, p. 77.

⁶⁹ LOPES, 2007, p. 153.

⁷⁰ LOPES, 2007, p. 155.

⁷¹ GUSSO, 2017, p. 102.

⁷² MONTENEGRO, 2021, on-line.

A Lei era afrouxada (literalmente, congelada), tornada inefetiva, paralisada. Chegou a ser considerada como não tendo força ou autoridade. Por força de juízes injustos, a Lei era desprezada. Visto que as formas de julgamento estavam corrompidas, tanto a vida como a propriedade não tinham segurança. A justiça não podia prevalecer porque os maus sabiam como cercar o justo por todos os lados, de sorte que não pudesse receber o que lhe era devido. O erro judicial era a ordem do dia. Mediante processos fraudulentos, os ímpios enganavam o justo, pervertendo todo direito e toda a honestidade. Considerando que Deus não punia o pecado de imediato, os homens pensavam que poderiam continuar nele impunemente.⁷³

Não à toa, Lopes e Coelho Filho traçam um paralelo entre o livro de Habacuque e a atual realidade brasileira. Conforme Lopes, há uma grande semelhança entre os temas tratados pelo profeta e as manchetes dos jornais da atualidade, de forma que é como se sua voz permanecesse audível ainda hoje.⁷⁴ Por isso, para Coelho Filho, o texto do profeta pode auxiliar os cristãos brasileiros da atualidade devido a essa aparente impunidade, bem como ao fato de a corrupção ter sido institucionalizada.⁷⁵ Conforme Lopes, o livro - e em especial o salmo - do profeta Habacuque pode ensiná-los a fazer a transição da dúvida para a fé.⁷⁶ Esta fé não consiste em uma forma de fugir da dura realidade que se apresenta, mas uma maneira correta de enfrentá-la.⁷⁷

Segundo Coelho Filho, é comum que pessoas honestamente questionadoras expressem confiança até mais do que outras que nunca manifestaram qualquer dúvida.⁷⁸ Por isso, segundo Lopes, a fé pode emergir da dúvida e se ancorar em Iavé.⁷⁹ Baker aponta que esta mudança é claramente perceptível na vida do próprio profeta Habacuque, pois ele vai da dúvida quanto à ação justa de Deus até a confiança na provisão divina.⁸⁰ Há o ensino por parte dele de que a fé viva - e não um pensamento positivo - é a resposta correta à crise.⁸¹

Portanto, percebe-se que não há uma exortação negativa em relação às dúvidas de Habacuque. Pelo contrário, o Senhor responde ao profeta e é justamente nesta resposta que ele firma sua fé mediante a recordação dos feitos divinos do passado. Conforme Coelho Filho, em Habacuque encontra-se a lição de que a razão não é anulada pela fé, mas esclarecida por meio dela. A ideia de que “questionar é pecado” é pagã e não bíblica. Segundo esse autor, Deus deseja que as pessoas usem a razão de forma adequada, levando suas dúvidas a Iavé confiantes de que ele pode compreendê-las e dirigir-lhes.⁸²

As queixas, dúvidas e incertezas do profeta encontram respostas nos feitos divinos do passado e nas promessas para o futuro. Coelho Filho aponta que o fato de Habacuque trazer à memória os feitos divinos no passado é de suma importância para o profeta. Ainda segundo ele, é muito bom recordar acerca das bênçãos recebidas outrora, visto que é bastante comum que as pessoas esqueçam o que Deus fez por elas e se entreguem à aflição.⁸³ Conforme Feinberg, ainda que as bênçãos cessassem, o profeta confiaria no Senhor, visto que havia encontrado nele uma resposta para todos os seus problemas.⁸⁴ E isto serve de advertência para os tempos atuais. Lopes também aponta que a mudança na mente do profeta é produzida pelas obras divinas, isto é, a convicção acerca da ação soberana de Deus na vida de seu povo.⁸⁵

Esta recordação dos feitos divinos no passado e a certeza do cumprimento de suas promessas no

⁷³ FEINBERG, 1988, p. 209.

⁷⁴ LOPES, 2007, p. 12.

⁷⁵ COELHO FILHO, 1992, p. 13.

⁷⁶ LOPES, 2007, p. 16.

⁷⁷ LOPES, 2007, p. 139.

⁷⁸ COELHO FILHO, 1992, p. 83.

⁷⁹ LOPES, 2007, p. 154.

⁸⁰ BAKER, 2001, p. 361.

⁸¹ COELHO FILHO, 1992, p. 86.

⁸² COELHO FILHO, 1992, p. 18.

⁸³ COELHO FILHO, 1992, p. 84.

⁸⁴ FEINBERG, 1988, p. 223.

⁸⁵ LOPES, 2007, p. 10.

futuro mostram-se de suma importância em tempos de sensação de impunidade. Ainda que enfrente esta realidade no presente, o cristão brasileiro pode trazer à memória os feitos divinos, a obra redentora de Cristo e as promessas bíblicas do justo julgamento divino sobre toda a humanidade (1Pe 4.5; 2Tm 4.1). Ele pode confiar mesmo em meio à injustiça e à impunidade, pois é sabedor de que Deus é o Senhor da História. Sobre isso, Lopes afirma que os cristãos podem e devem voltar-se para a Bíblia, a fim de lembrarem que lavé ainda reina sobre a História e sobre todos os governantes ao longo dela.⁸⁶

Por fim, cabe apontar três destaques em relação ao texto oferecidos por Lopes, a saber: 1) “quando tudo parece perdido, com Deus ainda não está perdido”; 2) “quando chegamos no final dos nossos recursos, os recursos de Deus ainda estão disponíveis” e 3) “quando a crise nos encurrala, precisamos olhar para o alto”.⁸⁷

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o presente artigo mostrou que os filhos de Deus podem manter-se firmes no Senhor mesmo em tempos de crise e de aparente impunidade. Isto foi visto em especial no salmo presente no capítulo 3 de Habacuque. No entanto, vale frisar que a sensação de impunidade é apenas aparente porque é possível perceber tanto nas orações de Habacuque quanto em seu salmo que o Senhor não está alheio à injustiça. Ele há de julgar em seu tempo.

O profeta começa questionando a Deus acerca da impunidade que lhe era visível, mas termina certo de que a justiça divina ocorrerá. Ele deposita sua fé no Deus que é o justo juiz prestes a iniciar o julgamento. E esta fé não é uma forma de fideísmo, mas se baseia nos feitos divinos do passado e em suas promessas futuras como uma resposta aos questionamentos acerca da ação divina diante desta dura realidade. Dillard e Longman III resumem esta certeza por meio das seguintes palavras:

Paulo ensinava à igreja primitiva que Jesus chama os seus seguidores para uma vida de fé. Paulo invocou Habacuque 2.4 em seu argumento de que a justiça do primeiro ao último, para Abraão, Jó, Habacuque e para todos - se revela pela fé (Rm 1.17). Embora vivamos num mundo atual perverso (Gl 1.4), ‘o justo viverá pela fé’ (Gl 3.11). A fé é ‘a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem’ (Hb 11.1). Os antigos foram louvados por sua fé em Deus quando todas as circunstâncias conspiravam para afirmar que tal fé não seria recompensada (Hb 11.2-40). Nós também somos chamados àquela mesma vida de fé, porque Deus ainda virá como o Guerreiro Divino e justificará o seu nome (Ap 19.11-16).⁸⁸

REFERÊNCIAS

BAKER, David W. *et al.* **Obadias, Jonas, Miqueias, Naum, Habacuque e Sofonias**: introdução e comentário. Tradução de Robinson Malkomes *et al.* São Paulo: Vida Nova, 2001. 410 p.

COELHO FILHO, Isaltino Gomes. **Habacuque**: nosso contemporâneo - um estudo contextualizado do livro de Habacuque. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1992. 99 p.

DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Tradução de Sueli da Silva Saraiva. São Paulo: Vida Nova, 2006. 473 p.

FEINBERG, Charles L. **Os profetas menores**. Tradução de Luiz A. Caruso. Miami, EUA: Vida, 1988. 350 p.

GUSSO, Antonio Renato. **Os profetas menores**: introdução fundamental e auxílios para a interpretação. Curitiba: ADSantos, 2017. 184 p.

HILL, Andrew E.; WALTON, John H. **Panorama do Antigo Testamento**. Tradução de Lailah de Noronha. São Paulo: Vida, 2007. 684 p.

⁸⁶ LOPES, 2007, p. 138.

⁸⁷ LOPES, 2007, p. 138-139.

⁸⁸ DILLARD; LONGMAN III, 2006, p. 396.

LASOR, Willian Sanford *et al.* **Introdução ao Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1999. 851 p.

LOPES, Hernandes Dias. **Habacuque**: como transformar o desespero em cântico de vitória. São Paulo: Hagnos, 2007. 157 p.

MONTENEGRO, Manuel Carlos. **Juízes do Tribunal do Júri correm contra o tempo e impunidade de assassinos**. Brasília: Agência CNJ de notícias, 2021. On-line. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/juizes-do-tribunal-do-juri-correm-contra-o-tempo-e-impunidade-de-assassinos/>. Acesso em: 07 set. 2022.

SAYÃO, Luiz. **Rota 66**: Antigo Testamento - manual de apoio do comentário bíblico falado. São Paulo: Rádio Trans Mundial, 2008. 383 p.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional

O “DIA DE YHWH” COMO TEOFANIA: JUÍZO E GRAÇA NO LIVRO DE SOFONIAS

The “Day of YHWH” as Theophany: Judgment and Grace in the Book of Zephaniah

Me. Lucas Rangel de Castro Soares¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar como o tema do “Dia de YHWH” se relaciona com o conceito de teofania em Sofonias. O trabalho está estruturado em três partes principais, sendo a primeira a que se ocupa em discutir questões contextuais do livro e do tempo de Sofonias. A segunda parte trata do conceito de teofania e de como ele se aplica ao quadro do “Dia de YHWH” que o profeta pinta em seu texto. Por fim, é analisada a maneira como o profeta lida com a teofania do “Dia de YHWH” como expressão histórica e escatológica tanto da ira quanto da graça de Deus. O artigo termina considerando possíveis rumos da pesquisa e suas implicações.

Palavras-chave: Dia de YHWH. Dia do SENHOR. Teofania. Juízo. Graça.

ABSTRACT

This article aims to analyze how the theme of “Day of YHWH” is related to the concept of theophany in Zephaniah. This paper is structured in three main sections, the first one discusses contextual issues of Zephaniah’s book and time. The second section works with the concept of theophany and how it applies to the picture of the “Day of YHWH” that the prophet draws in his text. Finally, this paper analyzes the way the prophet arranges the theophany of “Day of YHWH” as a historical and eschatological expression of both god’s wrath and grace. This article ends by considering possible directions of the research and its implications.

¹ Mestre em Teologia pela FABAPAR (Curitiba, Brasil) e doutorando em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Professor de teologia e diretor da Escola de Teologia da Faculdade Batista do Rio de Janeiro/Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil (Rio de Janeiro). E-mail: <prlucastrangel@gmail.com>, Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0375638476427222> e ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7523-9188>.

Keywords: Day of YHWH. Day of the LORD. Theophany. Judgment. Grace.

INTRODUÇÃO

Dentre todos os profetas canônicos, Sofonias se destaca por sua ênfase no “Dia de YHWH”. Sua profecia, gira em torno deste tema e, proporcionalmente, seu livro é o que mais vezes lida com ele: são 34 ocorrências a cada mil palavras do livro de termos relacionados ao “Dia de YHWH”. A título de comparação, o segundo livro que mais vezes usa termos relacionados com o “Dia de YHWH” é Zacarias com 15 das expressões pesquisadas para cada mil palavras do livro.²

É especialmente difícil de definir o “Dia de YHWH” enquanto conceito teológico. Neste mister, o livro de Sofonias tem contribuições significativas a dar. Como diz Robertson, “Sofonias poderia ter alguma coisa diferente a oferecer. O consenso geral de que o Dia do SENHOR envolve uma teofania, na qual Deus manifesta seu poder, pode servir como ponto de partida para a compreensão do Dia”.³ Por esta razão, esta pesquisa buscará analisar de que maneira o profeta desenvolve o conceito do *yôm* YHWH como uma teofania que revela justiça e graça divinas.

O argumento é estabelecido a partir da teologia bíblica do livro e por pesquisa bibliográfica. O levantamento de dados não levou em conta apenas às ocorrências ou passagens onde consta o uso explícito de יום יהוה, mas foi levado em consideração que este é o tema unificador de todo o livro e, por isso, é abordado mesmo quando não de forma explícita. Também quanto à metodologia empregada, é importante destacar que este artigo não tem a pretensão de cobrir todo o material do profeta como faria um comentário exegetico. Deste modo, o texto é estruturado de maneira temática e não seguindo estritamente as divisões e fluxos de pensamento do texto, ainda que a intenção seja exprimir o sentido dos textos mencionados a partir de seu contexto teológico e sentido exegetico.

O artigo é estruturado em três partes principais: a primeira trata de questões introdutórias acerca do livro de Sofonias. O objetivo desta seção é ambientar o leitor às discussões relativas ao contexto geral em que o tema “Dia de YHWH” é empregado pelo profeta e, em linhas gerais, de que maneira seu argumento é desenvolvido. A segunda parte busca apontar os indicativos para o “Dia de YHWH” como teofania presentes em Sofonias. É definido o termo “teofania” e apresentadas as maneiras pelas quais a manifestação de Deus, por vezes histórica, por vezes escatológica, mas sempre futura, resume a expectativa profética pelo “grande Dia de YHWH”. Por fim, é discutido no último capítulo de que maneira será a manifestação divina “naquele dia”. Seguindo a tradição dos profetas, Sofonias apresenta a intervenção futura de YHWH como execução de seu juízo contra a impiedade, mas também a expressão de sua graça que redime o remanescente fiel de Israel e das nações.

1. VISÃO GERAL DE SOFONIAS

Para que seja possível analisar o uso que Sofonias faz da expressão “Dia de YHWH”, é preciso investigar o contexto de seu livro. Da mesma maneira, é importante buscar responder questões sobre autoria, data e local relacionadas a este texto, com vistas ao levantamento do *Sitz im Leben* que circunda o profeta e seu livro.

1.1 AUTOR

O primeiro versículo do livro de Sofonias diz: “Palavra do SENHOR que veio a Sofonias [...]” (Sf 1.1). Isto indica que, no texto que se segue, estão registradas as palavras que Sofonias recebera de YHWH. Não há razão para se acreditar que a profecia de Sofonias houvesse sido registrada por outro escritor que

² Levantamento realizado valendo-se da ferramenta de pesquisa do SOFTWARE Bíblico Logos. 9.11 SR-1. [S. l.]: Faithlife, LLC, 2022. Disponível em: <https://www.logos.com/>. Acesso em: 23 fev. 2022.

³ ROBERTSON, Palmer. **Naum, Habacuque e Sofonias**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 336-337.

não ele mesmo. O nome Sofonias (hb. סְפַנְיָא *šapanyâ*⁴) deriva da raiz hebraica *špn* (hb. צַפַּן) que carrega o sentido de “ocultar, esconder, entesourar”⁵ e da forma reduzida *yâ* (hb. יָא), podendo significar “YHWH guarda”⁶, “aquele que YHWH oculta” ou “o escondido de Yahweh”.⁷

Há no Antigo Testamento outros três personagens com o mesmo nome: o sacerdote Sofonias filho de Maaseias, um judeu que retornou do exílio babilônico, e um membro de uma família de cantores.⁸ Estes três homens cujos nomes são idênticos ao do profeta Sofonias são identificados como pertencentes a outros momentos históricos do povo de Judá. Por esta razão, não há que se confundir nenhum destes com o autor do nono livro dentre os profetas menores.

Digna de nota é a ascendência de Sofonias mencionada no sobrescrito de seu livro: “[...] Sofonias, filho de Cusi, filho de Gedalias, filho de Amarias, filho de Ezequias[...]” (Sf 1.1). Entre os profetas, não é comum uma descrição familiar tão extensa. Como destaca Palmer Robertson:

O sobrescrito traça a linhagem de Sofonias através de Gedalias e Amarias até o tetravô do profeta, Ezequias. O registro de genealogia tão extensa é ímpar entre os livros proféticos. Oito dos profetas não têm histórico familiar registrado, o que é apropriado à função distintiva do profeta como uma “voz” (cf. Is 40.3; Jo 1.23). Seis dos profetas têm apenas os nomes de seus pais registrados, e Sofonias é identificado pela referência de seu pai e avô.⁹

Fica a pergunta acerca da razão que levou ao registro desta genealogia no início deste livro. Significativo é o nome do trisavô do profeta. Seria este Ezequias o piedoso rei de Judá que reinou entre os anos 726 a 697 a.C.? Se assim for, “Sofonias seria o único profeta do Antigo Testamento com [...] parentesco real”.¹⁰ O fato de não haver associação do título real ao nome de Ezequias pode se justificar pelo fato de ser o profeta amplamente reconhecido em seus dias como pertencendo à família real.¹¹ Por outro lado, a ausência de qualquer menção a um filho de Ezequias chamado Amarias e a leitura apresentada na *Peshitta* que substitui Ezequias por Hilquias, faz com que este ponto permaneça em aberto.¹²

No mais, pouco se pode saber sobre Sofonias, o profeta. As evidências internas sugerem conhecimento da realidade da cidade de Jerusalém (Sf 1.10-11) e profunda consciência da condição de infidelidade na qual o povo de Deus se encontrava em seu tempo (Sf 1.9; 3.1-7). A afirmação de que seu ministério profético estava em próxima relação com a reforma religiosa promovida por Josias, ainda seja possível, não parece coadunar com o terrível aviso de destruição que o profeta emite em sua obra.

1.2 DATA

A indicação do momento histórico em que a profecia de Sofonias foi proclamada é clara: “[...] nos dias de Josias, filho de Amom, rei de Judá” (Sf 1.1). Josias foi o último monarca piedoso do Reino do Sul. Seu reinado se iniciou quando tinha apenas oito anos de idade e durou trinta e um anos (2Rs 22.1). Este período é narrado em 2 Reis 22 a 23 e 2Cr 34-35 e compreende o período entre os anos 640 e 609 a.C.

No ano de 622 a.C., durante o décimo oitavo ano de seu reinado, Josias promoveu uma reforma religiosa que reestabeleceu o culto a YHWH no templo de Jerusalém, redescobriu a Lei de Moisés e procurou eliminar as práticas idólatras promovidas por Manassés durante seu reinado.¹³ Nesta direção está

⁴ Este trabalho segue o padrão para transliteração definido em **THE SBL Handbook of Style**. 2.ed. Atlanta: SBL Press, 2014, p. 56-57.

⁵ SWEENEY, Marvin A. **Zephaniah**: a commentary. Minneapolis: Fortress Press, 2003, p. 47.

⁶ PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco & Desenvolvimento no Antigo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2014, p. 770.

⁷ ROBERTSON, 2011, p. 318.

⁸ LOPES, Hernandes Dias. **Naum e Sofonias**: justiça e graça. São Paulo: Hagnos, 2019, p. 69.

⁹ ROBERTSON, 2011, p. 319.

¹⁰ PINTO, 2014, p. 770.

¹¹ MOTYER, J. Alec. Zephaniah. In: MCCOMISKEY, Thomas Edward (org.). **The Minor Prophets**: An exegetical and expository commentary. Grand Rapids: Baker Academic, 2009, p. 898.

¹² SWEENEY, 2003, p. 48.

¹³ O livro de Crônicas explica que o movimento de Josias contra a idolatria e a favor da restauração do culto a YHWH deu início no oitavo ano de seu reinado (2Cr 34.3-7). No retrato do cronista, Josias primeiro se volta para Deus, depois se esforça por eliminar os altares idólatras espalhados por Judá e também por regiões que antes faziam parte do Reino do Norte. No décimo oitavo ano, as ações de Josias se voltam

o argumento de Carlos Osvaldo C. Pinto quando diz:

Uma data após 622 a.C., quando a reforma começou, é sugerida pelas três observações que se seguem. Em primeiro lugar, o fato de alguns [possivelmente, os filhos do rei] usarem roupas estrangeiras demonstra influência egípcia (cf. 1.8). Em segundo lugar, a ausência de qualquer menção à Babilônia, associada à notícia do julgamento contra Nínive, indica uma época em que aquela ainda não tinha grande visibilidade internacional, e esta era preparada para o julgamento (cf. 2.13s.). Por fim, a maneira como Sofonias descreve Jerusalém e seus pecados é semelhante à de Jeremias, indicando as mesmas condições morais e espirituais em que a maioria do povo vivia, apesar das reformas superficiais alcançadas por Josias (compare Sofonias 3.4 com Jeremias 8.8,9, por exemplo). [...] A frase "o resto de Baal" (1.4) pode ser o indicador histórico definitivo da data proposta acima, pois sugere não apenas que alguma medida de purificação religiosa já havia ocorrido, mas também que operações de limpeza ainda eram necessárias.¹⁴

No capítulo segundo, o livro de Sofonias prevê a queda de Nínive, a grande capital do Império Assírio (Sf 2.13-15). Esta profecia encontra seu cumprimento no ano 612 a.C. quando Nínive é derrotada pelos exércitos babilônicos.¹⁵ A tese de *vaticinium ex eventu* neste caso faria do livro de Sofonias uma obra irrelevante para seus contemporâneos que se deslumbrariam diante da queda da opressora Nínive olhando este acontecimento (já no passado) um ato de livramento de Deus e não um fato relacionado com o juízo de Deus contra o seu próprio povo eleito. Portanto, deve-se considerar que o livro de Sofonias foi escrito entre a reforma de Josias (622a.C.) e a queda de Nínive (612a.C.).

1.3 LOCAL

É possível assumir que Sofonias estivesse estabelecido em Jerusalém e que de lá teria emitido sua profecia. Isto ganha ainda mais plausibilidade se for assumida a possibilidade de Sofonias ser membro da família real judaíta¹⁶. Logo no quarto verso do livro encontra-se a expressão מִן־הַמַּאֲוָה (min-hammāqôm hazzeh), que pode ser traduzido como "deste lugar". Estes termos, surgindo logo após a menção a Judá e a Jerusalém, indicam que Sofonias escreve de Jerusalém. Além disso, Motyer destaca que "[maqôm] (lugar) é um termo semitécnico para santuário ou lugar de adoração (Dt 12.5; 1Rs 8.29-30). Aqui, a referência pode ser a Jerusalém ou ao templo".¹⁷ As alusões a locais específicos da cidade de Jerusalém (Sf 1.10-11) podem indicar também que o profeta tenha ali vivido.¹⁸

1.4 CONTEXTO

Outra questão introdutória relevante para subsidiar a análise do tema "o Dia de YHWH" no livro de Sofonias é o contexto em que o profeta e seus ouvintes/leitores originais viveram. Alguém poderia defender que se falasse de contextos ao invés de contexto. Contudo, é claro o fato que as idiosincrasias dos dias do Rei Josias não devem ser classificadas em divisões estanques. A realidade geopolítica é influenciada pela condição religiosa que também é influenciada por aquela. As circunstâncias econômicas, muitas vezes decorrem das relações de Judá com seus vizinhos ou de fatores naturais. Sendo assim, preferiu-se uma análise do contexto no sentido do que integra os diversos fatores conjunturais que sejam relevantes para a reconstrução da realidade que envolve o texto estudado.

O momento histórico em que a profecia de Sofonias é proclamada é o reinado de Josias. Este período é caracterizado como um tempo de reformas em contraste com a profunda degradação e perversidade dos dois reinados anteriores. O longo reinado de Manassés (687-642 a.C.) concentrou um esforço sem

para o templo de Jerusalém que foi reformado e restaurado para a adoração do Senhor (2Cr 34.8-13).

¹⁴ PINTO, 2014, p. 769.

¹⁵ ROBERTSON, 2011, p. 51.

¹⁶ Esta designação para os habitantes de Judá no período do Reino dividido é justificada em RIBEIRO, Andréa Bernardes de Tassis. Novas definições terminológicas para entender a História de Israel. *Sacrilegens*, v. 13, n. 2, pp. 111-124, Jul-Dez 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/26907>. Acesso em: 07/02/2022. p. 116.

¹⁷ MOTYER, 2009, p. 912.

¹⁸ PINTO, 2014, p. 770.

precedentes em favor da idolatria chegando ao ponto de profanar o templo de Jerusalém com “altares a todo o exército dos céus” (2Rs 21.5) e um poste-ídolo (hb. הָאֲשֵׁרָה *hā’āšērā*, lit. Aserá) inseridos no Santuário (2Rs 21.7). Manassés chega ao ponto de sacrificar seu próprio filho aos ídolos, a semelhança de seu avô Acáz (2Rs 21.6; 2Cr 33.6). O relato que se encontra no livro dos Reis é taxativo: Manassés não apenas se corrompeu, mas conduziu o povo de Judá a práticas mais perversas do que as dos povos cuja destruição eles testemunharam (2Rs 21.9,16).

Apenas o cronista apresenta o episódio em que Manassés foi aprisionado pelo exército assírio (2Rs 33.10-11). Após arrependimento e clamor a YHWH, o ímpio rei foi libertado e voltado atrás em suas práticas idólatras (2Cr 33.12-15). Contudo, a influência das práticas idólatras antes promovidas por Manassés perante o povo se manteve, gerando sincretismo religioso (2Cr 33.16).

Em 642 a.C., Amom sucedeu seu pai Manassés no trono de Jerusalém, tendo reinado apenas dois anos. Ainda que breve, seu reinado seguiu a infidelidade de seu antecessor, tendo sido destituído por um golpe levado a cabo por seus servos que o mataram em sua casa (2Rs 21.19-23). Apesar desta tentativa de interrupção da linhagem real, o povo se voltou contra os assassinos de Amom e coroaram Josias, filho de Amom que tinha apenas oito anos de idade quando assumiu o reinado em Judá (2Rs 21.24-22.1).

As reformas promovidas por Josias procuravam desfazer todo o aparato idólatra patrocinado por seu pai e seu avô. Durante sua tentativa de restauração da religião do povo de Deus, Josias procurou eliminar do meio do povo os mesmos pecados que Sofonias condena como motivo pelo qual YHWH derramará sua justa ira contra Judá. É digno de nota que as reformas de Josias foram insuficientes. A iniquidade que marcou os reinados de Manassés e Amom estavam tão profundamente arraigados na vida do povo que uma reforma institucional não surtiria os efeitos intencionados pelo rei e por profetas como Jeremias e Sofonias. Para desgracia de Judá, a reforma de Josias iniciou-se tardiamente e cessou com sua morte. Como dito pela profetisa Hulda, o juízo divino pela iniquidade do povo se aproximava (2Rs 23.14-20; 2Cr 34.22-28).¹⁹

No campo político, desde os últimos dias de Manassés, já era perceptível o ocaso do Império Assírio pelo desencadeamento de uma séria de rebeliões a partir da emancipação do Egito do controle de Nínive em 653 a.C. As lacunas de poder deixadas pelos assírios provocaram uma escalada militar entre as novas forças emergentes, sobretudo Egito e Babilônia. O enfraquecimento do poder imperial permitia que os judaítas desfrutassem de relativa independência para levar adiante seus negócios internos. Josias deixa clara a posição de Judá na nova configuração geopolítica do Crescente Fértil de não se submeter ao controle egípcio. Acerca disso, John MacArthur comenta:

Em termos políticos, a transferência iminente do poder mundial das mãos dos assírios para os babilônios enfraqueceu o domínio exercido por Nínive sobre Judá, fazendo soprar ventos de independência sobre o Reino do Sul pela primeira vez em cinquenta anos. O desejo do rei Josias de manter sua recém obtida liberdade das tributações e subserviência sem dúvida o levou a interferir posteriormente na tentativa do Egito de impedir a fuga do rei de Nínive em 609 a.C. (cf. 2Cr 35.20-27).²⁰

É justamente neste episódio que Josias é morto e todos os esforços pela restauração religiosa e política de Judá cessaram (2Rs 23.28-30). O terrível exílio babilônico logo selaria o fim do Reino do Sul (2Rs 23.26-27).

1.5 TEMA E ESTRUTURA

Diante deste cenário, Sofonias faz “[...] tanto uma retrospectiva como uma prospectiva. [...] Sofonias alerta sobre o julgamento e faz uma convocação ao arrependimento”.²¹ Seu olhar se volta simultaneamente para a desgracia iminente e para a restauração escatológica prometida por Deus ao seu remanescente. É a partir daí que o tema central de Sofonias - o “Dia de YHWH” - é exposto. Este dia remete a uma ação

¹⁹ LOPES, 2019, p. 73.

²⁰ MACARTHUR, John. **Manual bíblico MacArthur**: Gênesis a Apocalipse. 2.ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019, p. 475.

²¹ LOPES, 2019, p. 74.

futura de Deus que promove sua ira justa e restaura com amor. A proclamação de Sofonias do “Dia do Senhor” responde, portanto, à realidade de seus dias, apresentando um alerta contundente e grave contra o pecado e, ao mesmo tempo, exaltando a fidelidade graciosa do Senhor. Para isso, o profeta dispõe seu texto em três grandes blocos, cada um com três subdivisões, conforme proposto por Motyer²²:

Sobrescrito (1.1)

- I. O fim do mundo: Há alguma esperança? (1.2-2.3)
 - a. O fim anunciado — para o mundo (1.2-3a) e Judá (1.3b-6)
 - b. O fim descrito — para Judá (1.7-14a) e para o mundo (1.14b-18)
 - c. Um apelo à prontidão — a Judá (2.1-2) e ao mundo (2.3)
- II. Juízo e esperança: um enigma (2.4-3.8)
 - a. Queda do mundo, esperança para Israel (2.4-15)
 - b. O fracasso de Judá (3.1-5)
 - c. Esperança no dia da Ira (3.6-8)
- III. O fim do mundo: esperança em toda sua glória (3.9-20)
 - a. O enigma resolvido (3.9-13)
 - b. Unidade de alegria (3.14-17)
 - c. O povo do Senhor, o louvor de toda a Terra (3.18-20)

Na primeira parte (Sf 1.2-2.3), Sofonias se concentra em apontar os motivos pelos quais Judá será alvo da ira divina. Na segunda parte (Sf 2.4-3.8), a atenção se volta para o juízo contra as nações circunvizinhas. Os quatro pontos cardeais são cobertos, mas o pecado de Judá novamente é indicado como razão da ruína que se avizinha. Por fim, o profeta descortina a esperança que se estende não somente para Judá, mas pessoas de todos os povos. O dia do Senhor é um dia de ira, mas também de restauração.

2. O “DIA DE YHWH” COMO TEOFANIA

Tendo apresentado o contexto entre, no e para o qual Sofonias desenvolve seu ofício, deve-se voltar a atenção para a maneira pela qual o grande tema do “Dia de YHWH” é desenvolvido pelo profeta. Como observa Palmer Robertson, o “Dia de YHWH” é o tema unificador do livro de Sofonias. A devastação do mundo, a punição do povo de Deus e uma terrível teofania final estão relacionadas com este “Dia”.²³ Fica claro que para o profeta o “Dia de YHWH” é um evento (ou série de eventos) provocado pelo próprio Senhor. A expectativa que pairava sobre este dia é essencialmente teofânica. Justo González corretamente define teofania:

Termo derivado do grego *theos*, Deus e *phaino*, manifestar-se ou aparecer que, portanto, refere-se à manifestação de Deus. Usa-se para se referir a qualquer acontecimento revelatório no qual se vê a presença de Deus, como a sarça ardente de Moisés, a pomba no batismo de Jesus e o próprio Jesus — as quais a teologia cristã com frequência chama de suprema teofania.²⁴

No livro de Sofonias, conforme o texto massorético²⁵, dos 53 versículos, 13 possuem referências diretas ao “Dia de YHWH”, somando-se 20 menções no total.²⁶ A forma יוֹם יְהוָה (hb. *yôm YHWH*) aparece 7 vezes²⁷; destas, uma vez associado ao sacrifício (hb. זֶבַח *zebah*)²⁸, uma vez à indignação (hb.

²² MOTYER, 2009, p. 901.

²³ ROBERTSON, 2011, p. 324.

²⁴ GONZÁLEZ, Justo L. **Breve dicionário de teologia**. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 313.

²⁵ Este levantamento valeu-se dos textos de WEIL, Gérard E. *et al.* (ed.). **Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. 5.ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997; SCHENKER, Adrian *et al.* (ed.). **Bíblia Hebraica Quinta**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2011.

²⁶ Passagens com menções ao *Dia de YHWH*: 1.7, 8, 9, 10, 14(2x), 15(6x), 16, 18; 2.2 (2x), 3; 3.8, 11, 16.

²⁷ Sofonias 1.7, 8, 14(2x), 18; 2.2, 3.

²⁸ Sofonias 1.8.

עֲבְרָה *‘ebrá*)²⁹ e duas vezes à ira de YHWH (hb. *ap*)³⁰, sempre dentro de uma “cadeia construída”. Em uma ocasião, o “Dia de YHWH” é classificado como “grande” (hb. יוֹם יְהוָה הַגָּדוֹל *yôm-YHWH haggādôl*). A forma *hayyôm habû*, geralmente precedida da preposição “em” (hb. בְּ *bə*), surge 5 vezes.³¹ As demais ocorrências são compreendidas a partir da presença de *yôm* associada ao conceito de intervenção divina em seu contexto literário imediato. Destaca-se neste sentido, Sofonias 1.15 e 16 que traz a palavra “dia” sete vezes acompanhada de termos ligados a punição e sofrimento. O “Dia de YHWH” de Sofonias encerra a expectativa por uma grandiosa e terrível manifestação de Deus.

O profeta, porém, não trabalha com uma categoria desconhecida de sua audiência. Hernandes Dias Lopes salienta que:

Nos dias do profeta Amós, a ideia do Dia do Senhor estava em voga (Am 5.18). Porém, a concepção popular dizia que Deus surgiria em futuro próximo e concederia grande vitória ao Seu povo. Diante disso, a nação aguardava e clamava pelo Dia do Senhor. A mensagem tanto de Amós como de Sofonias, entretanto, deixa claro que o que seria esse dia dependeria da condição moral e espiritual do povo, pois seria um dia em que o Senhor Se manifestaria contra o pecado, quer estivesse em Seu povo quer entre as nações estrangeiras.³²

O “Dia de YHWH” é um tema proeminente na literatura profética e, provavelmente, tem sua origem nas tradições de guerra santa de Israel. Era comum que os antigos reis do Oriente Próximo se vangloriassem de sua capacidade de vencer seus adversários em um só dia. Da mesma forma, YHWH, como Guerreiro Divino, iria subjugar seus inimigos. Sofonias está de acordo com a tradição profética que retrata o “Dia de YHWH” como uma terrível teofania que faria terra e montanhas tremerem, o mar secar e montes derreterem (Amós 1.2; Na 1.4-6). Os profetas apresentam este dia da perspectiva do “perto” e “longe”. O “Dia de YHWH” que já estava “perto” envolveria a invasão babilônica que devastou Jerusalém em 586 a.C. e o julgamento das nações que cercavam Judá.³³

É relevante para a análise do tema central de Sofonias, o quadro que o profeta pinta em 1.14-15. Elementos típicos da guerra estão presentes. A voz do Senhor que aplica o juízo também deve ser comparada à voz de poderoso guerreiro que, quando ouvida por seus adversários, aterroriza até o homem mais valente (Sf 1.14).³⁴ Nos versos seguintes, o imaginário da guerra é evidente em cinco pares poeticamente arranjados³⁵: indignação e angústia, alvoroço e desolação, escuridade e negrume, nuvens e densas trevas, trombeta e de rebate. Terrível como a guerra, assim será “aquele dia” e YHWH surgirá como guerreiro que executará sua vingança.

Outra característica notável do “Dia de YHWH” é que, conforme apresentado por Sofonias, este dia é uma teofania que relembra os grandes feitos do Senhor no passado. Usando a mesma ordem contida no alerta feito a Noé (Gn 6.7), Sofonias avisa que a destruição futura do Senhor se iniciará pelo homem, seguido dos animais, das aves e dos peixes (Sf 1.3). Esta intervenção destruidora inverte a ordem da criação (Gn 1.20-31). Na manifestação final e total de sua ira, o Senhor começará por onde terminou, uma vez que a coroa de sua criação se voltou contra ele e age com perversidade. Esta manifestação de YHWH também pode ser comparada ao evento do Sinai. Comentando a passagem de Sofonias 1.14-18, Robertson destaca a semelhança entre a revelação divina no Horebe (Dt 4.12,33,36; 5.19-26; 8.20; 18.16) e a que deve ser esperada no “Dia de YHWH”. Como no deserto, a voz do Senhor (hb. קוֹל יְהוָה *qôl-YHWH*) que falou com o povo se manifestará. Naquele dia, porém, a “voz do Dia de YHWH” (hb. קוֹל יוֹם יְהוָה *qôl yôm*

²⁹ Sofonias 1.18.

³⁰ Sofonias 2.2, 3.

³¹ Sofonias 1.9, 10, 15; 3.11, 16.

³² LOPES, 2019, p. 75.

³³ YATES, Gary E. Zephaniah, Book of. In: BARRY, John D. *et al.* (org.). **The Lexham Bible Dictionary**. Bellingham: Lexham Press, 2016.

³⁴ BARKER, J. D. Day of the Lord. In: BODA, Mark J.; MCCONVILLE, Gordon J. (org.). **Dictionary of the Old Testament: Prophets**. Downers Grove, EUA; Nottingham, Inglaterra: IVP Academic; Inter-Varsity Press, 2012, p. 140.

³⁵ ROBERTSON, 2011, p. 354.

YHWH)³⁶ sentenciará as penas decorrentes da infidelidade à aliança instaurada no Sinai. Em uma teofania terrível, Deus manifestará sua ira para infligir as maldições pactuais previstas na aliança.³⁷ Isto aponta para o exílio que, no tempo de Sofonias, se aproxima velocemente e também para a consumação da história.

Por fim, Sofonias afirma que esta teofania escatológica de Deus será universal, não restrita a Judá ou Israel. Pedro Kramer destaca que “como nenhum profeta anterior a ele, Sofonias anuncia que Iahweh vai agir não só no Reino de Judá, mas também entre os povos através da sua intervenção histórica que ele chama de ‘dia de Iahweh’”.³⁸ O Senhor conduz a história das nações e, conforme vaticínio contido no segundo capítulo de Sofonias, ele punirá toda soberba e iniquidade. Ao estabelecer nações ao redor de Judá como alvo do castigo divino, o profeta explicita o caráter universal de seus oráculos. Toda humanidade e toda a criação sentirão os efeitos do “Dia de YHWH”.³⁹

3. O “DIA DE YHWH”: MANIFESTAÇÃO DE JUÍZO E GRAÇA

Tendo verificado que o “Dia de YHWH” é um dia em que ele mesmo se manifestará e intervirá na história, cabe analisar quais consequências esta terrível teofania trará. Na visão de Sofonias, este dia será um dia em que YHWH manifestará sua ira contra a impiedade de seu povo e das outras nações, trazendo um julgamento implacável cuja sentença de devastação e desespero já está anunciada. Por outro lado, o profeta também ressalta que a intervenção divina que virá produzirá restauração para o remanescente fiel de seu povo. O “Dia de YHWH” em Sofonias é dia de juízo, mas também de graça.

Em Sofonias como em todo *corpus propheticum*, é sinalizada uma expectativa de um momento especial no futuro em que YHWH manifestará seu poder, sua disposição para salvar e sua autoridade judicial. Este *yôm YHWH* não deve ser sempre compreendido como o dia final. Em Lamentações 1.21, por exemplo, o profeta olha para o dia em que Jerusalém foi destruída como o “dia”, ainda que esteja mirando no passado. Da mesma maneira, em Ezequiel 34.12, o profeta alude as imagens comuns sobre o “Dia de YHWH” em uma referência a um evento histórico ao invés de escatológico. Em Amós 5.18-20, a expectativa pelo grande “Dia de YHWH”, ainda que necessariamente seja um acontecimento futuro da perspectiva do profeta, acaba por misturar aspectos políticos e escatológicos. É notável que o ministério profético revisa a concepção popular de suas épocas que concebia o *yôm YHWH* como um evento de juízo para as nações e salvação para Israel. O alerta dos profetas, sobretudo Sofonias, inclui a notícia de que o julgamento recairá também sobre o povo de YHWH.⁴⁰ Tanto este juízo quanto a restauração do remanescente que caracterizam o “Dia de YHWH” são apresentados como sendo iminentes⁴¹, independente de se tratar do evento escatológico ou de eventos históricos que apontam para este.

3.1 O “DIA DE YHWH” COMO MANIFESTAÇÃO DE JUÍZO

Sofonias expõe de modo vívido que o “Dia de YHWH” será um evento da execução da justiça divina. Diante da degradação religiosa e moral, YHWH não pode permanecer inerte. Por esta razão, não se pode acusar o Deus de Israel de injustiça ou crueldade. Como afirma Eichrodt⁴², a ação punitiva de YHWH contra seus inimigos ocorre como justo sentenciamento dos perversos. Como no passado, as ações de YHWH emergem como atos judiciais contra a maldade e a desobediência à lei de modo que o conceito de retribuição contra o pecado relaciona-se com o agir divino para perpetrar sua soberania sobre

³⁶ A proposta de substituição das palavras hebraicas קָלָה *qôl* (voz) por קָלָה *qal* (rápido), presente no aparato da *Biblia Hebraica Stuttgartensia*, não se justifica pelo contexto ou por qualquer tradição textual relevante. Na *Biblia Hebraica Quinta*, esta sugestão editorial foi suprimida.

³⁷ ROBERTSON, 2011, p. 353-354.

³⁸ KRAMER, Pedro. Sofonias: um profeta urbano denuncia lideranças urbanas (Sf 3,1-5). *Estudos Bíblicos*, Vozes, São Paulo, v. 27, n. 103, p. 50-71, Dezembro 2009. Disponível em: <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/478>. Acesso em: 27/01/2022. p. 51.

³⁹ KRAMER, 2009, p. 53.

⁴⁰ VON RAD, G.; DELLING, G. heméra [dia]. In: KITTEL, Gerhard *et al.* (org.). *Dicionário Teológico do Novo Testamento*. Grand Rapids: Eerdmans, 1964. v. 1, p. 341.

⁴¹ BARKER, 2012, p. 140.

⁴² EICHRODT, Walther. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2005, p. 413.

tudo. Sofonias deixa claro que a aplicação da justiça divina se dará contra os pagãos, mas também contra o povo da aliança. Como em Amós, o “Dia de YHWH” será um dia de escuridão também para Israel. Sofonias e os demais profetas procuram “mediante reviravoltas e imagens sempre novas, deixar gravada no coração e na consciência de seus ouvintes a inevitabilidade da perdição que se aproxima, como Deus lhe anunciou na hora decisiva”.⁴³ Estas palavras de juízo apontam para além do futuro imediato de Judá, alcançando e ajudando a formular a expectativa escatológica definitiva.

No desenvolvimento de sua profecia, Sofonias arranja quatro alvos de visitação divina⁴⁴. Primeiro, Deus eliminaria “o resto de Baal” (Sf 1.4). Os cultos de fertilidade canaanitas exerceram influência sobre o povo de YHWH desde sua chegada em Canaã. Seus festivais que incluíam prostituição “sagrada” e orgias sexuais tinham constantemente tentado o povo de Israel. Em segundo lugar, Deus também eliminaria “o nome dos ministrantes dos ídolos e seus sacerdotes” (Sf 1.4). A palavra hebraica traduzida por “ministrantes dos ídolos” parece ser um empréstimo do acádio *kumru* que significa sacerdote. O significado da raiz da qual *kumru* vem é “ser negro”. Os sacerdotes foram assim chamados, provavelmente, porque eles usavam longos mantos pretos. Em terceiro, lugar, o juízo de Deus também se manifestaria contra a prática da astrologia de origem mesopotâmica que também estava sendo praticada em Judá. Dos telhados de suas casas, pessoas se curvaram sob o céu aberto em reverência aos principais corpos celestes – “o exército dos céus” (Sf 1.5). Por fim, é condenado o sincretismo daqueles que “adoram ao SENHOR e juram por ele e também por Milcom” (Sf 1.5). Esta postura era usual entre os judaítas dos dias do rei Manassés. Os nomes “Milcam” ou “Malkam” em hebraico remetem ao culto amonita (1Rs 11.5,33; 2Rs 23.13) e têm sua origem em um combinado das palavras para “rei” (hb. מֶלֶךְ *melek*) e “vergonha” (hb. בִּוְשָׁה *búśá*). Estas práticas sincréticas se associam também ao culto a Moloque, deus moabita do fogo a quem se ofereciam os próprios filhos como sacrifício humano, a despeito disto ser abominável aos olhos de YHWH (Lv 18.21; 20.2-5; Dt 12.31; 1Rs 11.7; 2Rs 3.27).⁴⁵ Estas atitudes reprováveis eram consequência da recusa de Judá em “seguir o SENHOR” e de seu desinteresse em buscá-lo (Sf 1.6).⁴⁶

Um primeiro oráculo de juízo é emitido contra o povo: O sacrifício que o Senhor preparou em Sofonias 1.7 seriam Judá e Jerusalém que já haviam sido indicados como objetos do juízo divino (Sf 1.4-5). Como preparação para o Dia de YHWH, Deus santificou os convidados que podem ser as aves e animais que comem da devastação do juízo ou as nações ímpias que são os instrumentos desta devastação.⁴⁷ Esta terrível vingança recairia sobre os poderosos da terra, como explica Hernandez D. Lopes: “Seria de esperar que a família real e os líderes religiosos da terra fossem os convidados de honra do banquete do Senhor, mas eles é que seriam sacrificados (1.8,9). Deus os castigaria por terem abandonado Sua Palavra e adotado práticas de outros povos”.⁴⁸ Também o povo de Jerusalém seria vitimado pelo juízo que viria (Sf 1.10-13). As pessoas da cidade sofreriam as consequências de terem abandonado o Senhor e desprezado sua aliança.

O segundo oráculo de juízo encontra-se a partir do verso 14 do capítulo primeiro de Sofonias. Estruturado em forma de quiasmo, este poema é dividido em sete partes, conforme estrutura proposta por J. Alec Motyer⁴⁹:

⁴³ EICHRODT, 2005, p. 415-416.

⁴⁴ KAISER, Walter C.; OGILVIE, Lloyd J. *Micah, Nahum, Habakkuk, Zephaniah, Haggai, Zacarias, Malachi*. Nashville: Thomas Nelson, 1992, p. 218.

⁴⁵ KAISER; OGILVIE, 1992, p. 219.

⁴⁶ A construção hebraica לֹא־בִקְשׁוּ אֶת־יְהוָה וְלֹא־דָרְשׁוּהוּ *lō’-biqšū ‘et-YHWH wālō’ dārāšūhū* deve ser entendida como um uso em sinonímia (cf. Dt 4.29). Contudo, é notável a presença das raízes בִּקֵּשׁ e דָּרַשׁ. Conforme Chhetri, “*bqš* enfatiza o ato geral de procurar ou perguntar a alguém, enquanto *drš* enfatiza a preocupação específica da pessoa sobre o exame de Deus associado ao arrependimento” CHHETRI, Chitra. *In*: VANGEMEREN, Willem A. (org.). *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, p. 698.

⁴⁷ ROBERTSON, 2011, p. 340.

⁴⁸ LOPES, 2019, p. 92.

⁴⁹ MOTYER, 2009, p. 922.

- a o dia da ira em plena expressão (14b-16a)
- b defesas humanas indisponíveis (16b)
- c humanidade indefesa (17a)
- d explicação: pecado (17b)
- c’ humanidade destruída (17c)
- b’ riquezas humanas indisponíveis (18a)
- a’ o dia da ira em plena execução (18b-c)

Há outros poemas com estrutura semelhante neste livro (Sf 2.13-15; 3.14-17). Em Sofonias 1.14-18, o Dia de YHWH é pintado em cores que remetem ao cenário de guerra e a palavra de ordem par ao início do ataque final de YHWH contra a iniquidade humana é “a voz do Dia de YHWH” (hb. קוֹל יְהוָה *qól yôm YHWH*). A partir desse brado, o “Dia de YHWH” é apresentado como demonstração de ira contra o qual nem o poderio bélico (Sf 1.16b) nem o poderio econômico (Sf 1.18a) poderão fazer frente. Diante da justa ira de Deus, a humanidade não tem esperança e será destruída. O profeta então chega ao ponto central de sua poesia: o pecado. Todo este cenário de devastação tem como causa a iniquidade do homem. YHWH aplica seu juízo contra a terra porque a perversidade do pecado praticado pela humanidade ofende sua santidade. O tema deste poema de juízo é continuação do alerta do oráculo anterior: Não se pode pensar que Deus, em sua transcendência, está distante da história humana e nela jamais intervém. Pelo contrário, YHWH é senhor da história humana e toda a raça humana um dia terá de lhe prestar contas.⁵⁰

A temática do juízo permanece, mesmo nas passagens seguintes, onde o foco passa a ser a punição das nações ao redor de Israel e uma palavra de esperança para o remanescente fiel de Israel. Sofonias 2.2-3, que fecha a primeira divisão do livro, é notável por seu chamamento explícito ao arrependimento com vistas a um possível livramento do “Dia da ira de YHWH”.⁵¹ A esperança que suscita da punição das nações opressoras também causa temor, uma vez que a justa ira de Deus contra o pecado das nações a oeste (Sf 2.4-7), leste (Sf 2.8-11), sul (Sf 2.12) e norte (Sf 2.13-15) é motivada por pecados presentes também na vida do povo da aliança (Sf 3.1-9). O último verso do relato do juízo contra as nações é igualmente uma ponte para a manifestação da graça salvadora de YHWH. Contudo, a ênfase de Sofonias no “Dia de YHWH” como manifestação da justa ira divina permanece, uma vez que, para o profeta, é necessário que Deus puna o pecado dos impenitentes para que a esperança do remanescente seja concretizada (cf. Sf 3.8b e 3.9).

3.2 O “DIA DE YHWH” COMO MANIFESTAÇÃO DE GRAÇA

É comum a todos os profetas posteriores o binômio justiça e graça. YHWH não permite que a infidelidade de seu povo e a perversidade de nações idólatras e opressoras permaneça impune. Por outro lado, ele guarda para si um “resto” de seu povo (hb. שְׁאֵרִית יִשְׂרָאֵל *šə’ērît yisrā’el*). Este remanescente será alvo da graça divina, recebendo sua salvação final. No livro de Sofonias este binômio está presente. É no capítulo três que a manifestação da graça divina se torna mais clara, ainda que vislumbres de misericórdia possam ser percebidos entre os terríveis vaticínios acerca do juízo de YHWH. Como destaca Eichrodt, a ira não anula o amor, ainda que este pareça não fazer sentido: “a ira fatal de Deus, captada em toda sua necessidade intrínseca, somente pode ser evitada por obra do poder irracional do amor divino ou, ainda, se transformar em passagem para uma nova existência, como sucedeu na esperança profética”.⁵² Sendo assim, justiça e graça apontam para a preservação histórica do povo da aliança, mas também para a consumação escatológica da história humana na qual ele expressará de forma cabal sua santidade e amor simultaneamente ao destruir o mal e efetuar a salvação de seus eleitos.

Sendo assim, todo alerta profético sobre e iminência do “Dia de YHWH” é também uma palavra de esperança e um convite para o arrependimento e o recebimento do perdão de Deus (Sf 2.1-3). O conceito

⁵⁰ MOTYER, 2009, p. 922-923.

⁵¹ KAISER; OGILVIE, 1992, p. 218.

⁵² EICHRODT, 2005, p. 237.

de aflição final é um distintivo genuinamente israelita que se caracteriza por estar estreitamente vinculada com a esperança de salvação: a punição das nações significa salvação para Israel (Sf 2.4-15). A soberania de YHWH é estabelecida definitivamente ao vencer seus inimigos e estabelecer universalmente os termos da aliança.⁵³ Deste modo o estabelecimento da soberania absoluta de YHWH é parte de seu plano de redenção graciosa de seu povo, como destaca Fernandes:

A imagem que surge de YHWH no contexto sofoniano é rica de significados: juiz magnífico e universal, pai bondoso, Senhor do cosmo e da história. Para Sofonias, só YHWH é capaz de mudar o modo de pensar e de agir humanos, destruindo a sua falsa concepção de grandeza. No fundo, se desmonta a falsa pretensão do homem se julgar impune e imbatível, mostrando que ele, indiferente a YHWH, só encontrará a sua total destruição.⁵⁴

Chegando ao capítulo 3 de Sofonias, não obstante, fica nítida a mudança de ênfase. Mudança esta considerada brusca por alguns comentaristas críticos que consideram que os versos 9 até 20 constituem uma adição pós-exílica, tese que não pode prosperar.⁵⁵ Se até o verso 8 do capítulo 3 o grande tema é a ira que caracteriza o “Dia de YHWH”, a seção final do livro demonstra que, em sua ira, YHWH lembra de sua misericórdia (Hc 3.2). Portanto, Sofonias muda de perspectiva, mas não de tema. Nos versos 11 e 16 do capítulo 3, o profeta usa o termo “naquele dia” (hb. בַּיּוֹם הַהוּא *bayyôm habû*’) numa clara referência que o *yôm* YHWH é também dia de misericórdia.⁵⁶

O que se percebe a partir desta perspectiva graciosa do “Dia de YHWH” envolve a restauração histórica de Judá e a redenção escatológica de todo o cosmo, sendo que muitas vezes é difícil discernir quando o profeta trata de uma coisa ou de outra. A transição entre os versos oito e nove, implica que a graça para o remanescente de Israel virá após a destruição de toda a terra. Ao mesmo tempo, as promessas redentoras são direcionadas a Jerusalém, Sião e os que são a filha da dispersão.

O “Dia de YHWH” seria um tempo de redenção para Israel e para as nações. Sofonias profetizou que ao fogo do zelo de Deus (Sf 3.8) se seguiria um remanescente separado dentre Israel e as nações (Sf 3.9-20; cf. 2.7,9). YHWH purificará os lábios dos povos, invertendo a maldição de Babel (Gn 11.1-9). Sofonias prometeu a restauração futura de Israel em consonância com a expectativa profética comum acerca da benção aguardada na era escatológica. Os pecadores serão removidos de Israel e o remanescente santo será purificado de seus pecados ao procurar YHWH humildemente (Sf 3.12-13). Deus habitará entre seu povo e lhes dará paz, prosperidade e um lugar de honra entre as nações (Sf 3.14-20).⁵⁷

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho, cabe resumir os dados e identificar caminhos tanto para a pesquisa quanto práticos resultantes do que foi exposto. O contexto em que Sofonias viveu e profetizou pode ser caracterizado como ponto crítico na história de Judá. Neste ambiente, o “Dia de YHWH” era considerado sem a devida correição por parte do povo. O fim iminente revela um Deus imanente que intervém contra a impiedade e para salvar seu “resto”. Ao contrário, os judaítas dos dias de Josias pareciam ignorar a fidelidade exigida pela aliança e, por isso, se afastavam cada vez mais de seu Deus.

Sofonias, então, apresenta o “Dia de YHWH” como uma grande teofania na qual YHWH se apresentará como senhor da história. Com o objetivo de trazer seus contemporâneos ao arrependimento e à busca de YHWH, as figuras usadas pelo profeta são variadas e fortes. Muitas dessas figuras apontam não apenas para a condução histórica dos rumos da já moribunda Judá, mas também para a consumação escatológica que virá para todas as pessoas de todos os lugares e de todos os tempos.

⁵³ EICHRODT, 2005, p. 414.

⁵⁴ FERNANDES, Leonardo Agostini. *Yôm YHWH, Expressão e Temática no Corpus dos Doze Profetas (2ª Parte)*. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 30, p. 335-360, set/dez 2008. p. 341.

⁵⁵ PINTO, 2014, p. 770.

⁵⁶ YATES, 2016, p. 140.

⁵⁷ YATES, 2016, p. 140.

Tanto as intervenções históricas quanto a consumação final ocorrerão para manifestar simultaneamente a justiça e a graça de YHWH. Devido ao seu contexto, Sofonias enfatiza o juízo que se aproxima. Isto não significa, porém que não haja vislumbre algum de misericórdia. Pelo contrário, até mesmo nos alertas quanto à ira vindoura, a salvação de YHWH desponta como uma esperança. Esperança esta que recebe seu lugar especial de Sofonias 3.9 até o final do livro. A teofania do “Dia de YHWH” é também manifestação de sua graça redentora para os remanescentes de Israel e de todas as nações.

No que se refere a pesquisas futuras, vale o investimento em correlacionar as menções ao “Dia de YHWH” como teofania em Sofonias tanto com seus cumprimentos históricos nos eventos que sobrevieram a Judá a partir do final do séc. VII a.C. até o término da guerra do Judeus (70 d.C.) e além, quanto com os eventos futuros previstos na literatura bíblica. Além disso, ainda é escassa a oferta de comentários exegéticos que abranjam os profetas menores em geral e Sofonias em particular, sobretudo em língua portuguesa.

Quanto a implicações que podem emergir deste estudo, deve-se destacar que esperar o “Dia de YHWH” não é algo restrito ao antigo Israel ou aos judaítas do tempo de Sofonias. A igreja apostólica compreendia que esta expectativa teofânica estava diretamente relacionada à *parousia* do Cristo. Como muito bem resume Yates, o Novo Testamento aplica a terminologia do “Dia de YHWH” aos últimos dias associados à segunda vinda de Cristo (Mt 24.42; 1Co 5.5; 1Ts 5.2-5; 2Ts 2.2-3; 2Pe 3.10-12). A conexão deste “dia” com Jesus é reflexo de sua equiparação com YHWH no Novo Testamento (1Co 1.8; Fp 1.6,10; 2.16). Apocalipse 19.11-16 retrata Jesus como o Guerreiro Divino que derrotará os exércitos das nações antes do estabelecimento do seu Reino. O Discurso de Oliveira é uma expressão do “já mas ainda não” do julgamento de Deus. Aí estão combinados o juízo executado na destruição de Jerusalém e seu Templo no ano 70 d.C. e o julgamento final que ocorrerá quando da sua segunda vinda (Mt 24.1-2, 21-30). A encarnação do Verbo inaugura o Reino de Deus que será consumada na *parousia*. O dia do Pentecostes poderia ser visto como o cumprimento inicial da promessa de Sofonias de purificar o discurso dos povos para que eles possam se tornar verdadeiros adoradores de YHWH (At 2.4-11). Sofonias antecipou que o futuro povo de Deus consistiria em um remanescente das nações e de Israel – a igreja é composta tanto por judeus quanto por gentios (Gl 3.8-9,14,26-29).⁵⁸ Tudo isto convida também o leitor hodierno à reflexão. O Dia de YHWH se aproxima também para as pessoas do século XXI. Ele será um dia de dor para os que rejeitam a salvação divina, mas também dia de salvação final para os que se refugiam em sua misericórdia.

REFERÊNCIAS

BARKER, J. D. Day of the Lord. In: BODA, Mark J.; MCCONVILLE, Gordon J. (org.). **Dictionary of the Old Testament: Prophets**. Downers Grove, EUA; Nottingham, Inglaterra: IVP Academic; Inter-Varsity Press, 2012. p. 132-143.

CHHETRI, Chitra. בקש. In: VANGEMEREN, Willem A. (org.). **Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. p.697-703.

EICHRODT, Walther. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2005.

FERNANDES, Leonardo Agostini. Yôm YHWH, Expressão e Temática no Corpus dos Doze Profetas (2ª Parte). **Atualidade Teológica**, Rio de Janeiro, ano XII, n. 30, p. 335-360, Set-Dez 2008.

GONZÁLEZ, Justo L. **Breve dicionário de teologia**. São Paulo: Hagnos, 2009.

KAISER, Walter C.; OGILVIE, Lloyd J. **Micah, Nahum, Habakkuk, Zephaniah, Haggai, Zacarias, Malachi**. Nashville: Thomas Nelson, 1992.

KRAMER, Pedro. Sofonias: um profeta urbano denuncia lideranças urbanas (Sf 3,1-5). Acesso em: 8 fev. 2022. **Estudos Bíblicos**, Editora Vozes, São Paulo, v. 27, n. 103, pp. 50-71, Dezembro 2009. Disponível em: <https://>

⁵⁸ YATES, 2016, p. 141.

revista:abib.org:br/EB/article/view/478. Acesso em: 27/01/2022.

LOPES, Hernandes Dias. **Naum e Sofonias**: justiça e graça. São Paulo: Hagnos, 2019.

MACARTHUR, John. **Manual bíblico MacArthur**: Gênesis a Apocalipse. 2.ed. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2019.

MOTYER, J. Alec. Zephaniah. In: MCCOMISKEY, Thomas Edward (org.). **The Minor Prophets**: An exegetical and expository commentary. Grand Rapids: Baker Academic, 2009. cap. 9.

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco & Desenvolvimento no Antigo Testamento**. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2014.

RIBEIRO, Andréa Bernardes de Tassis. Novas definições terminológicas para entender a História de Israel. **Sacrilegens**, v. 13, n. 2, pp. 111-124, Jul-Dez 2016. Disponível em: <https://periodicos:ufff.br/index.php/sacrilegens/article/view/26907>. Acesso em: 07/02/2022.

ROBERTSON, Palmer. **Naum, Habacuque e Sofonias**. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

SCHENKER, Adrian *et al.* (ed.). **Bíblia Hebraica Quinta**. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2011.

SOFTWARE Bíblico Logos. 9.11 SR-1. [S. L.]: Faithlife, LLC, 2022. Disponível em: <https://www.logos.com/>. Acesso em: 23 fev. 2022.

SWEENEY, Marvin A. **Zephaniah**: A Commentary. Minneapolis: Fortress Press, 2003.

THE SBL Handbook of Style. 2.ed. Atlanta: SBL Press, 2014.

VON RAD, G.; DELLING, G. heméra [dia]. In: KITTEL, Gerhard *et al.* (org.). **Dicionário Teológico do Novo Testamento**. Grand Rapids: Eerdmans, 1964. v. 1, p. 341-343.

WEIL, Gérard E. *et al.* (ed.). **Bíblia Hebraica Stuttgartensia**. 5.ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997

YATES, Gary E. Zephaniah, Book of. In: BARRY, John D. *et al.* (org.). **The Lexham Bible Dictionary**. Bellingham, WA: Lexham Press, 2016.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional

NÃO ADIANTA APENAS FILOSOFAR, É PRECISO PRATICAR

It's no use just philosophirze, you need to practice

Dr. Francisco Emanuel Lima Santos¹

RESUMO

Nas Sagradas Escrituras, a sabedoria é, sem dúvida, um requisito importante para viver bem neste mundo. Os livros bíblicos sapienciais são conhecidos pela grande ênfase dada a sabedoria. São livros escritos pelos sábios de Israel. Antes do povo de Israel, outras nações já praticavam a sabedoria, tinham suas literaturas sapienciais, embora o tipo de sabedoria fosse ligado às práticas mágicas. Os reis tinham seus sábios. Israel também tinham seus sábios que eram, na maioria das vezes, pessoas de mais idade e que tinham habilidade de observar a vida com as suas experiências em suas mais diversas áreas e tirar delas um aprendizado prático. A sabedoria de Israel se diferenciava da de outros povos por ser não somente reflexiva, mas prática e ter sua fonte em Iahweh. O Senhor é quem dá sabedoria, Ele é o criador da sabedoria. Portanto, ser sábio é temer ao Senhor, andar em seus caminhos e aplicar os seus mandamentos na vida diária.

Palavras-chave: Poético. Sabedoria. Prática. Filosofia. Vida. Senhor. Israel.

ABSTRACT

In the Holy Scriptures, wisdom is undoubtedly an important requirement for living well in this world. The wisdom books in the Bible are known for their great emphasis on wisdom. They were written by the wise men of Israel. Before the people of Israel, other nations already practiced wisdom, their literature mentioned wisdom, although their kind of wisdom was connected to magical practices. The kings had their wise men. Israel also had their wise men who were, for the most part, older people and

¹ O autor é Bacharel em Teologia pelo Instituto Missionário Palavra da Vida – Norte, com convalidação pela Faculdade Teológica Sul Americana - Londrina / PR. Especialista em Psicologia Pastoral pelo Centro Universitário Filadélfia - Londrina / PR. Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná – Curitiba/PR. Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/RJ. Professor do Seminário Teológico Batista Goiano. E-mail: sanemau@hotmail.com

who had the ability to observe life through their experiences in many different areas and to draw out of from them practical learning. The wisdom of Israel differed from others by being not only reflective but practical and because it had its source in Yahweh. The Lord is the one who gives wisdom, He is the creator of wisdom. Therefore, to be wise is to fear the Lord, to walk in His ways and to apply His commandments in daily life.

Keywords: Poetic. Wisdom. Practice. Philosophical. Life. Lord. Israel.

INTRODUÇÃO

O estudo dos livros chamados de Poéticos ou Sapienciais é, sem dúvida, maravilhoso, espetacular. O bloco dos livros sapienciais no Antigo Testamento é composto pelos seguintes livros: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiásticos e Cântico dos Cânticos de Salomão. Estes livros “foram mais tarde divididos em dois grupos denominados livros “de Sabedoria” e “Hínicos”; Três Livros de Sabedoria: Jó, Provérbios e Eclesiastes. Dois Livros Hínicos: Salmos e Cantares de Salomão”², formando um total de cinco livros.

Os livros sapienciais abordam vários assuntos relacionados à vida, mas este trabalho tem como propósito analisar bíblica e bibliograficamente o tema: “Não adianta apenas filosofar é preciso praticar”. Tendo como base de estudo, pesquisa e análise os livros bíblicos sapienciais e de escritores cristãos, entre outros que falam sobre o assunto. Acredita-se que este tema é importante por causar a reflexão sobre o tipo de sabedoria praticada em Israel no Antigo Testamento, bem como a sua importância para a vida diária.

Percebe-se que, nos livros poéticos, fala-se muito a respeito da sabedoria. A sabedoria é apresentada como fonte de vida, que traz alegria, paz e prosperidade, que promove uma vida nos caminhos do Senhor, na verdade, ser sábio é aquele que teme ao Senhor. A sabedoria não é mera filosofia ou especulação de intelectuais, mas prática. Deve fazer parte tanto da vida do rei que habita no palácio, quanto da vida singela do porteiro palaciano.

Este artigo se desenvolverá tendo como análise de pesquisa e estudo o seguinte questionamento: Qual é a definição dos livros sapienciais de sabedoria e quem eram os sábios de Israel? Como a sabedoria era praticada em Israel? O trabalho analisará cinco pontos: (1) A sabedoria no mundo antigo. (2) A sabedoria do ponto de vista dos poéticos (3) Os sábios de Israel (4) A fonte da Sabedoria de Israel (5) Aspectos práticos da sabedoria no cotidiano e, por último, a conclusão.

Espera-se que todos que lerem este artigo, sejam grandemente abençoados e que se sintam desafiados a estudarem mais a respeito do assunto, tirando dele reflexões práticas para a vida no seu dia a dia.

1. A SABEDORIA NO MUNDO ANTIGO

Evidentemente que, a sabedoria, a prática de exercitar a sabedoria, não era uma realidade isolada de Israel no Antigo Testamento, pois sabe-se que a sabedoria, na verdade, é bem mais antiga que Israel. Povos como os egípcios e mesopotâmios já a exerciam há bastante tempo.³ Era costume de alguns povos antigos terem seus sábios, os quais eram tidos como guias, instrutores e conselheiros. No Egito, por exemplo, quando Moisés fora enviado por Deus para falar ao Faraó, ele se depara com os sábios do rei.

O texto de Êxodo 7.10-11 diz: “Então, Moisés e Arão se chegaram a Faraó e fizeram como o Senhor lhes ordenara; lançou Arão o seu bordão diante de Faraó e diante dos seus oficiais, e ele se tornou em serpente. Faraó, porém, mandou vir os sábios e encantadores; e eles, os sábios do Egito, fizeram também o mesmo com as suas ciências ocultas”.⁴ Cole, comentando este texto, diz que “a arte da magia era bem

² ELLISEN, Stanley. *Conheça melhor o Antigo Testamento*. São Paulo: Vida, 2003, p. 143.

³ LÍNDEZ, José. *Sabedoria e sábios em Israel*. São Paulo: Loyola, 1999, p.17.

⁴ *Bíblia de Estudo MacArthur*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010, p. 97-98.

difundida no Egito e um bom número de papiros trata do assunto”.⁵ MacArthur em seu comentário, diz que estes homens mágicos, também eram considerados sábios e doutores da religião,⁶ trabalhavam como conselheiros do rei.

A sabedoria egípcia dava-se não somente por meios mágicos, conselhos, mas, sobretudo por meio da literatura que se desenvolvera com base em instruções. Lindez, diz que desde os tempos antigos o Egito desenvolveu a literatura sapiencial por meio de instruções ou ensinamentos proverbiais, bem como em pequenos poemas. Ele cita um exemplo de provérbio egípcio que muito se assemelha aos provérbios do livro bíblico de Provérbios:

A velhice chegou (...), a infelicidade aí está; a debilidade aparece (...)

O que era bom tornou-se mal; todo o sabor desapareceu (...) O que a Velhice causa aos homens é ruim em todo os aspectos. Ninguém é sábio.

A injustiça jamais conduziu sua empresa a um bom porto.

A palavra é mais difícil que qualquer outro trabalho; confere autoridade apenas a quem a domina completamente.

Não responda em estado de agitação.

Conhece-se o sábio pelo que ele sabe, e o nobre por suas boas ações.

Deus ama a quem escuta, e quem não escuta é por Deus detestado.⁷

Esse era um modelo de um antigo manual de sabedoria. É um exemplo da forma sapiencial reflexiva, exortativa, ensinada no Egito. As máximas são bem parecidas com as encontradas nos livros bíblicos sapienciais. Isso mostra que, a sapiência, era uma prática do mundo antigo. “O assunto “sabedoria” era debatido extensivamente no antigo Oriente Médio. A sabedoria mesopotâmica, por exemplo, que teve sua origem nos sumérios, enfatizava as experiências humanas, o caráter e os conselhos a respeito de questões práticas”,⁸ do dia a dia.

Percebe-se que a literatura e a sabedoria eram usadas para decifrar, entender, ensinar diversos aspectos da vida, como, por exemplo, a função de um rei, de um pai, de um filho, o sentido da vida e da morte. Segundo William, a literatura de sabedoria era marcada por observações sábias acerca da vida, estabelecidas para serem memorizadas. Ela se evidenciava pelas regras para o convívio e pela busca da felicidade. Esse tipo de literatura, existia há mais de um milênio antes de Israel começar a produzir a sua literatura sapiencial.⁹ Isso mostra que a sabedoria escrita era ancestral.

Como pode-se perceber, paralelamente à época da literatura sapiencial do Antigo Testamento, estava a literatura sapiencial dos povos vizinhos de Israel. Alguns textos bíblicos comprovam essa afirmação, por exemplo, Isaías 19.11-12: “Na verdade, são néscios os príncipes de Zoã; os sábios conselheiros de Faraó dão conselhos estúpidos; como, pois, direis a Faraó: Sou filho de sábios, filho de antigos reis? Onde estão agora os teus sábios? Anunciem-te agora ou informem-te do que o Senhor dos Exércitos determinou contra o Egito”. Daniel 5.8: “Então, entraram todos os sábios do rei; mas não puderam ler a escritura, nem fazer saber ao rei a sua interpretação”.¹⁰ Esses dois textos mostram claramente que as outras nações, igualmente tinham seus sábios.

Para Kidner, “o Antigo Testamento claramente dá a entender que um homem ainda pode pensar de modo válido e falar com sabedoria, dentro de um campo limitado, sem revelação especial”,¹¹ ou seja, o Antigo Testamento, embora seja contra a magia, a feitiçaria, que estava muito atrelada à sabedoria desses

⁵ COLE, Alan R. *Êxodo: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 86.

⁶ *Bíblia de estudo MacArthur*, 2010, p. 97.

⁷ LINDEZ, 1999, p.18.

⁸ HARRIS, Laird R.; ARCHER Jr, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 459.

⁹ LASOR, William. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 485.

¹⁰ *Bíblia de estudo MacArthur*, 2010, p. 879 e 1084.

¹¹ KIDNER, Derek. *Provérbios: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 17.

sábios, reconhece que a sabedoria dos povos, que a palavra de seus sábios tinha certo peso em seus conselhos (2 Sm 16.23; 17.14). Segundo Lindez, “o sábio ou mestre de sabedoria era tão estimado em todo o Oriente antigo, da Mesopotâmia ao Egito, que recebeu o nome de *pai*, e suas lições ou conselhos eram dirigidos a seus alunos: reis ou plebeus, como a seus *filhos*”,¹² tamanho era o seu respeito.

2. A SABEDORIA DO PONTO DE VISTA DOS POÉTICOS

A palavra sabedoria no Novo Testamento aparece como a palavra grega *sophia*, “sabedoria” *sophos*, “sábio”, *sophizo*, “tornar sábio”, “ensinar”, “instruir”, “raciocinar”. Denota em grego um atributo e não necessariamente uma atividade.¹³ Por sua vez, no Antigo Testamento é a palavra hebraica *hokmâ*, “sabedoria”, *hākām*, “sábio”. Apesar de também ter uma conotação filosófica, é vista mais como uma sabedoria prática.

O verbo é usado 26 vezes, e a maioria dos usos é no qal, com o significado de “ser sábio”. No grau piel o sentido é “tornar (alguém) sábio” ou “ensinar”. Dentre todas as palavras que denotam inteligência, este verbo e seus derivados são as mais frequentes, ocorrendo cerca de 312 vezes no AT hebraico. Cerca de três quintos das ocorrências se acham em Jó, em Provérbios e em Eclesiastes. A ideia essencial de *hākām* representa um modo de pensar e uma atitude para com as experiências da vida, incluindo questões de interesse geral e moralidade básica. Tais assuntos se relacionavam à prudência em negócios seculares, habilidades nas artes, sensibilidade moral e experiência nos caminhos do Senhor.¹⁴

Nos poéticos, especialmente, o conceito da sabedoria, não é algo apenas teórico, mas vivencial, relacional e experimental. O que se observa também é que a sabedoria praticada em Israel se diferenciava da sapiência desenvolvida por outros povos. Como já visto neste artigo, povos como os egípcios e os mesopotâmicos, tinham seus sábios e literaturas sapienciais, mas “a sabedoria do Antigo Testamento, especialmente dos poéticos, é bem diferente de outras cosmovisões antigas, embora a forma da literatura sapiencial seja semelhante à de outras culturas”,¹⁵ como se pode observar.

Percebe-se que a “sabedoria veterotestamentária reflete o ensino de um Deus pessoal santo e justo, o qual espera que quem o conheça exiba o seu caráter nas questões práticas da vida”.¹⁶ Os poéticos apresentam Deus exaltado, Santo e Justo que exige de seus seguidores retidão moral e ética. A sabedoria, portanto, é vista não somente pela capacidade de especular, filosofar, mas de conhecer e colocar em exercício os conceitos da palavra de Deus. Alguns textos bíblicos mostram essa praticidade, por exemplo:

Provérbios 1.7: O temor do Senhor é o princípio do saber, mas o os loucos desprezam a sabedoria e o ensino. Provérbios 3. 7: Não sejas sábios aos teus próprios olhos; teme ao Senhor e aparta-te do mal. Jó 37.23-24: Ao Todo-Poderoso, não o podemos alcançar, porém não perverte o juízo e a plenitude da justiça. Por isso, os homens o temem; ele não olha para os que se julgam sábios. Jó 28.28: E disse ao homem: Eis que o temor do Senhor é a sabedoria, e o apartar-se do mal é o entendimento. Salmo 19.7: A lei do Senhor é perfeita e restaura a alma; o testemunho do Senhor é fiel e dá sabedoria aos simples.¹⁷

Kidner, comentando o texto de Provérbios 1.7, diz que “a sabedoria, portanto, no seu sentido original, é um relacionamento que depende da revelação e que é inseparável do caráter”.¹⁸ O saber é uma vida relacionada ao temor, ao servir ao Senhor, portanto, o sábio é aquele que ama a Deus e anda nos seus caminhos. Nos livros sapienciais, a sabedoria, “muda-se da reflexão para a ação”¹⁹, ou seja, não adianta apenas saber, mas é preciso saber viver, é preciso colocar em prática. Conforme Kaiser, “quando os homens temiam ao Senhor, também evitavam o mal (Sl 34.11,14; Jó 1.1, 8; 2.3). De fato, odiavam o mal (Pv 3.7;

¹² LINDEZ, 1999, p.30.

¹³ COENEN, Lorthar.; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. Volume 2. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 2169.

¹⁴ HARRIS; ARCHER Jr; WALTKE, 1998, p. 459.

¹⁵ HARRIS; ARCHER Jr; WALTKE, 1998, p. 460.

¹⁶ HARRIS; ARCHER Jr; WALTKE, 1998, p. 460.

¹⁷ Bíblia de estudo MacArthur, 2010.

¹⁸ KIDNER, 2011, p. 57.

¹⁹ ANDERSEN, Francis L. **Jó: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 228.

16.6) e, pelo contrário, andavam na retidão e não na perversidade (Pv 14.2; 16.17).²⁰ A sabedoria tornava o homem sensato e correto.

A sabedoria é, na verdade, religiosa e prática, tendo o seu ponto de partida o temor do Senhor, estende-se até abarcar todos os quadrantes da vida conforme é percebido nos sapienciais. A sabedoria adquire discernimentos adquiridos dos conhecimentos sobre os caminhos de Deus e aplica-os à vida no seu dia a dia.²¹ Como se pode perceber, a definição de sabedoria nos poéticos, não está necessariamente atrelada ao conhecimento filosófico, como a gnose grega, não era meramente especulativa, mas era de caráter prático, vivencial, experimental e empírica no sentido que as experiências ajudavam a formar máximas proverbiais, ajudavam a fazer uma análise da vida e tirar delas conclusões e lições práticas.

3. OS SÁBIOS DE ISRAEL

A pergunta que deve ser feita agora é: quem eram os sábios de Israel? Como eles viviam? Qual era sua área de atuação? Nesta parte do artigo, tentar-se-á identificá-los a partir dos livros sapienciais e de todo o Antigo Testamento.

3.1 A CLASSE DOS SÁBIOS

Pode-se observar que, “uma classe especial de homens (ou mulheres 2 Sm 14.2) sábios parece ter-se desenvolvido durante a monarquia. Pelos tempos de Jeremias, haviam ocupado posição ao lado dos profetas e sacerdotes com uma grande influência religiosa e social”.²² Eles tinham grande prestígio. Homens como: Davi, Salomão, Agur, o rei Lemuel, Daniel, os amigos de Jó, Samuel eram tidos como sábios, mas também tinham os sábios do rei, os sábios que seus nomes não aparecem na Bíblia que, segundo Lindez, “trava-se de profissionais e não-profissionais que possuíam boa cultura para aquele tempo, são mestres da corte, educadores dos príncipes, funcionários, conselheiros, são mestres populares ou peritos da lei”,²³ em Israel.

Conforme Carriker, os sábios formavam uma classe distinta no Israel antigo, bem como os profetas e os sacerdotes e juntos faziam parte da liderança de Israel (Jr 18.18), eles possuíam seu próprio conjunto de ensino que hoje é chamado de livros de sabedoria. A literatura dos sábios se difere da literatura dos profetas. A palavra dos profetas era dirigida ao povo, enquanto a palavra do sábio era dirigida ao indivíduo.²⁴ Carriker, diz que “a base do conselho do sábio é a sua experiência, enquanto o profeta reivindica a revelação e autoridade divinas. A sabedoria possui um caráter humano universal, enquanto os profetas invocavam a fé em Iahweh com base em sua ação na história de Israel”.²⁵ Ellisen, faz a seguinte observação sobre a classe dos sábios:

O seu ofício não lhe vinha por herança ou nomeação especial, mas por um interesse moral e pela reação comportamental à verdade. Do mesmo modo que o sacerdote está interessado no ritual e o profeta na proclamação, o ponto forte do sábio é o parecer. O sacerdote, referindo-se ao pecado diria: É profanação, e o profeta: É pecado. O sábio diria: é loucura. Ele sempre via as ordens divinas terem uma consequência moral que inevitavelmente resultava em felicidade ou desgraça.²⁶

Como se pode verificar, a classe dos sábios era tão importante quanto a classe dos profetas e dos sacerdotes, embora não seja possível falar em uma “classe institucionalizada”, a verdade, pelo que se pode averiguar é que, os sábios eram um tipo de classe com muito respeito na sociedade e na vida religiosa.

²⁰ KAISER, Walter C. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 174.

²¹ DOUGLAS, D. J. *O novo dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 142-143.

²² DOUGLAS, 1995, p. 1423.

²³ LINDEZ, 1999, p. 30.

²⁴ CARRIKER, Timóteo. *O caminho missionário de Deus: uma teologia bíblica de missões*. Brasília: Palavra, 2005, p. 104-105.

²⁵ CARRIKER, 2005, p. 105.

²⁶ ELLISEN, 2003, p. 148.

3.2 A IDADE DOS SÁBIOS

Jó 32.9, diz: “Os de mais idade não é que são os sábios, nem os velhos, os que entendem o que é reto”.²⁷ Provavelmente, o que Eliú estava querendo dizer era que pessoas mais jovens também são sábias e não somente as pessoas mais idosas.²⁸ Entende-se que uma característica do sábio era uma idade mais avançada, no entanto, a “posição de Eliú é a do equilíbrio, pois concede aos mais velhos as primeiras palavras, contudo, não os considera infalíveis, visto que Deus pode conceder sabedoria sem considerar a idade da pessoa”.²⁹ Em Eclesiastes 4.13 diz: “Melhor é o jovem pobre e sábio do que o rei velho e insensato, que já não se deixa admoestar”.³⁰ Eaton e Carr comentando este texto dizem que:

De modo geral, no Velho Testamento a sabedoria é tida como algo que se relaciona com a idade provecta, e com a experiência, sendo os anciãos honrados segundo esta postura (Lv 19.32). Percebe-se também, porém, que os velhos podiam perder a sabedoria (Jó 12.20), e que os jovens poderiam se mais sábios do que seus velhos (Sl 119.100).³¹

O que se observa é que o sábio era geralmente, uma pessoa de mais idade, um ancião, mas também poderia ser uma pessoa jovem. Da mesma forma, os conselhos dos jovens nem sempre eram corretos, como se pode observar no conselho dos jovens ao rei Roboão em 1 Reis 12.6-11. A figura, por exemplo, do pai no livro de Provérbios é um exemplo de um sábio sensato e de mais idade. O ancião era honrado como diz em Levítico 18.32: “Diante das câs te levantarás, e honrarás a presença do ancião, e temerás o teu Deus. Eu sou o Senhor”.³² Os anciãos eram muito respeitados e ouvidos.

3.3 AS HABILIDADES DOS SÁBIOS

Os sábios são descritos a partir da capacidade que eles tinham para lidar com os vários aspectos da vida. Alguns exemplos de textos bíblicos mostram essas habilidades, por exemplo, Provérbios 12.15: “O caminho do insensato aos seus próprios olhos parece reto, mas o sábio dá ouvidos aos conselhos”.³³ O sábio no texto é o indivíduo que não somente aconselha, mas tem a humildade para também receber conselhos. Nesse sentido, o sábio é o que aprende com outros e se deixa moldar. Provérbios 14.1: “A mulher sábia edifica sua casa, mas a insensata, com as próprias mãos, a derriba”. Neste caso, a mulher sábia era aquela que tinha habilidade para lidar com as questões do lar, tinha uma capacidade para resolver conflitos. De forma geral, “os que aprendem a agir eficazmente em muitas circunstâncias que pontuam a existência humana são considerados sábios”,³⁴ nos livros sapienciais.

Os sábios eram conhecidos por terem a competência de aconselhar. A habilidade dos sábios de aconselhamento era vista como um grande talento. Aqueles que recebiam seus conselhos os recebiam como se fossem conselhos de um pai. Os sábios observam a vida, “interessavam mais pela ética ou aplicação da verdade divina à experiência humana. Observam o caráter humano, sua conduta e as suas consequências, a fim de estabelecer princípios aprimorados para a moral”.³⁵ Conforme Ellisen, os sábios eram “filósofos de conversa” com o homem do campo ou a mulher do lar, coligindo sabedoria aprovada pela experiência, ministrando a indivíduos e exercendo tanta influência quanto possível”,³⁶ eram homens habilidosos nessas práticas.

No entanto, para além da aptidão de aconselhamento, instruir oral e espiritualmente, aqueles que

²⁷ Bíblia de estudo MacArthur, 2010.

²⁸ ANDERSEN, 2011, p. 246.

²⁹ EATON, Michael A.; CARR, Lloyd G. *Eclesiastes e Cantares*: Introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 102.

³⁰ Bíblia de estudo MacArthur, 2010.

³¹ EATON; CARR, 2011, p. 102.

³² Bíblia de estudo MacArthur, 2010,

³³ Bíblia de estudo MacArthur, 2010,

³⁴ HOUSE, Paul R. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida, 2005, p. 544.

³⁵ ELLISEN, 2003, p. 148.

³⁶ ELLISEN, 2003, p. 148.

possuíam habilidades técnicas, facilidade com algum tipo de trabalho, eram também chamados de sábios, por exemplo, Bezaleel, artífice chefe do Tabernáculo (Êx 31.3), as carpideiras profissionais (Jr 9.1-20), os navegadores ou pilotos (Ez 27.8-9).³⁷ A inteligência de desenvolver ou criar algo era vista como sabedoria. Zuck, em sua teologia do Antigo Testamento diz que:

nos livros não sapienciais, a sabedoria se refere à aptidões em relação ao funcionamento das artes, ao aconselhamento ou deliberação astuta, à administração de pessoas ou tarefas ou à sagacidade intelectual. Os alfaiates que confeccionaram as roupas do sacerdote Arão (Êx 28.3) e os trabalhadores que construíram o Tabernáculo – inclusive os trabalhadores com metais, os escultores de pedras, os gravadores em madeira, os bordadores, os tecelões, as mulheres que fiavam tecidos e linho tinham sabedoria para as suas respectivas tarefas. “Os sábios de coração” em Êx 28.3 e “sábias de coração” em Êx 35.35 são traduções literais do termo hebraico *hokmat-leb*.³⁸

Os sábios de Israel, anciões ou jovens, eram tanto aqueles que observavam a vida e suas experiências, quanto àqueles que tinham habilidades ou eram capacitados para determinado tipo de serviço. A sabedoria desses homens estava na competência de aconselhar, instruir como um pai e na eficácia de desenvolver alguma arte e prestar serviço. Era uma classe distinta dos profetas e sacerdotes, mas tão respeitada quanto.

4. A FONTE DA SABEDORIA DE ISRAEL

A sabedoria é adquirida como um dom de Deus ou por meio do esforço humano? Especialmente o livro de Provérbios, ensina o homem a buscar a sabedoria (Pv 1.33; 2.2; 4.6-7; 8.17), mas lendo os livros sapienciais, de forma geral, parece que são as duas coisas, com ênfase no agir de Deus. Em Deus está a sabedoria (Jó 12.13; 28.23; 32.8. Sl 19.7; 51.6; Pv 2.6). Em Provérbios 4.7 diz: “O princípio da sabedoria é: Adquire a sabedoria; sim, com tudo o que possuis, adquire o entendimento”. O texto diz para se buscar, adquirir a sabedoria. Um exemplo que pode ser usado nesse sentido é o caso do rei Salomão que pediu sabedoria para governar o povo (1Rs 3.9-10). Já em Salmo 51.6 diz: “Eis que te comprazes na verdade no íntimo e no recôndito me fazes conhecer a sabedoria”. Jó também diz que em Deus está a sabedoria (Jó 12.13).

Kaiser, afirma que a sabedoria de Israel não podia subsistir separadamente da fonte da sabedoria que era o Senhor e não podia ser conhecida nem vivida fora do “temor ao Senhor”.³⁹ Ou seja, o que se nota nos livros poéticos é uma grande ênfase em Deus como o nascedouro da sabedoria, seja ela vista nas habilidades para a execução de trabalhos específicos, seja ela percebida na maestria de aconselhar por meio das experiências diárias. Em outras palavras, o homem que não teme e não busca os caminhos do Senhor é um tolo, um insensato como diz Salmo 14.1: “Diz o insensato no seu coração: Não há Deus...”.

Conforme Carriker, “os sábios de Israel não eram humanistas seculares, para quem Deus era distante e despreocupado. A sabedoria não podia ser divorciada da sua fonte, Iahweh, nem ser conhecida ou aplicada corretamente à parte do “temor ao Senhor”.⁴⁰ O humanismo dos sábios era divino no sentido de que o homem foi criado por Deus e, portanto, sua conduta na terra, deveria ser dirigida pelos caminhos do Senhor.⁴¹ Viver nos caminhos do Senhor era o segredo para se viver bem, pois, isso era ser sábio. Zuck diz que, “a sabedoria é mais do que uma característica humanamente inventada. É a habilitação divina, a habilidade de enfrentar e ter sucesso baseada nas providências de Deus. Só Ele “pôs a sabedoria no íntimo” (Jó 36).⁴² O homem precisa de Deus para ser sábio.

³⁷ DOUGLAS, 1995, p. 142.

³⁸ ZUCK, Roy B. *Teologia do Antigo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, p. 282.

³⁹ KAISER, 2007, p. 180.

⁴⁰ CARRIKER, 2005, p. 108.

⁴¹ ELLISEN, 2003, p. 148.

⁴² ZUCK, 2009, p. 286.

5. ASPECTOS PRÁTICOS DA SABEDORIA NO COTIDIANO

A sabedoria se torna uma fonte de vida para o sábio, conforme diz o pregador em Eclesiastes 7.12: “A sabedoria protege como protege o dinheiro; mas o proveito da sabedoria é que dá vida ao seu possuidor”.⁴³ Comentando este versículo, MarcArthur diz que “a sabedoria é melhor do que o dinheiro porque ela traz satisfação à vida”.⁴⁴ A riqueza da sabedoria é percebida em seus vários aspectos práticos da vida. É uma riqueza bem empregada. A seguir serão dados apenas dois exemplos práticos da sabedoria.

5.1 NO CASAMENTO

Provérbios 31.26 diz: “Fala com sabedoria, e a instrução da sua bondade está na sua língua”.⁴⁵ Esse texto faz parte do contexto sobre a mulher virtuoso que não deixa de ser também, mulher sábia. O marido é respeitado e honrado na cidade entre os seus amigos. Os filhos são bem cuidados e educados. Isso é riqueza, saber cuidar dos negócios da família, do casamento e dos filhos.

5.2 NO RELACIONAMENTO ENTRE PAIS E FILHOS

Provérbios 13.1 diz: “O filho sábio ouve a instrução do pai, mas o escarnecedor não atende à repreensão”.⁴⁶ O filho sábio ouve e aceita o conselho do pai. Ele não se rebela, mas mostra riqueza quando aceita a instrução. O pai sábio disciplina o filho e não somente enche os filhos de presentes para encobrir sua falha como pai ou para satisfazer os caprichos dos filhos. O filho escarnecedor, ao contrário do sábio, não ouve, não respeita os conselhos do pai e, por isso, se perderá.

De forma geral, os ensinamentos do Antigo Testamento, são para o dia a dia de Israel, são lições que devem ser colocadas em prática na vida diária do povo. Não são ensinamentos futurísticos, com exceção de algumas profecias, são ensinamentos para o cotidiano. Israel era um povo rural, pastoril, e muito ligado às tradições que exigiam uma vida de praticidade. A lei mosaica era de cunho prático, imediato e não filosófica. Não havia tanto espaço para se especular e teologizar, era: sim, sim ou não, não. Para Israel, tudo provinha de Deus, seja o bem ou o mal, não havia espaço para o dualismo de poder. Deus controlava todas as coisas. Dessa forma, não era possível ter duas vidas, uma santa e outra profana, a ordem era: “sede santos porque eu sou santo” (Lv 20.7).

Os livros poéticos ou sapienciais seguem o mesmo pensamento e padrão do restante do Antigo Testamento, os mandamentos do Senhor, são práticos e não filosóficos. A vida com o Senhor é a verdadeira vida, isso é ser sábio. A sabedoria deveria ser vivida em todos os aspectos da existência humana, como: na escola, no casamento, nos negócios, na criação de filhos, no relacionamento conjugal, no aprendizado das Escrituras, no uso dos membros do corpo, como o nariz, ouvido, lábios, mãos, pés, na liderança do povo, na capacidade de aceitar as instruções, na humildade de aceitar a disciplina, na riqueza material, na pobreza de bens entre outros. Em todos estes aspectos, a sabedoria era a norteadora. Os livros poéticos apontam somente dois caminhos: O caminho da vida que corresponde à sabedoria e o caminho da morte que corresponde à insensatez.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo se propôs a analisar o tema: “Não adiante apenas filosofar, é preciso praticar”. Para tanto, foi usada a metodologia de pesquisa, bíblica e bibliográfica a respeito do tema proposto.

Para desenvolver o tema, começou-se explicando que a sabedoria ou a forma de “fazer” sabedoria já existia no mundo antigo, mesmo antes da formação do povo de Israel. Povos como os egípcios, babilônios e mesopotâmicos, em geral, tinham suas literaturas sapienciais, tinham seus sábios. A literatura de sabedoria

⁴³ Bíblia de estudo MacArthur, 2010.

⁴⁴ Bíblia de estudo MacArthur, 2010, p. 841.

⁴⁵ Bíblia de estudo MacArthur, 2010.

⁴⁶ Bíblia de estudo MacArthur, 2010.

desses povos que se tem acesso, mostra certo paralelo com a sabedoria na literatura bíblica sapiencial. Como visto, a nação de Israel não foi a primeira e nem a única nação que praticou ou escreveu sobre os sábios e suas instruções, pois, isso já era uma constante do mundo antigo. No entanto, a sabedoria dos sábios desses povos era ligada a alguma espécie de magia, ocultismo e espiritismo.

Comprovou-se que a sabedoria do ponto de vista dos livros sapienciais e de todo o Antigo Testamento não envolvia a magia e nem era de cunho especulativo-filosófico, mas prático. Diferentemente da filosofia grega, por exemplo, que filosofava sobre a vida e suas complexidades, a sabedoria apresentada nos sapienciais bíblicos, não somente é reflexiva, mas experimental, relacional e vivencial. Não se atem apenas na reflexão, na especulação, parte para a execução. Observou-se, que os sábios analisavam as experiências da vida cotidiana, para extrair delas lições práticas, e não somente para criar jargões teológicos, frases de efeito sem nenhum proveito para a vida e suas demandas.

Verificou-se também que os sábios eram pessoas de mais idade, anciãos, mas também pessoas de menos idade. Embora a figura do sábio estivesse correlacionada ao amadurecimento, alguns textos, como foi visto, mostram que o jovem, da mesma forma, podia ser um sábio. O Antigo Testamento honra o ancião, contudo, a idade por si mesma, não qualifica o indivíduo para ser um sábio, porém a sua habilidade de observar e captar para si e ensinar as lições a partir de sua experiência de vida, é que tornava alguém em um sábio. Verificou-se também que, os sábios, eram tanto aqueles que tinham habilidade de instruir, aconselhar, aprender, quanto aqueles que tinham expertises manuais para determinados serviços, como no caso dos construtores do Tabernáculo. Porém, os sábios nos sapienciais estão mais conectados ao aconselhamento.

Constatou-se que, a fonte da sabedoria de Israel, residia no temor ao Senhor. Essa ênfase permeia os livros poéticos! Enquanto os sábios das outras nações, buscavam a sabedoria na magia, no esoterismo, no espiritismo, os sábios de Israel, procuravam no Senhor a sabedoria. Eles entendiam que o Senhor é quem fornece a sabedoria tanto ao rei quanto aos simples. Não há na visão dos sapienciais, verdadeira sabedoria fora dos caminhos do Senhor. O Senhor criou a sabedoria. Aqueles que estão mais próximos de Iaweh são mais sábios. Viu-se também que os sábios eram um tipo de classe diferente dos sacerdotes e profetas em termos de ação, mas era tão respeitada quanto às demais.

A conclusão é que, os aspectos práticos da sabedoria no cotidiano, era o que interessava aos sábios: levar o povo a viver sabiamente era o objetivo deles. Não adiantava apenas o conhecimento teórico. Os sábios não estavam preocupados com a teologia de gabinete, eles iam às ruas, aldeias, praças, conviviam com o povo, aprendiam com ele, debatiam sobre as questões da vida, mas não simplesmente para debater, antes para encontrar soluções práticas. Os sábios não estavam implicados em escreverem grandes livros teológicos com dizeres técnicos, especulações sem fim, eles queriam viver o que as Escrituras Sagradas ensinavam claramente e registravam aquilo que eles achavam importantes para a vida. É bom salientar, pelo que se pôde observar, os sábios não eram contra a teologia, mas contra a discussão interminável e sem proveito exequível.

O que pode-se perceber na atualidade, é que os denominados “sábios”, de maneira geral, são aqueles que têm capacidade intelectual acima do habitual, aqueles que escrevem grandes livros, os que têm variados títulos acadêmicos, como, por exemplo, o título de Filósofo. Entretanto, faz-se necessário ressaltar que, a Bíblia reconhece e legitima esse tipo de sabedoria como válida, todavia, nos livros poéticos, a ênfase é a sabedoria do dia a dia, colocada em prática em áreas como: no casamento, na criação dos filhos, nos negócios, na vida espiritual e religiosa, na resolução de conflitos e na abstenção do mal. A sabedoria de colocar na prática o conhecimento adquirido, cujo a origem é o Senhor Deus.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Francis L. **Jó**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2011.

BÍBLIA DE ESTUDO MACARTHUR. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

CARRIKER, Timóteo. **O caminho missionário de Deus:** uma teologia bíblica de missões. Brasília: Palavra, 2005.

COENEN, Lothar.; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento.** Volume 2. São Paulo: Vida Nova, 2000.

COLE, Alan R. Êxodo: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2011.

DOUGLAS, D. J. **O novo dicionário da Bíblia.** São Paulo: Vida Nova, 1995.

EATON, Michael A.; CARR, Lloyd G. **Eclesiastes e Cantares:** introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2011.

ELLISEN, Stanley. **Conheça melhor o Antigo Testamento.** São Paulo: Vida, 2003.

HARRIS, Laird R.; ARCHER Jr, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1998.

HOUSE, Paul R. **Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida, 2005.

KAISER, Walter C. **Teologia do Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 2007.

KIDNER, Derek. **Provérbios:** introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 2011.

LASOR, William. **Introdução ao Antigo Testamento.** São Paulo: Vida Nova, 1999.

LÍNDEZ, José. **Sabedoria e sábios em Israel.** São Paulo: Loyola, 1999.

ZUCK, Roy B. **Teologia do Antigo Testamento.** Rio de Janeiro: CPAD, 2009.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional

LEPRA NO ANTIGO TESTAMENTO: ANÁLISE TEOLÓGICA E MÉDICO-HISTÓRICA

Leprosy in the Old Testament: Theological and Medico-Historical Analysis

Me. Jean-Luc Fobe¹

RESUMO

A palavra lepra, *lepras* e *leprae* nas traduções grega e latina do Antigo Testamento (AT), passou a ser associada erroneamente ao Mal de Hansen, doença de pele desfigurante, contagiosa e motivo de exclusão social. Os aspectos históricos do Mal de Hansen e os motivos da confusão com a lepra bíblica são apresentados. O Antigo Testamento emprega a palavra lepra (*tza'arat*, תַּצַּרַעַת) em três campos semânticos distintos: doenças de pele com riscos de contágio (Lv 13.2,8,9,11,12,13,15,25,27, 30,42,43,47,49,51,52,59; 14.3,7,32,34,44,54,55,57), mofo na casa (Lv 14.33-57), e punição do Senhor contra a rebeldia (Êx 4.6; Nm 12.10; Dt 24.8). Os diversos significados da lepra no AT são descritos e identificam-se quais seriam as possíveis doenças dermatológicas contemporâneas. As narrativas sobre a lepra trazem normativas para evitar a propagação de doenças de população com normas fito sanitárias, controle da contaminação das casas com o mofo e prevenção da rebeldia contra o Senhor.

Palavras-chave: Lepra. Doenças de pele. Mofo na parede. Punição do Senhor.

ABSTRACT

The word leprosy, *lepras* and *leprae* in the Greek and Latin translations of the Old Testament (OT), came to be erroneously associated with Hansen's Disease, a disfiguring, contagious skin disease and a reason for social exclusion. The historical aspects of Hansen's Disease and the reasons for the confusion with biblical leprosy are presented. The Old Testament uses the word leprosy (*tza'arat*, תַּצַּרַעַת) in three distinct

¹ Médico pela FCM-UNICAMP. Mestre em Divindade pelo Seminário Servos de Cristo. Mestrado em Teologia Bíblica pela PUC-SP. Doutorando em Teologia Bíblica pela PUC-SP. Membro do grupo de pesquisa do TIAT, Prof. Dr. Matthias Grenzer, PUC-SP. E-mail: jeanfobe@yahoo.com

semantic fields: skin diseases with risk of contagion (Lev 13.2,8,9,11,12, 13,15,25,27,30,42,43,47,49,51,52,59; 14.3,7,32,34,44,54,55,57), mold in the house (Lev 14.33-57), and punishment by the Lord against rebellion (Ex 4.6, Nm 12.10 and Dt 24.8). The various meanings of leprosy in the OT are described and the possible contemporary dermatological diseases are identified. The narratives about leprosy bring regulations to prevent the spread of diseases among the population with phytosanitary standards, control of contamination of homes with mold and prevention of rebellion against the Lord.

Keywords: Leprosy. Skin diseases. Mold. Rebellion against the Lord.

INTRODUÇÃO

O termo contemporâneo lepra foi traduzido do Antigo Testamento (AT) em hebráico para o grego *lepras* (λέπρας) na Septuaginta (LXX), no terceiro século a.C., e incorporado na cultura ocidental com a transliteração desta palavra para o latim como lepra, “leprae”, na Vulgata.

A pessoa popularmente chamada de leprosa, além dos problemas de saúde física, é estigmatizada pela sociedade com sua exclusão social. A lepra do AT não corresponde ao Mal de Hansen, motivo de confusão na terminologia médica e popular.

Nos escritos de Hipócrates (460 a.C. a 370 a.C.), encontra-se a palavra “lepras” (λέπρας) *para descrever diversas enfermidades de pele, e não para uma única doença.*² A LXX emprega a palavra grega “lepras” (λέπρας) na tradução do hebraico “tzara’ rat” (תַּצַּרָּאֵרַת) no terceiro século a.C. No grego, “lepras” (λέπρας) era uma palavra originalmente genérica para descrever manchas brancas descamativas na pele.³

O Mal de Hansen é uma doença dermatológica distinta, descrita em 1874 por Gerhard Armauer Hansen. É contagiosa dependendo da sua forma clínica, e foi encontrada endemicamente inicialmente na Índia, ao redor do sexto século a.C. Sua introdução no Oriente Médio ocorreu com o exército de Alexandre, o Grande (325-324 a.C.), com o casamento coletivo dos seus soldados com 10.000 mulheres hindus. As leis de Manu na Índia (1.400 a.C.) identificam os sintomas descritos naquela época com o Mal de Hansen, e o potencial contágio é combatido com os cuidados na prevenção de Kushta – considera “morte antes da morte”. O primeiro caso desta doença no mundo ocidental foi descrito no seu exército de Alexandre, o Grande, logo após este casamento coletivo. O nome dado para esta doença de pele pelos médicos foi “elephas” ou “elephantiasis” (ἐλεφας, ἐλεφαντίασις). A lepra bíblica não pode ser confundida com o Mal de Hansen, esta foi introduzida na região ao Antigo Oriente Médio cerca de dois séculos depois do processo redacional final do Pentateuco (587 a.C.-538 a.C.). Não há registros históricos ou evidências paleontológicas que o Mal de Hansen tenha se introduzido no Antigo Oriente Médio e Egito antes do século terceiro a.C.⁴

A hanseníase é uma doença contagiosa de origem hindu, inicialmente denominada no Ocidente como “elephas” ou “elephantiasis” (ἐλεφας, ἐλεφαντίασις). Até o século VII d.C., essas doenças eram reconhecidas como distintas da lepra bíblica.

O médico João de Damasco (777–857 d.C.) utilizou erroneamente o termo lepra para descrever a forma lepromatosa e desfigurante do Mal de Hansen, sendo seguido por diversos autores medievais. Durante a Renascença, obras de Ambroise Paré (1510–1591 d.C.) e Thomas Bartholin (1616–1680 d.C.) consolidaram a sinonímia entre lepra e elefantíase.⁵

A associação da lepra bíblica com a doença hanseníase estigmatiza mais o enfermo acrescentando

² HULSE, 1975, p. 87-105.

³ KAPLAN, 1993, p. 507-510.

⁴ ANAND, 2014, p. 1087-1090.

⁵ DAL SECCO, 2017, p. 27-30.

uma pseudopunição divina ao seu sofrimento.⁶ A lepra do AT foi erroneamente associada com o Mal de Hansen no mundo ocidental durante séculos pela medicina.

No Brasil apenas com a lei 9.010 de 1995, os termos de lepra, elefantíase dos gregos, mal de Lázaro, e morfeia foram oficialmente substituídos da linguagem médica por hanseníase ou Mal de Hansen. Essa mudança visava reduzir o estigma e a discriminação associados à nomenclatura anterior.⁷

A doença que recebe o nome de Mal de Hansen ou hanseníase é causada pelo bacilo *Mycobacterium leprae*, que tem afinidade pela pele e nervos periféricos, acarretando lesões cutâneas, alterações da sensibilidade e motoras com deformidades progressivas e incapacitantes.⁸ As lesões na pele são avermelhadas com pápulas ou máculas, pouco elevadas. Na forma clínica chamada de tuberculóide, as lesões são hipopigmentadas, enquanto na forma lepromatosa existe uma infiltração difusa da pele. As lesões na pele cursam com perda dos pelos e da sensibilidade. Não é incomum ocorrer perda de cílios e sobrancelhas, com prejuízo progressivo da função motora com a progressão da doença. A hanseníase não é descamativa e não tem lesões esbranquiçadas, distintas das citadas na lepra do AT.⁹ Os sinais e sintomas do Mal de Hansen não são encontrados nas diversas formas de lepra do AT. A lepra leva a morte se não tratada, o que não ocorre na lepra que afligiu os reis Azarias ou Uzias (2Rs 15.5 e 2Cr 26.20-21,23). A hanseníase é distinta da lepra do AT.¹⁰

A palavra lepra (צִרְעָת) é encontrada como substantivo por trinta e cinco vezes na Texto Massorético, vinte e nove vezes no livro de Levítico (Lv 13.2,8,9,11,12,13,15,25, 27,30,42,43,47,49,51,52,59; 14.3,7,32,34,44,54,55,57), e as demais em Deuteronômio (Dt 24.8), 2 Reis (2Rs 5.3,6,7,27) e 2 Crônicas (2Cr 26.19). A sua forma verbal passiva *qal* por cinco vezes (Lv 13.44,45; 14.3; 22.4; Nm 5.2), e *pual* em quinze vezes (Lv 14.2; Êx 4.6; Nm 12.10; 2Sm 3.29; 2Rs 5.1,11,27; 7.3,8; 2Rs 15.5; 2Cr 26.21,23), as formas participiais funcionam genericamente como partículas adjetivas e substantivas, concretas e individuais.¹¹

A palavra lepra no AT é empregada para diversas doenças de pele com potencial contaminação de pessoas, casas e objetos, com risco de epidêmicas, e também, como marca da punição contra a rebeldia contra o Senhor. Este vocábulo é empregado em campos semânticos distintos: sete manifestações de doenças de pele com risco potencial de contágio (Lv 13.2,8,9,11,12,13,15,25,27,30,42,43,47,49,51,52,59; 14.3,7,32,34,44,54,55,57), mofo na casa (Lv 14.33-57), e punição do Senhor contra a rebeldia (Êx 4.6; Nm 12.10; Dt 24.8).

A calvice não é considerada isoladamente manifestação da lepra (Lv 13.40-44), e também são apresentados instruções especiais para o manuseio de roupas e acessórios (Lv 13.47-59) dos portadores de doenças de pele.

As narrativas da lepra no AT trazem normativas para evitar a propagação de doenças na população, evitar contaminação das casas com o mofo e prevenção da rebeldia contra o Senhor.

As manifestações da lepra no AT são descritas no seu campo semântico e identificam-se quais seriam as doenças possíveis com os conhecimentos da dermatologia contemporânea.

1. DOENÇAS DE PELE EM LEVÍTICO 13

A lepra (צִרְעָת) em Levítico 13 é contextualizada com as doenças de pele contemporâneas, potencialmente epidêmicas na comunidade de Israel. Essas enfermidades são distintas das manifestações punitivas de lepra relacionadas ao pecado (Êx 4.6; Nm 12.10; Dt 24.8).

⁶ DAVIS, 2007.

⁷ FEMINA, 2007, p. 37-48.

⁸ WHITE, 2015, p. 80-94.

⁹ BRITTON, 2004, p. 1209-1219.

¹⁰ RYRIE, 1956, p. 262-267.

¹¹ BOTTERWECK, 1997, p. 465-475.

O AT é considerado o primeiro material escrito sobre condutas fitossanitárias com introdução de normas e conceitos inovadores para a época. Destacam-se em Levítico 13 os princípios modernos da inspeção clínica, como o exame visual realizado pelo sacerdote: “O sacerdote lhe examinará, (רָאָה) (Lv 13.3,5,6,8,10,13,15,20,25, 27,30,32,36,39,43). Há também o princípio da quarentena: “o sacerdote isolará (סָגַר) por sete dias” (Lv 13.4,5,11,21,26,31,33); e medidas de higienização: “que suas vestes sejam lavadas (כִּבֵּס בְּגָדָיו)” (Lv 13.6,34,54), ou até destruição dos vetores: “todas as suas roupas queimadas (שָׂרַף)”, (Lv 13.52). Essas regras de purificação transcendem sua função religiosa inicial, constituindo também normas de higiene, cuidado ao doente e saúde pública.

As prescrições de Levítico 13 seguem princípios ainda aceitos na medicina preventiva atual: inspeção sem contato direto, isolamento temporário, reavaliação periódica e eventual reintegração social.

A decisão de declarar alguém impuro (טָמֵא) ou puro (טָהוֹר), e de determinar quarentena, higienização ou destruição de objetos contaminados, cabia ao sacerdote levita — que exercia papel próximo ao de um profissional de saúde pública.

Sete doenças distintas de pele são genericamente chamadas de lepra (צָרַעַת) em Levítico 13, com potencial epidêmico e difícil associação direta com doenças dermatológicas modernas. O texto não busca um diagnóstico etiológico específico, mas visa conter a disseminação de enfermidades na comunidade.

1.1 LEPRA COM PELO BRANCO (LV 13.3)

A primeira doença de pele descrita é a lepra com pelo branco: “o sacerdote examinará a pele do corpo, (Lv 13.3)”. A enfermidade é agravada com o comprometimento do pelo que se torna branco: “se o pelo (שֵׁעָר) na ferida (בַּגֵּי) se tornou branco (לָבָן), e a praga é mais profunda do que a pele da sua carne (בְּשָׂרָה)” (Lv 13.3).

A alteração da cor indica que é uma doença grave, compromete profundamente a pele, e o doente será excluído do convívio social pelo sacerdote: “o sacerdote o examinará e o declarará impuro (טָמֵא)” (Lv 13.3). A gravidade desta doença de pele tem potencial de disseminação na população com uma epidemia. O doente é excluído da coletividade, evitando o contágio.

Não existe uma definição exata sobre qual seria esta doença de pele na modernidade, provavelmente é uma dermatose causada por fungos.¹² O texto permite um diagnóstico etiológico específico, visa conter a disseminação de enfermidades na comunidade, seguindo as regras de inspeção visual clínica, isolamento temporário e avaliação final.

1.2 LEPRA SOMENTE COM MANCHA BRANCA (LV 13.4-8)

A segunda manifestação descrita é a lepra caracterizada apenas por uma mancha esbranquiçada na pele, sem alteração da coloração dos pelos ou profundidade da lesão: “mas se a mancha na pele for esbranquiçada (Lv 13.4) sem comprometimento do pelo, “o pelo (שֵׁעָר) não se tornou branco (לָבָן)” (Lv 13.4), indica que a doença é superficial e deve ser realizada uma quarentena inicial de sete dias, que pode ser estendida por dois ciclos de sete dias, “o sacerdote isolará por sete dias o que tem a doença (בַּגֵּי) (Lv 13.4)”.

O sacerdote examina o doente ao final de cada ciclo de sete dias: “Ao sétimo dia, o sacerdote o examinará (רָאָה). O sacerdote ao sétimo dia, o examinará (רָאָה) outra vez (Lv 13.5-6)”.

O enfermo é liberado se a lesão de pele não se alastra, não compromete os pelos. Neste caso, as roupas devem ser higienizadas, e é liberado para o convívio social: “o declarará puro (טָהוֹר); é pústula (מִסְפִּיחַת); o homem lavará as suas vestes e será puro (טָהוֹר), (Lv 13.6)”.

A doença é considerada lepra se a lesão aumenta em extensão ou profundidade, ou se a pústula atingir a profundidade da pele, será excluído em definitivo. O contágio foi evitado: “o sacerdote declarará que se tornou impuro (טָמֵא); é lepra (צָרַעַת)” (Lv 13.8).

¹² MAY, 2019, p. 280-293.

Não existe uma definição de uma doença dermatológica única com esta descrição, admite-se a possibilidade de diversas doenças como psoríase, dermatite seborreica, favus, infecções por dermatófitos, dermatite numular, dermatite atópica, pitíriase rósea, sarna crostosa, sífilis, impetigo, sicose barba, alopecia areata, furúnculos, sarna, neuro dermatites, escarlatina, lúpus eritematoso, líquen escleroso e atrófico, foliculites decalvas, esclerodermia localizada ou morfeia, sarcoidose, e líquen plano papilar.¹³ Muitas delas com potencial contágio por contato direto ou indireto, não existindo tratamento na época a não ser a exclusão, e prevenção do contágio, com propagação da doença.

1.3 LEPRA COM FERIDA EM CARNE VIVA (LV 13.9-17)

Esta manifestação é caracterizada por uma lesão aberta, úlcera ou ferida ativa, e o doente deve submeter-se ao exame pelo sacerdote: “Quando houver um homem com lesão de lepra (צִרְעָה), este será levado ao sacerdote (הַכֹּהֵן)” (Lv 13.9).

O sacerdote, constatando uma lesão em carne viva, ou alteração da coloração da pele que se torna esbranquiçada com pelo branco, será declarado impuro e afastado do convívio social: “O sacerdote o examinará (רָאָה). Se existir um inchaço esbranquiçado (שְׁאֵת־לִבְנָה) da pele (בָּעוֹר), alterando o pelo (שֵׁעָר) em esbranquiçado (לָבָן) com uma lesão em carne viva (בָּשָׂר חַי) (Lv 13.10), “será declarado impuro (טָמֵא) e isolado por ser impuro (טָמֵא), lepra (צִרְעָה) crônica está na pele do seu corpo” (Lv 13.11).

O enfermo será considerado puro quando a lepra acometer todo o corpo sem lesões em carne viva ou exsudativas progredindo para lesão cicatricial branca: “E se a lepra (צִרְעָה) se estender sobre toda a pele, comprometida pela lepra (צִרְעָה), cobrir todo o corpo, tornando-se branca, será declarado puro (כֹּתֵהוּ)” (Lv 13.12-13). Se existir qualquer nova lesão em carne viva ou exsudativa, será novamente considerado impuro: “Quando aparecer carne viva (חַי בָּשָׂר) será impuro (יִטְמָא)” (Lv 13.14).

Existe a possibilidade de reintegração social se a doença não demonstrar lesões em carne viva ou exsudativas com a cura, mesmo que tardia: “Se o sacerdote examinar a pele em carne viva (חַי בָּשָׂר), será declarado impuro (טָמֵא), carne viva (חַי בָּשָׂר) é lepra (צִרְעָה) impura (טָמֵא)” (Lv 13.16-17).

Tornar-se impuro significa exclusão da comunidade, prescrito para evitar que a epidemia se alastre pelo contato com pessoas portadoras de lesões cutâneas em carne viva.

Essa forma de lepra é descrita como a mais grave, associada a lesões ulceradas e exsudativas. Embora não haja identificação exata com uma doença atual, admite-se uma doença infecciosa com secreção ativa, potencialmente contagiosa.¹⁴

1.4 LEPRA COM FURÚNCULO (LV 13.18-23)

Esta forma de lepra é descrita como uma complicação após a cicatrização de um furúnculo ou abscesso cutâneo, distinta das demais já apresentadas. O sacerdote examina visualmente o doente após a cura espontânea da lesão na pele: “um furúnculo (שִׁחִין) cicatrizado (נִרְפָּא)” (Lv 13.18).

O sacerdote deve examinar a lesão cicatrizada, e se existir mudança da coloração da pele em branca, ou lesão avermelhada indicando atividade da doença, será afastado da comunidade: “e se houver no lugar do furúnculo (שִׁחִין) uma lesão (לִבְנָה) avermelhada (אֲדָמָה) (Lv 13.19), “se a pele estiver retraída e seu pelo (שֵׁעָר) branco (לָבָן), o sacerdote o declarará impuro (טָמֵא)” (Lv 13.20).

A quarentena de sete dias é indicada quando não existe pelo branco: “o sacerdote o isolará por sete dias” (Lv 13.21). Se a lesão progredir após a quarentena será considerado impuro para o convívio social: “caso se espalhe será declarado impuro (טָמֵא) pelo sacerdote” (Lv 13.22). Por outro lado, se a úlcera cicatrizar será reintegrado: “se a mancha não progredir, é uma cicatriz do furúnculo (שִׁחִין) e o sacerdote o declarará puro (טָהוֹר)” (Lv 13.23).

¹³ GRZYBOWSKI, 2016, p. 3-7.

¹⁴ TROZAK, 2006.

O contágio da comunidade é evitado com estas medidas, não existiam tratamentos médicos na época das narrativas bíblicas, a doença evoluía naturalmente para cura ou cronicidade, com alto risco de contágio e disseminação de pragas. Essa manifestação remete a uma possível infecção bacteriana, evoluindo de uma foliculite, para um furúnculo e mesmo para um carbúnculo, com risco de contágio durante sua fase ativa. A ausência de terapêutica específica tornava necessário o isolamento até a completa resolução da lesão.¹⁵

1.5 LEPRA COM MANCHA IGUAL A QUEIMADURA (LV 13.24-28)

A lepra pode manifestar-se inicialmente como uma mancha igual a uma queimadura branco-avermelhada ou com descoloração da pele: “se existir na carne da sua pele uma lesão como queimadura (מִכּוֹת־אֵשׁ), e torna-se uma mancha avermelhada (אֶדְמָה) ou branca (לִבְנָה)” (Lv 13.24), e deve ser avaliado pelo sacerdote: “O sacerdote o examinará (רָאָה)” (Lv 13.25).

O isolamento será indicado pelo sacerdote levita quando existe comprometimento do pelo ou na lesão profunda da pele: “se o pelo (שֵׁעַר) tiver se tornado branco (לִבְנָה) na mancha brilhante da pele” (Lv 13.25). O doente é declarado impuro e restrito do convívio social, “o sacerdote o declarará impuro (טָמֵא)” (Lv 13.25).

A quarentena de sete dias é imposta se não existir comprometimento da cor do pelo ou alteração morfológica da pele, rebaixada, indicando processo de cicatrização: “o sacerdote o isolará (הִקְיִירוֹ) por sete dias” (Lv 13.26).

No final da quarentena de sete dias, uma nova avaliação vai determinar se deve ser afastado da comunidade, ou não: “e no sétimo dia será examinado (רָאָה) pelo sacerdote” (Lv 13.27). Caso as lesões se espalhem, a doença está progredindo, não é uma lesão cicatrizada, é declarado impuro, e excluído da sociedade: “o sacerdote o declarará impuro (טָמֵא)” (Lv 13.27).

Portadores de lesões cicatrizadas, estabilizadas, não avermelhadas, sem sinal de inflamação ou infecção em atividade, indica que o doente está puro para a reintegração social: “caso a mancha da pele fique estável, sem cor, o sacerdote o declarará limpo (טָהוֹר)” (Lv 13.28). A lesão é declarada nesta situação é declarada uma cicatriz crônica: “ela é a cicatriz da queimadura (מִכּוֹתֵהּ)” (Lv 13.28).

O texto tem a mensagem central para evitar a transmissibilidade de uma infecção de pele na comunidade de Israel, e não descrever uma doença específica de pele. A avaliação periódica e o isolamento eram essenciais na ausência de tratamento.

Novamente a preocupação é isolar um portador de doença crônica em atividade, que pode tornar-se uma praga, com diversas possibilidades etiológicas sobrepondo-se as doenças já descritas para a lepra somente com mancha branca (Lv 13.4-8), apesar de manifestações distintas.

1.6 LEPRA DO CABELO E BARBA (LV 13.29-37)

A situação especial em que a lepra comprometa os pelos da cabeça ou a barba: “quando um homem ou mulher apresentar uma ferida (גִּיגַעַת) na cabeça ou barba” (Lv 13.29), “o sacerdote examinará (רָאָה)” (Lv 13.30).

O enfermo seja declarado imundo e afastado da sociedade quando existe comprometimento do pelo da barba ou da cabeça, que se torna fino e perde a sua cor natural: “se a ferida (גִּיגַעַת) for profunda e o pelo amarelo” (Lv 13.30).

A quarentena inicial de uma semana é imposta quando o comprometimento do cabelo da cabeça e da barba não for profundo: “se a ferida (גִּיגַעַת) não for mais profunda que a pele, mas não existir pelo preto” (Lv 13.31).

O enfermo se raspará a barba e cabelo, preservando a região da lepra quando a doença não evolui após a quarentena inicial de uma semana, sem descoloração dos pelos ou aprofundamento da lesão: “se

¹⁵ SHALLCROSS, 2015, p. 2426-2429.

não existir aumento das feridas (נִגַּעַת) e não houver pelos amarelos” (Lv 13.32), “então se raspará, mas não a ferida (נִגַּעַת)” (Lv 13.33).

O sacerdote continua observando o doente para certificar que não existe progressão da enfermidade, se a lesão não se agravar, será declarado puro e lavará a suas roupas: “o sacerdote examinará (רָאָה) a ferida (נִגַּעַת) no sétimo dia, e se a ferida (נִגַּעַת) não se alastrou sobre a pele e não ficou mais profunda na pele, será declarado puro (טָהוֹר) pelo sacerdote e lavará (כִּבֵּס) as suas roupas (טְהִיר)” (Lv 13.34).

Se a lepra da barba e do cabelo se espalhar posteriormente, será novamente avaliado pelo sacerdote e declaro impuro, com exclusão do convívio social: “mas se a doença de pele (נִגַּעַת) progredir depois da sua purificação (טָהוֹרָתוֹ)” (Lv 13.35), “ele está impuro (טָהוֹרָתוֹ)” (Lv 13.36).

A cura espontânea da lepra do cabelo e da barba em qualquer faz a reintegração social do leproso: “quando a ferida (נִגַּעַת) cicatrizar e um pelo preto tenha crescido na ferida, será declarado puro (טָהוֹר)” (Lv 13.37).

O objetivo destas instruções é evitar o contágio da comunidade. A doença dermatológica atualmente reconhecida como tinea do couro cabeludo ou *tinea capitis* é provavelmente aquela descrita nesta perícope. A tinea é uma enfermidade que compromete os pelos, transmissível por contato pessoal ou por objetos contaminados, causada por diversos fungos, manifesta-se clinicamente com lesões anulares, avermelhadas e escamosas com comprometimento dos pelos e pode evoluir para úlceras.¹⁶

1.7 LEPRA COM MANCHAS COM PERDA DA COR OU MANCHAS BRANCAS (LV 13.38-39)

As manchas da pele com perda de coloração têm uma descrição separada no conjunto das sete doenças de pele: “se um homem ou mulher manifestar manchas claras (בִּהָרֶת) ou manchas brancas (לְבָנֹת)” (Lv 13.38). Manchas ou perda da coloração de pele, sem outras manifestações, não é considerada doença potencialmente contagiosa para a comunidade, e não implica em exclusão: “ele está puro (טָהוֹר)” (Lv 13.39).

A lepra com manchas, com perda de cor ou brancas é imediatamente identificada sem risco de contágio pelo sacerdote, sem necessidade de quarentena. Não existe comprometimento dos pelos, vermelhidão ou alterações tróficas com desnivelamento da pele como nas lepras anteriormente descritas.

Existem duas possibilidades de doenças de pele com as mesmas características: eczema e vitiligo. O eczema, também chamado de dermatite atópica, é uma doença geneticamente, autoimune e não transmissível pelo contato.¹⁷ O vitiligo é outra doença não contagiosa, que causa perda da coloração da pele, sem outras lesões, sem comprometimento do pelo, e de causa desconhecida.¹⁸

A descrição de sete possibilidades de lepra da pele na lei judaica tem o objetivo primário de evitar a disseminação de epidemias dentro da comunidade de Israel, sem uma preocupação diagnóstica.¹⁹ A responsabilidade do sacerdote levita era classificar o enfermo como puro ou impuro para convívio na sociedade, evitando a disseminação da doença.

2. LEPRA E A CALVÍCIE (LV 13.40-44)

Nas instruções sobre a lepra que acomete a pele, há uma explicação que a calvície, ou perda de cabelos, não é uma enfermidade, e portanto, não deve ser motivo de afastamento social. Aquele tem uma perda dos cabelos não é lepra, e o calvo é declarado puro: “o homem que perdido os cabelos da sua cabeça, (é) calvo, (mas é) puro (טָהוֹר)” (Lv 13.40).

A calvície, portanto, não é justificativa para declarar o homem impuro, “se perder cabelos na testa, é

¹⁶ SILVA, 2019, p.9-16.

¹⁷ LEITE, 2007, p. 71-78.

¹⁸ STEINER, 2004, p. 335-351.

¹⁹ GRZYBOWSKI, 2016, p. 3-7; OLANISEBE, 2014, p. 121-128.

calvo na testa, é puro (טָהוֹר) (Lv 13.41). A impureza somente é declarada quando existe ferida esbranquiçada ou avermelhada no couro cabeludo ou na testa: “mas se existir calvo na cabeça ou na testa com ferida (בַּגָּע) esbranquiçada ou avermelhada, é lepra (צִרְעַת) que está iniciando” (Lv 13.42).

O sacerdote diagnostica lepra (צִרְעַת) pelas alterações da pele no couro cabeludo ou na testa, não pela calvície em si: “o sacerdote examina (רָאָה) a ferida (בַּגָּע) e confirma a inflamação esbranquiçada ou avermelhada no calvo ou na testa com aparência de lepra na pele do corpo (צִרְעַת)” (Lv 13.43).

Portanto a calvície ou tornar-se calvo não é uma doença. Somente se houver alterações da pele do couro cabeludo ou na testa, que se enquadram nas demais descrições anteriormente mencionadas, deve-se diagnosticar lepra: lepra com mancha branca (Lv 13.4-8), lepra com ferida em carne viva (Lv 13.9-17), lepra com furúnculo (Lv 13.18-23), lepra com mancha de queimadura (Lv 13.24-28), e lepra com manchas com perda da cor ou manchas brancas (Lv 13.38-39).

3. LEPRA E AS ROUPAS E ACESSÓRIOS DE VESTUÁRIO (LV 13.47-59)

A prevenção de propagação de pragas incluía o cuidado os vetores potenciais de enfermidades, roupas e acessórios. De maneira inovadora — e anterior à descrição dos microrganismos —, o texto bíblico apresenta instruções diagnósticas específicas acerca da secreção, limpeza e até mesmo da destruição de possíveis vetores de infecção.

As roupas, de tecido e seus acessórios recebem uma orientação especial para evitar a propagação de doenças: “quando também houver nas roupas uma doença (בַּגָּע) da lepra (צִרְעַת), roupas de lã, linho, ou qualquer artigo de couro” (Lv 13.47-48). O doente que tiver secreção ou descamação da enfermidade com coloração esverdeada ou avermelhada deve ser afastado por sete dias, depois reexaminado: “a doença (הַבִּגְדִּים) manifestando-se nas roupas com coloração esverdeada ou branco-avermelhada nos acessórios de couro, tecido, lã ou qualquer material de couro, é doença (בַּגָּע) da lepra (צִרְעַת) e deve mostrar-se ao sacerdote. O sacerdote examinará (רָאָה) a doença (בַּגָּע) e isolará a doença (בַּגָּע)”, (Lv 13.47-50); “No sétimo dia será reexaminado (רָאָה) e se a praga tiver se alastrado na roupa, pano ou em qualquer acessório de couro será declarado praga (תִּהְיֶה) em atividade (מִמָּאֲרַת), impura (טָמֵא), é lepra (צִרְעַת) (Lv 13.51).

A pessoa será declarada impuro se ocorrer aumento das secreções nas roupas, e neste caso, todas as suas vestimentas serão queimadas: “e examinará (רָאָה) a doença no sétimo dia, se a doença espalhou sobre as vestes... é uma praga (תִּהְיֶה) em atividade (מִמָּאֲרַת), lepra (צִרְעַת) e está impuro (טָמֵא), todas as suas roupas queimadas (שָׂרִף)” (Lv 13.52).

Caso não haja aumento da coloração esverdeada ou avermelhada nas roupas e nos acessórios de couro, a pessoa será declarada pura, e os objetos afetados deverão ser lavados com água, passando por nova quarentena de sete dias: “se ao exame, o sacerdote não constatar progressão da doença (בַּגָּע) na roupa, tecido ou em qualquer acessório de couro, então o sacerdote ordenará que seja lavado (בָּבֵט) tudo que teve contato com a doença e será isolado por sete dias pela segunda vez” (Lv 13.53-54). Se, no reexame, o aspecto da praga for o mesmo, ainda que não tenha havido disseminação, será declarado impuro: “se, contudo, a doença (בַּגָּע) não mudar a sua coloração, mesmo que não se espalhe, será declarado impuro (טָמֵא)” (Lv 13.55).

Após essa nova quarentena, as roupas e os acessórios são novamente examinados. Serão declarados puros somente se a praga tiver desaparecido; do contrário, tudo deve ser destruído: “e se ao exame pelo sacerdote, após a lavagem (das roupas e acessórios), a doença (בַּגָּע) tiver desaparecido, destruirá as suas vestes de tecido, couro ou lã. Se aparecer novamente no tecido das suas vestes, tecido, lã ou qualquer acessório de couro, tudo deve ser queimado, é uma doença (בַּגָּע). As vestes, roupas, pano ou em qualquer acessório de couro que for lavado e desaparecer a doença (בַּגָּע) será considerado puro (טָהוֹר)” (Lv 13.56-58).

O sacerdote é o responsável por examinar o doente e suas roupas, a fim de diagnosticar a praga de

lepra e emitir o veredito de pureza ou impureza, evitando, assim, a ocorrência de epidemias: “esta é a lei (תּוֹרָה) para a doença da lepra (נִגַּע־צִרְעָת) dos acessórios de lã ou linho, nas roupas ou panos, ou qualquer objeto de couro para declarar puro (טָהוֹר) ou impuro (טָמֵא)” (Lv 13.59).

As instruções apresentadas têm finalidade sanitária, voltada à contenção de epidemias. O conceito de enfermidade como praga potencial, o exame visual do enfermo e de suas vestimentas antecedem a definição moderna de agentes infecciosos. Os princípios de contaminação, vetor de contaminação, limpeza e desinfecção expressos no texto constituem normas profiláticas ainda aplicáveis nos dias atuais.

4. LEPRA DA CASA: MOFO (LV 14.33-57)

O mofo nas paredes pode apresentar características epidêmicas, alastrando-se para outras casas e comprometendo a saúde das pessoas. O crescimento de mofo em ambientes internos representa um risco potencial à saúde. A aspergilose broncopulmonar alérgica e as micoses causadas por mofo provocam doenças diretamente pelos fungos ou indiretamente pela umidade. A presença de umidade associada ao mofo é sinal de falta de higiene e favorece o surgimento de diversas enfermidades respiratórias, como asma brônquica, rinite alérgica, alveolite alérgica extrínseca, bronquite e outras infecções do trato respiratório.²⁰

As instruções fitossanitárias nesta perícopes (Lv 14.33-57) incluem orientações específicas sobre o mofo na parede das casas dos israelitas em Canaã, após a peregrinação de 40 anos no deserto (Dt 29.5): “Disse mais o Senhor a Moisés e Aarão: Quando entrares na terra de Canaã, a qual Eu vos dou por possessão, e eu manifestar a doença (נִגַּע) de lepra (צִרְעָת) da casa (בַּיִת) na terra de sua propriedade, então aquele a quem pertence a casa virá e anunciará ao sacerdote: Algo como uma doença (נִגַּע) me apareceu-me na casa (בַּיִת)” (Lv 14.33-36).

O sacerdote é o responsável por avaliar a casa. Se verificar erosão nas paredes com coloração esverdeada ou avermelhada, deve ordenar o isolamento da residência por sete dias: “e examinará (רָאָה) a doença (נִגַּע), e se a doença (נִגַּע) nas paredes da casa estiver com ondulações esverdeadas ou vermelho-esbranquiçadas erodindo a parede, o sacerdote deve sair até a porta da casa e fechar a casa por sete dias” (Lv 14.37-38).

Após esse período de sete dias, o sacerdote reavaliará as condições das paredes. Caso o mofo tenha se alastrado, todas as pedras e o reboco devem ser removidos e descartados em local apropriado: “ao sétimo dia, o sacerdote retornará e examinará (רָאָה) se a doença (נִגַּע) se alastrou pelas paredes da casa (בַּיִת), então o sacerdote ordenará que as pedras comprometidas pela doença (נִגַּע) sejam removidas para fora da cidade, um local destinado às coisas impuras (טָמֵא)” (Lv 14.39-40).

As paredes devem ser raspadas, e todo o reboco substituído. Caso o mofo retorne, a casa será declarada impura, devendo ser demolida. Todo o material será, então, descartado: “e a casa será raspada no seu interior e rebocada, a poeira que foi raspada será despejada em um local para as coisas impuras (טָמֵא), pedras novas serão colocadas no local das pedras removidas, argamassa e gesso novos devem ser colocados” (Lv 14.40-41); “Se a doença (נִגַּע) aparecer depois de removida as pedras, e rebocada e colocada argamassa, virá o sacerdote e verá que a doença (נִגַּע) da lepra (צִרְעָת) é maligna (מַחֲצֵרֶת) na casa, é impura (טָמֵא). Será demolida a casa, suas pedras, madeira e argamassa serão removidas para fora da cidade para um lugar impuro (טָמֵא)” (Lv 14.42-45).

Há risco de contaminação para as pessoas que entram ou permanecem em uma casa com mofo. Quem entrar durante o período de isolamento será considerado impuro até o entardecer: “Quem entrar na casa no período de isolamento será impuro até a tarde” (Lv 14.46). Também é necessário lavar as roupas após o contato com o ambiente contaminado: “Quem se deitar ou comer na casa lavará (יִכְבֶּס) suas roupas” (Lv 14.47). A casa é declarada pura com a avaliação do sacerdote, “caso o sacerdote entre e veja (רָאָה) que a doença (נִגַּע) não se espalhou na casa (בַּיִת), após ela ter sido rebocada, o sacerdote declarará a casa pura

²⁰ FUNG, 2004, p.754-755.

(טָהָר), a doença (בִּגְדָה) foi curada” (Lv 14.48).

A lei da doença de lepra da casa no AT, ou mofo, visa evitar o contágio por fungos e a exposição a ambientes úmidos, que favorecem o desenvolvimento de diversas enfermidades. O sacerdote levita é encarregado de examinar a casa, tomar as medidas necessárias para remover o material contaminado e, se preciso, ordenar a demolição da edificação quando o mofo se mostra persistente.

Os capítulos de Levítico 13 e 14 formam uma unidade literária e teológica, concluída na perícope final (Lv 14.54–57): “Esta é a lei para qualquer doença (בִּגְדָה) de lepra (צִרְעָה), e crosta (לִנְתָה), e da lepra (צִרְעָה) da roupa (הַבְּגָד), e da casa (בֵּית), e da inflamação de pele (לִשְׂאָה), e da pústula (לִפְסָחָה), e da mancha descolorida (לְבַהָרָה), para ensinar quando é puro (טָהָר) ou impuro (טָמֵא). Esta é a lei (תּוֹרָה) da lepra (צִרְעָה)” (Lv 14.54-57).

5. LEPRA COMO PUNIÇÃO DO SENHOR (ÊX 4.6, NM 12.10 E DT 24.8)

A lepra, em determinadas passagens do Antigo Testamento, aparece como um sinal de punição divina, possuindo um campo semântico totalmente distinto daquele presente na literatura jurídica de Levítico (Lv 13–14). Nesses casos, a doença manifesta-se como lepra branca como a neve (Êx 4.6; Nm 12.10; Dt 24.8), e sua função é sobretudo simbólica e teológica, e não médico-higiênica.

A primeira referência a essa enfermidade de pele ocorre na narrativa do chamado de Moisés para libertar o povo hebreu da opressão egípcia. Para convencer o povo da veracidade de sua missão, o Senhor lhe concede três sinais sobrenaturais (Êx 4.2-9):

1. Transformação do cajado em serpente (Êx 4.2-4);
2. Transformação da mão em lepra branca como a neve (Êx 4.6-7);
3. Transformação da água do Nilo em sangue ao ser derramada sobre a terra seca (Êx 4.8-9).

A mão de Moisés se torna leprosa, branca como a neve quando é levada ao peito, e é restaurada pelo mesmo ato: “E disse o Senhor novamente para ele: coloque a sua mão sobre o peito, e ele colocou a mão sobre o peito, e quando retirou a sua mão estava lepra (צִרְעָה) como a neve (לָבָן). E disse novamente: ponha a sua mão sobre o peito novamente, então ele pôs a sua mão novamente sobre o peito e viu que ela foi restaurada como a sua carne (בָּשָׂר)” (Êx 4.6-7). Essa manifestação não apresenta outras características além da brancura e descamação, indicando uma dimensão simbólica de pureza-corrompida e restauração.

A mesma lepra branca como a neve aparece na punição de Miriam, que, junto a Aarão, questiona a autoridade profética de Moisés. A justificativa imediata é o casamento com uma mulher etíope: “Então, Miriam e Aarão falaram contra Moisés, por causa da mulher cushita que ele tomara, porque uma mulher cushita havia tomado” (Nm 12.1). O Senhor, irado, intervém, punindo Miriam com lepra: “e eis que Miriam ficou com a lepra (צִרְעָה), branca (לָבָן) como a neve (לָבָן), Aarão se voltou para Miriam, e eis que ela estava com a lepra (צִרְעָה)” (Nm 12.10). Moisés intercede por ela: “Moisés clamou ao Senhor: Deus, por favor, cura-a, eu peço por ela” (Nm 12.13). A desobediência ao Senhor é comparada com a punição da vergonha social ao ser cuspidos pelo próprio pai: “O Senhor disse a Moisés: Se o pai dela, cuspiasse na sua face, não ficaria ela envergonhada por sete dias fora do acampamento e depois recebida” (Nm 12.13-14). Essa lepra, portanto, não é contagiosa, mas sim um sinal público da rebelião contra a autoridade divina, implicando exclusão social temporária.

Moisés relembra o povo da importância da obediência à Lei, ministrada pelos sacerdotes, usando o episódio de Miriam como exemplo (Dt 24.8-9): “Guarda-te para não ocorra um surto de lepra (צִרְעָה), e faça cuidadosamente segundo tudo o que te ensinarem os sacerdotes levitas; como Eu vos ordenei, vocês devem fazer. Lembra-te do que o Senhor, teu Deus, fez a Miriam no caminho, quando saíste do Egito” (Dt 24.8-9). Aqui, a lepra é advertência pedagógica, reforçando a autoridade dos sacerdotes e a necessidade de fidelidade à aliança divina. A lepra de Miriam é uma punição sobrenatural contra a rebeldia contra o

Senhor.

A rebeldia contra o Senhor punida com a lepra branca como a neve, não é uma doença infecto contagiosa, é consequência da rebeldia contra o Senhor, com o poder de contaminar epidemicamente o povo com a simbologia de uma praga (Dt 1.26; Dt 31. 27; Os 4.16; Jr 5.23; Sl 106.33; Sl 30.9; Ez 12.2). O sacerdote é responsabilizado pela rebeldia que se alastra como uma praga, visível, que contamina todos, quando a lei não é ministrada ao povo.

Davi amaldiçoa Joabe e sua descendência com lepra pelo assassinato de Abner (2Sm 3.29), tornando-os impuros com exclusão social perpétua pelo seu pecado. A punição com a lepra é encontrada na história do rei Uzias ou Azarias ou Uzias foi amaldiçoado com lepra por subverter a lei de Moisés e queimar incenso no templo, função reservada aos sacerdotes. Morreu isolado no palácio, à margem do poder, pois era leproso (2Rs 15.5; 2Cr 26.20-21,23).

O rei de Judá Azarias, filho de Amazias, foi acometido de lepra (2Rs 15.5) por tolerar o paganismo do povo. A lepra de Naamã (2Rs 5.3,6,7,27) não é identificada branca como a neve, não é uma doença punitiva, e ocorre cura sobrenatural (2Rs 5.14). Os quatro leprosos à porta da cidade (2Rs 7.3-8) por serem considerados impuros, foram mensageiros da libertação dos arameus (2Rs 7.9-10), também não existe uma descrição pormenorizada das lesões de pele. A lepra nestas duas passagens tem um caráter genérico de doença de pele.

Nenhuma doença dermatológica atual é diagnosticada como a lepra branca como a neve, não é psoríase em placa. A lepra apresenta caráter sobrenatural, acometida exclusivamente a pele, sem características deformantes ou inflamatórias. A psoríase é uma doença genética, imunomediada com manifestações cutâneas, articulares ou ambas. A psoríase em placas (psoriasis vulgaris) é usualmente monomórfica com placas eritematosas bem demarcadas, e cobertas por escamas lamelares prateadas, não se assemelhando a neve.²¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A palavra *lepra*, *tzara'at* (צָרַעַת), no AT é empregada para descrever doenças dermatológicas, e mofo nas paredes das casas, com potencial epidêmica. A mesma palavra é utilizada como uma punição visível contra a rebeldia espiritual contra o Senhor. Estes três campos semânticos distintos são identificados: doenças de pele com risco de contágio (Lv 13.2,8,9,11,12,13,15,25,27,30,42,43,47,49,51,52,59; 14.3,7,32,34,44,54,55,57), mofo nas casas (Lv 14.33-57) e punição divina contra a rebeldia (Êx 4.6; Nm 12.10; Dt 24.8).

A lepra bíblica não é o Mal de Hansen, que é uma doença contagiosa específica originária na Índia, inicialmente distinta e descrita com os nomes de *elephas* ou *elephantiasis* (ἑλεφας ἑλεφαντίασις). Esses nomes distintos da lepra permaneceram na medicina até o século VII da Era Comum, quando a doença foi erroneamente associada à lepra (*tzara'at*, צָרַעַת) do AT. O equívoco ocorreu com o médico João de Damasco (777-857 d.C.), que empregou o termo *lepra* para descrever a forma clínica grave e desfigurante do Mal de Hansen. As publicações de Ambroise Paré (1510-1591) e Thomas Bartholin (1616-1680), período da Renascença, homologaram as palavras *lepra* e *elefantíase* como sinônimas. Na época dos eventos narrados no AT, e do seu processo redacional, não existe Mal de Hansen, corroborado arqueologicamente.

A associação equivocada entre a lepra bíblica e a hanseníase agravou o estigma dos enfermos, ampliando ao seu sofrimento físico o conceito de punição divina.

No primeiro grupo de doenças descritas como lepra (*tzara'at*, צָרַעַת) em Levítico 13, há sete agrupamento de doenças de pele distintas, sem preocupação com um diagnóstico específico. O foco das instruções bíblicas é fitossanitário, o propósito dessa literatura jurídica é evitar o contágio comunitário. O sacerdote desempenhava funções análogas às preconizadas na medicina contemporânea, examinando

²¹ BOEHNCKE, 2015, p. 983-994.

visualmente (הַרְאָה) as lesões, e as secreções de roupas e acessórios do enfermo. Sua decisão determinava se o indivíduo era declarado impuro (טָמֵא) ou puro (טָהוֹר), isolamento ou convívio social, visa conter a propagação de uma epidemia. A declaração de impureza implica isolamento social.

O conceito de doença como praga potencial, exame visual do enfermo e de suas roupas, precede a definição de agentes infecciosos e vetores de contaminação. Práticas como limpeza e desinfecção estão definidas nestas narrativas bíblicas como instruções fitossanitárias.

O mofo na casa também é lepra (צָרַעַת), lepra na casa. O mofo pode comprometer a saúde indiretamente devido à umidade, e é um sinal de higiene doméstica. O sacerdote levita também era responsável por examinar a presença da lepra na casa e tomar medidas como remoção de materiais contaminados ou, em casos graves, destruição de pedras, madeira e reboco para conter a doença. A linguagem de puro e impuro descrita para as doenças de pele também é aplicada.

A lepra (צָרַעַת) branca (שָׁלֵג) como a neve (שֶׁלֶג) (Êx 4.6; Nm 12.10; Dt 24.8) é uma doença de pele punitiva contra a rebeldia contra Deus, manifestação sobrenatural de juízo divino. Nenhuma doença dermatológica atual corresponde a essa descrição. Essa condição sobrenatural afetaria exclusivamente a pele, sem características deformantes ou inflamatórias, não sendo nenhuma doença conhecida atualmente.

A palavra lepra (צָרַעַת) é aplicada para diversas doenças contagiosas de pele, mofo na casa e também é marca da punição do Senhor contra a rebeldia, compreendida dentro de seu contexto literário imediato.

REFERÊNCIAS

ADAMO, David T. A silent unheard voice in the Old Testament: The Cushite woman whom Moses married in Numbers 12:1-10. In *Skriflig*, v. 52, n. 12, p. 1-10, 2018.

ANAND, P. P.; et al. Pretty leprosy: Another face of Hansen's disease! A review. *Egyptian Journal of Chest Diseases and Tuberculosis*, v. 63, p. 1087-1090, 2014.

BÍBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. Ed. ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. 5.ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

BOEHNCKE, W. H.; SCHÖN, M. P. Psoriasis. *The Lancet*, v. 386, n. 9997, p. 983-994, 2015.

BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer; FABRY, Heinz-Josef. *Theological Dictionary of the Old Testament, Volume VIII*. Michigan: Eerdmans, 1997.

BRITTON, Warwick J.; et al. Leprosy. *The Lancet*, v. 363, n. 9416, p. 1209-1219, 2004.

Dal SECCO, R. G. C.; et al. A synopsis of the history of Hansen's disease. *Wiener Medizinische Wochenschrift*, v. 167, supl. 1, p. 27-30, 2017.

DAVIS, Craig. *Dating the Old Testament*. New York: RJ Communications, 2007.

FEDER, Y. Behind the Scenes of a Priestly Polemic: Leviticus 14 and its Extra-Biblical Parallels. *Journal of Hebrew Scriptures*, v. 15, n. 4, p. 1-26, 2008.

FEMINA, L. L.; et al. Lepra para hanseníase: a visão do portador sobre a mudança de terminologia. *Hansen Int.*, v. 32, n. 1, p. 37-48, 2007.

FUNG, F.; HUGHES, B. A. Indoor mold exposure: A threat to health? *Environmental Health Perspectives*, v. 112, n.13, p. 754-755, 2004.

GESENIUS, W. *Hebrew Grammar*. New York: Metcalf and Company, 1845.

GRENZER, M. As dimensões temporais do verbo hebraico. *Revista Praxis Teologia e Pastoral*, v. 8, n. 1, p. 15-32,

2016.

GRZYBOWSKI, Andrzej. Leprosy in the Bible. **Clinics in Dermatology**, v. 34, n. 1, p. 3-7, 2016.

HULSE, E. V. The nature of biblical “leprosy” and the use of alternative medical terms in modern translations of the Bible. **Palestine Exploration Quarterly**, v. 107, p. 87–105, 1975.

HURRAß, J.; et al. Medical diagnostics for indoor mold exposure. **International Journal of Hygiene and Environmental Health**, v. 220, p. 305-328, 2017.

KAPLAN, David L. Biblical leprosy: An anachronism whose time has come. **Journal of the American Academy of Dermatology**, v. 28, n. 3, p. 507–510, 1993.

LAVIK, Marta Hoyland. The Literary Motif of Cush in the Old Testament. **Old Testament Essays**, v. 34, n. 2, p. 460-473, 2021.

LEITE, R. M. S. Dermatite atópica: uma doença cutânea ou uma doença sistêmica? A procura de respostas na história da dermatologia. **Anais Brasileiros de Dermatologia**, v. 82, n. 1, p. 71-78, 2007.

MAY, PHILIPPA J. Treatment, prevention and public health management of impetigo, scabies, crusted scabies and fungal skin infections in endemic populations: a systematic review. **Tropical Medicine and International Health**, v. 24, n. 3, p. 280–293, 2019.

OLANISEBE, Samson O. Laws of Tzara’at in Leviticus 13-14 and medical leprosy compared. **Jewish Bible Quarterly**, v. 42, n. 2, p. 121-128, 2014.

RYRIE, C. C. The Cleansing of the Leper. **Bibliotheca Sacra**, v. 113, p. 262-267, 1956.

SHALLCROSS, L. J.; et al. Evidence for increasing severity of community-onset boils and abscesses in UK General Practice. **Epidemiology and Infection**, v. 143, n. 11, p. 2426-2429, 2015.

SILVA, C. S., et al. **Etiologia e epidemiologia da tinea capitis**: relato de série de casos e revisão da literatura. v. 51, n. 1, p.9-16, 2019.

STEINER, D.; et al. Vitiligo. **Anais Brasileiros de Dermatologia**, v. 79, n. 3, p. 335-351, 2004.

TROZAK, D. J.; et al. **Current Clinical Practice Dermatology Skills for Primary Care**: An Illustrated Guide. New Jersey: Humana Press, 2006.

WHITE C, Franco-Paredes C. Leprosy in the 21st century. **Clin Microbiol Rev.** 2015 Jan; v. 28, n. 1, p.80-94, 2015.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional

PAULO, UM CIDADÃO JUDEU DE TARSO QUE SE CONVERTEU E VIROU LÍDER

Paul, a Jewish citizen of Tarsus who converted and became leader

Dr. Waldecir Gonzaga¹

Me. Ulicélio Valente de Oliveira²

RESUMO

Os estudos acerca do apóstolo Paulo nunca ficam superados, até hoje continuam chamando atenção de pesquisadores no século XXI. A teologia paulina é um campo vasto que nunca fica superado. Isso evidencia o quanto há ainda de terreno a ser explorado com o objetivo de estabelecer o que Paulo ensinava em suas cartas, pois a práxis paulina é a cereja do bolo, dessa forma, entender isso é olhar não apenas para o que ele ensinou sobre doutrinas, mas o que espera de cada salvo em Jesus. Esse artigo tem como objetivo realçar que o estudo de Paulo ressalta o papel importante da liderança tendo Jesus como modelo de servo. Para tanto, o artigo está dividido em dois momentos, além da introdução e das considerações finais. Primeiro, investiga-se a vida e a formação de Paulo como judeu helenista. Segundo, analisa-se a trajetória e conversão de Paulo, que foi um divisor em sua vida, em que argumentos, termos e ideias do “apóstolo dos gentios” (Rm 11,13; 1Tm 2,7) apontam para uma leitura que visa o serviço como uma característica de um verdadeiro líder. Sendo assim, os passos para a elaboração desse estudo é o bibliográfico e qualitativo a partir de livros e artigos, tanto da área de teologia como de outros campos das ciências humanas. Por fim, o

¹ Doutor e Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma, Itália). Possui um Pós-Doutorado pela FAJE (Belo Horizonte, Brasil) e está realizando um segundo Pós-Doutorado junto ao PPGTeo PUC-RS (Porto Alegre, Brasil). Atualmente é diretor e professor de Teologia Bíblica do Departamento de Teologia da PUC-Rio. É criador e líder do Grupo de Pesquisa Análise Retórica Bíblica Semítica, credenciado junto ao CNPq (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/369991>). E-mail: <waldecir@hotmail.com>, Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9171678019364477> e ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5929-382X>.

² Graduado e Especialista em Teologia pela Faculdade Teológica Batista Equatorial (FATEBE). Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). Licenciado em História pela Universidade de Santo Amaro (UNISA). Atualmente é aluno do Programa de Doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Coordenador Acadêmico na Faculdade Teológica Batista Equatorial. E-mail: uli.celiovalente@hotmail.com, Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5184157147063224> e ORCID ID: <https://orcid.org/0009-0002-0770-2809>.

artigo conclui refletindo acerca da importância de se continuarem estudos sobre Paulo e suas cartas, e busca incentivar a pesquisa sobre serviço e liderança em Paulo e suas contribuições para o mundo eclesial hoje.

Palavras-chave: Jesus. Paulo. Teologia Paulina. Serviço. Liderança.

ABSTRACT

Studies on the apostle Paul are never outdated; even today, they continue to attract the attention of researchers in the 21st century. Pauline theology is a vast field that is never exhausted. This highlights how much ground remains to be explored in order to establish what Paul taught in his letters, as Pauline praxis is the “cherry on top.” Thus, understanding this means looking not only at what he taught about doctrines but also at what he expected from each person saved in Jesus. This article aims to emphasize that the study of Paul highlights the important role of leadership, with Jesus as the model of a servant. To this end, the article is divided into two main parts, in addition to the introduction and final considerations. First, it investigates Paul’s life and background as a Hellenistic Jew. Second, it analyzes Paul’s journey and conversion, which marked a turning point in his life, where arguments, terms, and ideas from the “apostle to the Gentiles” (Rom 11.13; 1 Tim 2.7) point toward a reading that views service as a characteristic of a true leader. The methodology used in this study is bibliographic and qualitative, based on books and articles from both the field of theology and other areas within the human sciences. Finally, the article concludes by reflecting on the importance of continuing studies on Paul and his letters and seeks to encourage further research on service and leadership in Paul and their contributions to the ecclesiastical world today.

Keywords: Jesus. Paul. Pauline Theology. Service. Leadership.

INTRODUÇÃO

Paulo é um personagem muito conhecido, sua vida e escritos continuam sendo objeto de interesse não apenas dos cristãos em vista do culto e da fé, mas também de muitos pesquisadores, inclusive fora do cristianismo. Paulo é o maior articulista do Novo Testamento, embora não tenha sido o mais importante, porém aparece como o que mais trabalhou e se dedicou à proclamação da obra do Senhor, tendo em vista as comunidades por ele fundadas e os escritos que deixou para a posteridade.

O que Paulo escreveu faz parte da história, da recepção e dos desdobramentos do movimento de Jesus e influenciou o mundo inteiro, inclusive o mundo da arte e da cultura. Conhecido como o apóstolo que foi chamado para evangelizar os gentios (Rm 11.13; 1 Tm 2.7), seus argumentos ajudam a compreender a ação de Deus na história da humanidade por meio da salvação pela graça. Desse modo, para conhecer a vida e a teologia desse apóstolo é indispensável o estudo da cultura do seu tempo, como consequência, a cidade que ele nasceu (Tarso) e a que estudou (Jerusalém), pois exerceram grande influência na sua abordagem teológica.

A partir desse caminho, o presente artigo investiga, de forma panorâmica, a vida de Paulo que vai desde o seu nascimento até a sua morte. Esse texto busca seguir o caminho das interações da sua conversão e do seu papel de líder como servo de todos. Para tanto, o artigo está dividido em dois momentos, além da introdução e das considerações finais: 1) primeiro, fala da sua trajetória como cidadão romano que vai desde a sua vida como judeu até a sua profissão como artesão; 2) o segundo momento aborda como foi a sua conversão e sua estratégia de utilizar seu nome romano e sua forma de liderar e ver o outro.

1. PAULO, JUDEU DE TARSO

Paulo é um personagem muito conhecido da história da igreja e do mundo, e não é por menos, pois no Novo Testamento é narrado sua história de conversão em Atos sendo ele um judeu zeloso da lei e perseguidor da igreja é a figura que mais aparece entre os apóstolos de Jesus. Seus escritos fazem parte do que se denomina “o grupo de cartas do NT mais estudado e comentado”.³ Destarte, muitos só observam o convertido Paulo e esquecem de sua origem e de sua vida como um judeu zeloso da lei pois há quem diga que ele até mudou de nome ao se converter, o que não é verdade, e por essa razão é importante conhecer sua origem e vida como um judeu da “diáspora”.⁴

1.1 SEU NASCIMENTO, SUA IMAGEM FÍSICA E SUA MORTE

Não é possível encontrar evidências exatas de qual seria o ano do nascimento de Paulo. É possível traçar um guia histórico apenas por meio do livro de Atos dos Apóstolos e de alguns registros em suas Cartas. No livro de Atos é registrado o episódio sobre a morte de Estêvão, e nessa ocasião, Paulo é descrito como alguém jovem (At 7.58) e é a primeira vez que ele aparece na Bíblia. Já no final do seu ministério, no texto de Fm 9 ele já é descrito como alguém já velho. Diante desses e outros registros, é possível sugerir uma data aproximada de seu nascimento e de toda a sua história.

É muito provável que Paulo tenha nascido nos primeiros anos da primeira década da era cristã⁵. Bruce também concorda com essa afirmativa⁶ e Gonzaga indica que ele nasceu nos primórdios do século primeiro⁷, significando que Paulo não nasceu antes de Cristo como alguns sugere. Rinaldo Fabris também compartilha da mesma opinião.⁸ Baal crava o ano 3 como data de nascimento de Paulo⁹ e Brown entende que Paulo nasceu entre os anos 5-10 d.C., na época, Augusto era o imperador.¹⁰ Já Fabris arrisca dizer que foi nesse mesmo lapso temporal o nascimento do apóstolo.¹¹ Em 2008 foi comemorado o ano paulino, isto é, dois mil anos do nascimento do apóstolo Paulo, data essa defendida pelo Papa Bento XVI como sendo o ano do nascimento do apóstolo, ficando este o período mais aceito para o seu nascimento. Mas, são insuficientes os detalhes do ano de seu nascimento.

A sua imagem não é um campo de interesse de muitos pesquisadores, contudo, depois que foi lançado um filme “Paulo, Apóstolo de Cristo”, que narra sua história e mostra sua imagem de forma bem detalhada, passou a ter mais interesse para saber sobre como seria a seu rosto, por exemplo. Como Paulo é apresentado na literatura não canônica de Atos de Paulo e Tecla é bem interessante para ter no imaginário de como seria sua aparência.

O arqueólogo Rodrigo Silva descreve que: “[Paulo era] um homem de pequena estatura, parcialmente calvo, pernas arqueadas, de compleição robusta, olhos próximos um ao outro e nariz um tanto curvo”.¹² Ele ainda fala que na versão armênia, Paulo é descrito como sendo de olhos azuis.¹³ A versão de Proença diz

³ GONZAGA, Waldecir. O *Corpus paulinum* no Cânon do Novo Testamento. **Atualidade Teológica**. Rio de Janeiro, v. 21, n. 55, p. 19-41, Jan./abr. 2017. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/29100/29100.PDF>. Acesso em: 24 de abril de 2025.

⁴ Diáspora quer dizer nascido fora da região dos seus antepassados, Paulo nasceu em Tarso, mas é judeu.

⁵ SCHNELLE, Udo. **Paulo: vida e pensamento**. São Paulo: Paulus, 2010, p. 62.

⁶ BRUCE, Frederick Fyvie. **Paulo o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia**. São Paulo: Shedd, 2003, p. 33.

⁷ GONZAGA, Waldecir. **Os conflitos na igreja primitiva entre judaizantes e gentios a partir das cartas de Paulo aos Gálatas e Romanos**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2025, p. 25.

⁸ FABRIS, Rinaldo. **Paulo: apóstolo dos gentios**. Tradução de Euclides Martins Balancin. 5.ed. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 18.

⁹ BALL, Charles Ferguson. **A vida e os tempos do apóstolo Paulo: a reconstituição da mais famosa história missionária da Igreja Cristã**. Rio de Janeiro: CPAD, 2021, p. 18.

¹⁰ BROWN, Raymond E. **Introdução do Novo Testamento**. Tradução de Paulo F. Valério. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 566.

¹¹ FABRIS, 2008, p. 18

¹² SILVA, Rodrigo. **O pregador dos gentios, mas quem foi esse homem?** In: Youtube Em busca de evidências, 01 de jun. de 2012. 26min06s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZeYFnGngpk>. Acesso em: 10 de abril de 2025.

¹³ SILVA, 2012.

ainda que ele tinha as pernas tortas e era um bocado narigudo, mas que era cheio de graça.¹⁴ A descrição não é um atestado mas é importante saber que “na verdade, ele era um homem de estatura dominante, mas era também um homem que conhecia o fracasso tão bem quanto o sucesso”.¹⁵

O ministério de Paulo foi riquíssimo, além de suas viagens missionárias, ele escreveu diversas cartas a fim de instruir a Igreja. Como em toda a sua vida, Paulo seguiu fielmente o ministério que o Senhor lhe confiou, e mesmo diante da morte não temeu. No *Acta Pauli*, é interessante observar que Paulo, ao ser condenado à morte, disse que iria ressuscitar e apareceria novamente diante do imperador, e aconteceu, apareceu a Nero e disse “César, aqui está Paulo, o soldado de Deus. Não morri, antes estou vivo no meu Deus. A ti sobrevirá, não muito depois destes dias, muito mal e grande castigo, seu desgraçado, porque verteste sangue justo”.¹⁶ Trata-se de um livro apócrifo, não canônico, mas que traz um dado interessante sobre a coragem e a ousadia de Paulo, que mesmo diante da morte não temeu em enfrentar Nero e exortar sobre seu pecado.

Teve o grande incêndio em Roma orquestrado por Nero, que, aproveitando-se da fama e do prestígio de Paulo, aponta-o como sendo o grande orquestrador do incêndio e o condena juntamente com seus irmãos. Todos foram condenados a serem queimados vivos, porém Paulo foi condenado a morrer decapitado, por ser um cidadão romano.

Mesmo sabendo que não é consenso, a data mais provável da morte do apóstolo Paulo é 67 d.C., levando em consideração que em 64 d.C., ano da morte do apóstolo Pedro, foi quando Nero mandou incendiar Roma e que levou um tempo até o seu julgamento, é plausível a data em destaque. Paulo foi então

Condenado à morte pelo tribunal romano, ele foi decapitado na Via Ostiense, enquanto Pedro foi crucificado na colina do Vaticano. A tradição relata que o martírio de Pedro e Paulo ocorreu no mesmo dia: 29 de junho de 67 d.C. Sobre seus túmulos ficam a Basílica de São Pedro e a Basílica de São Paulo Fora dos Muros.¹⁷

É curioso pensar qual teria sido a atitude de Paulo diante da condenação, imaginando se houve ou não qualquer incômodo em relação à morte. Certamente não houve por parte dele qualquer manifestação contrária ao seu julgamento, aceitou de coração aberto e “enquanto Paulo pensava na ressurreição, um riso de triunfo dançou-lhe nos olhos e brincou-lhe nos cantos da boca. Sua face estava radiante, brilhando com a luz de um outro mundo”¹⁸, ou seja, Paulo sabia exatamente qual era o seu destino e suas últimas palavras confirmam isso.

Quanto a mim, já fui oferecido em libação, e chegou o tempo de minha partida. Combati o bom combate, terminei a minha carreira, guardei a fé. Desde já me está reservada a coroa da justiça, que me dará o Senhor, justo Juiz, naquele dia; e não somente a mim, mas a todos que tiverem esperado com amor sua aparição (2Tm 4.6-8).¹⁹

Paulo não tinha medo da morte, tinha clara consciência para onde iria e que morrer era lucro, pois o seu viver foi Cristo. Ele registou: “Pois para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro” (Fp 1.21). Paulo era tão maduro espiritualmente falando que morrer era partir para a casa do Pai e isso era melhor que viver aqui. “Sinto-me num dilema: meu desejo é partir e ir estar com Cristo, pois isso me é muito melhor, mas o permanecer na carne é mais necessário por vossa causa” (Fp 1.23-24). Ele sabia que morar com o Senhor era infinitamente melhor, mas que por causa da sua missão era necessário permanecer na terra.

Paulo foi condenado e morto pela espada de Roma, sua missão aqui havia encerrado e estava indo para o seu novo lar. Ao ser levado à guilhotina romana “Paulo fechou os olhos para a multidão ruidosa e quando os abriu de novo estava na presença de Jesus de Nazaré, onde há plenitude de alegria, e em cuja

¹⁴ PROENÇA, Eduardo de (Org.). *Apócrifos e pseudoepígrafos da Bíblia*. Vol. 2. São Paulo: Fonte Editorial, 2012, p. 389.

¹⁵ SANDERS, J. Oswald. *Paulo, o líder*. São Paulo: Vida, 1986, p. 9.

¹⁶ NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. *Atos de Paulo*. São Paulo: Paulus, 2021, p. 84.

¹⁷ *An Paolo Apostolo, Patrono Dell'alma Città di Roma*. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/it/santo-del-giorno/06/29/san-paolo-apostolo-patrono-dell-alma-citta-di-roma.html>. Acesso em: 13 de abril de 2025.

¹⁸ BALL, 2021, p. 191.

¹⁹ Todas as referências bíblicas seguem o padrão da Bíblia de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2004.

destra há prazeres eternos” (Sl 16.11).²⁰

1.2 AS CIDADES DE TARSO E JERUSALÉM

Apesar de haver muitos questionamentos sobre a data do nascimento e da morte do “apóstolo dos gentios” (Rm 11.13; 1Tm 2.7)²¹, não há questionamentos sobre o local onde ele nasceu. Vieira diz que “há unanimidade quanto a Paulo ter nascido em Tarso modernamente Tersous”.²² O evangelista Lucas, no livro de Atos dos Apóstolos, alude à cidade de Tarso, a capital da Cilícia (At 9.11,30; 11.25; 21.39²³; 22.3), como sendo a cidade natal do apóstolo Paulo. Tarso não era uma cidade que pertencia à região da Palestina, mas “quanto à sua vida como judeu, a exemplo de seus antepassados, Paulo se sente também na diáspora, comprometido com as tradições de sua terra-mãe Palestina”.²⁴

Confirma-se essa informação mais ainda em Atos 22.3, no resumo que ele faz do seu passado: “Eu sou judeu. Nasci em Tarso, da Cilícia, mas criei-me nesta cidade, educado aos pés de Gamaliel na observância exata da Lei de nossos pais, cheio de zelo por Deus, como vós todos no dia de hoje”. Como se observa, as cidades de Tarso e Jerusalém moldaram a vida de Paulo, como destaca Roseli Gall do Amaral da Silva, as “duas cidades exerceram influência decisiva na formação de Paulo: Tarso e Jerusalém. Nelas se fundiam duas correntes da cultura antiga: a formação helênica e judaica”.²⁵ Paulo teve contanto direto com esses dois mundos, e sua formação foi tanto helênica como judaica, conseqüentemente, não era de esperar que “durante a sua infância e adolescência, Saulo deve ter estudado filosofia e poesia antiga. É certo ainda que desde a infância falasse grego e tivesse conhecimento de latim, aramaico e hebraico”.²⁶ Era um poliglota de seu tempo e tinha o mundo para explorar como o fez e isso tudo se dava por sua condição familiar já que ele era, como diz Gonzaga, de família abastada.²⁷

Tarso como se sabe por meio do evangelista Lucas, não era uma cidade insignificante, antes, era cosmopolitana, pois

A cidade tinha uma localização privilegiada. Construída não muito distante do mar mediterrâneo, tinha seu ponto junto ao rio Cidno, que foi cenário da adolescência do jovem Saulo, além do imponente desfiladeiro das montanhas Taurus, sempre com muita neve em seu topo, donde vinham caravanas de mercadores de todo o Oriente.²⁸

A cidade gozava de grande prestígio comunitário e “a importância socioeconômica de Tarso devia-se à localização favorável da cidade”.²⁹ A cidade “possuía uma escola de ensino superior que era equiparada às de Atenas e Alexandria, as mais eminentes escolas superiores da antiguidade”.³⁰ Uma cidade que respirava conhecimento, e a notoriedade era tanta que “em Tarso estava a sede de uma renomada universidade – famosa por causa de estudantes como Atenedoro, tutor e confidente do imperador Augusto, e o igualmente

²⁰ BALL, 2021, p. 191.

²¹ GONZAGA, Waldecir; LIMA, André Pereira. A autocompreensão missionária de Paulo em Rm 11.13 e 1Tm 2.7. In: GONZAGA, Waldecir... [et al.]. **Evangelização, santidade e amor a Deus e ao próximo nas Epístolas do Novo Testamento**. Porto Alegre: Fênix, 2023, p. 29-76. Doi: <https://doi.org/10.36592/9786554600835-01>

²² VIEIRA, Misael Juvenil. **A proeminência da justificação pela fé na teologia de Paulo aos Romanos 5.12-21**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia: PUC, 2014, p. 48. Disponível em: <tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/892/1/MISAEL%20JUVENIL%20VIEIRA.pdf>. Acesso em 10/06/2017.

²³ Respondeu-lhe Paulo: “Eu sou judeu, de Tarso, da Cilícia, cidadão de uma cidade insigne [...]”.

²⁴ SCHNELLE, 2010, p. 70.

²⁵ SILVA, Roseli Gall do Amaral da. **A formação do homem ideal em Paulo de Tarso: o amor como elemento formativo**. 146 f. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Maringá, 2010, p. 20. Disponível em: www.ppe.uem.br/dissertacoes/2010_roseli_gall.pdf. Acesso em: 13 abril de 2017.

²⁶ ZIBORDI, Ciro Sanches. **Procura-se pregadores como Paulo**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 26.

²⁷ GONZAGA, 2025, p. 26.

²⁸ TAMANCOLDI, Bruno. **O querigma nas cartas de Paulo**. São Paulo: Paulus, 2023, p. 18.

²⁹ SCHNELLE, 2010, p. 63.

³⁰ RIBEIRO, Joelma Batista dos Santos. **A apologia de Paulo na segunda carta aos Coríntios: uma análise retórica**. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC, 2010, p. 49. Disponível em: <livros01.livrosgratis.com.br/cp126324.pdf>. Acesso em 13 abril de 2017.

eminente Nestor – situada sobre o rio Cidno, a uns vinte quilômetros do mar”.³¹ Além disso, Tarso era uma cidade antiga, mais antiga do que Roma e tantas outras:

Uma cidade antiga. Um assentamento aqui data de 2500 a.C. Hoje, fica a 16 quilômetros do Mar Mediterrâneo. Um porto marítimo porque o rio Cidno a atravessava até o Lago Regma, próximo ao Mediterrâneo. Hoje, o curso principal do rio contorna a cidade porque, no século VI, o imperador Justiniano mudou o curso principal do rio.³²

Udo Schnelle, mostrando a importância da rota marítima da cidade natalícia de Paulo, diz que

O curso inferior do Rio Cidno era navegável e proporcionava a Tarso uma conexão com o mar aberto (cf. At 9.30). Pela cidade passava uma importante rota de comércio de Antioquia na Síria para a costa egeia da Ásia Menor, e Tarso era o ponto inicial de uma rota comercial que ligava o Mar Mediterrâneo com o Mar Negro.³³

Tarso era uma cidade importante para o interesse de Roma, a qual passou a ser um quartel general do Império Romano. A cidade de “Tarso, onde Paulo nasceu e foi criado, era a capital e principal cidade da Cilícia. Era uma das maiores cidades do Império Romano”³⁴ e uma das mais importantes dentro da estratégia militar romana, isso certamente se dava devido a sua localização geográfica. “Tarso era uma cidade de cultura e política, de filosofia e negócios, e entre esses negócios havia uma próspera indústria têxtil, cuja produção de material, feito de pelo de cabra, era usado até mesmo para fazer alojamentos”.³⁵ Vidal afirma que Tarso era

Uma importante cidade de língua grega, seu porto, sua universidade, seu papel no tráfego de caravanas e suas indústrias de madeira e têxtil lhe deram uma importância inegável. Sua força econômica era uma grande atração e não é de se surpreender que tenha tido uma colônia judaica desde tempos imemoriais, cujos membros incluíam a família de Paulo.³⁶

Apesar de Tarso ter tanto prestígio, é natural que alguém que busque crescer deseje estudar no melhor lugar e com os melhores professores. Nesse sentido, a cidade de Tarso já era pequena para as ambições do jovem PAULO que foi estudar no berço da teologia da época, isto é, “foi para Jerusalém para se formar no conhecimento da Escritura e da tradição, na escola de Gamaliel, um destacado dirigente do movimento dos fariseus”.³⁷ Tamancoldi, diz que Paulo se mudou para Jerusalém ao completar seus 15 anos de idade.³⁸ Na verdade, não se sabe ao certo a sua idade quando ele se mudou para a capital, contudo, deveria ser ainda adolescente levando em consideração o aspecto cultural de seu tempo (Gl 1.14). “Muitos que estudavam em Tarso saíam em busca de níveis mais avançados e seguiam suas carreiras em outros países”³⁹, como é o caso de Paulo ao ir estudar teologia em Jerusalém.

A educação recebida na cidade de Jerusalém e aos pés do mestre Gamaliel o colocava em evidência, pois ele “recebeu uma educação rigidamente judaica e se tornou membro da seita dos fariseus”⁴⁰, digo, do Sinédrio judaico. Interessante é que “qualquer pessoa que fosse formada aos pés desse venerável e respeitado mestre poderia ser considerado especialista na Escritura e na tradição”.⁴¹ Em suas cartas é possível perceber um domínio da tradição e da teologia do Antigo Testamento, normalmente muito citado em suas cartas.

³¹ ZIBORDI, 2017, p. 26.

³² REDDISH, Mitchell. **The Life of Paul**, p. 2. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.eo.travelwithus.com/files/uploads/TheLifeofPaul.pdf>. Acesso em: 13 de abril de 2025.

³³ SCHNELLE, 2010, p. 63-64.

³⁴ BALL, 2021, p. 10.

³⁵ WRIGHT, N. T. **Paulo: uma biografia**. Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil, p. 2018, p. 26.

³⁶ VIDAL, César. **Apóstol para las naciones: la vida y los tempos de Pablo de Tarso**. Nashville: Grupo de Publicações B&H, 2021, p. 19.

³⁷ HEYER, Cornelis Jacobus den. **Paulo: um homem de dois mundos**. Tradução de Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2009, p. 13.

³⁸ TAMANCOLDI, 2023, p. 22.

³⁹ MURPHY-O’CONNOR, Jerome. **Paulo de Tarso: história de um apóstolo**. São Paulo: Loyola, Paulus, 2013, p. 27.

⁴⁰ KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento: história e literatura do cristianismo primitivo**, Vol. 2. São Paulo: Paulus, 2005, p. 114.

⁴¹ HEYER, 2009, p. 23.

1.3 O TRABALHO COMO ARTESÃO

Na cidade de Tarso, tinha criação de cabras monteses, cujo couro e pelo serviam para a fabricação de roupas e de tendas. Esse material recebia o nome de “pano da Cilícia”⁴². Carson, Moo e Morris corroborando essa declaração, consideram que o apóstolo herdou de sua família essa profissão, isto é, artesão. O manuseio de um artesão requeria habilidades, pois o “tecido” era o material usado na fabricação dessas tendas,⁴³ como está registrado no livro de Atos dos Apóstolos, informando que Paulo trabalhava nessa área (At 18.3).⁴⁴

Trabalhar na cultura judaica não era um problema, antes fazia parte da civilidade e os pais ensinavam os seus filhos a serem trabalhadores e a aprenderem uma profissão. Na época, “era exigido de todo pai judeu que seu filho aprendesse algum ofício com o qual pudesse se sustentar, caso necessário. Era um provérbio judaico comum que ‘aquele que não ensinou ofício algum ao filho, ensinou-o a ser ladrão’”.⁴⁵

1.4 UM DOUTOR DA LEI

Paulo teve as melhores oportunidades possíveis, ou seja, tudo aquilo que havia como possibilidade em termos de estudos avançados da época ele teve contato. Considerando que a Bíblia não menciona nada a respeito do envolvimento de Paulo com as leis romanas, é difícil considerar o fato que, segundo Pedrosa e Kunz, Paulo era um homem letrado e capaz, inclusive com conhecimento da lei romana e domínio da língua grega⁴⁶, além de que devia estar em condições, como os demais jovens de sua época, inclusive de realizar os serviços militares romanos⁴⁷, se fosse o caso ser, coisa que ele não fez. Certamente ele contava com uma formação privilegiada, iniciada na casa dos pais, em Tarso, e concluída em Jerusalém.

A formação judaica era iniciada com o estudo da Bíblia. Acerca disso, Ribeiro diz que

Fazia parte da formação judaica utilizar o livro sagrado para ensinar. No século I, na Palestina, um menino judeu terminava seus estudos por volta dos 13 anos, quando ingressava por dois anos ou mais anos na escola grega, sendo mais tarde enviado a um nível superior de estudo.⁴⁸

Esse é o caso de Paulo. Roseli Silva ajuda nessa compreensão salientando que:

Seus pais, como costume judaico, fiéis à lei mosaica, mandaram-no logo a Jerusalém para ser educado. A semelhança de outros da mesma etnia, tinha de aprender um ofício, que, no seu caso, foi o de fazedor de tendas, das que se usavam nas viagens (At 18.3). Nos Atos dos Apóstolos há menção de que fora “instruído conforme a verdade da lei de seus pais” (At 22.3). A educação consistia principalmente em fixar nele as tradições farisaicas.⁴⁹

Além da formação judaica, Paulo teve contato com os estudos dos gregos; a formação helenista é parte integrante da vida de Paulo. Cardoso afirma que

Paulo é judeu, com formação helenística e cidadão romano. O modo do Apóstolo Paulo se relacionar com judaísmo e com helenismo refletem tanto sua origem e sua formação, como sua identidade cristã e sua atitude ao mesmo tempo evangelizadora e dialogal. Até a missão não suprime o diálogo nem muito menos as origens.⁵⁰

Paulo tinha então essa dupla formação e que por meio dela será usado durante o seu ministério apostólico. Um verdadeiro detentor do conhecimento, “Paulo era homem culto, bem-preparado, além de

⁴² SANDERS, 1986, p. 15.

⁴³ CARSON, Donald Arthur; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 242.

⁴⁴ “Como exercesse a mesma atividade artesanal, ficou ali hospedado e trabalhando: eram, de profissão, fabricantes de tendas”.

⁴⁵ SELL, Henry T. Bible Studies in the Life of Paul, 1904, p. 14. Disponível em: <https://archive.org/details/biblestudiesinli0000henr/page/n3/mode/2up>. Acesso em: 13 de abril de 2025.

⁴⁶ PEDROSA, Edmar dos Santos; KUNZ, Claiton André. O contexto militar em torno do apóstolo Paulo. **Revista Ensaios Teológicos**. Vol. 1, n. 1, junho/2015, p. 67. Disponível em: ead.batistapioneira.edu.br/ojs/index.php/ensaios/article/download/76/127. Acesso em 04 novembro de 2018.

⁴⁷ PEDROSA; KUNZ, 2015, p. 67-70.

⁴⁸ RIBEIRO, 2010, p. 49.

⁴⁹ SILVA, 2010, p. 23.

⁵⁰ CARDOSO, Maria Teresa de Freitas. Paulo e o ecumenismo. **Revista Atualidade Teológica** do Dpto. de Teologia da PUC-Rio. Ano XIII nº 32, maio a agosto/2009, p. 245. Disponível em: maxwell.vrac.puc-rio.br/18307/18307.PDFXXvmi. Acesso em: 13 abril de 2017.

conhecer o judaísmo com profundidade e ortodoxia”⁵¹, ele cultivava e conservava bem suas raízes.

2. A CONVERSÃO DE PAULO: DE PERSEGUIDOR A PERSEGUIDO

Paulo não fala diretamente de sua conversão, contudo, seu amigo fiel, Lucas, registra três vezes o evento: a primeira se encontra em Atos 9.1-19 que é um relato documental e de sua experiência no caminho de Damasco; a segunda é registrada em Atos 22.1-21, que é o discurso dele diante do sumo sacerdote e anciãos, e à multidão de judeus em Jerusalém; e a terceira está registrada em Atos 26.1-23, em sua defesa diante das autoridades que eram Festo e Agripa II. De acordo com Peruzo: “Para Lucas, autor do livro dos Atos, não se tratou apenas de um acontecimento ligado a alguma forma de evolução psicológica ou religiosa do interessado, mas de uma intervenção direta e envolvente do Cristo Ressuscitado”.⁵²

Os sentimentos de temor, a luz brilhante, a purificação psicológica, a sua renovação, a sua conversão, são todos sinais de uma experiência mística genuína; e são exatamente esses os elementos que reaparecem em todas as narrativas sobre o evento da conversão de Saulo.⁵³

Essa luz modificou profundamente a vida desse homem de temperamento difícil, pois, “a missão de Paulo, enquanto fariseu cheio de zelo, inicia-se na perseguição dos cristãos”⁵⁴ e isso foi algo que o incomodou durante toda a sua vida. Lopes considera a conversão de Paulo como sendo o maior evento histórico da igreja primitiva depois do pentecostés.⁵⁵ Tenney também concorda com esse posicionamento, dizendo que

Depois da obra do próprio Cristo, a conversão de Paulo, é o acontecimento mais importante da história do Cristianismo, porque, não só liquidou um inimigo ativo do evangelho, como também o transformou num dos seus principais pregadores.⁵⁶

Por ser um forte perseguidor da igreja, Paulo teve sua vida transformada após o encontro com o Senhor ressurreto e “com a revelação na estrada de Damasco, porém, veio o reconhecimento de que Jesus era o Messias; o Jesus crucificado era o Senhor ressurreto”.⁵⁷ Paulo era uma fera selvagem, perseguia a igreja achando que estava fazendo um favor a Deus, mas a luz que brilhou na estrada de Damasco e o deixou cego se revelou a ele como seu salvador e “ao abrir-se a Cristo de todo o coração, ele se tornou capaz de estabelecer um amplo diálogo com todos, tornou-se capaz de se fazer tudo para todos. Assim ele poderia ser verdadeiramente o Apóstolo dos Gentios”.⁵⁸ O “apóstolo dos gentios” (Rm 11.13; 1Tm 2.7) foi achado pelo Senhor, o homem Paulo passa a ser o grande líder da igreja no primeiro século, a sua conversão foi um marco na história

A notícia da conversão de Paulo deve ter chegado à Jerusalém muito antes de ele mesmo chegar ali. Mas era difícil de crer nela. Seria mais fácil o etíope mudar de cor ou o leopardo perder as manchas do que o principal perseguidor se tornar um crente. De acordo com Lucas, foi Barnabé que, com seus préstimos, aproximou Paulo da igreja de Jerusalém.⁵⁹

Curioso deparar com o texto de Atos 9.15 e identificar o chamado apostólico e o chamado a sofrer por causa desse chamado, o apostolado estava ligado intimamente com o sofrimento, e no seu ministério o que não faltou foram lutas

⁵¹ GONZAGA, Waldecir., & SILVA, Rodrigo. (2023). Apóstolo Paulo: Vocação, missão e vida espiritual a partir da 1Cor 9,15-18 e do Documento de Aparecida. *Revista Encontros Teológicos*, 38(3). <https://doi.org/10.46525/ret.v38i3.1838>.

⁵² PERUZO, Dom José Antônio. Paulo diante do cristianismo nascente. *Revista Atualidade Teológica* do Dpto. de Teologia da PUC-Rio. Ano XIII nº 31, janeiro a abril/2009, p. 93-94. Disponível em: www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18338/18338.PDFXXvmi. Acesso em: 12 de abril de 2025.

⁵³ CHAMPLIN, Russell Norman. *O Novo Testamento interpretado: versículo por versículo*. Vol. III. Atos/Romanos. São Paulo: Candeia, 1998, p. 187.

⁵⁴ GONZAGA; SILVA, 2023.

⁵⁵ LOPES, Hernandes Dias. *Atos: a ação do Espírito Santo na vida da igreja*. São Paulo: Hagnos, 2012, p. 187.

⁵⁶ TENNEY, Merrill C. *O Novo Testamento: sua origem e análise*. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 253.

⁵⁷ BRUCE, 2003, p. 184.

⁵⁸ Benedicto XVI. *La conversión de san Pablo*. Audiencia General. 3 de septiembre de 2008. Disponível em: www.vatican.va/content/benedict-xvi/es/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080903.html. Acesso em: 14 de abril de 2025.

⁵⁹ BRUCE, 2003, p. 79.

Depois da sua conversão, Paulo enfrentou muitas perseguições: foi perseguido em Damasco, rejeitado em Jerusalém, esquecido em Tarso, apedrejado em Listra, preso e açoitado em Filipos, escorraçado de Tessalônica e Bereia, chamado de tagarela em Atenas e de impostor em Corinto. Ele enfrentou feras em Éfeso, foi preso em Jerusalém e acusado em Cesareia, enfrentou um naufrágio no caminho para Roma e foi picado por uma víbora em Malta. Chegou a Roma preso e mais tarde foi decapitado pela guilhotina romana.⁶⁰

Apesar de tanto sofrimento, Ziborde⁶¹ salienta que Paulo seria o maior pregador da igreja primitiva, depois de Jesus, e que tanto o derramamento do Espírito Santo em Jerusalém, quanto a sua transformação seriam talvez os principais acontecimentos da igreja do primeiro século.⁶² “Além de ser considerado um dos maiores pregadores e mestre da História da Igreja, Paulo é o principal escritor do Novo Testamento, com treze epístolas publicadas”.⁶³

2.1 SUA CIDADANIA ROMANA COMO ESTRATÉGIA MISSIONÁRIA

Paulo tinha dupla nacionalidade: era judeu e romano de nascimento, assim como dois nomes: Saulo e Paulo. Sua cidadania romana proporcionava-lhe um *status* elevado, permitindo-lhe adentrar às quaisquer cidades, o que lhe oportunizava viajar e pregar o Evangelho com grande liberdade. A cidadania romana só “podia ser adquirida por nascimento, libertação concedida ou comprada da escravidão, libertação da prisão de guerra, dispensa de serviço militar prolongado e adoção ou acolhida na associação dos cidadãos”.⁶⁴ Era muito comum ter pessoas que eram de outras nacionalidades, mas que por alguma dessas razões, adquiria a cidadania romana. No caso de Paulo, ele não a comprou, mas herdou de seu pai.

É possível observar em Atos 13, que Saulo passa a ser chamado de Paulo. Essa mudança ocorre depois que Paulo parte para suas viagens missionárias para longe dos muros de Jerusalém, desde então passa a ser apresentado e se apresentar como Paulo, sua cidadania romana e “o apóstolo se apresenta em todas as cartas com o nome latino de Paulo, que trazia, quase certamente, desde o nascimento com aquele nome de Saulo”⁶⁵, Gonzaga, por exemplo, diz que Saulo era Paulo ao mesmo tempo, e que esse nome Saulo é derivado do nome do primeiro rei de Israel, no caso, Saul.⁶⁶ O rei Saul, como é de conhecimento, era da tribo de Benjamim, conforme o relato do livro do profeta Samuel, e o “apóstolo dos gentios” (Rm 11.13; 1Tm 2.7) também diz que era da mesma tribo que o rei (Fp 3.5) e “carregava consigo o orgulho natural que essa tribo sempre possuiu”.⁶⁷

Em seu livro, “O evangelho segundo Paulo”, MacArthur comenta que o Paulo era “famoso e temido por toda a igreja primitiva como ‘PAULO de Tarso’, ele surge nas páginas na Escritura como o perseguidor mais temido e cruel dos cristãos, apaixonadamente ‘respirava ameaças de morte contra os discípulos do Senhor’” (At 9.1).⁶⁸ Gundry afirma que

Saulo e Paulo não eram nomes pré e pós-conversão, respectivamente. Saulo era meramente o nome hebraico, e Paulo o nome de som similar, um comum sobrenome romano (nome de família), que às vezes era adotado como nome próprio de um indivíduo.⁶⁹

Era comum naquela época ter duas nacionalidades, como bem ratifica Gonzaga: “ter dois nomes,

⁶⁰ LOPES, 2012, p. 200.

⁶¹ ZIBORDI, 2017, p. 29.

⁶² ZIBORDI, 2017, p. 33.

⁶³ ZIBORDI, 2017, p. 20.

⁶⁴ SCHNELLE, 2010, p. 65.

⁶⁵ BRODEUR, Scott Normand. **A dispositivo típica das cartas paulinas: tese e probatio segundo o ensinamento de Aristóteles.** Texto apresentado numa conferência dada no auditório G2 da Universidade Católica de Pernambuco, em agosto de 2015. nº 1, jan/jun 2015, p. 155. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/620/489>. Acesso em: 12 de abril de 2025.

⁶⁶ GONZAGA, Waldecir. **A verdade do evangelho (Gl 2.5,15) e a autoridade na igreja: Gl 2.1-21 na exegese do Vaticano II até os nossos dias: história, balanço e novas perspectivas.** Rio de Janeiro: Letra Capital, 2025, p. 36.

⁶⁷ GONZAGA, 2025, p. 36.

⁶⁸ MACARTHUR, John. **O evangelho segundo Paulo: a essência das boas novas.** Tradução de Maurício Bezerra Santos Silva. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018, p. 34.

⁶⁹ GUNDRY, Robert H. **Panorama do Novo Testamento.** 2.ed. Tradução de João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 245.

naquele tempo, era quase comum⁷⁰; era comum ao ter dois nomes, um familiar e outro romano. Matos diz que “a mudança do nome judaico ‘Saulo’ para o nome romano ‘Paulo’ (At 13.9) marca tanto a sua tomada de contato oficial com o mundo pagão, quanto sua posição de primeiro plano em sua missão com Barnabé”.⁷¹ É bom lembrar que “o fato de Paulo ter escolhido as grandes cidades, sedes do governador ou colônias romanas, como quartel general de sua atividade missionária pode ser indício do seu *status* de cidadão romano”.⁷²

Curioso refletir sobre a ideia de que Paulo poderia ter seguido a profissão que aprendeu que era fazer tendas, contudo utilizou até isso depois que se converteu para anunciar o evangelho da graça. Sobre essa evidência, Gonzaga diz que:

É bem provável que Paulo tenha aprendido a profissão de fabricante de tendas não tanto por questão de sobrevivência, mas, muito mais, para suceder ao pai na direção dos negócios. Mas a sua conversão para Cristo, ao que nos consta, modificou todos estes planos humanos.⁷³

Quando a graça alcança um homem duro como PAULO, tudo que tem é direcionado para Cristo, pois um coração endurecido que se rende aos pés de Jesus é mais propenso e desejoso de agradá-lo.

2.2 PAULO, O LÍDER POR EXCELÊNCIA

Em suas cartas, Paulo se apresenta como servo do Senhor Jesus. Por exemplo, em sua magna carta aos Romanos, em Romanos 1.1, ele diz que ele é servo do Senhor Jesus; em sua carta dirigida a comunidade de Corinto, ele diz que todos devem olhar para Cristo e serem considerados como seus servos. Muitos olham a liderança como *status* e uma oportunidade de ter servos, quando na verdade “[...] liderar é servir, jamais dominar”.⁷⁴ Como bem frisa Haggai,

Deus chama líderes, não detentores de poder, nem viciados da Avenida Madison, nem peritos em congratulações mútuas, nem traficantes de influência, nem demagogos exibicionistas, nem manipuladores de multidões. Deus está chamando líderes.⁷⁵

Paulo foi um dos grandes homens de seu tempo, bem preparado, e tinha tudo para ser o homem com mais regalias que muitos de sua época, sua trajetória e sua condição familiar lhe permitia usufruir de tudo muito coisa, contudo ele aprendeu com o mestre por excelência, Jesus. Em Jesus Cristo, ele via o modelo ideal de liderança, pois “Ele mostrava na prática que o servir não diminui o prestígio do líder; ao contrário, exalta-o sobre todos[...].”⁷⁶

Como afirma Cury: “quem vive para si mesmo não tem raízes internas”⁷⁷, e Paulo dedicou a sua vida em prol da causa do Evangelho e delegou outros a continuarem a pregar o evangelho da graça, “a eficácia não estava em Paulo, mas na mensagem de Paulo; e a mensagem de Paulo era Cristo, Cristo crucificado, Poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê”.⁷⁸ Liderar não é apenas delegar, também fazer junto, é colocar a mão no fogo pelo bem do outro. Ser líder é cuidar de todos, “liderança é a arte de cuidar de pessoas guiando-as para um determinado fim”⁷⁹, e no caso de Paulo seria a vida plena com Cristo: ser líder não é apenas ter privilégios, antes exige renúncia e uma vida plena com Deus e é bom lembrar que os chamados ao ministério devem ser os primeiros a servir, destarte, “aqueles que são chamados ao ministério

⁷⁰ GONZAGA, 2025, p. 26.

⁷¹ MATOS, Keila. **O que a história registrou sobre paulo, Corinto**: a Igreja e as mulheres no Século I. Revista Fragmentos de Cultura - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, Goiânia, Brasil, v. 17, n. 5, p. 931–948, 2008. DOI: 10.18224/frag.v17i5.477. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/477>. Acesso em: 12 de abril de 2025.

⁷² FABRIS, 2008, p. 37.

⁷³ GONZAGA, 2025, p. 28.

⁷⁴ GUSSO, Antônio Renato. **Liderar é servir**: o modelo de liderança de Jesus. Curitiba: FatoÉ, 2007, p. 13.

⁷⁵ HAGGAI, John E. **Seja um líder de verdade**: liderança que permanece para um mundo transformador. Viçosa: Betânia, 1990, p. 16.

⁷⁶ GUSSO, 2007, p. 21.

⁷⁷ CURY, Augusto. **Nunca desista de seus sonhos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013, p. 15.

⁷⁸ VASCONCELOS, Eber. **Mensagens memoráveis**. Brasília: Igreja Memorial Batista, 2001, p. 48.

⁷⁹ JESUS, Natan de. **Líderes que amam e cuidam**. Rio de Janeiro: JMN, 2022, p. 27.

são chamados prioritariamente para servir”.⁸⁰ Neste sentido, realça Lopes⁸¹, procura-se hoje líderes como Paulo, pois muitas lideranças religiosas não estão seguindo seu exemplo, modelo, vocação e missão no serviço ao Senhor, à Igreja e ao rebanho que lhes foi confiado.

John Haggai vê liderança como sendo: “A disciplina de deliberadamente exercer influência dentro de um grupo para levá-lo a alvos de benefício permanente, que satisfaz as necessidades do grupo”.⁸² Paulo foi incansável quanto a isso, influenciou a vida de muitos como: Lucas, Timóteo, Tito, João Marcos e outros. O interesse de Paulo nessas pessoas era simplesmente ajudar para que alcançassem a maturidade cristã.

Na Segunda Carta ao Timóteo, o apóstolo exorta a Timóteo a permanecer firme nos seus ensinamentos (2Tm 3.10-13), elogia o fato dele ser fiel ao ensinamento que recebeu. Timóteo estava cercado de falsos mestres, homens interessados apenas na promoção. Ele não se deixou corromper pelos seus ensinamentos, antes, seguia à risca os ensinamentos de Paulo e o imitava em tudo, pois o apóstolo não era simplesmente um bom teórico, mas um praticante autêntico.

Paulo estava seguro de que um líder sem Deus é alguém que vai de mal a pior; não há futuro para um falso líder, para o homem que se nega a aceitar verdadeiramente o caminho de Deus. Os falsos líderes religiosos vivem em constante mudança, sempre renovando o “mercado da fé” em busca de lucro, que é o motivo principal para enganar as pessoas. Rich Warren por sua vez, define da seguinte forma o que é ser líder:

Liderança é influência, para o bem ou para o mal. Se você visitar o pátio de uma escola, ou se sentar com um grupo de adolescentes, em cinco minutos você descobrirá quem são os líderes; basta ver como se relacionam entre si. Se você esteve alguma vez numa reunião de comitê, é provável que tenha descoberto que muitas vezes o líder não é o presidente.⁸³

Paulo investiu muito na vida das pessoas, a exemplo de Timóteo, ele dedicou tempo para instruir seus liderados. Certa vez, como registrado no livro de Atos dos Apóstolos, Paulo teve um desentendimento com Barnabé por causa de João Marcos, a igreja foi até dividida, entretanto, no final da sua vida pede para trazer João Marcos pois era útil ao ministério. Em liderança, a maior lição é que pessoas são mais importante que coisas e “somente assim a amizade deixará de ser algo que fazemos e se transformará naquilo que somos”⁸⁴, em outras palavras, meros servos.

O Evangelho não se resume apenas na teologia, antes é um estilo de vida que é voltado ao cuidado do outro, “o cristianismo, portanto, é um voltar-se ao outro, negando a nós mesmos, por amor a Deus[...]”⁸⁵ Dessa forma, observa-se que “[...] não há verdadeiros ministros que não sejam primeiramente servos”.⁸⁶ Na relação de líder e liderados, “mais se beneficia quem melhor serve”⁸⁷, a exemplo de Jesus, que foi um líder por excelência: sendo o Senhor encarnado, tornou-se um escravo para ensinar aos seus discípulos que lavar os pés não é sinônimo de fraqueza e muitos menos de humilhação, antes é o ápice do que o Senhor espera de cada crente, ou seja, vida com Deus e o amor concreto ao próximo, uma vez que “sem serviço ao próximo, não há vibração, não há alegria. Sem espírito de servir, traduzido em ações, não se alcança nada. Cada um de nós é desafiado a trabalhar em prol da melhoria de sua comunidade. Sem desperdícios. Sem desvios”.⁸⁸

⁸⁰ LIDÓRIO, Ronaldo. **Vocacionados**. Curitiba: Betânia, 2014, p. 15.

⁸¹ LOPES, Hernandes Dias. **A grandeza da humildade**. São Paulo: Candeia, 2008, p. 28.

⁸² HAGGAI, John **Lead On**. Dallas: Word Publishing, 1986, p. 4.

⁸³ WARREN, Rick. **Liderança com propósitos**: princípios eficazes para o líder no século XXI. São Paulo: Vida, 2008, p. 11.

⁸⁴ NETO, Tiago Abdalla T. **Amizade**: cultivando o companheirismo em nossa peregrinação. São Paulo: Mundo Cristão, 2022, p. 29.

⁸⁵ RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. **Igreja do cansaço**: desafios do cristianismo no mundo atual. Curitiba: Esperança, 2024, p. 34.

⁸⁶ LIDÓRIO, 2014, p. 16.

⁸⁷ SOUZA, Jussê Gonçalves de Sousa. **Valorize sua personalidade**: cultivando as relações intra e interpessoais. Belém: Gráfica Supercorres, 2010, p. 87.

⁸⁸ SOUZA, 2010, p. 92.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos escritos paulinos encontram-se modelos ideais de liderança, pois, por ter a cidadania romana Paulo encaixava-se corretamente no contexto social e cultural em que vivia, que era dentro de um cenário político romano, o que lhe dava, claramente, a estabilidade e a segurança para circular sem receio entre os procuradores romanos e demais autoridades civis e também religiosas e no meio do povo.

Paulo foi escolhido antes mesmo de nascer como é registrado por ele na sua Carta aos Gálatas. Sua vida na cidade de Tarso e todo o seu treinamento até passando por Jerusalém deve-se ao fato de que Deus estava preparando-o para ser o “apóstolo dos gentios” (Rm 11.13; 1Tm 2.7). Sua conversão marca o fim de uma era e abre as portas do céu para que o mundo conheça o Senhor Jesus. Sua forma de liderar se conecta com o modelo de Jesus e isso faz toda a diferença, esse é o verdadeiro cristão, ele é o exemplo de um verdadeiro servo de Deus, a quem devemos imitar. Este é o apóstolo Paulo, o “apóstolo dos gentios”, o nosso apóstolo.

Destarte, dedicar tempo e investir em produções sobre teologia paulina será sempre um benefício prestado à academia bíblico-teológica. Dessa forma, espera-se que esse artigo desperte o interesse de leitores e pesquisadores a buscarem se aprofundar em conhecer mais sobre a vida e ministério deste grande apóstolo do cristianismo primitivo.

REFERÊNCIAS

An Paolo Apostolo, Patrono Dell'alma Città di Roma. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/it/santo-del-giorno/06/29/san-paolo-apostolo--patrono-dell-alma-citta-di-roma.html>. Acesso em: 13 de abril de 2025.

BALL, Charles Ferguson. **A vida e os tempos do apóstolo Paulo**: a reconstituição da mais famosa história missionária da Igreja Cristã. Rio de Janeiro: CPAD, 2021.

BENEDICTO XVI. **La conversión de san Pablo**. Audiencia General. 3 de septiembre de 2008. Disponível em: www.vatican.va/content/benedict-xvi/es/audiences/2008/documents/hf_ben-xvi_aud_20080903.html. Acesso em: 14 de abril de 2025.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2004.

BRODEUR, Scott Normand. **A dispositivo típica das cartas paulinas**: tese e probatio segundo o ensinamento de Aristóteles. Texto apresentado numa conferência dada no auditório G2 da Universidade Católica de Pernambuco, em agosto de 2015. n.º 1, jan/jun 2015. Disponível em: <https://www1.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/620/489>. Acesso em: 12 de abril de 2025.

BROWN, Raymond E. **Introdução do Novo Testamento**. Tradução de Paulo F. Valério. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2012 (Coleção Bíblia e História: Série maior).

BRUCE, Frederick Fyvie. **Paulo, o apóstolo da graça**: sua vida, cartas e teologia. São Paulo: Shedd, 2003.

CARDOSO, Maria Teresa de Freitas. Paulo e o ecumenismo. **Revista Atualidade Teológica** do Dpto. de Teologia da PUC-Rio. Ano XIII n.º 32, maio a agosto/2009. Disponível em: maxwell.vrac.puc-rio.br/18307/18307.PDFXvmi. Acesso em: 13 abril de 2017.

CARSON, Donald Arthur; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado**: Versículo por versículo. Vol. III. Atos/Romanos. São Paulo: Candeia, 1998.

CURY, Augusto. **Nunca desista de seus sonhos**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

FABRIS, Rinaldo. **Paulo**: apóstolo dos gentios. Tradução de Euclides Martins Balancin. 5.ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

GONZAGA, Waldecir; LIMA, André Pereira. A autocompreensão missionária de Paulo em Rm 11.13 e 1Tm 2.7. In: GONZAGA, Waldecir... [et al.]. **Evangelização, santidade e amor a Deus e ao próximo nas Epístolas do Novo Testamento**. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2023, p. 29-76. Doi: <https://doi.org/10.36592/9786554600835-01>

GONZAGA, Waldecir. **A verdade do evangelho (Gl 2.5,15) e a autoridade na igreja**: Gl 2.1-21 na exegese do Vaticano II até os nossos dias: história, balanço e novas perspectivas. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2025.

GONZAGA, Waldecir. O *Corpus paulinum* no Cânon do Novo Testamento. **Atualidade Teológica**. Rio de Janeiro, v. 21, n. 55, p. 19-41, Jan./abr. 2017. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/29100/29100.PDF>. Acesso em: 24 de abril de 2025.

GONZAGA, Waldecir. **Os conflitos na igreja primitiva entre judaizantes e gentios a partir das cartas de Paulo aos Gálatas e Romanos**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2025, p. 25.

GONZAGA, Waldecir; SILVA, Rodrigo (2023). Apóstolo Paulo: vocação, missão e vida espiritual a partir da 1Cor 9.15-18 e do Documento de Aparecida. **Revista Encontros Teológicos**, 38 (3). <https://doi.org/10.46525/ret.v38i3.1838>.

GUNDRY, Robert H. **Panorama do Novo Testamento**. 2.ed. Tradução de João Marques Bentes. São Paulo: Vida Nova, 2007.

GUSSO, Antônio Renato. **Liderar é servir**: o modelo de liderança de Jesus. Curitiba: FatoÉ, 2007.

HAGGAI, John E. **Seja um líder de verdade**: liderança que permanece para um mundo transformador. Viçosa: Betânia, 1990.

HAGGAI, John. **Lead On**. Dallas: Word Publishing, 1986.

HEYER, Cornelis Jacobus den. **Paulo**: um homem de dois mundos. Tradução de Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2009.

JESUS, Natan de. **Líderes que amam e cuidam**. Rio de Janeiro: Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira, 2022 (Série Vivendo os princípios; 1).

KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento**: história e literatura do cristianismo primitivo, Vol. 2. Paulus, São Paulo: 2005.

LOPES, Hernandes Dias. **A grandeza da humildade**. São Paulo: Candeia, 2008.

LOPES, Hernandes Dias. **Atos**: a ação do Espírito Santo na vida da igreja. São Paulo: Hagnos, 2012.

MACARTHUR, John. **O evangelho segundo Paulo**: a essência das boas novas. Tradução de Maurício Bezerra Santos Silva. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

MATOS, Keila. O que a história registrou sobre Paulo, Corinto: a Igreja e as mulheres no Século I. **Revista Fragmentos de Cultura** - Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, Goiânia, Brasil, v. 17, n. 5, p. 931-948, 2008. DOI: 10.18224/frag.v17i5.477. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/477>. Acesso em: 12 de abril de 2025.

MURPHY-O'CONNOR, Jerome. **Paulo de Tarso**: história de um apóstolo. Tradução de Valdir Marques. São Paulo: Loyola, Paulus, 2013.

NETO, Tiago Abdalla T. **Amizade**: cultivando o companheirismo em nossa peregrinação. São Paulo: Mundo Cris-

tão, 2022.

NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza. **Atos de Paulo**. São Paulo: Paulus, 2021. (Coleção Apocrypha).

PEDROSA, Edmar dos Santos; KUNZ, Claiton André. O contexto militar em torno do apóstolo Paulo. **Revista Ensaios Teológicos**. Vol. 1, n. 1, junho/2015. Disponível em: ead.batistapioneira.edu.br/ojs/index.php/ensaios/article/download/76/127. Acesso em 04 novembro de 2018.

PERUZO, Dom José Antônio. Paulo diante do cristianismo nascente. **Revista Atualidade Teológica** do Dpto. de Teologia da PUC-Rio. Ano XIII nº 31, janeiro a abril/2009. Disponível em: www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18338/18338.PDFXXvmi. Acesso em: 12 de abril de 2025.

PROENÇA, Eduardo de (Org.). **Apócrifos e pseudoepígrafos da Bíblia**. Vol. 2. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

REDDISH, Mitchell. **The Life of Paul**. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/http://www.co.travelwithus.com/files/uploads/TheLifeofPaul.pdf>. Acesso em: 13 de abril de 2025.

RIBEIRO, Joelma Batista dos Santos. **A apologia de Paulo na segunda carta aos Coríntios: uma análise retórica**. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC, 2010. Disponível em: livros01.livrosgratis.com.br/cp126324.pdf. Acesso em 13 abril de 2017.

RUPPENTHAL NETO, Willibaldo. **Igreja do cansaço: desafios do cristianismo no mundo atual**. Curitiba: Esperança, 2024.

SANDERS, J. Oswald. **Paulo, o líder**. São Paulo: Vida, 1986.

SCHNELLE, Udo. **Paulo: vida e pensamento**. São Paulo: Paulus, 2010.

SELL, Henry T. **Bible Studies in the Life of Paul**, 1904. Disponível em: <https://archive.org/details/biblestudie-sinli0000henr/page/n3/mode/2up>. Acesso em: 13 de abril de 2025.

SILVA, Rodrigo. **O pregador dos gentios, mas quem foi esse homem?** In: Youtube Em busca de evidências, 01 de jun. de 2012. 26min06s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZeiYFnGngpk>. Acesso em: 10 de abril de 2025.

SILVA, Roseli Gall do Amaral da. **A formação do homem ideal em Paulo de Tarso: O amor como elemento formativo**. 146 f. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Estadual de Maringá, 2010. Disponível em: www.ppe.uem.br/dissertacoes/2010_roseli_gall.pdf. Acesso em: 13 abril de 2017.

SOUZA, Jussie Gonçalves de Sousa. **Valorize sua personalidade: Cultivando as relações intra e interpressois**. Belém: Gráfica Supercoros, 2010.

TAMANCOLDI, Bruno. **O querigma nas cartas de Paulo**. São Paulo: Paulus, 2023. (Coleção Catequese e Bíblia).

TENNEY, Merrill C. **O Novo Testamento: sua origem e análise**. São Paulo: Vida Nova, 2006.

VASCONCELOS, Eber. **Mensagens memoráveis**. Brasília: Igreja Memorial Batista, 2001.

VIDAL, César. **Apóstol para las naciones: la vida y los tempos de Pablo de Tarso**. Nashville: Grupo de Publicações B&H, 2021.

VIEIRA, Misael Juvenil. **A proeminência da justificação pela fé na teologia de Paulo aos Romanos 5.12-21**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia: PUC, 2014. Disponível em: tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/892/1/MISAEEL%20JUVENIL%20VIEIRA.pdf. Acesso em 10/06/2017.

WARREN, Rick. **Liderança com propósitos: princípios eficazes para o líder no século XXI**. São Paulo: Vida, 2008.

WRIGHT, N. T. **Paulo**: uma biografia. Tradução de Elissamai Bauleo. Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil, p. 2018.

ZIBORDI, Ciro Sanches. **Procura-se pregadores como Paulo**. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.



*A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional*

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DAS ESCRITURAS SOBRE A NATUREZA DO SOFRIMENTO: UMA ABORDAGEM PARA O CONSOLO EM MEIO A AFLIÇÃO

Fundamental principles of Scripture on the nature of suffering: an approach to comfort in times of affliction

Lidiane Santana da Silva¹
Me. Paulo Henrique Pedrão²

RESUMO

O presente artigo aborda a temática do sofrimento com o objetivo de responder à seguinte questão: de que maneira os ensinamentos bíblicos sobre o sofrimento contribuem para o consolo e quais as consequências da ausência desse ensinamento entre os que sofrem? Assim, este trabalho tem como objetivos: compreender, à luz da Bíblia, as razões pelas quais as pessoas sofrem; identificar posturas bíblicas que devem ser adotadas pelos cristãos diante do sofrimento; e apontar as possíveis consequências da falta de ensino bíblico sobre o tema para a igreja. A hipótese inicialmente adotada considerou que se na igreja há pessoas que não encontram consolo e não dispõem de condições de consolar, é por não haver o conhecimento necessário de Deus e do sofrimento a luz da Bíblia. Contudo as conclusões indicam que a obtenção de conhecimento bíblico sobre o sofrimento é complexa, pois nem sempre haverá respostas definitivas. No entanto, não buscar este conhecimento pode levar muitos a perderem a fé. Para além do conhecimento intelectual, há também uma necessidade de decisão de como o indivíduo vai lidar com a dor, o que envolve o aspecto emocional e seu grau de relacionamento com Deus.

Palavras-chave: Sofrimento. O problema do mal. Igreja. Desigrejados.

¹ Bacharelada em Teologia pela FABAPAR. E-mail para contato: lidsansilva@gmail.com

² Professor e Mestre em Teologia pela FABAPAR, possui graduação, pós-graduação e mestrado em Teologia pela FABAPAR e em Administração Pública pela FGV. E-mail para contato: professor.pedrao@fabapar.com.br

Aconselhamento.

ABSTRACT

The present article addresses the theme of suffering with the aim of answering the following question: how do biblical teachings on suffering contribute to comfort, and what are the consequences of the absence of this teaching among those who suffer? Thus, this work aims to understand, in light of the Bible, the reasons why people suffer; identify biblical attitudes that Christians should adopt in the face of suffering; and point out the possible consequences of the lack of biblical teaching on the subject for the church. The initial hypothesis considered that if there are people in the church who do not find comfort and are unable to console others, it is due to a lack of necessary knowledge about God and suffering as understood in the Bible. However, the conclusions indicate that gaining biblical knowledge about suffering is complex, as there will not always be definitive answers. Nevertheless, not seeking this knowledge can lead many to lose their faith. Beyond intellectual knowledge, there is also a need for individuals to decide how they will deal with pain, which involves emotional aspects and their level of relationship with God.

Keywords: Suffering. The problem of evil. Church. Churchless. Counseling.

INTRODUÇÃO

Discutir o sofrimento é uma tarefa complexa. Uma definição concisa revela suas nuances: “1. ato ou efeito de sofrer. 2. dor física. 3. grande dor moral. 4. angústia, aflição”³. O sofrimento levanta questões como: Existe Deus? Ele se importa? Por que o mal existe? É possível encontrar propósito no sofrimento? Essas indagações são frequentemente feitas por indivíduos em contextos de pandemia, pobreza e violência extrema, que buscam consolo. Nicodemus destaca que, historicamente, a avaliação da situação financeira e de saúde tem sido usada para medir o amor divino.⁴ Isso ressalta a importância de desenvolver uma teologia que forneça respostas mais profundas, conforme orientações de 1 Pedro 3.15⁵, que incentiva os cristãos a estarem preparados para explicar a razão de sua esperança.

A construção de respostas torna-se ainda mais desafiadora em uma sociedade pós-moderna, caracterizada por relacionamentos fragilizados e uma busca por soluções rápidas para questões complexas. Os sociólogos Zygmunt Bauman e Leonidas Donskis observam que se vive em uma sociedade líquida, onde o individualismo molda relações cada vez mais voláteis. Nas igrejas, essa volatilidade se manifesta na ascensão da teologia da prosperidade, que enfatiza mensagens de vitória.⁶ Ruppenthal Neto comenta que os pregadores atuais, muitas vezes, evitam confrontar práticas erradas e promovem um discurso que sugere que tudo é possível para o cristão.⁷ A falta de conhecimento bíblico, aliada a pregações questionáveis e a uma mentalidade positivista, contribui para o crescente movimento de desigrejados, identificado pelo Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.⁸ Esses indivíduos se identificam como evangélicos, mas não pertencem a nenhuma igreja, representando 21,8% dos evangélicos no Brasil.

³ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8.ed. Curitiba: Positivo, 2010, p. 707.

⁴ NICODEMUS, Augustus. **O culto segundo Deus**: a mensagem de Malaquias para a igreja de hoje. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 18.

⁵ A versão padrão, adotada por esta pesquisa, é a Nova Versão Transformadora (NVT).

⁶ BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Mal líquido**: vivendo num mundo sem alternativas. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2019, p. 4.

⁷ RUPPENTAL NETO, Willibaldo. **Igreja do cansaço**: desafios do cristianismo no mundo atual. Curitiba: Esperança, 2024, p. 11.

⁸ IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: **Censo 2010**: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião: Os resultados do Censo Demográfico 2010 mostram o crescimento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil... [S.l.] IBGE, 29 jun. 2012. Atualizado em 23 jun 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espiritas-e-sem-religiao>. Acesso em: 10 out. 2024.

De acordo com Campos, trata-se de um movimento que sofre a influência do pós-modernismo, cujos frutos incluem, entre outros, “o relativismo, o pluralismo e a crise de pertencimento”.⁹

Além dos dados do IBGE, que também indicam um crescimento de 6,8% no número de evangélicos no país em comparação com o ano 2000, os relatórios da Organização Mundial da Saúde (OMS), como o “*Depression and Other Common Mental Disorders*”¹⁰, apontam o Brasil como líder mundial em ansiedade, com um percentual de 9,3% da população, o equivalente a 18.657.943 pessoas sofrendo de transtornos de ansiedade. Esse número deve ter aumentado, já que em um relatório mais recente, o “*World Mental Health Report*”¹¹, a OMS sinalizou que as taxas de depressão e ansiedade aumentaram em 25% no primeiro ano da pandemia de COVID-19, de forma global. Em 2 Coríntios 1.4, Paulo afirma que os cristãos em situação de tribulação são consolados por Cristo e, por isso, têm condições de consolar os que passam por tribulações. Paulo traz esse conhecimento no início de sua segunda carta aos Coríntios como forma de fortalecer os irmãos daquela igreja, uma prática que deve ser ensinada também nas comunidades de fé hoje.

Entretanto, se na igreja há pessoas que não encontram consolo e não conseguem consolar, a primeira hipótese que se levanta é há falta de conhecimento necessário sobre Deus e o sofrimento à luz da Bíblia. Portanto este estudo visa responder à pergunta: de que maneira os ensinamentos bíblicos sobre o sofrimento contribuem para o consolo e quais as consequências da ausência desse ensinamento entre os que sofrem? Assim para o desenvolvimento da pesquisa, foi realizada uma análise de conteúdo, que abrangeu livros e artigos científicos e de forma complementar, a pesquisa possui um caráter qualitativo, incluindo dados estatísticos.

1. DEUS, O SOFRIMENTO E O PROBLEMA DO MAL

O problema do mal é amplamente discutido e diversas abordagens tentam conceituá-lo. Agostinho define o mal como um processo de corrupção de algo que é corruptível, sugerindo que o ser humano é essencialmente bom e que o mal emerge da corrupção introduzida pelo pecado.¹² Sayão propõe uma divisão temática do mal em dois grupos: o mal moral, que se refere à injustiça, e o mal físico, que diz respeito ao sofrimento.¹³ Paul Siwek acrescenta que o mal pode ser compreendido como uma contrariedade em relação ao bem-estar esperado para o ser humano, sendo sua percepção variável entre indivíduos. Isso evidencia a dificuldade em estabelecer um conceito uniforme sobre o tema.¹⁴

No contexto da sociedade atual, a identificação do mal torna-se ainda mais complexa. Bauman e Donskiz descrevem o mal como algo que não se apresenta mais de forma amoral e que gera um sentimento de busca por justiça no final dos tempos. Ele se tornou “líquido”, mudando de aparência constantemente e muitas vezes se camuflando em consumismo exagerado, individualismo disfarçado de “busca pela felicidade”, exposição desenfreada nas mídias sociais que visa “massagear o ego” e busca por soluções instantâneas para problemas complexos.¹⁵

Embora o mal se manifeste de várias formas e seja difícil de conceituar, os seus efeitos no final sempre são sentidos e levam o ser humano a uma busca por explicações que de alguma forma possam lhe proporcionar consolo. Keller assevera que só é possível lidar com o sofrimento mediante a uma base de crenças, e se a pessoa acredita em um Deus todo-poderoso e todo amoroso isto pode se constituir um

⁹ CAMPOS, Idauro. **Desigrejados**: teoria, história e contradições do Nihilismo Eclesiástico. Rio de Janeiro: BV books, 2017, p. 248.

¹⁰ OMS. Organização Mundial de Saúde. **Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates**. Genebra, 2017. Relatório. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/depression-global-health-estimates> Acesso em: 12 out 2024, p. 18.

¹¹ OMS. Organização Mundial de Saúde. **World mental health report: Transforming mental health for all**. Genebra, 2022. Relatório. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338> Acesso em: 05 out 2024, p. 39.

¹² HIPONA, Agostinho. **Confissões**. Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, p. 225.

¹³ SAYÃO, Luiz. **O problema do mal no Antigo Testamento**: o caso de Habacuque. São Paulo: Hagnos, 2012, p. 15.

¹⁴ *Apud* SAYÃO, 2012, p. 15.

¹⁵ BAUMAN; DONSKIZ, 2019, p. 12.

problema a princípio, ao tentar conciliar estes atributos com a existência do mal,¹⁶ pois é neste momento em que os questionamentos do filósofo grego Epicuro (341-270 A.C) voltam à tona conforme registros preservados por Hume:

Você quer evitar o mal, mas não consegue? então, ele (Deus) é impotente. Você está qualificado, mas não quer isso? Então, (Deus) é malévolos. Você está disposto e é capaz? Então de onde vem o mal?¹⁷

Essa questão complexa, que envolve fundamentos da fé teísta, tem levado e ainda leva muitas pessoas à apostasia. Nas palavras do filósofo John L. Mackie citado por Madureira, “é um problema apenas para os que acreditam na existência de um Deus onipotente e totalmente bom”.¹⁸ Para tentar responder esta questão surge as teodiceias termo atribuído ao filósofo alemão Gottfried Wilhelm Leibniz que é a união das palavras gregas Theos (Deus) e dike (julgamento), que unidas denotam “julgamento de Deus”.¹⁹ Elas foram sendo criadas no decorrer da história com o objetivo de procurar justificar a existência de Deus em face da existência do mal.

Sayão, em seu livro “O Problema do Mal”, aponta cinco teodiceias.²⁰ A primeira é a Teodiceia do Livre-Arbítrio, que argumenta que o mal é uma consequência do uso inadequado do livre-arbítrio pelo ser humano, e que Deus permite o mal para fins que não compreendemos. A dificuldade dessa argumentação é a falta de distinção clara entre o mal moral (pecado) e o mal físico (catástrofes naturais). A segunda é a Teodiceia Pedagógica, que considera o sofrimento necessário para o amadurecimento humano, embora haja argumentos contrários, como o fato de que há coisas boas que não precisam ser precedidas de algo ruim para serem boas, e que alguns sofrimentos não produzem amadurecimento e não têm lições a ensinar, como em contextos de guerra.

A terceira é a Teodiceia Escatológica, que se baseia na esperança de ressurreição e de um reino vindouro, encontrando respostas no futuro. Muitos rejeitam essa abordagem, questionando que tipo de compensação poderia justificar a desgraça atual. A quarta é a Teodiceia Protelada, que é similar à escatológica, mas foca na compreensão do sofrimento no reino vindouro em vez de uma compensação. Finalmente, a Teodiceia de Comunhão não busca explicar o sofrimento, mas mudar a percepção sobre ele, considerando que sofrer por uma causa justa é agir conforme a vontade de Deus e torná-lo conhecido.

Como observou Sayão, as teodiceias oferecem diferentes perspectivas sobre o sofrimento, mas não conseguem explicar plenamente o problema do mal, e por isso muitos estudiosos consideravam impossível a existência do Deus todo poderoso e amoroso descrito na Bíblia.²¹ É quando surge na academia a partir de 1980 estudiosos como Craig e Plantinga. Eles vão trazer luz a este problema apresentado por Epicuro utilizando-se do campo da lógica, o princípio da não contradição, em que algo não pode ser verdadeiro e falso ao mesmo tempo sob as mesmas circunstâncias.²² Craig ao analisar a existência do mal versus a existência de Deus realiza a seguinte declaração:

À primeira vista, essas afirmações não são inconsistentes. Não há uma contradição explícita entre elas. Mas, se um ateu quer dizer que há alguma contradição implícita entre elas, ele deve presumir algumas premissas implícitas que serviriam para apresentar a contradição e torná-la explícita. No entanto quais são essas premissas?

Parece haver duas: (1) Se Deus é todo poderoso, então ele pode criar qualquer mundo que ele escolhe; (2) se Deus é todo bondoso, então ele preferiria um mundo sem o mal e não um

¹⁶ KELLER, Timothy. **Caminhando com Deus em meio à dor e ao sofrimento**. Tradução de Eulália Pacheco Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 109.

¹⁷ HUME, David. **Diálogos sobre religião natural**. ed. México, D.F: FCE - Fondo de Cultura Económica, 1979. 88 p. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/72057?page=66>. Acesso em: 17 set. 2024, p. 88.

¹⁸ MADUREIRA, Jonas. **Inteligência humilhada**. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 91.

¹⁹ MADUREIRA, 2017, p. 88.

²⁰ SAYÃO, 2012, p. 17-19.

²¹ SAYÃO, 2012, p. 19.

²² KELLER, 2016, p. 111.

mundo com o mal.²³

Afonso argumenta que a primeira premissa não é necessariamente verdadeira, pois Deus não poderia criar um mundo em que as pessoas livres são obrigadas a fazer escolhas.²⁴ Assim, a primeira premissa perde credibilidade, o que automaticamente afeta a segunda. Caso a segunda premissa fosse considerada isoladamente, ainda apresentaria problemas devido à falta de um consequente lógico, que seria Deus optar por não criar o mundo. Isso levaria a outra análise, onde a premissa pode ser falsa ou a existência de Deus pode ser questionada. No entanto, o universo tem uma causa e não surgiu do nada.

Com esta mesma base de raciocínio Plantinga argumenta que “a existência do mal não é logicamente incompatível (mesmo num sentido lógico mais amplo) com a existência de um Deus onipotente, onisciente e perfeitamente bom”.²⁵ Plantinga faz diferença entre a teodiceia e a defesa da existência de Deus, em seu livro *“God, Freedom, and Evil”*²⁶ onde a primeira tenta explicar os motivos de Deus para a existência do mal, com o objetivo de levar seus ouvintes a aceitarem esta argumentação, movimento este que estaria associado a uma visão de que Deus existe para fazer o homem feliz.

Já a defesa mostra que a existência do mal não é prova contra a existência de Deus, e um exemplo dessa defesa é a permissão do sofrimento em busca do bem, semelhante ao tratamento doloroso feito por um médico com o objetivo de cura. Nietzsche afirmava: “O que não me mata torna-me mais forte”.²⁷ Esta mesma linha de raciocínio é também compreendida por Agostinho em Confissões, quando ao retratar sua infância percebe Deus usando a coação dos pais para que estudasse como forma de corrigi-lo, porém naquele momento só os via como sendo maus para com ele.²⁸

Desta maneira, pode-se inferir que não há contradição na crença cristã, mas sim uma “antinomia”, conforme afirma Packer.²⁹ A dificuldade em compreender como as três proposições levantadas séculos atrás por Epicuro funcionam é a limitação humana de entender este processo de coexistência, o que é diferente de uma contradição em que uma proposição tem a capacidade de anular a outra. Portanto se Deus é infinitamente mais poderoso do que nós mortais limitados, Ele também possui infinitamente mais conhecimento para permitir a existência do mal, o fato de não termos capacidade de compreender algo não significa que Deus também não o tenha, pensar desta forma é se colocar no mesmo patamar de Deus, esta limitação deveria gerar um sentimento de dependência de Deus.³⁰

No entanto quem realiza este tipo de questionamento, não o faz por questões filosóficas, na maioria das vezes são por questões sentimentais, movidos pela angústia. Keller afirma que aqueles que tem sua fé enfraquecida no momento de sofrimento, é por ter um pressuposto moral de que Deus deixou de agir de forma correta e por isso o mal veio a atingi-los. Isso é expresso muitas vezes através da frase: “Não acredito num Deus que permite uma coisa dessas”.³¹ Abraham Heschel declara “que o mal não é o problema fundamental do ser humano, mas sim a sua relação com Deus”.³²

E refletir sobre o mal em uma sociedade que luta hoje para manter sua capacidade cognitiva é algo ainda mais desafiador, sem o qual é inviável compreender estas reflexões e pensar no consolo. A sociedade pós-moderna vive em um ritmo cada vez mais acelerado em que o volume de informações é infinitamente

²³ CRAIG, Willian Lane. **Apologética para questões difíceis da vida**. Tradução de Heber Carlos de Campos. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 81.

²⁴ AFONSO, Marcelo Santiago de Moraes. A experiência do Sofrimento e do Mal no mundo nega a existência de Deus? **Revista Batista Pioneira**, Ijuí, v.12, n.1, p. 84-90, jun. 2023, p. 88-89.

²⁵ PLANTINGA, Alvin. **Knowledge and Christian Belief**. Michigan: Eerdmans, 2015, p. 129.

²⁶ PLANTINGA, Alvin. **God, Freedom, and Evil**. Michigan: Eerdmans, 1989, p. 9-29.

²⁷ NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**. [S. l.]: Simplíssimo, 2022. 90 p. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/257935?page=5>. Recuperado de: 17 set. 2024, p.5.

²⁸ HIPONA, 2012, p. 67.

²⁹ *Apud* MADUREIRA, 2017, p. 132.

³⁰ KELLER, 2016, p. 122.

³¹ KELLER, 2016, p. 130.

³² *Apud* SAYÃO, 2012, p. 34.

maior do que um indivíduo tem condições de consumir.

Bauman e Donskiz afirmam que as mídias estão em um formato que destrói o nível de atenção de seus usuários com seus vídeos de 7 a 15 segundos, e que acabam com a memória e sensibilidade da população, que tem perdido com isso a capacidade de analisar criticamente a si e ao mundo ao seu redor em um repertório que “tem treinado seus espectadores a assistirem sem compreender e a ouvirem sem avaliar; a consumirem informação sem pretender ou esperar encontrar seu significado, suas causas ou consequências”.³³ A maioria das notícias tratam de violência e desastres, que o mal pode ser observado nos mais diversos locais do mundo.

O filósofo e teólogo Byung-Chul Han afirma que cada período da história possui uma enfermidade que a castiga e o século XXI tem seu início marcado por doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB).³⁴ Refletindo uma sociedade onde as definições claras do passado foram substituídas por relativismo, afetando a compreensão do mal e de Deus. Han reflete sobre como a exposição nas redes sociais transforma as pessoas em mercadorias, destruindo assim as relações com o outro.³⁵

O que é possível compreender neste momento é que o abandono da fé e a descrença em Deus não resolve o problema do mal, como afirmou Martin Luther King Jr.³⁶ se não houvesse uma lei definindo a justiça não haveria também como determinar o que é injusto, e o mal seria algo natural. De acordo com Lewis, a dificuldade em conciliar a existência de um Deus amoroso com o sofrimento, reside na falta de compreensão da palavra amor, que tem a capacidade de perdoar as faltas, porém isso não anula o desejo de que elas sejam extraídas.³⁷ O autor ainda declara: “O grande espírito que você invocou tão levemente, o “Senhor de aspecto terrível”, está presente: não uma benevolência senil que de modo sonolento deseja que você seja feliz de seu próprio modo”.³⁸

Assim, ao refletir sobre o problema do mal e a existência de um Deus todo-poderoso e todo-amoroso, pode-se concluir que a existência de um não anula o outro. A questão refere-se mais à relação e percepção individual de Deus do que à sua existência objetiva. Sem desconsiderar as limitações humanas na compreensão plena de Deus, a Bíblia oferece uma visão sobre como o pecado age como combustível para o mal, Agostinho afirmou que este leva o homem a hábitos violentos que os prendem por terem inicialmente se deixado levar pela vontade.³⁹

É só através da condução do Espírito Santo por meio dos ensinamentos bíblicos que se pode vencer um cenário tão caótico e desestimulante. Como bem relembra Madureira, o apontamento de Tomas de Aquino, “a crença do cristão em um Deus bondoso e onipotente não é fruto de pura inteligência, mas sobretudo da ação interna do Espírito”.⁴⁰ É possível a um cristão passar pela fornalha do sofrimento, ao se deparar com os princípios fundamentais existentes nas escrituras, aspecto este que será tratado na próxima sessão.

2. O QUE A BÍBLIA ENSINA SOBRE O SOFRIMENTO?

O Salmo 30.5b declara: “o choro pode durar toda a noite, mas a alegria vem com o amanhecer”. Piper e Taylor ponderam que esta noite muitas vezes pode ser longa, tornando indispensável uma sólida

³³ BAUMAN; DONSKIZ, 2019, p. 54.

³⁴ HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2019, p. 7.

³⁵ HAN, 2019, p. 67.

³⁶ KING JR, Martin Luther. **Letters to a Birmingham Jail: A response to the words and dreams of Dr. Martins Luther King Jr.** Editado por Bryan Loritts. Editora: Moody, 2013. E-book, p. 23.

³⁷ LEWIS, C. S. **O problema da dor**. Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021, p. 59.

³⁸ LEWIS, 2021, p. 57.

³⁹ HIPONA, 2012, p. 270.

⁴⁰ MADUREIRA, 2017, p. 93.

teologia para atravessá-la.⁴¹ A Bíblia em Romanos 3.23, afirma que, em decorrência do pecado, todos carecem da glória de Deus. Nos primeiros capítulos de Gênesis, há o relato de Deus criando o mundo com planejamento e essencialmente bom, mas esse cenário muda a partir do capítulo 3, com a entrada do pecado no mundo. Keller assevera que no instante em que o homem deixou de servir a Deus para servir a si mesmo, o mundo se tornou imperfeito.⁴² Com esse afastamento, o homem se torna autocentrado e, conforme destaca Lewis, é a partir daí que orgulho, ambição, inveja, o desejo de ser amável a seus próprios olhos e de deprimir e humilhar todos os outros, passaram a ser as atitudes mais comuns.⁴³ Como resultado, o homem deve assumir algumas das responsabilidades por esses males.⁴⁴

Neste contexto, o mal ganha espaço e o sofrimento surge, trazendo juízo e a possibilidade de arrependimento. Kierkegaard afirma que o arrependimento só é possível ao sujeito que vivencia o desespero e compreende sua condição.⁴⁵ O sofrimento pode revelar que o maior inimigo de uma pessoa pode ser ela mesma, como bem descrito pelo apóstolo Paulo em Romanos 7.19 “Quero fazer o bem, mas não faço. Não quero fazer o que é errado, mas, ainda assim, o faço”. Piper e Taylor, afirmam que o sofrimento pode revelar o pior que há dentro de uma pessoa e é nesse momento que Deus trabalha no indivíduo (Sl 119.67).⁴⁶ Já Madureira assegura que rupturas e sofrimentos são escolhas necessárias, aos que querem obedecer ao Senhor, pois a obediência é um ataque ao desejo natural (Gl 5.17; Jr 4.22).⁴⁷

Sayão infere que a autorização divina para ocorrência do mal informa algo da parte de Deus, levando o indivíduo a percepção do sagrado.⁴⁸ Kierkegaard reforça a necessidade da revelação divina para que o homem tome ciência do pecado, “mostrando-lhe que ele não está em não compreender o justo, mas em não querer compreendê-lo, em não querer o justo”.⁴⁹ Essa compreensão entre o que é justo e a recusa em agir com justiça pode ser exemplificada pelo livro de Oséias, especialmente no capítulo 8, que retrata Deus trazendo juízo sobre o povo de Israel por cair no pecado da idolatria, com o objetivo de levá-los ao arrependimento (Os 14.1s). Encarar o sofrimento como um mecanismo para gerar arrependimento e reconciliação com o divino pode fazer com que o indivíduo o veja como algo positivo a ser buscado. No entanto, Lewis contesta essa ideia, afirmando que o sofrimento em si não é bom; o que é bom é a submissão à vontade de Deus e os atos de misericórdia gerados por um indivíduo que sofre e se arrepende ao ser confrontado.⁵⁰

Mas o que dizer dos casos de injustiça? Rutledge, afirma que a negligência de grupos vulneráveis recebe atenção significativa dos escritores bíblicos, que vão das acusações de Amós às atitudes de mulheres ricas de seu tempo (Am 4.1), ao pranto de Jesus em sua profecia sobre Jerusalém (Lc 13.34) até a exortação de Tiago a uma igreja local (Tg 2.2-8).⁵¹ Esses exemplos de textos que abordam a injustiça denunciam que algo não está certo e conclamam seus ouvintes à mudança. Martin Luther King Jr. em “Cartas de uma prisão de Birmingham”, ao refletir sobre o rótulo de extremista que recebeu de alguns críticos, recorre às escrituras e, ao encontrar consolo, escreve:

Não foi Jesus um extremista por amor: “Ame seus inimigos, abençoe os que o amaldiçoam, faça o bem aos que o odeiam e ore por aqueles que o maltratam e perseguem.” Não foi Amós um extremista por justiça: “Que a justiça role como as águas e a retidão como um ribeiro sempre crescente.” [...] Portanto, a questão não é se seremos extremistas, mas que tipo de

⁴¹ PIPER, John; TAYLOR, Justin. **Sofrimento e a soberania de Deus**: confiança e conforto para o cristão. Tradução de Heloísa Cavallari. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 174.

⁴² KELLER, Timothy. **A fé na era do ceticismo**: como a razão explica Deus. Tradução de Regina Lyra. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 197.

⁴³ LEWIS, 2021, p. 102.

⁴⁴ CRAIG, 2010, p. 105.

⁴⁵ KIERKEGAARD, Soren. **O desespero humano**. São Paulo: Lebooks, 2021. E-book, p. 79.

⁴⁶ PIPER; TAYLOR, 2018, p. 159.

⁴⁷ MADUREIRA, 2017, p. 122.

⁴⁸ SAYÃO, 2012, p. 76.

⁴⁹ KIERKEGAARD, 2021, p. 120.

⁵⁰ LEWIS, 2021, p. 139.

⁵¹ RUTLEDGE, Fleming. **A crucificação**: entendendo a morte de Jesus Cristo. Tradução de Elissamai Bauleo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023, p. 80.

extremistas seremos. Seremos extremistas por ódio ou por amor? Seremos extremistas pela preservação da injustiça ou pela extensão da justiça? [...] Jesus Cristo, foi um extremista por amor, verdade e bondade, e assim se elevou acima de seu ambiente. Talvez o Sul, a nação e o mundo estejam em urgente necessidade de extremistas criativos.⁵²

É possível observar, pelos exemplos acima, que situações de injustiça podem despertar os indivíduos a tomar atitudes que visem combatê-la, mesmo que a princípio isso acarrete um acréscimo de sofrimento. Keller argumenta que pessoas que perderam entes queridos batalham pela alteração de leis e pela promoção de mudanças sociais, pois creem que a injustiça deve ser reverter em uma justiça superior ao mal que seus familiares sofreram, como forma de trazer consolo. Por outro lado, o mal advindo da injustiça pode gerar um efeito oposto no indivíduo que sofre: a apatia.⁵³ A filósofa e escritora francesa Simone Weil descreve que em casos de infortúnio, este tem o poder de gerar no indivíduo um estado de endurecimento e desespero no fundo da alma. Essa angústia pode se intensificar caso se acredite na teologia da retribuição.⁵⁴ Madureira aponta que essa foi a luta de Jó, que questionou a teologia que assegurava que Deus cobre de bençãos os bons e de castigos os maus.⁵⁵

Costa explica que as ideias de riqueza e felicidade plena estavam associadas à aprovação de Deus de acordo com a sabedoria da época.⁵⁶ No entanto, a história de Jó desconstrói essa sabedoria, tornando a leitura deste livro difícil, segundo Martins, pois é complicado ver Deus permitindo que o sofrimento atinja Seus filhos.⁵⁷ No capítulo 1, versículos 9 a 11, há o argumento de Satanás, que, atuando como opositor, questiona se a integridade de Jó se manteria se lhe fossem retirados seus bens, família e saúde. Segundo Costa, essa questão visa colocar “em cheque” o relacionamento de Jó com Deus. Ao receber permissão divina, Satanás começa a afetar tudo o que Jó possuía, tirando-lhe os bens, matando seus filhos e destruindo sua saúde. Contudo, Jó permanece fiel a Deus e o adora.⁵⁸ Martins conclui que Jó teve a capacidade de adorar em meio à dor, pois compreendeu que o que possuía não era seu, mas do Senhor (Jó 1.21).⁵⁹

O autor destaca o contraste entre céu e terra, pois enquanto no ambiente celestial Jó é declarado justo, na terra sua esposa declara que não vale a pena ser íntegro, e seus amigos julgam que sua situação resulta de pecado. Martins reflete que nem sempre as pessoas próximas serão fonte de consolo; muitas vezes, podem ser usadas por Satanás para trazer mais sofrimento.⁶⁰ Já Nascimento, ao pensar nas atitudes dos amigos de Jó, percebe que muitas vezes é mais importante está disposto a ouvir o que sofre, do que tentar exortá-lo por suas palavras uma vez que a resposta que a pessoa procura pode não vir nem mesmo da parte de Deus.⁶¹

Isso demonstra que o importante é a atitude do indivíduo em relação a Deus e não a obtenção de todas as respostas. Em outros livros bíblicos, essa ausência de compreensão do porquê do mal também se manifesta. Sayão destaca que, no livro de Habacuque, o profeta também não obteve todas as respostas, permanecendo, em parte, um mistério a relação de Deus com o mal, devido ao fato de o homem não possuir pleno conhecimento de Deus.⁶² Ryken, ao realizar um estudo expositivo sobre o livro de Eclesiastes, observa que o autor convida o leitor a confrontar os questionamentos da vida. Nesse processo, embora o

⁵² KING JR, 2013, p. 29.

⁵³ KELLER, 2015, p. 50.

⁵⁴ WEIL, Simone. **Espera de Deus**: cartas escritas de 19 janeiro a 26 de janeiro de maio de 1942. Tradução de Karin Andrea de Guise. Rio de Janeiro, 2019, p. 73.

⁵⁵ MADUREIRA, 2017, p. 96.

⁵⁶ COSTA, Flávia Luíza Gomes. O Livro de Jó: uma catequese para um povo fracassado em sua esperança. **Revista de Cultura Teológica**, v.19, n.73, p.129-147, jan/mar, 2011, p. 136.

⁵⁷ MARTINS, Yago. **Esse Deus é meu diabo**: reflexões e aplicações práticas da mensagem de Jó 1-10. Rio de Janeiro, 2023, p. 16.

⁵⁸ COSTA, 2011, p. 137.

⁵⁹ MARTINS, 2023, p. 44.

⁶⁰ MARTINS, 2023, p. 76.

⁶¹ NASCIMENTO, Lucas Merlo. Jó: uma abordagem para a Pastoral. **Revista Batista Pioneira**. Rio Grande do Sul, v.12, n.2, p 97-106, dez. 2023, p. 104.

⁶² SAYÃO, 2012, p. 104.

leitor não obtenha todas as respostas, aprende a confiar em Deus. Além disso, Ryken afirma, com base no capítulo 8, versículo 17, que o sábio chega à conclusão de que a vida é desgastante e que “é impossível saber com certeza o que Deus está fazendo no mundo”.⁶³ Caso surja alguém que sustente uma posição contrária a essa afirmação, conclui-se que essa pessoa estaria mentindo.

Nada foge do controle de Deus, como sabiamente afirma o salmista no Salmo 139. Keller apresenta outros atributos de Deus que, além de consoladores, devem trazer confiança para aqueles que sofrem. O autor o destaca como soberano e livre (Sl 115.3), que não pode mentir nem quebrar uma promessa (Nm 23.19; Tt 1.2), que não tenta ninguém (Tg 1.13), e nem nega ou contradiz Seu caráter totalmente justo e santo (2Tm 2.13; 1Pe 1.16).⁶⁴ Nicodemus infere que, nos momentos de sofrimento, o cristão aprende a orar, esperar e resignar-se diante de Deus, além de valorizar a paz, a saúde e a alegria, que ficam esquecidas quando tudo está bem. Outro aspecto importante ressaltado pelo autor é que o indivíduo que enfrenta o sofrimento mantendo sua confiança em Deus torna-se capacitado para ensinar aos outros como lidar com essas situações.⁶⁵

O patriarca Abraão, em Gênesis 22, ao atender ao chamado de Deus para sacrificar seu filho Isaque, torna-se um exemplo de fé e confiança em um momento de provação. Bonhoeffer vê este episódio como um processo de rompimento em que Abraão teria condições de compreender que a promessa dependia exclusivamente de Deus e não de seu filho Isaque.⁶⁶ Para Agostinho, quando o Anjo interrompe o sacrifício e declara no versículo 12: “Não lhe faça mal algum. Agora sei que você teme a Deus de fato”, é esclarecido que não se tratava de algo que Deus não sabia, mas sim de revelar ao patriarca até que ponto a obediência de Abraão iria.⁶⁷ O que se pode inferir com os casos apresentados é que o sofrimento pode levar uma pessoa ao amadurecimento. Keller escreve que “muitas pessoas são obrigadas a admitir que a maior parte do que realmente precisavam para alcançar o sucesso na vida lhes chegou por meio das experiências mais difíceis e dolorosas”.⁶⁸

Spurgeon em um de seus sermões afirmou que a maior parte dos homens vê sua fé crescer em momentos de dificuldade e não em dias felizes e ensolarados.⁶⁹ Bibó afirma que Jesus não morreu para que as pessoas se sentissem bem, salvas e livres de frustrações e decepções, mas para serem salvas e servas, livres de seus pecados.⁷⁰ Craig afirma que o propósito da vida não é a felicidade, mas sim a busca pelo conhecimento de Deus, e que o ser humano está em constante rebelião por sua falta de conhecimento do Criador. Traz como exemplo a figura do apóstolo Paulo, que impressiona por sua resiliência diante de tantas adversidades, fato possível por sua compreensão profunda da glória de Deus (2Co 4.16-18), que é tão grandiosa que não pode ser comparada com os sofrimentos terrenos.⁷¹

Entretanto, de todos os sofrimentos mencionados nos textos bíblicos, nada se compara ao sofrimento de Cristo na cruz, como expressa Nicodemus: “Na cruz, Cristo sofreu literalmente o inferno por nós”.⁷² Rutledge lembra que a crucificação, como meio de execução, tinha como objetivo desumanizar sua vítima de forma sistemática.⁷³ Ao pensar no clamor de Jesus na cruz, Piper e Taylor afirmam que essa

⁶³ RYKEN, Philip Graham. **Estudos bíblicos expositivos em Eclesiastes**. Tradução de Markus Hediger. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 308.

⁶⁴ KELLER, 2016, p. 116.

⁶⁵ NICODEMUS, Augustus. **Cristianismo descomplicado**: questões difíceis da vida cristã de um jeito fácil de entender. São Paulo: Mundo Cristão, 2017, p. 86.

⁶⁶ BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. Tradução de Murilo Jardelino e Clélia Barqueta. São Paulo: Mundo Cristão, 2016, p. 74.

⁶⁷ HIPONA, Agostinho. **A Cidade de Deus**: Parte II (Livros XI a XXII). Petrópolis: Vozes, 2017. 734 p. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/206461?page=320>. Acesso em: 26 set. 2024, p.734.

⁶⁸ KELLER, 2015, p. 43.

⁶⁹ SPURGEON, Charles Haddon. **Lições para os de pouca fé**. São Paulo: Legado dos Reformadores, 2023. E-book, p. 30.

⁷⁰ BIBO, Rodrigo. **O Deus que destrói sonhos**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021, p. 32.

⁷¹ CRAIG, 2010, p. 93.

⁷² NICODEMUS, 2017, p. 87.

⁷³ RUTLEDGE, 2023, p. 65.

não era apenas uma expressão emocional, mas também uma referência ao Salmo 22, que leva a alusão ao sofrimento e esperança que é encontrada em Jesus Cristo.⁷⁴ Keller assevera que só o cristianismo afirma que Deus se tornou homem na pessoa de Jesus Cristo e experimentou “desespero, rejeição, solidão, pobreza, perda, tortura e prisão” para remir os pecados da humanidade e para que um dia o mal e o sofrimento desapareçam, conforme descrito em Apocalipse 21.3s.⁷⁵ Rutledge descreve que para os que sofrem é reconfortante conhecer a promessa que existe no livro de Apocalipse, que atesta de forma esplendida que todo o mal será destruído.⁷⁶

Por outro lado, para aqueles que não aceitam a mensagem da cruz, Spurgeon alerta: “Sem fé, é impossível agradar a Deus” (Hb 11.6). Se você não colocou sua confiança em Cristo, então Deus está zangado com você todos os dias.⁷⁷ “Se o homem não se converter, afiará Deus a sua espada; já armou o arco, tem-no pronto” (Sl 7.12). Bibó enfatiza a necessidade de maturidade para compreender o que Jesus disse em Mateus 7.21-23, que apenas entrarão no reino dos céus aqueles que realmente fazem a vontade de Deus, vontade esta que é revelada através do estudo das Escrituras, que em grande parte é promovido ou pelo menos deveria ser pelas igrejas, o que nos leva a próxima sessão deste artigo.⁷⁸

3. A IGREJA HOJE E O ENSINO A RESPEITO DO SOFRIMENTO

No Novo Testamento, a palavra utilizada para igreja é “ekklesia”, que significa “chamada para fora”. De acordo com Lidório, esse significado remete a uma comunidade dinâmica enviada em missão. O autor ainda destaca que o termo aparece para referir-se à igreja local (1Co 1.2; Fm 2), ao conjunto das igrejas em uma região (Gl 1.2) e à igreja como um todo (Mt 16.18).⁷⁹ Campos observa o apreço de Deus pela comunidade tanto no Antigo como no Novo Testamento, evidenciado pela relação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo desde a criação (Gn 1.2; Jo 1.2s) até a redenção da humanidade (Lc 1.26-35).⁸⁰

Bonhoeffer afirma que um cristão precisa de outro, pois é escolhido por meio da pessoa de Cristo, que mantém a unidade do corpo.⁸¹ Campos recorda que Deus orienta seu relacionamento com o povo na entrega dos Dez Mandamentos e nas leis civis, que regulam as interações entre os membros da comunidade. Com estas afirmações e referências bíblicas, é possível identificar as expressões institucionais como facilitadoras no processo de aprendizado e desenvolvimento do relacionamento com Deus e com o próximo. Quanto à mensagem que a comunidade deve proclamar e viver, ela é apresentada por Jesus na Grande Comissão (Mt 28.18-20) e refere-se à proclamação do evangelho.⁸² De acordo com Bauman e Donskiz a mensagem é que somos todos pecadores, ou, em termos seculares, todos culpados, o que remete ao texto de Isaías 64.6a: “estamos todos impuros por causa do nosso pecado; quando mostramos nossos atos de justiça, não passam de trapos imundos”.⁸³

Bibó destaca que, além da compreensão de que somos todos pecadores, o “Evangelho é Deus em direção à criação, com mãos cheias de sangue, trocando a coroa pela cruz!”⁸⁴ e Rutledge reflete que tanto o Credo dos Apóstolos quanto o Credo de Nicéia não enfatizam as curas e ensinamentos de Jesus, mas, de forma extraordinária, falam de seu sofrimento: “Nascido da virgem Maria, sofreu sob Pôncio Pilatos, foi

⁷⁴ PIPER; TAYLOR, 2018, p. 187.

⁷⁵ KELLER, 2015, p. 49.

⁷⁶ RUTLEDGE, 2023, p. 83.

⁷⁷ SPURGEON, 2023, p. 41.

⁷⁸ BIBO, 2021, p. 68.

⁷⁹ LIDÓRIO, Ronaldo. *Plantando igrejas*. [S. l.]: Cultura Cristã, 2019. 277 p. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/259122?page=15>. Acesso em: 06 out. 2024, p. 15.

⁸⁰ CAMPOS, 2017, p. 194.

⁸¹ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em comunhão*. Tradução de Vilson Scholz. São Paulo: Mundo Cristão, 2022, p. 15.

⁸² CAMPOS, 2017, p. 198.

⁸³ BAUMAN; DONSKIZ, 2019, p. 41.

⁸⁴ BIBO, 2021, p. 93.

crucificado, morto e sepultado”, o que remete ao homem de dores de Isaías 53.8.⁸⁵ Keller afirma que Deus destrói o mal por meio da cruz; portanto, o sofrimento está no cerne da fé cristã, já que a dor que Ele sofreu foi plena de propósito.⁸⁶

Martins, ao analisar as escrituras, compreende que o cristianismo não torna a vida do indivíduo mais fácil, e que suas dificuldades podem aumentar ao frequentar a igreja, pois o fiel será confrontado com os ensinamentos acerca do pecado e deve abandonar vícios, não se satisfazendo com luxúria, murmuração ou ira. O indivíduo trava uma luta contra si próprio, como bem afirmou o apóstolo Paulo em Gálatas 5.⁸⁷ Keller observa que, para os críticos do cristianismo, esta é uma religião desagregadora, uma vez que exige crenças específicas de seus membros.⁸⁸ Já Nicodemus avalia que, mesmo diante das pressões, a igreja deve insistir em preservar as verdades trazidas pelo ensino bíblico, pois é essa palavra que livra muitos do caminho da iniquidade. No entanto, nem todas as igrejas mantêm a centralidade no ensino das Escrituras.⁸⁹ Piper e Taylor notam que algumas igrejas não têm investido no aprofundamento da palavra, “diante do peso avassalador e da seriedade da Bíblia”, optam por uma versão mais leve e voltada ao entretenimento, o que as torna irrelevantes em relação ao mal e ao sofrimento.⁹⁰

Essas igrejas se encaixam no perfil de determinados indivíduos que anseiam por auxílio em momentos de aflição. Contudo, conforme descreve Kierkegaard, é um indivíduo que sofre e deseja ser auxiliado à sua maneira. Assim, o consolo é celebrado quando ocorre de acordo com sua vontade; no entanto, essa celebração se esvai quando envolve a obrigação de ceder e renunciar ante ao próximo ou ao divino, levando muitas vezes o indivíduo a preferir manter-se na situação em que se encontra.⁹¹ É neste contexto de desejo por satisfação de anseios humanos que surge, como bem descreve Nicodemus, a teologia da prosperidade, que ensina que Deus deseja ver o indivíduo “rico, próspero, bonito, saudável, que esteja sempre em primeiro lugar, que não lhe falte nada”.⁹² Nesta teologia, conforme destaca o autor, o cristão é orientado ao materialismo e ao egoísmo.

Todavia, é importante ressaltar que ao cristão não há aqui uma orientação para que busque uma vida de sofrimento por si só. Conforme destaca Rutledge, é responsabilidade do cristão aliviar a dor do outro e não evitar o sofrimento quando este ocorre por causa do amor ou da justiça (Mt 5.10), alicerçados no exemplo de Cristo na cruz.⁹³ Por isso, Nicodemus alerta que o erro da teologia da prosperidade é ensinar que o indivíduo tem aprovação de Deus se possui prosperidade financeira, o que, conforme já exposto na segunda seção deste artigo, não tem base bíblica.⁹⁴ Ruppenthal Neto apresenta que essa mensagem positivista leva à autoagressão, pois, se o indivíduo pode tudo e não consegue, é levado a questionar se “não tem fé suficiente, ou está em pecado, ou então não é um dos escolhidos”.⁹⁵

Esse tipo de teologia tem contribuído para o crescimento do grupo dos desigrejados. Campos descreve que são pessoas que deixaram de congregar em uma igreja e passaram a criticá-la por motivos que vão da decepção com as promessas não cumpridas proferidas em nome de Deus até a aversão aos maus comportamentos de líderes e às práticas e ensinamentos questionáveis, incluindo também aqueles que compreendem que a institucionalização da igreja traz prejuízos à fé.⁹⁶ Esse grupo chamou a atenção pela

⁸⁵ RUTLEDGE, 2023, p. 47.

⁸⁶ KELLER, 2016, p. 202.

⁸⁷ MARTINS, 2023, p. 111.

⁸⁸ KELLER, 2015, p. 58.

⁸⁹ NICODEMUS, 2012, p. 58.

⁹⁰ PIPER; TAYLOR, 2018, p. 14.

⁹¹ KIERKEGAARD, 2021, p. 93.

⁹² NICODEMUS, 2017, p. 94.

⁹³ RUTLEDGE, 2023, p. 44.

⁹⁴ NICODEMUS, 2012, p. 104.

⁹⁵ RUPPENTHAL NETO, 2024, p. 12.

⁹⁶ CAMPOS, 2017, p. 26.

primeira vez no censo de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.⁹⁷ Isso porque durante o censo, observou-se um crescimento exponencial do número de evangélicos no país de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010, sendo que este grupo é composto por: “60,0% eram de origem pentecostal, 18,5% evangélicos de missão e 21,8%, evangélicos não determinados”, o último grupo corresponde a 4,83% da população brasileira e ficou popularmente conhecido pelo neologismo de desigrejados.

No que se refere à teologia da prosperidade, ela tem como base uma compreensão em nosso entendimento equivocada e até mesmo distorcida de textos bíblicos, como, por exemplo, Filipenses 4.13, utilizado por pregadores da prosperidade para ensinar que os fiéis “podem” ter tudo o que quiserem por serem de Cristo. Porém, como bem orienta Ruppenthal Neto, o autor desta carta não se refere à obtenção de bens ou sucesso, mas sim à capacidade de passar por qualquer situação, seja de aflição ou alegria, por estar submisso à vontade de Deus, o que é facilmente compreendido em uma leitura completa do texto.⁹⁸ Outro exemplo é apresentado por Nicodemus em relação ao texto de Malaquias 3.10, que teólogos da prosperidade aplicam afirmando que, para serem prósperos e abençoados, os fiéis devem dar o dízimo. Contudo, como o autor destaca, não é isso que o texto ensina, pois não se trata de barganhar com Deus, mas de um chamado à obediência e a uma vida de retidão, conforme descrito no versículo 7; caso contrário, não importará o quanto a pessoa oferece.⁹⁹

Contudo, não se pode afirmar que igrejas que não praticam a teologia da prosperidade sejam perfeitas ou que não tenham desigrejados que saíram de seu meio. Conforme destaca Ruppenthal Neto, a igreja é composta por pessoas falhas e existe para que essas pessoas possam melhorar em seus relacionamentos durante o processo de ajuda mútua, a partir da visão de um Deus que é perfeito.¹⁰⁰ Bonhoeffer destaca que, a partir do desenvolvimento da comunhão cristã, o sujeito é levado a experimentar decepções em relação ao outro e a si mesmo. O que ainda de acordo com o autor é importante, pois, ao passar por decepções, o indivíduo tem a oportunidade de desfazer visões idealizadas que geram altivez e o levam a exigir de si e do outro a materialização do que idealizou: “esse indivíduo aparece em meio à comunhão dos cristãos como alguém que faz exigências. Promulga uma lei própria e de acordo com ela julga os irmãos e o próprio Deus”.¹⁰¹

Campos relembra que as cartas de Paulo foram escritas para tratar de problemas enfrentados pelas igrejas, que, nesse contexto comunitário, lidaram com “desordem litúrgica e imoralidade (Corinto), heresia (Colossos), legalismo (Galácia) e agitação escatológica (Tessalônica)”. Esses problemas traziam consigo situações de desconforto e sofrimento no seio da comunidade, mas também geravam oportunidades de atuação segundo as orientações do apóstolo Paulo, como exemplificado em Colossenses 3.13, Efésios 4.2 e Gálatas 6.1.¹⁰² Bonhoeffer, refletindo sobre esses versículos, declara: “assim como Cristo nos carregou e nos aceitou como pecadores, podemos, na sua comunhão, carregar e aceitar pecadores na comunidade de Jesus Cristo, por meio do perdão dos pecados”.¹⁰³

Ainda Ruppenthal Neto, com base em Mateus 16.24, afirma que os cristãos são convidados a negar-se a si mesmos por amor a Deus e ao próximo.¹⁰⁴ Bibó assevera que a vida com Cristo envolve a morte do ego, para viver uma nova vida com significado (Ec 12.13).¹⁰⁵ Madureira, ao analisar os lamentos nos salmos e de Jesus, percebe que esses não são compostos de blasfêmias e reclamações contra Deus, mas apresentados com amor, fé e adoração, nos quais o indivíduo reconhece o Senhor como seu Deus e expressa

⁹⁷ IBGE, 2023, não paginado.

⁹⁸ RUPPENTHAL NETO, 2024, p. 12.

⁹⁹ NICODEMUS, 2012, p. 100.

¹⁰⁰ RUPPENTHAL NETO, 2024, p. 23.

¹⁰¹ BONHOEFFER, 2022, p. 21.

¹⁰² CAMPOS, 2017, p. 242.

¹⁰³ BONHOEFFER, 2022, p. 98.

¹⁰⁴ RUPPENTHAL NETO, 2024, p. 18.

¹⁰⁵ BIBO, 2021, p. 34.

seu sentimento de abandono.¹⁰⁶ Martins, ao considerar o exemplo de Jó, afirma que “o crente maduro, muitas vezes, vai chorar, sofrer, pensar em morrer, querer nunca ter existido, e nem por isso deixará de ser um crente maduro”.¹⁰⁷

Nicodemus lembra que não é pecado questionar a Deus quando as coisas não vão bem; o problema está na forma como esse questionamento é realizado. O autor percebe que as pessoas, assim como o povo de Israel no tempo do profeta Malaquias, não querem realmente saber de Deus ou do evangelho e, por isso, levantam questionamentos como obstáculos que, em grande parte, visam manter escondidos os motivos pelos quais não se submetem a Deus.¹⁰⁸ Keller observa que as críticas frequentemente feitas à igreja surgem da autocritica do cristianismo, baseadas em erros e/ou omissões na aplicação correta das verdades bíblicas.¹⁰⁹

Em Mateus 13.52, Jesus afirma: “Todo mestre da lei que se torna discípulo no reino dos céus é como o dono de uma casa que tira do seu tesouro verdades preciosas tanto novas quanto velhas”. Aqui, trata-se do conhecimento da lei e de seu compartilhamento, que é possível no ambiente de comunhão. Contudo, longe de ser uma atitude meramente humana, essa ação é direcionada pelo Espírito Santo, conforme ressalta Campos, ao observar a aplicação dos dons ministeriais na igreja, exercida de acordo com a distribuição feita pelo Espírito Santo (1Co 12.4-31 e Ef 4.11). Esse Espírito concede sabedoria (1Jo 2.27 e 1Co 2) para que os fiéis possam atuar como os bereanos de Atos 17, que ouviam a pregação de Paulo e confrontavam seus ensinamentos com as escrituras.¹¹⁰ Essa atitude é necessária ainda hoje para discernir se a igreja à qual o indivíduo pertence apresenta um ensino correto das escrituras, o que nos leva a algumas reflexões finais acerca deste artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mal, longe de ser um fenômeno exclusivo da sociedade contemporânea, tem causado sofrimento e impulsionado suas vítimas a buscarem consolo por meio de sua compreensão e superação.

Diante desse cenário, esta pesquisa, respondeu à questão como os ensinamentos bíblicos sobre o sofrimento contribuem para o consolo e quais as consequências da ausência desse ensino entre os que sofrem? O trabalho foi dividido em três seções. A primeira seção abordou a existência de Deus, o sofrimento e o problema do mal. Com o apoio de estudiosos como William Lane Craig e Alvin Plantinga, compreende-se que o mal e o sofrimento não tornam impossível a existência de um Deus onipotente, onisciente e benevolente. Trata-se de uma antinomia que o ser humano, em sua imperfeição, não consegue compreender plenamente em relação a um Deus perfeito. O conflito reside no grau de entendimento do Divino, conforme Ele se revelou nas escrituras e na relação de cada indivíduo com Deus.

A segunda seção apresentou ensinamentos bíblicos sobre o sofrimento, começando com a introdução do mal no mundo, decorrente do pecado humano, conforme Gênesis 3. A natureza pecaminosa inclina o homem a satisfazer desejos egoístas, mas, ao caminhar com Deus (Sl 119.67), pode superá-los. Em Oséias, o sofrimento é utilizado por Deus para gerar arrependimento. Em textos que abordam a injustiça, como no livro de Amós, os cristãos são convocados a não se calarem e a lutarem por mudanças. Histórias como as de Jó e o quase sacrifício de Isaíque ilustram o sofrimento como uma forma de revelar o grau de relacionamento com Deus, não porque o Divino ignore o que ocorrerá, mas porque o ser humano descobre seu verdadeiro vínculo com Ele. Além disso, Timothy Keller apresenta uma série de versículos que destacam os atributos de Deus, os quais proporcionam consolo, quando não se tem todas as respostas do porquê do sofrimento em determinadas situações. A sessão foi concluída com a paixão de Cristo, que demonstra sua compreensão profunda do que é sofrer.

¹⁰⁶ MADUREIRA, 2017, p. 136.

¹⁰⁷ MARTINS, 2023, p. 112.

¹⁰⁸ NICODEMUS, 2012, p. 106.

¹⁰⁹ KELLER, 2015, p. 84.

¹¹⁰ CAMPOS, 2017, p. 214.

A terceira seção analisou os ensinamentos sobre o sofrimento na igreja. Jesus orienta o ensino do evangelho em Mateus 28.18-20; no entanto, algumas igrejas adotam um evangelho que ignora a cruz e o sofrimento, resultando em distorções que geram indivíduos feridos, os chamados “desigrejados”. Esse grupo inclui aqueles que conheceram o evangelho completo, mas se recusam a seguir o ensino que implica tomar a cruz, como Cristo. Embora o tema não tenha sido esgotado, o trabalho atingiu objetivos relacionados à compreensão das razões do sofrimento à luz da Bíblia, identificação de posturas bíblicas adequadas e análise das consequências da falta de ensino sobre o tema na igreja. A hipótese inicial sobre a falta de conhecimento sobre Deus e o sofrimento à luz da Bíblia não se aplica a todas as situações, pois há igrejas que ministram sobre o sofrimento. No entanto, existem desafios, especialmente em combater distorções advindas da teologia da prosperidade e na comunicação do evangelho em um contexto de fragilidade na aprendizagem, refletindo as palavras de Paulo a Timóteo em 2 Timóteo 4.3s.

Por fim, futuras investigações poderão aprofundar a compreensão sobre o tema, aqui sugere-se pesquisas sobre: análises de como o ensino bíblico sobre o sofrimento e o mal é exposto em diferentes denominações; promoção de estudos interdisciplinares que reúnam teólogos, psicólogos e sociólogos para discutir as intersecções entre sofrimento, saúde mental e fé; além de pesquisa sobre a relação entre sofrimento e a ética, discutindo como os ensinamentos bíblicos podem guiar comportamentos éticos em tempos de crise. Essas pesquisas são essenciais para o consolo e fortalecimento daqueles que sofrem, permitindo que, assim como o salmista em Salmo 142, mantenham sua confiança no Senhor.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Marcelo Santiago de Moraes. A experiência do Sofrimento e do Mal no mundo nega a existência de Deus? **Revista Batista Pioneira**, Ijuí, v.12, n.1, p. 84-90, jun. 2023.

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Mal líquido: vivendo num mundo sem alternativas**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

BÍBLIA. Português. **Bíblia on-line**. NVT: Nova Versão Transformadora. 2021. Aplicativo. Disponível em: <https://www.bible.com>. Acesso em: 23 set. 2024

BIBO, Rodrigo. **O Deus que destrói sonhos**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. Tradução de Murilo Jardelino e Clélia Barqueta. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em comunhão**. Tradução de Vilson Scholz. São Paulo: Mundo Cristão, 2022.

CAMPOS, Idauro. **Desigrejados: teoria, história e contradições do Niilismo Eclesiástico**. Rio de Janeiro: BV books, 2017.

COSTA, Flávia Luíza Gomes. O Livro de Jó: uma catequese para um povo fracassado em sua esperança. **Revista de Cultura Teológica**, v.19, n.73, p.129-147, jan/mar, 2011.

CRAIG, Willian Lane. **Apologética para questões difíceis da vida**. Tradução de Heber Carlos de Campos. São Paulo: Vida Nova, 2010.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

HIPONA, Agostinho. **A Cidade de Deus: parte II (Livros XI a XXII)**. Petrópolis: Vozes, 2017. 734 p. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/206461?page=320>. Acesso em: 26 set. 2024

HIPONA, Agostinho. **Confissões**. Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

HUME, David. *Diálogos sobre religión natural*. México: Fondo de Cultura Económica, 1979. 88 p. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/72057?page=66>. Acesso em: 17 set. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: **Censo 2010**: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião: Os resultados do Censo Demográfico 2010 mostram o crescimento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil... [S.I] IBGE, 29 jun. 2012. Atualizado em 23 jun 2023. Disponível em: <https://agencia-denoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espíritas-e-sem-religiao>. Acesso em: 10 out. 2024.

KELLER, Timothy. **A fé na era do ceticismo**: como a razão explica Deus. Tradução de Regina Lyra. São Paulo: Vida Nova, 2015.

KELLER, Timothy. **Caminhando com Deus em meio à dor e ao sofrimento**. Tradução de Eulália Pacheco Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2016.

KIERKEGAARD, Soren. **O desespero humano**. São Paulo: Lebooks, 2021. E-book

KING JR, Martin Luther. **Letters to a Birmingham Jail**: A response to the words and dreams of Dr. Martins Luther King Jr. Editado por Bryan Loritts. Moody, 2013. E-book.

LEWIS, C.S. **O problema da dor**. Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Plantando igrejas**. São Paulo: Cultura Cristã, 2019. 277 p. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/259122?page=15>. Acesso em: 06 out. 2024

MADUREIRA, Jonas. **Inteligência humilhada**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

MARTINS, Yago. **Esse Deus é meu diabo**: reflexões e aplicações práticas da mensagem de Jó 1-10. Rio de Janeiro, 2023.

NASCIMENTO, Lucas Merlo. Jó: Uma abordagem para a Pastoral. **Revista Batista Pioneira**. Ijuí, v.12, n.2, p 97-106, dez. 2023.

NICODEMUS, Augustus. **Cristianismo descomplicado**: questões difíceis da vida cristã de um jeito fácil de entender. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

NICODEMUS, Augustus. **O culto segundo Deus**: a mensagem de Malaquias para a igreja de hoje. São Paulo: Vida Nova, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**. [S. l.]: Simplíssimo, 2022. 90 p. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/257935?page=5>. Recuperado de: 17 set. 2024

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates**. Genebra, 2017. Relatório. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/depression-global-health-estimates> Acesso em: 12 out 2024

OMS. Organização Mundial de Saúde. **World mental health report: Transforming mental health for all**. Genebra, 2022. Relatório. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338> Acesso em: 05 out 2024.

PIPER, John; TAYLOR, Justin. **Sofrimento e a soberania de Deus**: confiança e conforto para o cristão. Tradução de Heloísa Cavallari. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

PLANTINGA, Alvin. **God, Freedom, and Evil**. Michigan: Eerdmans, 1989.

PLANTINGA, Alvin. **Knowledge and Christian Belief**. Michigan: Eerdmans, 2015.

RUPPENTAL NETO, Willibaldo. **Igreja do cansaço**: desafios do cristianismo no mundo atual. Curitiba: Esperança, 2024.

RUTLEDGE, Fleming. **A crucificação**: entendendo a morte de Jesus Cristo. Tradução de Elissamai Bauleo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.

RYKEN, Philip Graham. **Estudos bíblicos expositivos em Eclesiastes**. Tradução de Markus Hediger. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

SAYÃO, Luiz. **O problema do mal no Antigo Testamento**: o caso de Habacuque. São Paulo: Hagnos, 2012.

SOFRIMENTO. In.: Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. Coordenação Marina Baird Ferreira. 8.ed. Curitiba, 2010.

SPURGEON, Charles Haddon. **Lições para os de pouca fé**. São Paulo: Legado dos Reformadores, 2023. E-book.

WEIL, Simone. **Espera de Deus**: cartas escritas de 19 janeiro a 26 de janeiro de maio de 1942. Tradução de Karin Andrea de Guise. Rio de Janeiro, 2019.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional

A ORAÇÃO NO EVANGELHO DE LUCAS: HISTÓRIA E RELEVÂNCIA

Prayer in the Gospel of Luke: History and Relevance

Me. Felipe Teixeira Vieira¹

RESUMO

Na narrativa neotestamentária do Evangelho de Lucas, a oração é apresentada como um elemento central na vida de Jesus Cristo e de seus discípulos. A oração em Lucas é ressaltada como uma forma fundamental de comunicação com a divindade, além de ser uma expressão da fé cristã genuína. Este artigo tem como objetivo precípua analisar o papel da oração em Lucas, considerando seu contexto histórico e sua relevância para a teologia cristã. Com vistas a atingir tal objetivo, optou-se por uma pesquisa de natureza qualitativa, desenvolvida por meio de procedimento bibliográfico, fundamentada na consulta de obras e estudos publicados sobre o tema. A história e a relevância da oração no Evangelho de Lucas corroboram que ela ocupa lugar central na vida e no ministério de Jesus. Desse modo, a oração em Lucas assinala que o maior aprendizado está na pessoa de Jesus, cuja prática e ensino permanecem como legado fundamental à fé cristã.

Palavras-chave: Evangelho de Lucas. Jesus Cristo. História. Oração.

ABSTRACT

In the New Testament narrative of the Gospel of Luke, prayer is presented as a central element in the life of Jesus Christ and his disciples. Prayer in Luke is highlighted as a fundamental form of communication with the divine, as well as an expression of genuine Christian faith. This article's main objective is to analyze the role of prayer in Luke, considering its historical context and its relevance to Christian theology. To achieve this, we opted for a qualitative research approach, developed through a

¹ Doutorando em Ciências da Religião pela Faculdade Unida de Vitória. Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná. Bacharel e Especialista em Teologia. Licenciado e Bacharel em Matemática. Mestrado em Matemática – PROFMAT. E-mail: fteixeiravieira1@gmail.com

bibliographical procedure, based on the consultation of published works and studies on the subject. The history and relevance of prayer in the Gospel of Luke corroborate that it occupies a central place in the life and ministry of Jesus. Thus, prayer in Luke signals that the greatest learning is found in the person of Jesus, whose practice and teaching remain a fundamental legacy for the Christian faith.

Keywords: Gospel of Luke. Jesus Christ. History. Prayer.

INTRODUÇÃO

A oração é uma das práticas mais antigas e profundas de diálogo do ser humano com Deus. No Evangelho de Lucas, a oração adquire uma ênfase especial, porque o evangelista a apresenta como parte basilar e essencial da vida de Jesus e da fé cristã. Se a oração era levada com toda a seriedade por Cristo em seu ministério terreno, então ela deve ocupar um lugar central e imprescindível na vida da comunidade cristã.

No terceiro evangelho canônico encontram-se diversas contribuições significativas para o entendimento de temas teológicos e históricos. Entre eles, destacam-se: um amplo volume de informações acerca da pessoa e obra de Jesus Cristo; a ênfase na salvação manifestada por meio de sua vida, morte e ressurreição; a atenção dispensada a grupo de pessoas menosprezadas no contexto do século I; a relevância atribuída à ação do Espírito Santo na história da salvação; bem como o papel da oração, tanto na vida de Jesus quanto na experiência religiosa Israel.

A relevância conferida à prática da oração em Lucas justifica a escolha da oração como objeto deste estudo, pois ela no Evangelho de Lucas não se apresenta como um elemento periférico, mas como parte constitutiva da identidade de Jesus Cristo, bem como da espiritualidade do povo de Deus, demonstrando ser um eixo interpretativo privilegiado para se compreender de forma significativa a mensagem do evangelho e sua pertinência tradição cristã.

O presente trabalho, nesse sentido, tem como objetivo precípuo analisar o papel da oração no Evangelho de Lucas, considerando seu contexto histórico e sua relevância para a teologia cristã. Para tanto, propõe-se, em primeiro lugar, investigar o contexto histórico da oração no judaísmo do século I da era cristã e sua influência no Evangelho de Lucas. Em seguida, examinar as principais ocasiões de oração no Evangelho de Lucas e suas implicações teológicas. Por fim, discutir a importância da ênfase lucana na oração para a espiritualidade atual.

Para alcançar objetivos propostos, optou-se por uma abordagem de pesquisa qualitativa, por referir-se a um estudo que busca compreender os significados e implicações teológicas da oração em Lucas. Como procedimento metodológico, emprega-se a pesquisa bibliográfica, abalizada na análise de obras acadêmicas, artigos científicos, livros, entre diversos outros materiais disponíveis na internet, bem como na literatura especializada que tratam da temática.

1. A ORAÇÃO NO CONTEXTO DO JUDAÍSMO DO SÉCULO I E SUA INFLUÊNCIA EM LUCAS

A prática da oração, no período do Segundo Templo (516 a.C. – 70 d.C.), especialmente no contexto do judaísmo do primeiro século, exerceu um papel crucial na vida religiosa do povo judeu. Vale salientar que o judaísmo “[...] construiu duas formas de diálogo do fiel com Deus: os rituais de sacrifícios vigentes no texto da Bíblia hebraica (*Torá/Tanach*) e as orações”.² A oração, nesse contexto, assume uma função central para o povo de Israel como prática direta e pessoal de diálogo com o Deus.

No ambiente judaico do primeiro século, a oração era um elemento profundamente ligado ao culto

² FELDMAN, Sergio Alberto. Liturgia, educação e resistência cultural. *Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG*, Belo Horizonte, v. 12, n. 23, p. 4, nov. 2018.

no templo de Jerusalém, às sinagogas e à vida cotidiana dos fiéis, além de “[...] está entre as mais antigas práticas da humanidade”.³ Além dos sacrifícios oferecidos, as orações realizadas diariamente tinham horários fixos, como pela manhã e ao entardecer do dia, muitas vezes acompanhadas da recitação dos Salmos e do *Shemá* (Dt 6.4-9), demonstrando a importância dela no dia a dia do campo religioso do povo de Israel, especialmente no período do primeiro século da era cristã.

Os judeus tinham nos dias de Jesus três principais instituições religiosas, a saber: o templo, a sinagoga e o Sinédrio.⁴ Cabe salientar que a vida religiosa e social dos judeus encontrava sua centralidade no templo de Jerusalém. A sinagoga era um espaço religioso muito relevante para os judeus, pois era o local típico do culto judaico que consistia de elementos, tais como: a recitação do *Shemá*, louvores a Deus, cântico dos salmos, leitura da lei e dos profetas, bem como as orações.⁵

O Sinédrio tinha a função de uma espécie de “[...] suprema corte dos judeus, sendo o sumo sacerdote o presidente”.⁶ Entretanto, o segundo templo e as sinagogas tiveram sua relevância em destaque no século I por serem os locais religiosos do chamado judaísmo do Segundo Templo. Cabe ressaltar que tanto Jesus quanto Paulo tiveram uma intensa presença nas sinagogas, inclusive utilizando-as como espaço de pregação do evangelho e da prática oração.

Ainda, sobre a importância das sinagogas para o judaísmo do primeiro século e também do cristianismo incipiente, Gundry ressalta que:

Os primeiros cristãos, judeus em sua maioria, naturalmente adotaram a organização da sinagoga como modelo básico para suas igrejas locais. A sinagoga era mais que mero centro de adoração religiosa a cada shabat. Nos dias úteis da semana, tornava-se um centro de administração de justiça, de reuniões políticas, de serviços fúnebres, de educação de jovens judeus e de estudo do Antigo Testamento.⁷

Nesse sentido, a própria organização do culto cristão foi influenciada pelo culto da sinagoga, ou seja, desde o começo do cristianismo, “[...] a liturgia cristã caracterizou-se por invocação, oração, ação de graças, leitura das Escrituras, exortação e bênção, mas a ordenança da eucaristia ocupava o lugar central”.⁸ Nesse contexto, percebe-se que a oração se configura como um elemento de fundamental importância não só para o judeu, mas também para o cristão, pois a sua prática é constantemente ressaltada nas tradições religiosas de Israel como na vivência espiritual da comunidade cristã.

Assim como a tradição judaica deu ênfase à oração em seu contexto religioso, Lucas também “[...] não deixa seus leitores em dúvida quanto à importância da oração na vida cristã”.⁹ O evangelista Lucas mostra especial interesse pela oração na vida e no ministério de Jesus, pois em seu relato ele registra nove momentos específicos em que o Mestre se encontra em oração. Além do mais, o dado mais significativo é que sete dessas orações se encontram exclusivamente no Evangelho de Lucas.¹⁰

Ao enfatizar tais episódios de orações do próprio Jesus, Lucas não apenas revela o relacionamento de Cristo com Deus, como também proporciona à comunidade cristã um modelo de espiritualidade marcado pela dependência, submissão e confiança divina em todas as circunstâncias da vida. Assim como Jesus orou, algo enfatizado por Lucas, e que já possuía profundo valor no judaísmo do século I, também os seus discípulos “[...] praticavam e faziam questão de manter uma vida dedicada à oração”.¹¹

Sendo assim, em presença da relevância da oração tanto no contexto do judaísmo do primeiro

³ BRANDT, Robert L.; BICKET, Zenas J. **Teologia bíblica da oração: o Espírito nos ajuda a orar**. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 31.

⁴ TOGNINI, Enéas. **O Período Interbíblico: 400 anos de silêncio profético**. São Paulo: Hagnos, 2009, p. 175.

⁵ GUNDRY, Robert Horton. **Panorama do Novo Testamento**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 84.

⁶ HALE, Broadus David. **Introdução ao estudo do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 18.

⁷ GUNDRY, 2008, p. 85.

⁸ BRUCE, F. F. **História do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 145.

⁹ CARSON, D. A. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 148.

¹⁰ CARSON, 1997, p. 148.

¹¹ BRANDT; BICKET, 2018, p. 215.

século quanto também na tradição cristã, Lucas destaca a prática da oração não como apenas um detalhe narrativo em seu evangelho, mas como um recurso teológico e espiritual, constituindo parte essencial para identidade da fé cristã.

2. EPISÓDIOS DE ORAÇÃO NO EVANGELHO DE LUCAS E SUAS IMPLICAÇÕES TEOLÓGICAS

Lucas registra em sua narrativa a ocorrência da oração em cada aspecto relevante da vida e do ministério de Jesus, bem como de seus discípulos. “A Bíblia cita numerosos exemplos de oração durante o curto período de três anos e ministério de Jesus”.¹² Os evangelhos deixam evidente a dedicação e relevância de Jesus à oração em sua época, mostrando que era um hábito corriqueiro do seu dia a dia.

No Evangelho de Lucas encontra-se a declaração de muitas das orações realizadas por Jesus durante seu ministério terreno. O próprio Jesus era alguém que orava constantemente, demonstrando que a oração era um hábito enraizado “[...] em cada aspecto e fase de sua vida e ministério”.¹³ Além disso, Lucas ressalta que a prática da oração diária indicava tanto a obediência quanto a dependência de Deus.

Dos quatro evangelhos canônicos, Lucas é o que dá mais ênfase a vida de oração de Jesus, evidenciado em momentos marcantes de seu ministério, como antes da escolha dos doze apóstolos, quando passou a noite inteira em oração; no episódio da transfiguração; e até mesmo na ocasião de sua morte, quando dirigiu suas palavras ao Pai em oração.¹⁴ Jesus ensinou que a oração deve ser feita com fé e persistência.

A oração é apontada por Lucas como um fator preponderante para as comunidades cristãs desde o início, pois no segundo volume de sua obra, Atos dos Apóstolos, ele mostra que a “[...] Igreja Primitiva foi estabelecida numa reunião de oração, que durou de sete a dez dias (At 1.13,14); ela continuou em oração (At 2.42); e a oração foi o seu sustentáculo”.¹⁵ Embora Lucas não tenha estabelecido uma teologia da oração ou até mesmo uma doutrina, sua obra evidencia que ele ensinou sobre o tema.

Jesus tinha o hábito regular de frequentar a sinagoga ou Templo, conforme o lugar em que se encontrava, dedicando-se ali à oração. Uma das primeiras ocorrências de oração realizada por Jesus ocorreu no seu batismo nas águas, quando o Espírito Santo desceu sobre ele. Esse ocorrido relevante para a vida de Cristo está registrado no Evangelho de Lucas, capítulo 3, versículos 21 a 22.¹⁶

De uma forma bem breve, o evangelista menciona que após ser batizado, Jesus estava orando, quando “[...] o céu se abriu como se fosse rasgado e, usando o símbolo de uma pomba, a terceira pessoa da Trindade desceu sobre Jesus”.¹⁷ Lucas salienta que Jesus atribuía uma importância ímpar à oração, pois o fato dele ter orado após o batismo corrobora com o grau de relevância da oração em toda ocasião decisiva de sua vida, marcando o início de seu ministério terreno, bem como a aprovação divina.

Lucas também relata no capítulo 6, versículos 12 a 16, que antes de escolher seus discípulos, dentre os quais se destacam os doze apóstolos, Jesus retirou-se para o monte, onde passou a noite inteira em oração a Deus. É provável de presumir que um dos assuntos que faziam parte da pauta de oração de Jesus fosse uma “[...] petição por sabedoria para escolher um grupo mais íntimo de seguidores, isso lançaria luz sobre os caminhos de Deus, especialmente [...] que os homens escolhidos eram, pelo menos em sua maioria, pessoas comuns”.¹⁸

¹² BRANDT; BICKET, 2018, p. 167.

¹³ BRANDT; BICKET, 2018, p. 167.

¹⁴ CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado: versículo por versículo - volume 2: Lucas e João**. São Paulo: Hagnos, 2014.

¹⁵ BRANDT; BICKET, 2018, p. 211.

¹⁶ BRANDT; BICKET, 2018, p. 167-168.

¹⁷ HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento, exposição do Evangelho de Lucas – vol. 1**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2014, p. 269.

¹⁸ HENDRIKSEN, 2014, p. 399.

Os discípulos eram os aprendizes de Jesus, escolhidos para darem continuidade à sua missão de anunciar o evangelho, testemunhar suas obras e ensinamentos. Lucas salienta que a escolha dos apóstolos se deu como resultado da orientação divina buscada por Jesus em oração. “A importância dessa ocasião é ressaltada pelo fato de Jesus ter passado a noite inteira em oração. Ele estava prestes a escolher 12 homens que teriam uma participação decisiva a história da humanidade”.¹⁹

Um terceiro episódio em que Lucas registra Jesus em oração encontra-se no relato da transfiguração no monte, conforme descrito no capítulo 9, versículos 28 a 36. O evangelista Lucas ressalta que Jesus subiu ao monte em companhia de Pedro, João e Tiago, tendo como finalidade dedicar-se à oração. Cabe ressaltar que a oração de Jesus “[...] no monte da transfiguração teve um impacto duradouro na vida daqueles três discípulos. Nunca mais seriam as mesmas pessoas!”²⁰

Jesus subiu ao monte não para comungar com Moisés e Elias, embora tivesse falado com eles acerca de sua partida (literalmente, o seu ‘êxodo’, ou seja, sua morte, ressurreição e ascensão). O seu verdadeiro propósito era falar com o Pai Celeste, para que desse modo Jesus fosse divinamente fortalecido em seu espírito.²¹

A experiência ocorrida no monte da transfiguração teve um profundo efeito na vida de Pedro, João e Tiago. Esses três apóstolos faziam parte do círculo mais íntimo de Jesus, além de possuírem o privilégio de frequentemente serem escolhidos para acompanhá-lo em ocasiões importantes de seu ministério. Além disso, Jesus entornava com “[...] frequência seu coração diante do Pai em oração, e que faria especialmente agora, já que sabia que logo estaria caminhando para Jerusalém e a amarga agonia que o espera ali”.²² A prática da oração era muito significativa na vida de Jesus.

Lucas, conforme descrito no capítulo 18, versículos 1 a 18, ressalta mais um ensino de Jesus sobre a oração, mostrando que o discípulo deve ter uma vida de contínua oração sem nunca esmorecer de tal prática. O ensino de Jesus, portanto, “[...] vai além daquele dos judeus que tendiam a limitar os períodos de oração, para não cansarem Deus”.²³ A parábola da viúva persistente demonstra a ênfase do evangelista Lucas na oração como prática contínua e indispensável à vida de fé.

A oração é um profundo relacionamento com Deus que deve ser cultivado dia a dia e de forma perseverante, segundo Lucas nesse episódio do juiz iníquo e a viúva persistente. Vale ressaltar que Jesus “[...] não está ensinando a mera importunação ou o desespero na oração, mas revelou que Deus responde à oração persistente”.²⁴ Lucas realça que se deve perseverar em oração até que o objetivo seja alcançado mediante a fé.

O evangelista Lucas de modo primordial e sucinto chama a atenção de seus leitores para um momento ímpar na vida de Jesus, registrado no capítulo 22, versículos 39 a 46. Nessa porção textual, Lucas apresenta a oração de Jesus no Getsêmani, além de uma exortação à oração direcionada aos seus discípulos. Ali no Getsêmani, nessa ocasião tão solene Jesus orou sozinho e de joelhos, embora o “[...] costume daquele tempo era orar em pé, com os olhos erguidos aos céus”.²⁵

Assim sendo, aquela ocasião no Getsêmani não “[...] era nenhuma tarefa fácil que Jesus via na Sua frente, mas a oração dEle é centralizada na vontade do Pai mais do que em ser Ele poupado”.²⁶ Jesus ora para que o cálice, símbolo do sofrimento iminente da cruz e do peso do pecado da humanidade, fosse afastado dele caso fosse vontade do Pai. Entretanto, o que se pode inferir é que Jesus entrega-se totalmente ao plano redentor divino, ora intercedendo pelos seus discípulos, além de buscar forças para suportar o sofrimento

¹⁹ BRANDT; BICKET, 2018, p. 168.

²⁰ BRANDT; BICKET, 2018, p. 171.

²¹ BRANDT; BICKET, 2018, p. 171.

²² HENDRIKSEN, 2014, p. 614.

²³ MORRIS, L. L. **Lucas**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1983, p. 2347.

²⁴ BRANDT; BICKET, 2018, p. 208.

²⁵ MORRIS, 1983, p. 292.

²⁶ MORRIS, 1983, p. 292.

que estava próximo.

Nessa ocasião, Jesus demonstra sua plena humanidade ao sentir uma profunda angústia, além do desejo de não ter que passar por tamanho sofrimento. Por outro lado, tem-se a submissão de Jesus à vontade divina de forma completa e incondicional.²⁷ Do mesmo modo, a verdadeira oração vai além do simples pedido de livramento, pois ela deve culminar em aceitar o propósito divino, conforme demonstrado por Jesus.

A prática da oração era uma marca imprescindível na vida e no ministério de Jesus Cristo, mesmo sendo ele o Deus-homem em seu ministério terreno. “Na posição de Deus, Ele não precisava orar [...]. Mas, na qualidade de homem, estando revestido de um corpo humano, sendo descendente legítimo de Abraão (Fp 2.7; Mt 1.1), a oração era tão essencial a Ele como o fora para Abraão e seus descendentes”.²⁸

Jesus não somente orava, mas também deixou um exemplo notável e um constante incentivo para uma vida de oração. A oração, apesar de parecer ser uma atividade espiritual simples na Bíblia, recebe bastante destaque por meio de ensinamentos e exortações, demonstrando tanto sua relevância quanto sua profundidade no contexto cristão. “Orar é provavelmente a experiência mais complexa da vida cristã, ainda que, em si, seja algo relativamente simples”.²⁹

Conforme enfatiza Augustus Nicodemus, a capacidade de orar corretamente não decorre da habilidade do ser humano, pois “[...] não saberíamos orar de modo agradável a Deus se ele não o tivesse revelado em sua Palavra escrita”.³⁰ Nesse sentido, as Escrituras, como revelação inspirada e autoritativa de Deus, proporcionam não só o ensinamento, mas também o modelo de oração, plenamente ratificado no exemplo ensinado por Jesus.

Lucas demonstra que dentre as muitas coisas que Jesus ensinou aos seus discípulos, a oração ocupa lugar central, sendo apresentada como uma atividade espiritual indispensável à vida daquele que professa a fé em Cristo. Em Jesus encontram-se as instruções mais significativas acerca da oração, registrada por Lucas.³¹

3. A RELEVÂNCIA DA ORAÇÃO NO EVANGELHO DE LUCAS PARA A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

A oração foi um elemento extremamente significativo para a vida espiritual dos discípulos de Jesus Cristo, pois o mestre “[...] era preeminentemente um líder na oração, e sua oração é um incentivo à oração”.³² O Evangelho de Lucas salienta que Jesus era uma pessoa que orava regularmente, ou seja, que tinha uma vida de oração ativa e bem intensa. Uma evidência interna extremamente importante é o registro feito pelo evangelista das várias orações realizadas por Jesus ao longo de seu escrito.

Sobre a peculiaridade do evangelho de Lucas e o interesse do evangelista pela temática da oração, Morris destaca que:

Há duas maneiras principais de ressaltar esse interesse. A primeira é ao registrar as orações de Jesus (3.21; 5.16; 6.12; 9.18,28-29; 10.21-22; 11.1; 22.41ss; sete destas constam somente em Lucas, e mostram Jesus orando antes de cada grande crise da Sua vida). Lucas nos diz que Jesus orou pelos Seus inimigos (23.24) e por si mesmo (22.41-42). A segunda maneira acha-se nas parábolas que ensinam tanta coisa acerca da oração: o amigo da meia-noite (11.5ss), o juiz injusto (18.10ss).³³

O evangelista Lucas, nesse contexto, demonstrou uma preocupação especial, em seu evangelho,

²⁷ HENDRIKSEN, 2014, p. 550.

²⁸ BRANDT; BICKET, 2018, p. 166.

²⁹ NICODEMUS, Augustus. **O que a bíblia fala sobre oração**. São Paulo: Mundo Cristão, 2022, p. 7.

³⁰ NICODEMUS, 2022, p. 7.

³¹ BRANDT; BICKET, 2018, p. 187.

³² BOUNDS, Edward M. **A arma da oração**. São Paulo: Vida, 2016.

³³ MORRIS, 1983, p. 45.

ao salientar não somente Jesus na prática da oração, mas também seu ensino acerca dela, destacando sua relevância para a vida cristã. No decorrer da narrativa lucana, Jesus é apresentado como alguém que sempre se retira para orar em determinadas ocasiões decisivas de sua vida, além de ensinar regularmente seus discípulos sobre a necessidade de se ater à prática da oração como disciplina espiritual.

Cabe salientar que diversos textos bíblicos apontam que a oração é um privilégio e um dever de todo cristão. Nessas porções bíblicas, a oração é “[...] sempre uma ordem de Deus. Essa é a razão principal e primeira”.³⁴ O ato de orar tem uma relevância significativa para os autores bíblicos e, de modo especial, para o próprio Jesus. Em Lucas, a oração recebe destaque como um dos temas centrais enfatizados pelo autor.

A oração do padrão de Jesus, denominada de Pai Nosso, registrada por Lucas no capítulo 11, versículos 1 a 4, é ensinada por Jesus aos seus discípulos como resposta a um pedido de um deles. Essa oração constitui um modelo do ato de orar a ser seguido por todos os que creem em Cristo, uma vez que nela se encontra delineados princípios gerais e fundamentais ensinados por Jesus acerca da oração.

Devemos dar atenção a cada detalhe da oração modelo, que Jesus prefaciou com estas palavras: ‘Portanto, vós orareis assim (Mt 6.9). Embora seja sempre recomendável repetir a oração do Pai Nosso, é muito mais importante que, quando oramos, nos deixemos guiar pelos princípios providos por nosso Senhor nessa e em outras orações. A palavra ‘assim’ é tradução do vocábulo grego *houtos*, e deveria ser entendido como ‘desta maneira’. Jesus estava dizendo: ‘Deixem-se guiar por esses princípios gerais quando forem orar’.³⁵

Dessa forma, a oração do Pai Nosso ensinada por Jesus revela-se como um modelo ou um padrão equilibrado que une adoração, reverência, dependência divina, perdão e livramento, tornando-se o maior arquétipo de como os discípulos devem se aproximar de Deus por meio da oração. Lucas ressalta que Jesus “[...] instruiu acerca de como a oração deve começar e também ensinou como ela deve terminar”.³⁶

A oração do Pai Nosso tem uma estrutura notável, pois é cuidadosamente organizada em duas seções. Na primeira, destacam-se três pedidos de caráter teocêntrico. Em seguida, surgem três pedidos nas quais são apresentadas as necessidades humanas essenciais de quem ora. A oração é concluída com uma doxologia aplicável a toda oração cristã, integrando adoração, dependência divina e esperança escatológica.³⁷

Lucas também apresenta a oração como expressão de dependência divina. Os discípulos de Jesus tinham o hábito de orar diariamente, ou seja, apresentavam uma vida dedicada à oração e de total dependência de Deus. A oração, conforme ensina Lucas, é um ato de humildade perante Deus, um exercício de fé e de cuidado providencial divino. Nesse sentido, vale salientar que os seres humanos “[...] não devem pensar que Deus está indisposto para dar; sempre está pronto para dar boas dádivas ao seu povo”.³⁸

A oração, portanto, é apresentada no Evangelho de Lucas como um elemento indispensável da espiritualidade cristã, mostrando que ela não é só uma prática espiritual de um fiel, mas uma expressão de confiança e dependência divina. Dessa forma, em Lucas, a oração não é vista apenas como algo opcional na vida de um fiel cristão, mas como eixo central que sustenta e orienta toda a caminhada de fé. É o dever de todo seguidor de Cristo “[...] orar em todo tempo e cultivar um espírito de oração”.³⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, Lucas destaca que a oração esteve sempre em proeminência em cada aspecto da vida de Jesus e de seu ministério, pois era um hábito que ele fazia questão por cultivar. Além disso, o realce histórico dado à oração pelo evangelista Lucas mostra que ela não era somente um costume religioso judaico ou cristão, mas uma atitude vital para que os fiéis pudessem discernir o propósito divino.

³⁴ NICODEMUS, 2022, p. 21.

³⁵ BRANDT; BICKET, 2018, p. 196.

³⁶ BRANDT; BICKET, 2018, p. 202.

³⁷ NICODEMUS, 2022, p. 78.

³⁸ MORRIS, 1983, p. 185.

³⁹ NICODEMUS, 2022, p. 10.

A oração de Jesus presente em Lucas não é apenas um exemplo a ser observado pelo se leitor ou fiel, mas um modelo a ser seguido. Lucas ao longo do seu evangelho dedicou partes significativas ao ensino direto do mestre acerca da oração, além de sua prática na comunidade primitiva. Jesus, nesse sentido, modela a oração, instrui seus discípulos sobre ela e incentiva-os a cultivar a prática diariamente.

Lucas enfatiza, a partir da vida de Jesus, que a oração é uma disciplina espiritual indispensável, a ser praticada com constância pelos discípulos. A oração emerge como um legado deixado por Jesus aos seus seguidores. O evangelista, intencionalmente, registra diversas ocasiões em que Cristo dedicava-se à oração, evidenciando sua centralidade e importância na sua vida e em seu ministério.

Outro ponto marcante no Evangelho de Lucas, portanto, é que não há ensino mais significativo e elucidativo acerca da oração do que aquele proferido por Jesus, cuja vida de comunhão com Deus se constitui como paradigma elevado de espiritualidade. Em Lucas, a oração não é simplesmente ensinada, mas, sobretudo vivida de forma plena por Jesus, que orava com eficácia e convicção, mostrando total dependência de Deus em todas as circunstâncias.

Sendo assim, o estudo da oração no Evangelho de Lucas propicia amplas possibilidades para pesquisas futuras, seja no campo teológico e histórico, demonstrando sua relevância para a espiritualidade cristã. Além disso, a história e relevância da oração no Evangelho de Lucas revelam que o verdadeiro aprendizado não está apenas em fórmulas ou prescrições, mas na pessoa sublime de Cristo, cuja prática e ensino permanecem como legado indispensável para a fé cristã em todos os tempos.

REFERÊNCIAS

BOUNDS, Edward M. **A arma da oração**. São Paulo: Vida, 2016.

BRANDT, Robert L.; BICKET, Zenas J. **Teologia bíblica da oração**: o Espírito nos ajuda a orar. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

BRUCE, F. F. **História do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2019.

CARSON, D. A. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

FELDMAN, Sergio Alberto. Liturgia, educação e resistência cultural. **Arquivo Maaravi**: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, Belo Horizonte, v. 12, p. 199–214, nov. 2018. ISSN 1982-3053.

GUNDRY, Robert Horton. **Panorama do Novo Testamento**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

HALE, Broadus David. **Introdução ao estudo do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2001.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento, exposição do Evangelho de Lucas – vol. 1**. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

MORRIS, L. L. **Lucas**: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1983.

NICODEMUS, Augustus. **O que a bíblia fala sobre oração**. São Paulo: Mundo Cristão, 2022.

PACKER, J. I. **A oração do Senhor**. São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

TOGNINI, Enéas. **O Período Interbíblico**: 400 anos de silêncio profético. São Paulo: Hagnos, 2009.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional

O “APELO” DA PREGAÇÃO DE JESUS E SEU CHAMADO PÚBLICO À CONVERSÃO: UM ESTUDO CONCISO SOBRE CONTEÚDO E PRÁTICA¹

The “Appeal” of Jesus’ Preaching and His Public Call to Conversion: A Concise Study on Content and Practice

Me. Luciano dos Santos Melo²

RESUMO

A vida ministerial de Jesus, sua capacidade de atrair multidões, seus milagres, seu ensino único e que confrontava à natureza humana, carnal e mundana, já é bastante estudada e discutida atualmente. Entretanto, sua pregação, seu apelo, seu chamado público à conversão direcionado às pessoas, com seu conteúdo, forma e didática, ainda carecem de mais compreensão. O objetivo deste estudo é justamente esse, isto é, trazer mais compreensão sobre esses aspectos tão importantes da vida de Jesus. O estudo visa esclarecer questões como: qual o conteúdo da pregação de Jesus? O que Jesus queria nos ensinar, na prática? Qual é o apelo de Jesus às pessoas? Para discorrer sobre essas questões, este estudo utilizou como procedimento metodológico a pesquisa qualitativa com seleção intencional da bibliografia a partir da sua relevância para o tema investigado. Nesse sentido, verificou-se que a pregação de Jesus não seguia uma fórmula padronizada, com conteúdo e forma fixos de chamar as pessoas à conversão. Mas a ênfase de Jesus era que se praticasse o seu ensino, e não apenas o ouvisse e o aprovasse. Seu ensino, por sua vez, se baseava em compaixão com o próximo, em fazer bem mesmo sendo maltratado, em amar mesmo sendo odiado, e em bendizer mesmo sofrendo com a maledicência. Com certeza, um desafio para a nossa natureza humana, mas um alvo possível para os que creem. Era e é, assim, um chamado à transformação de vida integral,

¹ Este artigo é fruto de um dos capítulos desenvolvidos no TFC do Mestrado Profissional em Teologia da Fabapar – Faculdades Batista do Paraná.

² Luciano dos Santos Melo é Mestre em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná, possui Pós-Graduação Lato Sensu em Filosofia e Sociologia, e Ciências da Religião pela Universidade Cândido Mendes - UCAM e é Bacharel em Teologia pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. E-mail: stsmelo@hotmail.com

no pensar, no falar, no agir e no viver.

Palavras-chave: Pregação. Jesus. Apelo. Chamado à conversão.

ABSTRACT

The ministerial life of Jesus, His ability to attract crowds, His miracles, and His unique teaching, which confronted human, carnal, and worldly nature, have already been widely studied and discussed today. However, His preaching, His appeal, and His public call to conversion directed at people, including its content, form, and didactic approach, still require deeper understanding. The purpose of this study is precisely that, namely, to bring greater insight into these important aspects of Jesus' life. The study aims to clarify questions such as: What was the content of Jesus' preaching? What did Jesus want to teach us in practice? What is the appeal of Jesus to people? To address these questions, this study used a qualitative research approach, with purposive selection of the bibliography based on the relevance of the works to the topic investigated. In this context, it was observed that Jesus' preaching did not follow a standardized formula with fixed content and a uniform method of calling people to conversion. Rather, Jesus emphasized that His teaching should be practiced, and not merely heard and approved. His teaching, in turn, was based on compassion for others, on doing good even when mistreated, on loving even when hated, and on blessing even while suffering from slander. Certainly, this is a challenge to our human nature, but a possible goal for those who believe. It was and still is a call to a comprehensive transformation of life, in thinking, in speaking, in acting, and in living.

Keywords: Preaching. Jesus. Appeal. Call to conversion.

INTRODUÇÃO

Nas palavras de Henry, Jesus "foi o Príncipe dos pregadores, o grande Profeta da sua igreja, que veio a este mundo para ser a Luz do mundo".³ Acrescentando, ele diz que os profetas e João trabalharam vigorosamente na pregação, porém, Cristo os superou.⁴ Dessa forma, quando se fala em pregação, em ensino bíblico, em proclamação da mensagem do evangelho, faz-se conveniente e necessária uma verificação mais apurada da mensagem de Jesus, sua proclamação, seus ensinamentos e vida ministerial.

Segundo a Bíblia, Jesus é a encarnação do próprio Deus: "No princípio, era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus" (Jo 1.1). E mais: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade" (Jo 1.14). Por isso mesmo, sua vida, ministério e trajetória devem servir de modelo, pois, como diz Schweitzer, Ele "[...] é o maior exemplo da antítese entre verdade espiritual e natural [...]".⁵

Contudo, é importante mencionar que antes de Jesus aparecer João Batista pregando no deserto da Judeia (Mt 3.1). Em João Batista já se percebe um chamado público à conversão, ao arrependimento, isso ilustrado no batismo nas águas (Mc 1.4). Seu apelo era "arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus" (Mt 3.2). Ele exortava o povo a dar "frutos que mostrem o arrependimento". Também definiu o que isso significaria para pessoas diferentes, ensinando os publicanos a não cobrarem além do que lhes foi estipulado, e os soldados a não praticarem extorsão, nem acusar ninguém falsamente e a se contentar com

³ HENRY, Matthew. **Comentário bíblico Novo Testamento**: Mateus a João. Tradução de Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2008, p. 41.

⁴ HENRY, 2008, p. 41.

⁵ SCHWEITZER, Albert. **A busca do Jesus histórico**: um estudo crítico de seu progresso. Tradução de Wolfgang Fischer, Sérgio Paulo de Oliveira e Cláudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Novo Século, 2003, p. 8.

seus salários (Lc 3.8-14).⁶ Sem dúvida, isso é um chamado à conversão, à mudança de vida em direção aos parâmetros de Deus e do Evangelho.

Como sugerem Pfeiffer, Vos e Rea, a conversão “denota a mudança de coração ou de pensamento (relacionado ao arrependimento e a fé) que permite que alguém receba a graça de Deus na salvação”.⁷ A resposta de João Batista aos diferentes ouvintes (Lc 3.10-14) que creram na mensagem, de acordo com Bock, compreende que “voltar-se para Deus significa mudar a forma que uma pessoa se relaciona com as outras”.⁸ Por isso, vale ressaltar que uma decisão por essa vida convertida não cabe numa exigência de qualquer tipo de atitude imediata simbólica, visível ou exterior, como uma espécie de prova ou certificação última e isolada.

Por ter Jesus se engajado e atendido esse mesmo apelo no sentido de se batizar, tal experiência deve ter sido para Ele uma espécie de abertura, um acontecimento iniciador.⁹ A submissão de Jesus ao batismo, significa a sua identificação com a aproximação do tempo especial sobre o qual João prega.¹⁰ Jesus prossegue com a mensagem focada no Reino de Deus, assim como João Batista. Para a entrada nesse Reino é requerida uma mudança de vida, pensamentos e atitudes, ou seja, o arrependimento. Esse é o chamado de Jesus que espiritualizou a mensagem de João. Provavelmente, João esperava que Jesus estabelecesse um Reino terreno, de maneira política. Mas o que Cristo fez foi trazer a público um chamado de conotação espiritual, talvez relegando a segundo plano um reino terreno. O espírito da proclamação de Jesus é de que se o povo se arrependesse de seus pecados, como propôs João Batista (Lc 3.10-14), o Messias viria imediatamente.¹¹

Pode-se acrescentar aqui, o que escreve Asett sobre conversão, quando diz que essa “não se refere a um ‘eu’ totalmente isolado da sua tradição cultural ou de seu contexto social”.¹² Jesus vai dizer que não se acende uma candeia e a coloca debaixo da cama, mas a coloca no velador, para os que entrando vejam a luz (Lc 8.16). Segundo Ele, a mensagem de conversão é focada no arrependimento do ser humano de forma integral, como pode-se verificar no evangelho de Mateus que escreve: “Desde então, começou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus” (Mt 4.17).

1. O “APELO” DE JESUS: DO CONTEÚDO À PRÁTICA

Conforme Packer, Lutero, na primeira de suas noventa e cinco teses, afirma que Jesus ao fazer esse chamado público (Mt 4.17) estava na verdade fazendo um apelo para que a vida inteira das pessoas “se tornasse uma vida de arrependimento”.¹³ A partir desse chamado ao arrependimento é que a pregação de Jesus se torna mais pública e constante. Ele então segue proclamando a mesma mensagem do seu predecessor João Batista.¹⁴ O arrependimento quando verdadeiro produz uma ação prática de bons frutos. Quando João pregava ao povo eles quiseram saber o que deveriam fazer. Segundo Lucas 3.10-14, João responde dizendo que eles deveriam produzir frutos dignos de arrependimento, o que deveria incluir generosidade, bondade, equidade e contentamento, entre outros.¹⁵

⁶ STOTT, John. **Eu creio na pregação**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2003, p. 166.

⁷ PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Tradução de Degmar Ribas Junior. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 449.

⁸ BOCK, Darrell L. **Jesus segundo as Escrituras**: introdução e comentário aos evangelhos. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Shedd, 2006, p. 75.

⁹ SCHILLEBEECKX, Edward. **Jesus**: a história de um vivente. Tradução de Frederico Stein. São Paulo: Paulus, 2008, p. 109.

¹⁰ BOCK, 2006, p. 80.

¹¹ CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado** – Versículo por versículo. São Paulo: Candeia, [s.d.], v. 1, p. 296.

¹² ASETT (Org.) **Pelos muitos caminhos de Deus**: desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação. Goiás: Rede, 2003, p. 61.

¹³ PACKER, J. I. **A evangelização e a soberania de Deus**: se Deus controla todas as coisas, por que evangelizar? Tradução de Gabriele Greggersen. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 65.

¹⁴ HENRY, 2008, p. 37.

¹⁵ HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento**: Lucas. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, v. 1, p. 282.

Ao que parece, Jesus iniciou esse chamado público a conversão (Mc 1.14-15) nas ruas. Eram ensinamentos dirigidos ao público que o ouvia em seu caminho ou reunido em algum local, como no conhecido "sermão do monte". O apelo era para uma mudança de vida prática. Segundo Ehrman, Jesus "era amplamente conhecido como um pregador itinerante [...]".¹⁶ Em sua pregação e ensino, os ouvintes precisavam desenvolver uma reflexão e compreensão, o que levava a uma aprendizagem impactante.¹⁷

Com as suas mensagens, parábolas e sermões, Jesus tinha o objetivo de alcançar os corações e transformar as pessoas em servas de Deus.¹⁸ Isso nem sempre era uma tarefa que se concretizava com apenas um encontro com o mestre. Entre os próprios doze apóstolos escolhidos, por exemplo, verifica-se que a genuína conversão não ocorria imediatamente (Lc 22.32). Nem a essência do seu ensino era completamente entendida, como percebe-se em Tiago e João, que sugerem a Jesus uma atitude totalmente incoerente com o seu Espírito (Lc 9.51-56). Sua ênfase era a mudança de mentalidade, uma transformação interior a partir do confronto com a verdade. Não tinha nada a ver com aceitar uma doutrinação religiosa engessada.¹⁹

O apelo utilizado por Jesus aos pecadores, em Mateus 11.25-30, por exemplo, apresenta um grande contraste com relação a mensagem evangelística comumente propagada hoje em dia. Trata-se na verdade de um apelo à salvação, e o interessante é que Jesus iniciou esse apelo com uma oração na qual reconhece a soberania de seu Pai:²⁰

²⁵Naquele tempo, respondendo Jesus, disse: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos. ²⁶Sim, ó Pai, porque assim te aprouve. ²⁷Todas as coisas me foram entregues por meu Pai; e ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar. ²⁸Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. ²⁹Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma. ³⁰Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve (Mt 11.25-30).

Os fariseus, "sábios e instruídos", tinham colocado tantas regras e regulamentos sobre o povo que a religião se tornou um "trabalho". A vida de devoção à lei tinha se tornado como um fardo para se carregar (Mt 23.1-4). Nesse sentido, Jesus chama os "pequeninos", ou seja, os verdadeiros discípulos para ver a verdade, ir a Ele, aprender dele (v. 29) e encontrar alívio desse trabalho.²¹ Price destaca que Jesus "não comprometeu sua Causa com apelos em reuniões populares, com práticas ritualistas, ou com manobras políticas, não. Ele confiou sua Causa aos prolongados e pacientes processos de ensino e de treinamento".²²

Foi de fato um método educativo o que Jesus mais utilizou em sua passagem terrena como Rabi, ou seja, mestre. Apesar de diversas vezes Jesus ter agido como curador de enfermidades, operador de milagres, pregador de sermões, etc., percebe-se que o ensino foi a sua principal ocupação, ou seja, Jesus concedeu uma ênfase especial à arte de ensinar.²³ Conforme Junior,²⁴ na conhecida "parábola do bom samaritano", em Lucas 10.25-37, por exemplo, em que Jesus viaja rumo a Jerusalém com os seus discípulos, a caminhada torna-se orientadora para o discipulado. O mesmo autor acrescenta que essa perícopes apresenta "um instrumento pedagógico para formar discípulos".

Olhando para os quatro evangelhos que foram escritos e aceitos como inspirados, pode-se perceber

¹⁶ EHRMAN, Bart D. **O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por que?** Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Prestígio, 2006, p. 198.

¹⁷ DOMINGUES, Gleyds Silva. **Andragogia de Jesus: ensinar e aprender.** Curitiba: ADSantos, 2016, p. 14.

¹⁸ DOMINGUES, 2016, p. 38.

¹⁹ DOMINGUES, 2016, p. 40.

²⁰ MACARTHUR, John. **O Evangelho segundo Jesus.** 2.ed. São José dos Campos: Fiel, 2008, p. 145.

²¹ TOMÉ, Natan (Ed.). **Comentário do Novo Testamento: aplicação pessoal.** Tradução de Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2010. v.1, p. 78-79.

²² PRICE, J. M. **A pedagogia de Jesus: o mestre por excelência.** 9.ed. Tradução de Waldemar W. Wey. Rio de Janeiro: JUERP, 1995, p. 14.

²³ PRICE, 1995, p. 14.

²⁴ BRAGA JUNIOR, Adiel Fernandes. **Pedagogia do outro: um instrumento de Jesus para despertar o seu discipulado.** **Revele-teo:** Revista Eletrônica Espaço Teológico, [S.l.], v.11, n.19, p. 05-15, jan/jun, 2017, p. 6.

que sua vida e ministério, apesar de não muito prolongados, foram extremamente impactantes, pois inúmeras multidões o seguiam por diversos lugares (Mt 7.28-29). Ele viveu no meio dessas multidões, sendo assediado, estando sempre ocupado, vivendo sob pressão e ainda foi molestado.²⁵ Diante disso, percebe-se que sua mensagem e ensino era de alguma maneira intrigante, interessante para aquelas pessoas. Isso fica claro no texto do evangelho de Mateus 7.28-29, em que diz: “E aconteceu que, concluindo Jesus este discurso, a multidão se admirou da sua doutrina, porquanto os ensinava com autoridade e não como os escribas”.

Esse texto é parte do conhecido “sermão do monte”, que abrange os capítulos 5 a 7 de Mateus. É um sermão prático em que Jesus está ensinando o que deve ser feito, sendo isso parte do conteúdo inicial de sua pregação.²⁶ Segundo Carson, “a palavra *didache* (‘ensino’, Mt 7.29) pode se referir ao conteúdo e ao modo; e, sem dúvida, as multidões ficaram atônitas com os dois”.²⁷ Também sobre esse trecho do evangelho de Mateus, A. T. Robertson argumenta:

As pessoas estavam habituadas aos sermões dos rabinos nas sinagogas. Há exemplos desses discursos registrados na Mishná e na Gemará, o Talmude judaico. Essas obras apresentam uma coleção surpreendente de comentários curtos, enfadonhos e deslocados, que tratam de todo tipo de problema concebível na história. Os escribas citavam os rabinos na presença deles e tinham medo de expressar uma ideia sem tê-la apoiado devidamente em algum antecessor. Jesus falava com a autoridade da verdade, a realidade e o frescor da luz matutina e o poder do Espírito de Deus.²⁸

Macleod segue nessa mesma linha e afirma que nesse mesmo “Sermão do Monte”, Jesus abstém-se de apelar a qualquer autoridade mais alta dizendo simplesmente “Eu vos digo” (Mt 5.22).²⁹ Outra questão, é que o sermão parece ter sido dirigido não apenas aos discípulos mais íntimos, mas a todos os que seguiam a Jesus, como sugere Mateus 7.28.³⁰ É importante esclarecer ainda que o trecho de Mateus 5-7 corresponde ao trecho de Lucas 6.20-49, ou seja, trata-se do mesmo sermão. Algumas supostas discrepâncias como, por exemplo, o fato de Mateus 5.1-2 registrar que o local foi um monte e Lucas 6.17 um lugar plano, desaparece quando se reconhece que o lugar plano pode ter sido parte do monte.³¹

Apesar disso, admite-se que os dois relatos não são idênticos, tanto em tamanho quanto em conteúdo. Isso demonstra que os autores não eram simples copistas; além disso, cada um escreveu de acordo com seus propósitos específicos, seus antecedentes, dons e caráter.³² “Mateus e Lucas nos transmitiram, com variações consideráveis, tudo quanto se refere ao pano de fundo e à forma deste sublime sermão”.³³

Ao longo de todo o sermão Jesus pregou e ensinou. O *kerigma*³⁴ é a proclamação e o *didache*³⁵ é o ensino. Nesse caso, a proclamação é explícita ou implícita, pressupondo o ensino a proclamação do evento.³⁶ Primeiramente vem as bem-aventuranças, em seguida várias orientações de conduta que geralmente são expressas nos mesmos termos, e, por fim, uma grave advertência por meio de analogias entre a vida

²⁵ MACLEOD, Donald. **A pessoa de Cristo**. Tradução de Valdecir da Silva Santos. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 193.

²⁶ HENRY, 2008, p. 41.

²⁷ CARSON, D. A. **O comentário de Mateus**. Tradução de Lena e Regina Aranha. São Paulo: Shedd, 2010, p. 237.

²⁸ ROBERTSON, A. T. **Comentário Mateus e Marcos: à luz do Novo Testamento Grego**. Traduzido por Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2011, p. 94.

²⁹ MACLEOD, 2007, p. 103.

³⁰ ALLEN, Clifton (Edit.). **Comentário bíblico Broadman: artigos gerais Mateus – Marcos**. 3.ed. Tradução de Adiel Almeida de Oliveira. Rio de Janeiro: JUERP, 1986, v. 8, p. 136.

³¹ HENDRIKSEN, 2003, p. 451-452.

³² HENDRIKSEN, 2003, p. 452.

³³ FILLION, Louis-Claude. **Enciclopédia da vida de Jesus**. Tradução de Jefferson Magno Costa, João Lira e Reginaldo de Souza. 2.ed. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2008, p. 516.

³⁴ Kerygma é uma palavra grega que se refere à pregação conforme HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (Org.). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. Tradução de Barbara Theoto Lambert. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2008, p. 997.

³⁵ Didache é uma palavra grega com o sentido de instrução ou de doutrina transmitida pelo ensino conforme COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 643.

³⁶ ALLEN, 1986, p. 136.

espiritual e a vida material.³⁷

Essa advertência merece ser transcrita conforme o evangelho de Mateus, que a apresenta de forma mais rica, pois é o momento de um chamado para decisão e compromisso:

¹³Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela; ¹⁴E porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem. ¹⁵Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores [...]. ²⁴Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha. ²⁵E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha. ²⁶E aquele que ouve estas minhas palavras e as não cumpre, compará-lo-ei ao homem insensato, que edificou a sua casa sobre a areia. ²⁷E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e caiu, e foi grande a sua queda (Mt 7.13-15, 24-27).

Conforme Carson, “o sermão do monte termina com quatro advertências, cada uma oferecendo um par de contraste; dois caminhos (vv. 13,14); duas árvores (vv. 15-20); duas afirmações (vv. 21-23); e dois construtores (vv. 24-27)”.³⁸ Jesus finaliza com um chamado à conversão usando a comparação dos dois construtores. Há uma exortação a que se pratique o que foi pregado e ensinado durante o sermão (v.24). As palavras “*akouei mou tous Logous toutous*”, “ouve estas minhas palavras”, podem ser traduzidas por “ouve-me em relação a esses ditos”.³⁹

Houve uma exposição clara da mensagem do evangelho e como deve ser a conduta de um discípulo. Toda a pregação e ensino era um chamado público à conversão. Ele pronunciava o seu discurso como um juiz pronunciava uma sentença, suas lições eram leis e sua palavra como uma palavra de comando. Jesus mostra que somente ouvir as suas palavras ou tomar qualquer outra atitude que não seja a de praticá-las, não leva a lugar nenhum.⁴⁰

2. A DIDÁTICA DO ENSINO COMO INSTRUMENTO DE CHAMADO À CONVERSÃO

Não há nenhum registro nas Escrituras de que Jesus se utilizava de qualquer prática similar ao apelo moderno ou sistema de convite como conhecemos hoje. Não que a prática de algum desses métodos seja completamente errada. Entretanto, Ele sequer exigiu de seus seguidores e ouvintes algum movimento físico como uma resposta espiritual a um comando supostamente espiritual, ou seja, uma decisão imediata e pública que indique aceitá-lo como Senhor e Salvador. O que ocorria era a exortação sendo feita dentro dos limites da mensagem pregada (Mt 11.28-30; Jo 6.28-29,37; At 2.36-41; 17.30-34).⁴¹

Jesus teve uma individualidade marcante no que diz respeito a sua forma de ensinar e proclamar sua mensagem. Apesar de se utilizar muitas vezes de métodos já conhecidos como as histórias ou parábolas, ele desenvolveu-as e adequou-as de maneira singular. Não foi algo que lhe foi concedido desde que nasceu. Nesse sentido, MacLeod escreve:

Ele teve uma individualidade marcada que o distinguiu nitidamente, por exemplo, da de Pedro e João, Judas e Caifás. Era sua. Além do mais, essa individualidade não foi meramente dada, uma vez por todas, no mistério de sua concepção. Ela foi desenvolvida como resultado de sua experiência. Ele desenvolveu seu próprio vocabulário distintivo e métodos de ensino.⁴²

³⁷ FILLION, 2008, p. 517.

³⁸ CARSON, 2010, p. 229.

³⁹ CARSON, 2010, p. 236.

⁴⁰ HENRY, 2008, p. 88, 90.

⁴¹ DOWNING, William R. **Porque não usamos o sistema de apelos**. Tradução de William Teixeira. [S.l.]: OEstandarteDeCristo.com, 2015, p. 12. Disponível em: <https://oestandartedecristo.com/data/PorQueNCeoUsamosSistemasdeApeloWilliamR.Downing.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2024.

⁴² MACLEOD, 2007, p. 73.

É de fato isso que se percebe ao ler os evangelhos, pois ele não apresentou nada que se possa declarar como padrão, norma ou fórmula a ser seguida quando se tratava de proclamar sua mensagem. Era um chamado ao coração humano para uma real e definitiva mudança interior. Apesar de toda essa singularidade de Jesus, o seu ministério não é diferente, em princípio, do ministério de seu predecessor João Batista. Nesse aspecto, o que vai realmente distinguir o trabalho de Jesus do de João Batista é a consciência que ele tinha de ser o Filho do Homem, isto é, o Messias.⁴³ Ainda sobre a pregação de Jesus, Schweitzer escreve:

O que pertence às pregações de Jesus pode ser claramente reconhecido. Está contido em duas frases de significado idêntico, "Arrependei-vos e acreditai no Evangelho", ou, como está em outra parte, "Arrependei-vos, pois o Reino dos Céus está próximo".⁴⁴

Havia um contraste significativo entre os sermões e tradições dos judeus daquela época e as ministrações e ensinamentos de Jesus. Seus ensinamentos destruíram as convicções religiosas daquela época. Se um judeu do primeiro século pecasse, por exemplo, ele teria que se dirigir ao templo para receber perdão. Enquanto isso, Jesus estava concedendo o perdão de Deus às prostitutas sem nenhum rito, bem no meio da rua. O Deus de Israel habitava no templo, porém, Jesus estava oferecendo esse mesmo Deus onde quer que as pessoas estivessem, apenas porque acreditavam nele.⁴⁵ Segundo o próprio Jesus, havia grande interesse por parte dos judeus escribas e fariseus em converter pessoas a sua fé, dispensando grande esforço para tal, pois percorriam longas distâncias para a realização dessa tarefa (Mt 23.15). No ministério terreno de Jesus, apesar do significado totalmente contrastante, o chamado também era à conversão.⁴⁶

Voltando aos sermões proferidos por Cristo, ainda no evangelho de Mateus, além do Sermão do Monte, encontram-se outros quatro discursos de Jesus. O segundo é um discurso missionário e do envio dos discípulos (Mt 9.35 - Mt 10.42). O terceiro são as sete parábolas do Reino dos céus (Mt 13.1-52). O quarto, diversas instruções aos discípulos (Mt 18.1-35). E, em quinto, os "ais" sobre os fariseus e os discursos sobre o fim dos tempos (Mt 23.1 - 25.46).⁴⁷

Com cada um desses discursos, a ênfase do evangelho de Mateus cai no ensino. Ao final de cada sermão (Mt 7.28; 11.1; 13.53; 19.1; 26.1), aparece a formulação: "E aconteceu que, concluindo Jesus este discurso..." (ou alguma variação disso dependendo da tradução).⁴⁸ Deve-se atentar para o fato de que em nenhum deles Jesus faz no final algum tipo de chamado público à conversão além do próprio discurso e seu conteúdo, que em si já é um chamado à conversão. Como diz Coleman, "tudo o que Jesus disse ou fez era para ele parte da estratégia divina do evangelismo".⁴⁹

Contudo, ainda pode-se afirmar que há um chamado mais direto feito por Jesus nos evangelhos. Um exemplo, é quando Jesus diz aos seus futuros apóstolos e a algumas outras pessoas: "segue-me". Entretanto, essa ordem de Jesus nos dias de sua peregrinação terrena não era uma exigência de identificação exterior com Ele da parte daqueles que queriam ser seus discípulos.⁵⁰ É muito claro nas narrativas dos evangelhos que tais expressões como "segue-me" e "vinde a mim", apesar de às vezes, poderem incluir o aspecto local, como a descida de Zaqueu da árvore (Lc 19.1-10), têm como sentido fundamental das palavras uma identificação espiritual com Cristo através do arrependimento e fé. Isso mesmo nos dias de Jesus fisicamente na Terra, isto é, de sua presença visível. Já em dias em que isso não ocorre mais, não poderia haver outro sentido.⁵¹

Já em outra ocasião em que aparece um "segue-me", o que ocorre é uma demonstração de que a

⁴³ SCHWEITZER, 2003, p. 285.

⁴⁴ SCHWEITZER, 2003, p. 25.

⁴⁵ LUTZER, Erwin E. **Cristo entre outros deuses**: uma defesa da fé cristã numa era de tolerância. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2000, p. 99.

⁴⁶ HENDRIKSEN, 2003, p. 412.

⁴⁷ MAUERHOFER, E. **Uma introdução aos escritos do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2010, p. 99.

⁴⁸ MAUERHOFER, 2010, p. 100.

⁴⁹ COLEMAN, Robert E. **Plano mestre de evangelismo**: guia de estudo. São Paulo: Mundo Cristão, 1997, p. 7.

⁵⁰ MURRAY, Ian. **O sistema de apelo**. Tradução de Eurico Alberto Araújo Correia. São Paulo: PES, 1995, p. 13.

⁵¹ MURRAY, 1995, p. 13.

pedagogia do discipulado de Jesus, exige dos seus ouvintes, que assumam as implicações daquilo que lhes falta: “E, quando Jesus ouviu isso, disse-lhe: Ainda te falta uma coisa: vende tudo quanto tens, reparte-o pelos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me” (Lc 18.22).⁵² Seus ensinamentos caracterizaram-se por uma série de valores e um estilo de vida absolutamente contrário aos pensamentos e hábitos humanos. Enfatizava em suas ministrações o perdão, a fidelidade, a humildade, a mansidão, a atitude de se dar de si mesmo, a disposição de aprender e como já mencionado, o arrependimento. Dirigiu vários ataques aos religiosos por serem hipócritas, cumpridores de ritos, mas interiormente maus, sempre julgando os outros como inimigos da verdadeira espiritualidade.⁵³

Quando Jesus envia os doze a pregarem e anunciarem as boas novas do Reino, Ele deu diversas instruções práticas e demonstra que o ministério dos discípulos deve ser o mesmo do seu mestre. Com a sua autoridade (Mt 10.1), eles deviam realizar a mesma obra de pregar e curar abertamente, porém, poderiam correr perigos extremos de sofrimento e da própria vida. Nesse sentido, Ele diz que quem o confessar diante dos homens, Ele o confessará diante do Pai (Mt 10.32). Trata-se de uma referência aos crentes que estão sendo julgados, confessando a Cristo com o perigo de suas próprias vidas ou negando-o para escapar dos castigos. Dessa maneira, o texto não está se referindo a uma confissão de até então não convertidos para se tornarem cristãos, mas sim a declaração de fé de um cristão quando em prisão ou julgamento.⁵⁴

Um discípulo deve confessar o Senhor Jesus diante das pessoas, do mesmo modo que diante das dificuldades, perseguições e perigos. O que um discípulo diz sobre Jesus terá uma consequência última. Lucas compara o fracasso em testemunhar de Jesus diante das autoridades (Lc 12.8-12) como uma blasfêmia contra o Espírito Santo.⁵⁵

3. DISCURSOS COMO INSTRUMENTO DE CHAMADO À CONVERSÃO

Outro convite direto da parte de Jesus aos seus ouvintes, e que já foi mencionado anteriormente, é o que aparece em Mateus 11.28-30. Diferente de qualquer outro, o convite é para que se aprenda do próprio Cristo, não um conjunto de regras, mas um modo de agir e de se comportar. Jesus não é um teórico só de palavras, é um prático que ensina fazendo.⁵⁶

Ainda em relação aos sermões ou discursos de Jesus, um outro evangelho que contém um bom material a respeito é o de João. Conforme Albrecht, “muito mais que os outros evangelistas, João ressalta os discursos de Cristo”.⁵⁷ No conteúdo e subdivisão desse Evangelho, alguns sustentam que João tem um esquema de sete sinais ou milagres, culminando na ressurreição de Lázaro.⁵⁸ Além desses milagres, João também apresenta quatro discursos de Jesus conforme a seguinte divisão: sobre sua atuação, autoridade para ressuscitar mortos e ser o Filho de Deus (Jo 5.19-47); sobre o pão da vida (Jo 6.22-59); sobre sua paixão (Jo 12.20-36); e o discurso de despedida (Jo 14.1–16.33).⁵⁹

Diante disso, uma breve revista desses discursos para uma apuração mais concreta sobre a pregação de Jesus e o chamado público à conversão, feito por ele, é significativa. Com relação ao primeiro discurso (Jo 5.19-47), Carson escreve que “a intimidade do relacionamento entre o Pai e o Filho foi declarada com bastante detalhe”.⁶⁰ Nesse capítulo, o primeiro ponto de controvérsia é o sábado (5.9ss.), porém, tal questão

⁵² BRAGA JUNIOR, 2017, p. 12.

⁵³ GIRARD, Robert C.; RICHARDS, Larry. *Guia fácil para entender a vida de Jesus*. Traduzido por Valéria Lamin Delgado. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2013, p. 12.

⁵⁴ ALLEN, 1986, p. 174, 178.

⁵⁵ ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger (Edit.). *Comentário bíblico Pentecostal*: Novo Testamento. Tradução de Luís Aron de Macedo e Degmar Ribas Júnior. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 78.

⁵⁶ GUSSO, Antônio Renato. *Sermões expositivos em todos os livros da Bíblia*: Novo Testamento. Curitiba: ADSantos, 2010, p. 4.

⁵⁷ ALBRECHT, 1980, *apud* MAUERHOFER, 2010, p. 233.

⁵⁸ CARSON, 2007, p. 176.

⁵⁹ MAUERHOFER, 2010, p. 231-232.

⁶⁰ CARSON, 2007, p. 471.

é logo substituída pela questão cristológica que deriva da disputa sobre o sábado (5.16-18). É isso que leva a um longo discurso sobre a relação de Jesus com o Pai e as Escrituras, que por sua vez dão testemunho dele (5.19-47). Jesus revela-se progressivamente como o obediente Filho de Deus.⁶¹

Nesse discurso, Jesus estabelece sua posição em relação ao Pai. Aqueles que o atacam estão atacando o próprio Pai, ele julga como o Pai julga. Haverá um dia em que Ele julgará cada indivíduo e o destinará a vida eterna ou a condenação. Esse fato é um testemunho aos judeus. A reação apropriada às palavras de Cristo é a fé que honra o Filho, assim como honra ao Pai. Isso tudo implica numa só coisa: que os ouvintes deveriam aceitar pela fé o Filho de Deus.⁶² Mas como assim "aceitá-lo"? Ora, Hendriksen ainda esclarece que "seguir a luz, que é Cristo, implica confiar nele e obedecê-lo".⁶³

O segundo discurso citado anteriormente sobre o pão da vida (Jo 6.22-59), é de grande discussão entre os intérpretes. Alguns o interpretam em termos fundamentalmente sacramentais, especialmente os versos 52-59. Outros dizem que a linguagem é metafórica e sua teologia anti-sacramental. Por último, dizem que o discurso é primariamente metafórico e cristológico, mas também sacramental e eucarístico, movendo-se de um para outro à medida que o capítulo avança.⁶⁴ O fato é que ele declarou nesse discurso que é o verdadeiro dom do Pai, enquanto o maná era apenas uma sombra (Jo 6.58). Ele tinha em mente a necessidade de aceitação, assimilação e apropriação espirituais.⁶⁵

No discurso sobre sua paixão (Jo 12.20-36), Jesus entra no assunto quando os gregos lhe procuram pedindo para vê-lo. Ele entende o pedido como indicação de que sua "hora" havia chegado. Está presente a glorificação em relação a sua morte e vindicação, por meio da imagem da semente morta que é lançada, mas que depois brota dando muito fruto. Quando lhe perguntam quem é de fato o Filho do Homem, ele não responde diretamente, mas figurativamente se compara à luz, e chama a multidão a abraçar a luz e a andar na direção que ela ilumina.⁶⁶ Por fim, o discurso de despedida é apresentado por João em que mostra Jesus proclamando palavras de conforto (cap. 14), de admoestação (cap. 15), de profecia (cap. 16), enquanto o capítulo 17 contém a oração sacerdotal, famosa pela sua simplicidade.⁶⁷

O chamado público à conversão feito por Jesus concretiza-se em sua missão, na sua vida cotidiana, operando curas, realizando milagres, pois é na verdade um apelo à fé. Nessa perspectiva, toda a vida de Jesus em seu ministério, principalmente as curas e os milagres, tinham como intenção levar os seres humanos a terem fé em Deus. O sentido de toda a sua atuação é ser aquele que vem trazer a ajuda de Deus e transmite salvação, pois é somente através da fé que o Reino de Deus se comunica com os homens.⁶⁸

O método que Jesus utiliza para conquistar o mundo é o mesmo utilizado pelo próprio Deus Pai para ganhar as pessoas por meio de Cristo, isto é, o amor que se doa por inteiro em favor do outro. Trata-se de uma abnegação dos próprios direitos para priorizar a causa alheia, é o amor que é autodoação.⁶⁹ É nesse sentido que João relatou em seu evangelho palavras de Jesus como: "O meu mandamento é este: Que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos" (Jo 15.12-13). O Messias que está explícito nos evangelhos não é um pregador que se utiliza de apelos padronizados e direcionados, tendo o intuito de levar as pessoas a alguma espécie de atitude imediata que comprovasse sua conversão ou arrependimento. Sua didática consistia em saber aproveitar cada ocasião que se apresentava diante do seu cotidiano.

⁶¹ CARSON, 2007, p. 241.

⁶² HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: João**. Tradução de Elias Dantas e Neuza Batista. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, p. 270-271.

⁶³ HENDRIKSEN, 2004, p. 376.

⁶⁴ CARSON, 2007, p. 278-280.

⁶⁵ HENDRIKSEN, 2004, p. 326.

⁶⁶ BOCK, 2006, p. 455.

⁶⁷ HENDRIKSEN, 2004, p. 646-647.

⁶⁸ SCHILLEBEECKX, 2008, p. 189.

⁶⁹ KINLAW, Dennis F. **Pregação no Espírito**. Tradução de Myrian Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1988, p. 139.

Portanto, o chamado público à conversão na pregação de Jesus é um apelo ao arrependimento e à fé: “E, depois que João foi entregue à prisão, veio Jesus para a Galileia, pregando o evangelho do Reino de Deus e dizendo: ‘o tempo está cumprido, e o Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no evangelho’” (Mc 1.14-15). Arrepende-se dos pecados e tomar uma decisão favorável ao evangelho, ou seja, a de viver em novidade de vida, longe do pecado e mais próximo do amor de Deus. Pois como escreve MacLeod,⁷⁰ Jesus “anunciou que o dia da decisão havia chegado, e conclama-nos ao arrependimento e ao amor”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jesus foi o Príncipe dos Pregadores, o grande Mestre e principal Discipulador, o nosso modelo. Por meio de sua pregação, discursos e ensinamentos, podemos verificar que Ele apresentava um apelo, um chamado público à conversão, caracterizado principalmente pela ênfase prática na mudança de vida, de pensamento, de atitudes e de comportamento. Jesus chamava as pessoas a uma transformação na maneira de viver, de forma a agradar a Deus.

O “Arrependei-vos, porque é chegado o Reino dos céus” (Mt 4.17) é parte de um ensino que valoriza o reconhecimento de que somos pecadores e estamos em rebelião contra Deus como algo essencial e necessário para uma conversão genuína. Somente após esse reconhecimento é que as pessoas podem experimentar a primeira parte do chamado, ou seja, o arrependimento. Da mesma forma, João Batista, como precursor de Jesus, direcionava sua mensagem ao público que o ouvia. Igualmente, João enfatizava a conversão na prática, exortando o povo a dar “frutos que mostrem o arrependimento” (Lc 3.8-14). Essa mesma abordagem é apresentada por Jesus em seus sermões (Mt 7.24-27), ao chamar a atenção das pessoas para que praticassem o seu ensino, e não apenas ouvissem suas palavras e as aprovassem.

O objetivo de Jesus era alcançar os corações e transformar as pessoas em servas de Deus. Esse era o propósito de suas mensagens, sermões e parábolas. Sua pregação e seu ensino impactavam multidões, pois, ao contrário dos rabinos judeus, Jesus não precisava citar o ensino de outros mestres. Ele falava com autoridade própria, utilizando expressões como “Eu, porém, vos digo”. Apesar de usar métodos já conhecidos, como as parábolas, Ele lhes conferia uma singularidade marcante, adaptando-as e aproveitando as ocasiões oportunas para o chamado à conversão. Não havia um padrão fixo em seu método de ensino, mas cada ensino apontava para o mesmo padrão: o padrão de Deus, de uma vida e comportamento que agradassem ao Pai.

Em seus discursos, também se percebe uma didática contundente, recheada de ensinamentos e revelações. Ele discorre sobre o Pai e o Filho e a comunhão entre ambos (Jo 5.19-47). Declara ser o verdadeiro dom do Pai, enquanto o maná era apenas uma sombra (Jo 6.58), o que remete a uma tipologia. Ensina sobre sua paixão (Jo 12.20-36), proclama palavras de conforto (Jo 14), de admoestação (Jo 15), de profecia (Jo 16), e ainda ora por seus discípulos (Jo 17).

Portanto, o chamado público à conversão feito por Jesus é, na verdade, um apelo ao arrependimento de uma vida de pecados e afastada da vontade de Deus, e, ao mesmo tempo, um convite à fé nesse Deus que nos capacita a viver, agora, próximos d’Ele e em obediência à Sua vontade. Tal chamado e sua aceitação se concretizam na vida cotidiana: na forma de tratar as pessoas, de se comportar, de agir, reagir, falar, responder e até de pensar.

REFERÊNCIAS

ALBRECHT, L. *Das Neue Testament in die Sprache der Gegenwart übersetzt und kurz erläutert*. 12.ed. Gießen; Basel: Brunnen, 1980.

ALLEN, Clifton (Edit.). *Comentário bíblico Broadman*: artigos gerais Mateus – Marcos. 3.ed. Tradução de Adiel

⁷⁰ MACLEOD, 2007, p. 253.

Almeida de Oliveira. Rio de Janeiro: JUERP, 1986. v. 8.

ARRINGTON, French L.; STRONSTAD, Roger (Edit.). **Comentário bíblico Pentecostal** – Novo Testamento. Tradução de Luís Aron de Macedo e Degmar Ribas Júnior. 4.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

ASETT (Org.) **Pelos muitos caminhos de Deus**: desafios do pluralismo religioso à Teologia da Libertação. Goiás: Rede, 2003.

BOCK, Darrell L. **Jesus segundo as Escrituras**: introdução e comentário aos evangelhos. Tradução de Daniel de Oliveira. São Paulo: Shedd, 2006.

BRAGA JUNIOR, Adiel Fernandes. Pedagogia do outro: um instrumento de Jesus para despertar o seu discipulado. **Reveleto**: Revista Eletrônica Espaço Teológico, [S.l.], v.11, n.19, p. 05-15, jan/jun, 2017.

CARSON, D. A. **O comentário de Mateus**. Tradução de Lena e Regina Aranha. São Paulo: Shedd, 2010.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado** – Versículo por versículo. São Paulo: Candeia, [s.d.], v. 1.

COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Gordon Chown. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.

COLEMAN, Robert E. **Plano mestre de evangelism**: guia de estudo. São Paulo: Mundo Cristão, 1997.

DOMINGUES, Gleyds Silva. **Andragogia de Jesus**: ensinar e aprender. Curitiba: ADSantos, 2016.

DOWNING, William R. **Porque não usamos o sistema de apelos**. Tradução de William Teixeira. [S.l.]: OEstandarteDeCristo.com, 2015, p. 12. Disponível em: <https://oestandartedecristo.com/data/PorQueNCeoUsamosSistemasdeApeloWilliamR.Downing.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2024.

EHRMAN, Bart D. **O que Jesus disse? O que Jesus não disse? Quem mudou a Bíblia e por que?** Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Prestígio, 2006.

FILLION, Louis-Claude. **Enciclopédia da vida de Jesus**. Tradução de Jefferson Magno Costa, João Lira e Reginaldo de Souza. 2.ed. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2008.

GIRARD, Robert C.; RICHARDS, Larry. **Guia fácil para entender a vida de Jesus**. Traduzido por Valéria Lamin Delgado. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2013.

GUSSO, Antônio Renato. **Sermões expositivos em todos os livros da Bíblia**: Novo Testamento. Curitiba: ADSantos, 2010.

HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (Org.). **Dicionário de Paulo e suas cartas**. Tradução de Barbara Theoto Lambert. 2.ed. São Paulo: Loyola, 2008.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento**: João. Tradução de Elias Dantas e Neuza Batista. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento**: Lucas. Tradução de Valter Graciano Martins. São Paulo: Cultura Cristã, 2003. v. 1.

HENRY, Matthew. **Comentário bíblico Novo Testamento**: Mateus a João. Tradução de Degmar Ribas Júnior. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

KINLAW, Dennis F. **Pregação no Espírito**. Tradução de Myrian Talitha Lins. Venda Nova: Betânia, 1988.

LUTZER, Erwin E. **Cristo entre outros deuses**: uma defesa da fé cristã numa era de tolerância. Tradução de Luís

Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

MACARTHUR, John. **O Evangelho segundo Jesus**. 2.ed. São José dos Campos: Fiel, 2008.

MACLEOD, Donald. **A pessoa de Cristo**. Tradução de Valdeci da Silva Santos. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

MAUERHOFER, E. **Uma introdução aos escritos do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2010.

MURRAY, Ian. **O sistema de apelo**. Tradução de Eurico Alberto Araújo Correia. São Paulo: PES, 1995.

PACKER, J. I. **A evangelização e a soberania de Deus**: se Deus controla todas as coisas, por que evangelizar? Tradução de Gabriele Greggensen. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Tradução de Degmar Ribas Junior. 2.ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

PRICE, J. M. **A pedagogia de Jesus**: o mestre por excelência. 9.ed. Tradução de Waldemar W. Wey. Rio de Janeiro: JUERP, 1995.

ROBERTSON, A. T. **Comentário Mateus e Marcos**: à luz do Novo Testamento Grego. Traduzido por Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

SCHILLEBEECKX, Edward. **Jesus**: a história de um vivente. Tradução de Frederico Stein. São Paulo: Paulus, 2008.

SCHWEITZER, Albert. **A busca do Jesus histórico**: um estudo crítico de seu progresso. Tradução de Wolfgang Fischer, Sérgio Paulo de Oliveira e Cláudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Novo Século, 2003.

STOTT, John. **Eu creio na pregação**. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida, 2003.

TOMÉ, Natan (Ed.). **Comentário do Novo Testamento**: aplicação pessoal. Tradução de Degmar Ribas. Rio de Janeiro: CPAD, 2010. v.1.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional

BRASIL, NOVA INGLATERRA E EUROPA: UMA PARCERIA PARA A MISSÃO REVERSA

Brazil, New England, and Europe: A Partnership for the Reverse Mission

Me. Lierete Soares Junior¹

RESUMO

Este artigo examina o protagonismo conjunto da **Faculdade Batista Pioneira de Ijuí (RS, Brasil)** e das **Baptist Churches of New England (BCNE)** no avanço da **missão reversa** dentro da Convenção Batista do Sul (SBC). Argumenta-se que a colaboração entre essas duas instituições representa um novo paradigma de cooperação missionária transcontinental, no qual o Brasil e os Estados Unidos atuam como parceiros iguais em teologia, formação e envio missionário. A **Conferência de Missão Reversa**, realizada no **Porto, Portugal**, em setembro de 2025, é analisada como um estudo de caso que demonstra a concretização desse modelo de missão recíproca, multilateral e descentralizada.

Palavras-chave: Missão reversa. Faculdade Batista Pioneira. Baptist Churches of New England. Globalização do cristianismo. Cooperação missionária.

ABSTRACT

This article examines the joint leadership of the Pioneira Baptist College of Ijuí (RS, Brazil) and the Baptist Churches of New England (BCNE) in advancing reverse mission within the Southern Baptist Convention (SBC). It argues that the collaboration between these two institutions represents a new paradigm of transcontinental missionary cooperation, in which Brazil and the United States act as equal partners in theology, training, and missionary sending. The Reverse Mission Conference, held in Porto, Portugal, in September 2025, is analyzed as a case study that demonstrates the realization of this model of reciprocal, multilateral, and decentralized mission.

¹ Presidente das Igrejas Batistas da Nova Inglaterra (BCNE); pastor, missionário e educador. Mestre em Divindade (Midwestern Baptist Theological Seminary) e Mestre em Estudos Teológicos com concentração em Missões Transculturais (Southwestern Baptist Theological Seminary). E-mail: liertesoes@icloud.co

Keywords: Reverse mission. Pioneira Baptist College. Baptist Churches of New England. Globalization of Christianity. Missionary cooperation.

INTRODUÇÃO

O campo dos estudos missionários contemporâneos tem sido profundamente impactado pelo fenômeno conhecido como **missão reversa** — a transposição do eixo missionário tradicional do Norte Global para o Sul Global (SANNEH, 2003; JENKINS, 2011). O que outrora foi um movimento predominantemente europeu e norte-americano de envio missionário tornou-se um fluxo global e recíproco.

Nesse novo panorama, a **Faculdade Batista Pioneira de Ijuí** e as **Baptist Churches of New England (BCNE)** emergem como **protagonistas simultâneos** de um modelo inovador de cooperação missionária. Ambas compartilham uma visão teológica comum: a missão como expressão de parceria, mutualidade e formação integral.

A **Conferência de Missão Reversa**, realizada no **Porto, Portugal**, em 19 e 20 de setembro de 2025, simbolizou o amadurecimento dessa colaboração e a consolidação de um paradigma em que Brasil, Estados Unidos e Europa interagem como parceiros coiguais na tarefa missionária.

1. A MISSÃO REVERSA E A GLOBALIZAÇÃO DO CRISTIANISMO

O conceito de missão reversa está intimamente ligado à **mudança no centro de gravidade do cristianismo mundial**. Segundo Walls (2002), o cristianismo “migrante” ultrapassou barreiras culturais e geográficas, deslocando-se para o hemisfério Sul, onde hoje floresce com vigor teológico e missional.

Sanneh (2003) argumenta que a tradução e a enculturação do Evangelho tornaram o cristianismo intrinsecamente policêntrico. Jenkins (2011) reforça essa visão ao demonstrar que a vitalidade cristã contemporânea encontra-se nas regiões em desenvolvimento, enquanto o Norte Global enfrenta secularização crescente.

A **missão reversa** surge, portanto, como **resposta teológica e sociológica** a esse novo contexto. Igrejas e instituições do Sul Global não apenas enviam missionários ao Norte, mas também contribuem com formação teológica, visão contextual e práticas eclesiais encarnacionais. É nesse ponto que se destaca a parceria entre a **Faculdade Batista Pioneira** e a **BCNE** — ambas atuando como plataformas de envio, recepção e cooperação missional.

2. FACULDADE BATISTA PIONEIRA E BCNE: DOIS CONTEXTOS, UMA VOCAÇÃO

A **Faculdade Batista Pioneira de Ijuí**, fundada no coração missionário do sul do Brasil, consolidou-se como uma das principais instituições de formação teológica e missional da América Latina. Seu enfoque em **educação teológica contextualizada**, **missões transculturais** e **plantação de igrejas** reflete uma tradição de engajamento ativo com os desafios contemporâneos da evangelização.

Por sua vez, as **Baptist Churches of New England**, inseridas em uma das regiões mais secularizadas dos Estados Unidos (PUTNAM; CAMPBELL, 2010), representam o esforço de revitalização e replantação de igrejas em contexto pós-cristão. A liderança imigrante — especialmente brasileira, haitiana, cabo-verdiana e latina — tem desempenhado papel fundamental na renovação espiritual e missional da região.

A convergência entre a **Pioneira** e a **BCNE** nasce, portanto, de um reconhecimento mútuo: ambas enfrentam o desafio de testemunhar o Evangelho em sociedades pluralistas e pós-cristãs, e ambas acreditam que a **formação teológica e a prática missionária devem caminhar juntas**.

3. COOPERAÇÃO ACADÊMICA E MISSIONAL TRANSCONTINENTAL

A parceria formal entre a **Faculdade Batista Pioneira** e a **BCNE** resultou em uma rede de **cooperação educacional e missional** entre Brasil, Estados Unidos e Europa. Entre as principais iniciativas, destacam-se:

1. **Intercâmbio de docentes e alunos** entre Ijuí (RS) e Boston (MA), com foco em estudos missiológicos e liderança em contextos seculares.
2. **Programas de formação teológica conjunta**, que unem a experiência acadêmica brasileira à prática ministerial norte-americana.
3. **Projetos de pesquisa missiológica** sobre secularização e evangelização urbana, com aplicação direta em contextos europeus.
4. **Missões integradas**, nas quais equipes mistas de brasileiros e norte-americanos servem em campos europeus, especialmente em Portugal.

Essa cooperação opera sob um paradigma **de mutualidade**, no qual o conhecimento flui em múltiplas direções — do Sul para o Norte, do Norte para o Sul e de ambos para a Europa.

4. A CONFERÊNCIA DE MISSÃO REVERSA EM PORTUGAL (2025)

A Conferência de Missão Reversa, realizada no Porto, Portugal, em 19 e 20 de setembro de 2025, foi organizada conjuntamente pela Baptist Churches of New England e pela Faculdade Batista Pioneira, com o apoio das Igrejas Batistas Portuguesas. O evento reuniu teólogos, pastores e líderes missionários de três continentes, simbolizando a maturidade de uma missão global policêntrica.

4.1 OBJETIVOS

O objetivo principal foi fortalecer a missão cristã no contexto europeu por meio de **parcerias educacionais e eclesiais recíprocas**, reconhecendo a necessidade de intercâmbio entre igrejas do Brasil, dos Estados Unidos e da Europa.

4.2 ESTRUTURA E CONTEÚDO

As sessões plenárias e oficinas abordaram temas como:

- Evangelismo e discipulado em contextos pós-cristãos;
- Plantação e revitalização de igrejas na Europa;
- Educação teológica para a missão global;
- A experiência das igrejas imigrantes na Nova Inglaterra como modelo missional.

4.3 SIGNIFICADO TEOLÓGICO E PRÁTICO

O evento simbolizou três avanços fundamentais:

1. **Protagonismo compartilhado:** Pioneira e BCNE atuaram como coorganizadoras e coformadoras, em pé de igualdade.
2. **Integração continental:** A conferência estabeleceu uma rede permanente de colaboração Brasil-EUA-Europa.
3. **Inovação missiológica:** Promoveu uma teologia da cooperação, substituindo o paradigma de envio unidirecional por um modelo de reciprocidade global.

5. RUMO A UMA TEOLOGIA DA MISSÃO RECÍPROCA

A experiência Brasil–Nova Inglaterra–Europa aponta para a necessidade de uma **teologia da missão recíproca** (ANDERSON, 2013). Essa teologia reconhece que toda comunidade cristã é

simultaneamente **enviada e receptora**; que a missão é relacional, e que o corpo de Cristo é enriquecido pela diversidade de suas expressões culturais.

Sob essa perspectiva, o **Sul Global** deixa de ser apenas campo missionário e se torna **fonte teológica e espiritual** para o Ocidente secularizado. Ao mesmo tempo, o **Norte Global** oferece à igreja global sua experiência de reflexão teológica e enfrentamento intelectual da secularização.

A parceria entre a **Faculdade Batista Pioneira** e a **BCNE** corporifica essa teologia: ambas atuam não como emissoras e receptoras, mas como **coparticipantes** em uma única missão de Deus (*missio Dei*), expressa em cooperação, humildade e aprendizado mútuo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A colaboração entre a **Faculdade Batista Pioneira de Ijuí** e as **Baptist Churches of New England** representa um marco no desenvolvimento da missão batista contemporânea. O protagonismo compartilhado dessas instituições demonstra que a **missão reversa não é apenas uma inversão geográfica**, mas uma **transformação teológica** — da hierarquia para a reciprocidade, do envio para a comunhão, da dependência para a parceria.

A Conferência de Missão Reversa em Portugal (2025) consolidou esse movimento e mostrou que o futuro da missão global será inevitavelmente colaborativo, descentralizado e teologicamente plural.

O cristianismo do século XXI, como revelam Pioneira e BCNE, é uma rede viva — tecida pela fé, pelo diálogo e pela missão compartilhada entre irmãos e irmãs de todas as nações.

REFERÊNCIAS

ADOGAME, Afe. **The African Christian Diaspora: New Currents and Emerging Trends in World Christianity**. London: Bloomsbury, 2013.

ANDERSON, Allan. **To the Ends of the Earth: Pentecostalism and the Transformation of World Christianity**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

BAPTIST CHURCHES OF NEW ENGLAND. **Reverse Mission Conference**, Portugal, Sept. 19–20, 2025 [News release]. 2025. Disponível em: <https://www.bcne.net/news/>.

JENKINS, Philip. **The Next Christendom: The Coming of Global Christianity**. 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 2011.

PUTNAM, Robert D.; CAMPBELL, David E. **American Grace: How Religion Divides and Unites Us**. New York: Simon & Schuster, 2010.

ROBERT, Dana L. “Shifting Southward: Global Christianity since 1945.” **International Bulletin of Missionary Research**, v. 37, n. 1, p. 50–58, 2013.

ROBERT, Dana L. **Christian Mission: How Christianity Became a World Religion**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

ROOF, Wade Clark; MCKINNEY, William. **American Mainline Religion: Its Changing Shape and Future**. New Brunswick: Rutgers University Press, 1987.

SANNEH, Lamin. **Whose Religion Is Christianity? The Gospel Beyond the West**. Grand Rapids: Eerdmans, 2003.

WALLS, Andrew. **The Cross-Cultural Process in Christian History**. Maryknoll: Orbis Books, 2002.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Serão aceitos, para avaliação pela comissão editorial/consultiva, artigos científicos, resenhas de literatura, relatos de casos, comunicações breves, e outros artigos que estejam relacionados aos objetivos de divulgação da Revista. O material é encaminhado aos consultores e revisores, que decidirão sobre a conveniência da publicação, de forma integral ou parcial, encaminhando ao autor sugestões e possíveis correções. Os artigos serão analisados no sistema Blind Review (avaliação cega), sendo necessária para a publicação a aprovação de pelo menos dois pareceristas.

Os artigos deverão ser enviados em formato de arquivo digital para o e-mail revista@batistapioneira.edu.br

DIGITAÇÃO

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word for Windows”, em formato A4 (21,0 x 29,7), com margem esquerda de 2,5 cm e margens direita, superior e inferior de 2,0 cm, fonte “Times New Roman”. No caso de uso de fonte especiais, especialmente das línguas originais, deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

RESUMO / ABSTRACT

O resumo e sua tradução para o inglês, o abstract, não podem ultrapassar 250 palavras, com informações que permitam uma adequada caracterização do artigo como um todo. No caso de artigos científicos, o resumo deve informar o objetivo, a metodologia aplicada e os resultados principais. Deverão ser apresentadas de 3 a 5 palavras-chave (keywords) logo após ao Resumo e Abstract.

TEXTO PRINCIPAL

O título do artigo deverá ser escrito em negrito, letras maiúsculas, centralizado, fonte tamanho 16. Os subtítulos deverão ser alinhados à esquerda (sem recuo), negrito e fonte tamanho 12. O texto padrão também deve ser em fonte tamanho 12, com espaçamento simples entrelinhas. Citações deverão ser digitadas em fonte tamanho 11, com recuo da margem esquerda de 4,0 cm, e notas de rodapé digitadas em fonte tamanho 10. No decorrer do texto, as referências deverão ser feitas em nota de rodapé, sendo que a primeira ocorrência deverá ser completa e as subseqüentes deverão obedecer ao padrão “AUTOR, data, página”.

Recomenda-se que os artigos contenham de 30 a 50 mil caracteres (incluídos os títulos, notas e espaços). As abreviaturas utilizadas devem obedecer às convenções universais e, quando for o caso, abreviaturas não convencionais poderão ser usadas, seguidas de sua forma em extenso, entre parêntesis, na sua primeira citação.

REFERÊNCIAS

A lista de referências efetivamente utilizadas no artigo deverá ser apresentada ao final, em ordem alfabética por sobrenome de autores, de acordo com a Norma ABNT/NBR-6023 da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Obras anônimas tem sua entrada a partir do título do artigo ou pela entidade responsável por sua publicação. A referência deve ser alinhada à esquerda, sem recuo para a sua segunda linha.

RESENHAS

Resenhas deverão ser de obras literárias recentes (máximo 3 anos de publicação) e devem conter no máximo duas páginas em A4, fonte Times New Roman, tamanho 12. Devem conter título criativo, referência completa da obra, síntese dos temas abordados e crítica da obra ao final da mesma.